UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

SUÉLLER OLIVEIRA DA COSTA

Produção midiática no espaço educativo formal: análise de projetos autorais desenvolvidos sob a perspectiva da Educomunicação em unidades de ensino do Alto Tietê

SÃO PAULO

2018

SUÉLLER OLIVEIRA DA COSTA

Produção midiática no espaço educativo formal: análise de projetos autorais desenvolvidos sob a perspectiva da Educomunicação em unidades de ensino do Alto Tietê

Dissertação apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (PPGCOM/ECA/USP) para obtenção do título de mestre em Ciências da Comunicação.
Área de Concentração III: Interfaces Sociais da Comunicação
Linha de Pesquisa: Comunicação e Educação

Orientador: Professor Drº Adilson Citelli

SÃO PAULO

2018

Autorizo a reprodução ou divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Nome: COSTA, Suéller Oliveira da.

Título: Produção midiática no espaço educativo formal: análise de projetos autorais desenvolvidos sob a perspectiva da Educomunicação em unidades de ensino do Alto Tietê.

Dissertação apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de mestre em Ciências da Comunicação, 2018.

Aprovado em: _____/_____/_____

Banca examinadora:

Nome: Prof. Dr. Adilson Odair Citelli, PPGCOM/ECA/USP, Orientador

Julgamento _____

Assinatura: _____

Nome: _____

Julgamento _____

Assinatura: _____

Nome: _____

Julgamento _____

Assinatura: _____

Nome: _____

Julgamento _____

Assinatura: _____

À avó Terezinha (in memorian), pelos abraços que confortavam o coração; ao vô Benedito (in memorian), que ensinou a sermos fortes, determinados e a não desistir dos sonhos; à avó Tereza, pela proteção e orações em prol de seus netos; ao vô Vicente (in memorian), por dividir histórias mágicas e nos enriquecer com a sua sabedoria. Vocês, que, carinhosamente, os chamo de seres de luz, acompanharam o início desta trajetória. Presencialmente ou espiritualmente, sei que continuam por perto e na torcida por novas realizações.

Agradecimentos

Aos meus pais, Maria Aparecida Fróis de Oliveira da Costa e Milton Ribeiro da Costa, pelo apoio constante em todas as etapas da minha vida.

Ao meu orientador Adilson Citelli, pelos diálogos que iam além da pesquisa acadêmica. Obrigada por acreditar no meu trabalho, mesmo diante das dificuldades ao longo do processo de produção.

Aos integrantes do Grupo de Pesquisa Mediações Educomunicativas (Mecom), coordenado pelo professor Adilson Citelli. Agradeço a todos pelos encontros valiosos; os cafés regados com conversas produtivas; aos conselhos sobre as áreas acadêmica, profissional e pessoal; às orientações nos estudos e à partilha do que vivenciam, acreditam e idealizam. Aos queridos Adilson Citelli, Ana Luisa Zaniboni Gomes, Douglas Calixto, Eliana Nagamini, Elisangela Rodrigues da Costa, Glaucia Silva Bierwagen, Helena Corazza, Maria Almeida, Michel Carvalho da Silva, Rogério Pelizzari de Andrade, Sandra Pereira Falcão e Wellington Nardes, meus agradecimentos.

À equipe da Escola Municipal de Educação Fundamental (Emef) Waldemar Costa Filho. Em especial, à diretora Denise Pires de Faria Mazante e aos professores mediadores Michele Carvalho e Luis Gustavo de Souza Batista. Agradeço a atenção, disposição, paciência e confiança no trabalho acadêmico.

À equipe da Escola Estadual Mario Manoel Dantas de Aquino, em especial, à diretora Argentina Quintão e ao professor mediador Sergio Arlow. Os aprendizados foram múltiplos durante o acompanhamento das ações desenvolvidas na unidade de ensino.

À Secretaria de Educação de Biritiba Mirim e à Diretoria Regional de Ensino de Suzano, que autorizaram a pesquisa e a imersão nas escolas envolvidas neste estudo científico.

Aos amigos construídos ao longo da trajetória de estudos na Universidade de São Paulo; nas disciplinas como aluna especial e mestranda, nos congressos, seminários, simpósios e eventos nacionais e internacionais.

Aos professores de todas as disciplinas cursadas, tanto como aluna especial quanto mestranda, que contribuíram significativamente para a trajetória desta pesquisadora.

Aos amigos da especialização em Educomunicação – Comunicação, Educação e Mídias, da Escola de Comunicações e Artes (ECA/USP). Em especial, agradeço aos professores, que sempre nos incentivaram na continuidade dos nossos estudos e ações na interface Comunicação e Educação.

Aos professores Claudemir Viana e Juvenal Zanchetta, que compuseram a banca de qualificação, e colaboraram com ricas contribuições.

Aos amigos do Grupo Mogi News de Comunicação que me ajudaram a conciliar a trajetória profissional com a acadêmica. Em especial, agradeço as jornalistas que passaram pela minha equipe editorial, Katia Brito, Gabriela Pasquale, Jéssica Almeida, Kessy Christine e Vitória Fiel. Agradeço, também, os meus ex-editores-chefes Marcio Siqueira e Simone Leone, que incentivaram a jornada acadêmica.

Aos coordenadores nacionais do Programa Jornal e Educação (PJE), da Associação Nacional de Jornais (ANJ), idealizadores de práticas transformadoras tanto no ensino formal quanto informal em diferentes cenários do Brasil. Às pesquisadoras Cristiane Parente e Ana Gabriela Borges, que atuaram como coordenadoras gerais do PJE. Graças às duas eu enveredei para a área da Educomunicação.

A todos que passaram pelo Dat – Formando o Cidadão do Futuro, o Programa Jornal e Educação (PJE) do Grupo Mogi News de Comunicação, pelo qual respondo como coordenadora-geral.

À querida amiga Maria Rosa Mieko Takeuchi, coordenadora pedagógica do Dat – Formando o Cidadão do Futuro, do Grupo Mogi News de Comunicação. Uma educadora com quarenta anos de experiência que me impulsionou a seguir a jornada pedagógica em paralelo à jornalística.

A Deus, por colocar pessoas iluminadas no meu caminho; dar forças quando tudo parece tão nebuloso; socorrer nos momentos de enfermidade; aquecer o coração durante as despedidas de amigos e familiares; e permitir a conclusão de mais uma etapa significativa.

“Uma educação para ser emancipadora e transformadora precisa estar centrada na vida, ao contrário da educação neoliberal, que está centrada na competividade sem solidariedade. Para ser emancipadora, a educação precisa considerar as pessoas, suas culturas, respeitar o modo de vida das pessoas e a sua identidade.”

Moacir Gadotti (2011)

COSTA, Suéller Oliveira da. **Produção midiática no espaço educativo formal: análise de projetos autorais desenvolvidos sob a perspectiva da Educomunicação em unidades de ensino do Alto Tietê**. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – São Paulo, 2018.

Resumo

Este estudo investigou o processo de produção, organização e coordenação de projetos que inter-relacionam a Comunicação e a Educação articulados em escolas públicas do Alto Tietê nos três ciclos finais da Educação Básica: ensino Fundamental I (5º ano), Fundamental II (9º ano) e Médio (3º ano). São iniciativas realizadas de forma interdisciplinar e que instigam a autoria por meio da produção midiática no espaço educativo. Os canais informativos - como jornais, blogs, web tevês e rádio escolar - são articulados pelas unidades e conduzidos por educadores que acreditam no potencial transformador de ações que estimulam a expressão crítica, criativa e comunicativa dos alunos. Estes profissionais veem os projetos como uma forma de ampliar os fluxos comunicativos no ambiente escolar, propagar a gestão participativa e promover uma educação emancipadora. Trata-se de um estudo de caso e o recorte é formado por duas unidades de ensino, localizadas em Biritiba Mirim e Ferraz de Vasconcelos. De cunho qualitativo, a pesquisa acompanhou o processo de desenvolvimento das atividades com o objetivo de investigar os desafios para manter essas propostas em consonância com as demais responsabilidades das instituições diante de uma temporalidade escolar cronometrada, categórica e disciplinar. Como administrar o tempo para proporcionar atividades diferenciadas que vão além da sala de aula, do cronograma, do projeto político-pedagógico e da carga horária? Como manter projetos comunicativos quando eles não integram o programa escolar ou são apoiados por uma política pública? Sob a perspectiva da Educomunicação, conforme a visão do Núcleo de Comunicação e Educação (NCE), da Universidade de São Paulo (USP), o estudo avaliou as temporalidades escolares, a participação dos alunos, o envolvimento dos professores, a parceria dos gestores e os benefícios de propostas que incentivam os recursos comunicacionais e tecnológicos com vista ao protagonismo juvenil e à gestão democrática e participativa. Os resultados foram obtidos com a observação, entrevistas e aplicação de questionários.

Palavras-chave: Educomunicação; autoria; produção midiática; projetos; tempo escolar.

COSTA, Suéller Oliveira da. **Media Production in formal educational spaces: an authorship project analysis developed under Educommunication viewpoint in schools from Alto Tietê**. Masters thesis – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – São Paulo, 2018.

Abstract

The aim of this study was to investigate the prodution, organization and coordination of projects that connect Communication and Education applied to Public Schools from Alto Tietê in the three final stages of Basic Education: Elementary School (5th grade), Middle School (9th grade) and High School (3rd year). These initiatives were taken in interdisciplinary ways and engage the authorship by the media production in the learning space. The informative channels, such as newspapers, blogs, web TVs and school radio, are articulated by the schools. They are conducted by educators who believe in the transforming potential of actions which stimulate the students' critical, creative and communicative expression, and also, in actions that expand the communicative flow into the school environment, spread the collaborative management and promote the empowering education. It is a case study whose objects are two schools located in Biritiba Mirim and Ferraz de Vasconcelos. As a qualitative research, it followed the activities development process, by focusing on the investigation of the challenges to maintain the new proposals aligned with the regular activities from schools, once schools' timing usually is very disciplined, categorical and absolute. How should we work on time management in order to offer differenciated proposals that go beyond the classroom, the schedule, the Political Pedagogical Project (PPP) and the course hours? How can we mantain communicative proposals when they don't belong to the school schedule and they aren't supported by the government? Based on the educommunication viewpoint and according to the Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) from Universidade de São Paulo (USP), the study analyzed the schools' temporality, the students' participation, the teachers' engagement, the managers' partnership and the benefits of proposals which encourage the communicative and technological resources in order to promote the teenage protagonism and the democractic and participative management. The results have been collected by observation, interviews and questionnaries.

Key words: educommunication; authorship; media production; projects; school schedule.

Lista de figuras

Figura 1 – Discussão sobre Educomunicação em encontro com professores do Alto Tietê
Figura 2 – Alunos em oficina explorando a leitura dos meios, o processo de construção das notícias e os discursos semeados pelos textos da Imprensa
Figura 3 – Alunos conhecem o processo de produção de um jornal
Figura 4 – Laboratório de escola se transforma em "redação" e alunos, divididos em grupos, preparam uma nova edição do boletim escolar
Figura 5 – Alunos e professores do Ensino Fundamental I
Figura 6 – Alunos e professores do Ensino Fundamental II e Ensino Médio
Figura 7 – Ações acompanhadas durante a pesquisa de campo
Figura 8 – Organograma para organização dos grupos de análise
Figura 9 – Alunos que responderam aos questionários e turmas observadas
Figura 10 – Professores que responderam aos questionários
Figura 11 - Escola de Biritiba Mirim atende turmas do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental I
Figura 12 – Mural da unidade escolar com as produções dos alunos
Figura 13 – Alunos com uma das edições do boletim informativo
Figura 14 – Entrada principal da escola estadual
Figura 15 – Oficinas do projeto Super Curtas
Figura 16 – Reunião de pauta
Figura 17 – Gravação da TVE Mario Manoel
Figura 18 – Organograma "Categorias de Análise"

Lista de quadros

Quadro 1 – Período de observação – Fundamental II
Quadro 2 – Período de observação – Fundamental II e Médio

Lista de gráficos

Gráfico 1 – Faixa etária dos professores
Gráfico 2 – Tempo dedicado à atualização profissional
Gráfico 3 – Carga horária diária de trabalho
Gráfico 4 – Tempo gasto para atividades extras no ambiente escolar
Gráfico 5 – Suportes utilizados durante as aulas
Gráfico 6 – Meios de comunicação mais usados na rotina pedagógica
Gráfico 7 – Atualização sobre os assuntos divulgados na Imprensa
Gráfico 8 - Equipamentos presentes nas escolas
Gráfico 9 – Tecnologia no ambiente educativo
Gráfico 10 – Produções autorais incentivadas pelos professores
Gráfico 11 – Canais informativos
Gráfico 12 – Habilidades propiciadas com o envolvimento nos projetos autorais
Gráfico 13 – Recursos tecnológicos e comunicativos
Gráfico 14 – Carga horária diante da televisão
Gráfico 15 – Programação acompanhada pelos alunos do Fundamental I
Gráfico 16 – Frequência da leitura de jornais
Gráfico 17 – Frequência da leitura de revistas
Gráfico 18 – Acesso às redes sociais
Gráfico 19 – Interesse pelos meios de comunicação
Gráfico 20 – Programação preferida dos alunos do Fundamental II
Gráfico 21 – Sites acessados pelos alunos do Fundamental II
Gráfico 22 – Meios de comunicação interessantes aos alunos
Gráfico 23 – Aparelhos usados pelos alunos do Ensino Médio
Gráfico 24 – Programação acompanhada pelos alunos do Ensino Médio
Gráfico 25 – Sites preferidos pelos alunos do Ensino Médio
Gráfico 26 – Interesse pelos meios de comunicação
Gráfico 27 – Equipamentos audiovisuais na escola
Gráfico 28 – Suportes utilizados pelos professores
Gráfico 29 – Produção autoral dos alunos do Ensino Fundamental I
Gráfico 30 – Equipamentos audiovisuais da escola estadual
Gráfico 31 – Recursos utilizados pelos professores da escola estadual
Gráfico 32 – Frequência de utilização dos recursos audiovisuais

Gráfico 33 – Produção autoral dos jovens dos ensinos Fundamental II e Médio
Gráfico 34 – Habilidades proporcionadas com as atividades que envolvem as linguagens da comunicação
Gráfico 35 – Aprendizados com as linguagens da comunicação

Lista de abreviaturas e siglas

ACO – Ação Católica Operária
ANA – Avaliação Nacional de Alfabetização
ANJ – Associação Nacional de Jornais.
APM – Associação de Pais e Mestres
BNCC – Base Nacional Curricular Comum
CDHU – Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano
CPTM – Companhia Paulista de Trens Metropolitanos
DAT – Diário do Alto Tietê.
DCNs – Diretrizes Curriculares Nacionais
E.E. – Escola Estadual
ECA – Escola de Comunicações e Artes.
EEPG – Escola Estadual do Primeiro Grau
EJA – Educação de Jovens Adultos.
Emef – Escola Municipal de Educação Fundamental
HTPC – Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano
INAF – Indicador de Alfabetismo Funcional
INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LER – Leitura, Entretenimento e Recreação
MEC – Ministério da Educação e Cultura
NCE – Núcleo de Comunicação e Educação.
NOMIC – Nova Ordem Mundial da Informação e da Comunicação
OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais
PISA – Programa Internacional de Avaliação de Estudantes

PJE – Programa Jornal e Educação

PLAN-DENI – Programa de Educação Alternativa para a Formação de Recepção a partir da Infância

PNAIC – Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa

PNE – Plano Nacional da Educação

PPGCOM – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação

PPP – Projeto Político Pedagógico

PR – Partido da República

PRODESC – Programa de Desenvolvimento Social e Cidadania

REC – Rádio Escola Cidadã

SAEB – Sistema de Avaliação da Educação Básica

SAPE – Sala de Atendimento Pedagógico e Especializado

SEE – Secretaria da Educação do Estado de São Paulo

TVE MM – Tevê Escolar Mario Manoel

UF – União Federal

USM – Universidade São Marcos

USP – Universidade de São Paulo

WCME – World Council for Media Education

Sumário

INTRODUÇÃO 19

PARTE I - A EXPERIÊNCIA NO UNIVERSO EDUCOMUNICATIVO E O PERCURSO DA PESQUISA CIENTÍFICA 25

1. Construção metodológica 26

1.1 Trajetória da pesquisadora e o percurso pela Educomunicação 26

1.1.1 Cruzamentos: a atuação na interface Comunicação e Educação 28

1.1.2 Da teoria à prática: dos conceitos aos projetos de intervenção 31

1.2 Construção do objeto de estudo 38

1.3 Formulação do problema 42

1.4 Objetivos 44

1.4.1 Objetivos gerais 44

1.4.2 Objetivos específicos 44

1.5 Justificativas e hipóteses 45

1.6 Metodologia: amostragem e instrumentos de pesquisa 47

1.6.1 Níveis da pesquisa 47

1.6.2 Fases da pesquisa 53

1.6.3 Imbricações 54

1.7 Amostragem 55

1.8. Instrumentos de pesquisa 57

PARTE II – CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS PARA A ANÁLISE DO OBJETO DE ESTUDO 60

2. Construção epistemológica 61

2.1 Comunicação e Educação: o diálogo necessário 61

2.2 Breve contexto histórico 65

2.3 Educomunicação e as áreas de intervenção 69

2.4 O educomunicador: mediador de ações significativas no espaço educativo 73

2.5 Práticas inspiradoras 74

PARTE III – DE LEITORES A AUTORES: CONSTRUINDO HISTÓRIAS E TRANSFORMANDO CENÁRIOS 78

3. Um novo modo de aprender e ensinar 79

3.1 O leitor brasileiro: um panorama da leitura e escrita 79

3.2 Produção midiática: o incentivo à autoria em sala de aula 85

3.3 Linguagens da comunicação no cenário educativo 87

3.4 A temporalidade escolar: o desafio da implementação de projetos interdisciplinares 89

PARTE IV - AMOSTRAGEM: O CENÁRIO E A ABRANGÊNCIA DA PESQUISA 95

4. Projetos avaliados 96

4.1. Emef Waldemar Costa Filho, de Biritiba Mirim 96

4.1.1 Caracterização da unidade de ensino 96

4.1.2 Docentes, discentes e equipe gestora 98

4.1.3 Perfil socioeconômico da comunidade escolar 99

4.1.4 Projetos desenvolvidos 100

4.1.5 Matrizes curriculares norteadoras das ações educativas 105

4.1.6 Atuação do mediador 110

4.1.7 Envolvimento de educadores e gestores 111

4.1.8 Participação dos alunos 112

4.2 E.E. Professor Mário Manoel Dantas de Aquino 113

4.2.1 Caracterização da unidade de ensino 113

4.2.2 Docentes, discentes e equipe gestora 115

4.2.3 Perfil socioeconômico da comunidade escolar 116

4.2.4 Projetos desenvolvidos 117

4.2.5 Matrizes curriculares norteadoras das ações educativas 122

4.2.6 Atuação do mediador 126

4.2.7 Envolvimento dos educadores e gestores 127

4.2.8 Participação dos alunos 128

PARTE V - AVALIAÇÃO DOS DADOS COLETADOS – ANÁLISE DOS RESULTADOS SOB A PERSPECTIVA EDUCOMUNICAÇÃO 130

5. A descrição dos dados 131
5.1 Primeira etapa - Diálogo com os gestores 132
5.2 Segunda etapa - Observação da dinâmica escolar 133
5.2.1. Emef Waldemar Costa Filho 133
5.2.2. E.E. Mario Manoel Dantas de Aquino 141
5.3 Terceira etapa - Aplicação dos questionários 149
5.4 Quarta etapa - Roda de conversa 151
6. Análise interpretativa dos dados 154
6.1 Os gestores 154
6.1.1 Perfil dos sujeitos da pesquisa 154
6.1.2 Relação com a mídia e as novas tecnologias 154
6.1.3 As linguagens da comunicação no espaço escolar 155
6.1.4 Envolvimento nos projetos e os desafios para a implementação 156
6.2 Os professores 157
6.2.1 Perfil dos sujeitos da pesquisa 157
6.2.2 Relação com a mídia e as novas tecnologias 159
6.2.3 As linguagens da comunicação no espaço escolar 162
6.2.4 Envolvimento nos projetos e os desafios para a implementação 166
6.3 Os alunos 170
6.3.1 Perfil dos sujeitos da pesquisa 170
6.3.1.1 Ensino Fundamental I 170
6.3.1.2 Ensino Fundamental II 171
6.3.1.3 Ensino Médio 171
6.3.2 Impressões sobre a escola e os estudos 172
6.3.2.1 Ensino Fundamental I 172
6.3.2.2 Ensino Fundamental II 173
6.3.2.3 Ensino Médio 174
6.3.3 Relação com a mídia e as novas tecnologias 174
6.3.3.1 Ensino Fundamental I 174
6.3.3.2 Ensino Fundamental II 178
6.3.3.3 Ensino Médio 181

6.3.4 As linguagens da comunicação no espaço educativo 183
6.3.4.1 Ensino Fundamental I 183
6.3.4.2 Ensino Fundamental II e Ensino Médio 186
6.3.5 Envolvimento nos projetos que envolvem as linguagens da comunicação 188
6.3.5.1 Ensino Fundamental I 188
6.3.5.1 Ensino Fundamental II e Ensino Médio 189
6.3.6 Percepções acerca dos projetos autorais e da formação estudantil 190
6.3.6.1 Ensino Fundamental I 190
6.3.6.2 Ensino Fundamental II e Ensino Médio 191
7. Categorias de análise: proposta de avaliação sob a perspectiva da Educomunicacão 192
7.1 Pedagogia de projetos - Quando tudo começou... 193
7.2 Educação para a comunicação - A mídia ganha espaço nas aulas 194
7.3 Produção midiática - A autoria como incentivo ao protagonismo juvenil 196
7.4. Mediação tecnológica - Dispositivos como fontes de informação 196
7.5 Gestão da comunicação - Parceria em equipe e sintonia nos processos 197
7.6 Chegando às conclusões - Perspectivas e desafios ao cenário educativo 198
8. Considerações finais 202
Referências 205
Anexos 212
Carta de autorização das escolas para o desenvolvimento da pesquisa 213
Entrevista com a direção da Emef Waldemar Costa Filho 214
Entrevista com a direção da E.E Manoel Dantas de Aquino 218
Entrevista com os mediadores 223
Questionário aplicado aos professores 226
Questionário aplicado aos alunos 235
Roteiro da roda de conversa 242
Termo de autorização de publicação do material coletado 243
Registro dos arquivos coletados 245

Introdução

A Educação brasileira passa por mudanças em sua organização, nos programas curriculares e nas práticas didático-pedagógicas. As unidades escolares estão sendo desafiadas a se adequar a um período marcado por modernizações, em especial, as ocasionadas pelas tecnologias. Novas diretrizes[1] são lançadas com a missão de nortear o trabalho pedagógico e proporcionar um ensino significativo, voltado não apenas ao mercado de trabalho, e sim à promoção da cidadania, das experiências práticas e da preparação para a vida. Por último, o processo de aprendizagem procura uma sintonia com a realidade dos estudantes contemporâneos, respeitando as novas formas de ensinar e aprender numa época em que nos vemos imersos a novas sociabilidades.

A sociedade da informação, da comunicação e das tecnologias propõe à escola uma reflexão sobre o formato que há anos compõe a sua estrutura: vertical, instrumental, funcionalista, categórico e conteudista. Almeja-se a idealização de um sistema pautado na horizontalidade, na interdisciplinaridade, nas experiências coletivas, solidárias e interativas; no compartilhamento múltiplo de saberes e no respeito às culturas, diversidades e identidades e, principalmente, no diálogo. A união entre as "escolas tradicionais", constituídas por suas teorias de aprendizagens; às "paralelas", formadas pelos discursos não institucionais semeados pelas linguagens da comunicação, pode propiciar iniciativas educativas focadas no ensino voltado à cidadania, tendo como base a emancipação.

São propostas para ajudar a amenizar problemas que assolam o universo educacional, dentre eles os baixos índices nas avaliações nacionais e internacionais, a dificuldade em garantir o ensino de qualidade aos estudantes de todas as faixas etárias e o combate à evasão escolar, em especial, no Ensino Médio. Ao analisarmos a educação brasileira, é preocupante a situação em que se encontra. Um panorama com relação à leitura e escrita norteia como os jovens brasileiros estão se apropriando dessas duas habilidades consideradas essenciais para aquisição de conhecimentos em diferentes segmentos. O estudo nos sintoniza com relação à relevância de projetos interdisciplinares

[1] As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) estão sendo avaliados para o desenvolvimento de uma Base Nacional Curricular Comum (BNCC) que norteará o trabalho a ser implementado em todas as unidades de ensino brasileiras. O novo documento propõe um modelo de trabalho a ser seguido (com os conteúdos e assuntos a serem abordados em cada estágio), e os municípios se responsabilizarão pela elaboração de um currículo que melhor atende à região onde será implantado. Até o momento, a BNCC dos ensinos Infantil e Fundamental I e II foram aprovadas e estão em fase de implantação. O documento referente ao Ensino Médio está em análise e deve ser liberado em breve.

que procuram auxiliar na obtenção desses requisitos e garantir a alfabetização plena aos educandos.

Para orientar a temática desta pesquisa, que incentiva a autoria em sala de aula por meio da produção midiática, o nosso estudo se pautou em dados divulgados recentemente sobre os índices de leitura e escrita para destacar a importância de ações que fomentem essas aptidões entre as crianças e os adolescentes. Um deles é o resultado da última edição do Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Alunos)[2], aplicado em 2015, que colocou o Brasil em 59º lugar entre os 70 países participantes[3]. O exame internacional evidenciou que quase metade dos estudantes brasileiros (44,1%) estava abaixo do nível de aprendizagem considerado adequado em leitura. Nos balanços nacionais, os resultados não são diferentes, e correspondem tanto para Língua Portuguesa como também para Matemática.

Tendo como objetivo central destacar as capacidades leitora e escritora para o desenvolvimento em outras áreas do conhecimento, o quadro se torna ainda mais preocupante com os dados da Prova Brasil. Segundo o último balanço, apenas 3,6% dos alunos da rede pública concluem o Ensino Fundamental com habilidades avançadas para ler e escrever. No Ensino Médio, as dificuldades são ampliadas, e, a cada dez estudantes, sete têm nível insuficiente em leitura. Com relação aos registros do Ideb, as médias variam conforme o ciclo de ensino. Nos anos iniciais e finais do Fundamental, o Brasil vem crescendo e se aproximando das metas estabelecidas. Por outro lado, o Ensino Médio não tem alcançado o objetivo desde 2013, quando o Ideb foi de 3,7 e a meta 3,9. Em 2017, a nota ficou estagnada e ainda mais distante dos 4,3 estabelecidos pelo Plano Nacional de Educação.

Trata-se de um balanço impactante, mas necessário para compreender um quadro educacional que carece de programas direcionados à leitura e a escrita. Há iniciativas engajadas com a mudança deste panorama, e esta pesquisa se preocupou em avaliar algumas delas. Nosso estudo analisa projetos interdisciplinares que possuem o objetivo

---

[2] Intitulada "Como tirar o Brasil dos últimos lugares no ranking de Educação?", a reportagem produzida pelo Eleva Educação e publicada no G1 discorre sobre a realidade brasileira no cenário internacional. Disponível em: < https://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/especial-publicitario/eleva-educacao/noticia/como-tirar-o-brasil-dos-ultimos-lugares-no-ranking-de-educacao.ghtml>. Acesso em outubro de 2018.

[3] Em 2015, participaram 841 escolas brasileiras e 23.141 alunos foram avaliados. Em maio de 2018, foi realizada uma nova edição, com a participação de 13 mil estudantes da faixa etária dos 15 anos, e os resultados serão divulgados em 2019.

de estimular a leitura, interpretação, escrita com o auxílio das linguagens da comunicação em parceria com a Educação. As propostas incentivam a produção escolar com o objetivo de estimular a expressão crítica, criativa e comunicativa dos alunos. A criação de canais informativos – como jornais, boletins, blogs, web tevês e rádio escolar – visa à integração entre os educandos, professores e gestores que se propõem a ampliar os fluxos comunicativos no ambiente escolar, propagar a gestão participativa e promover uma educação emancipadora. Para compreender o processo de produção, organização e coordenação de propostas que inter-relacionam a Comunicação e a Educação, escolhemos três grupos que representam os ciclos finais da Educação Básica: ensino Fundamental I (5º ano), Fundamental II (9º ano) e Médio (3º ano).

As ações foram inseridas na rotina escolar por meio da pedagogia de projetos e realizadas de forma interdisciplinar a fim de construir novos conhecimentos, diálogos e compartilhamento de experiências nos diferentes segmentos. Morais (2017) entende a interdisciplinaridade "como um sistema educativo onde há interação, relação, comunicação, intercomunicabilidade, cooperação, colaboração, entendimento de um dado conhecimento e constituição de novos saberes" (p. 23 e 24). Para o estudioso, são iniciativas que permitem um novo olhar à prática didático-pedagógica e, ao impulsionar o trabalho coletivo, elas ajudam a "ampliar as relações interpessoais e a construir um espaço educativo solidário, cooperativo e democrático" (p. 34).

As práticas educativas também procuram ampliar a expressão comunicativa dos jovens, colocando-os como protagonistas do processo educativo. Entre os objetivos está a leitura dos meios, o reconhecimento dos diferentes canais informativos, o trabalho com as linguagens da comunicação e o incentivo, em especial, à autoria por meio dos dispositivos comunicacionais que estão inseridos na realidade dos grupos que integram os sujeitos de pesquisa. As publicações escolares são planejadas tanto com os recursos digitais quanto impressos. Independentemente dos suportes utilizados, o importante é não permitir que o processo de produção se torne instrumental. Pelo contrário, a experiência precisa ser significativa desde a escolha dos assuntos, a elaboração dos trabalhos até a edição dos informativos, a divulgação e circulação das produções. Este cuidado deve ser redobrado, em especial, com os projetos viabilizados com recursos digitais. Para Girardello (2014), a autoria amplia as vozes dos alunos, os seus repertórios e experiências culturais, no entanto, exige atenção quando associada à tecnologia: "A expressão das crianças por meio das linguagens midiáticas é necessária ao seu letramento cultural e à

educação num sentido amplo, não podendo se limitar ao aprendizado técnico-instrumental em aulas de informática ou oficinas de tecnologia" (p. 26).

Os trabalhos permitem uma reorganização das práticas pedagógicas para atender uma geração de estudantes que se encontra num mundo midiatizado e permeado pelos recursos informacionais, comunicacionais e tecnológicos. Em meio a uma realidade que nos propicia novas formas de produzir e adquirir conhecimentos, a educação é desafiada a propor estratégias que não descartem os conhecimentos tradicionais, mas que os utilize em consonância com os saberes contemporâneos intermediados pela mídia e as tecnologias. Para Citelli (2014), a Comunicação e a Educação permitem

> ...uma vasta gama de ações e reflexões endereçadas à educação formal, não formal e informal; à leitura crítica dos meios; às experiências com produção, pelos alunos do ensino básico, seja de materiais jornalísticos impressos, seja de programas audiovisuais; às tecnologias baseadas na informática, que colocam novos desafios ao pensamento pedagógico (p. 72).

Os projetos investigados seguem esses propósitos e foram analisados sob a perspectiva da Educomunicação, segundo a abordagem do Núcleo de Comunicação (NCE), da Universidade de São Paulo (USP). De acordo com Soares (2011), as ações desencadeadas com viés educomunicativo visam ao estímulo à cidadania, à socialização de conhecimentos, ao trabalho coletivo e solidário. Preocupam-se em propiciar o diálogo entre todos os que fazem parte do processo de aprendizado.

Filho (2004) complementa a conceituação ao caracterizar a Educomunicação como a idealizadora de práticas educacionais estruturadas nos múltiplos discursos e referenciais. São experiências que

> [...] têm na interdiscursividade e na multirreferencialidade o eixo estruturador de suas práticas educomunicativas; têm como metodologia sustentadora de suas ações educomunicativas o protagonismo juvenil, a gestão participativa e a ação por projetos; as práticas educomunicativas propiciam aos educandos nelas envolvidos o desenvolvimento de competências e habilidades comunicacionais; e, além disso, a Educomunicação constitui-se em espaço de aceitação e de elaboração de valores pelas pessoas nela envolvidas (FILHO, 2004, p.18).

A nossa pesquisa traz um estudo de caso que representa um recorte de práticas educativas realizadas com esse olhar educomunicativo, apesar de os sujeitos participantes não conhecerem conceitualmente esse campo. São iniciativas identificadas em duas escolas públicas do Alto Tietê, localizadas em Biritiba Mirim e Ferraz de Vasconcelos, que nos servem de exemplo para inspirar outras unidades a implementar projetos voltados à interface Comunicação e Educação. De cunho qualitativo, a nossa investigação

acompanhou o processo de desenvolvimento dos projetos comunicativos com o objetivo de avaliar os desafios para manter essas propostas em consonância com as demais responsabilidades das instituições diante de uma temporalidade escolar cronometrada, categórica e sistemática. Como administrar propostas diferenciadas que vão além da sala de aula, do cronograma, do projeto político pedagógico e da carga horária? Como manter iniciativas comunicativas quando elas não integram o programa escolar ou são apoiadas por uma política pública?

O processo de observação em conjunto com o aporte teórico e metodológico se deteve em avaliar as temporalidades escolares, a participação dos alunos, o envolvimento dos professores, a parceria dos gestores e os benefícios de propostas que incentivam os recursos comunicacionais e tecnológicos com vista ao protagonismo juvenil e à gestão democrática e participativa.

A apresentação da proposta, o desenvolvimento do estudo, a descrição dos dados coletados e a análise de todas as etapas articuladas estão divididas em cinco partes. O primeiro capítulo, intitulado *"A experiência no universo educomunicativo e o percurso da pesquisa científica",* traz a imersão desta pesquisadora em programas que articulam a Educomunicação e apresenta a construção metodológica que orientou todo o processo de investigação. O segundo capítulo, sob o nome *"Contribuições teóricas para a análise do objeto de estudo"*, aborda os autores, conceitos e estudos que fundamentaram o presente trabalho. A terceira parte, *"De leitores a escritores – Construindo histórias e transformando cenários"*, dá continuidade à abordagem conceitual com a apresentação de um panorama da leitura no Brasil, a importância do incentivo à autoria no espaço educativo e a contribuição da produção midiática para promover as capacidades leitora e escritora dos educandos. A quarta seção apresenta o cenário onde a pesquisa foi realizada, agregando a escola, os alunos, professores e gestores, além da dinâmica escolar. A quinta e última parte descreve os dados coletados com a observação, as entrevistas e a aplicação dos questionários, e, em seguida, uma avaliação geral de todo o material apurado.

A presente pesquisa deseja compartilhar experiências que adotaram uma metodologia de trabalho que alia a Comunicação e a Educação como possibilidade de transpor um modelo de ensino ainda vertical e autoritário na relação aluno-professor e sequencial com relação ao conhecimento para uma didática que permita o aprendizado horizontal, compartilhado, colaborativo e enriquecedor com o uso das diferentes linguagens semeadas pelos meios de comunicação e as tecnologias. Como diz Martín-

Barbeiro, precisamos nos comprometer com “a formação de cidadãos, de pessoas capazes de pensar com suas cabeças e de participar ativamente na construção de uma sociedade justa e democrática” (2014, p. 11). Atuar com os discursos não escolares disseminados pelas “escolas paralelas” auxilia na intepretação de um mundo editado, na educação para a comunicação e na construção de uma mentalidade crítica tanto nos alunos quanto nos professores, ajudando-os a ler o mundo de maneira cidadã.

No decorrer deste trabalho, são observadas que as dificuldades ao longo da realização de projetos comunicativo-educativos não são poucas, no entanto, as iniciativas analisadas mostram profissionais comprometidos com um ensino que permite a formação de crianças e adolescentes conscientes da importância de exercer um papel participativo em uma sociedade em constante transformação. São professores e alunos que colocam em prática seus ideais para viabilizar um processo educativo realizador e significativo. Este trabalho se propõe a refletir de forma teórica (pela construção epistemológica) e prática (por meio da metodologia empregada e avaliação dos resultados) as propostas aplicadas, os sujeitos envolvidos, os cenários investigados e o estudo realizado sobre as ações que se comprometem a propagar mudanças no cenário educativo.

Parte I

Construção metodológica

A experiência no universo educomunicativo e o percurso da pesquisa científica

A experiência no universo educomunicativo e o percurso da pesquisa científica

1. Construção metodológica

1.1 Trajetória da pesquisadora e o percurso pela Educomunicação

Acompanhar, vivenciar, inspirar e narrar histórias sempre fez parte do cotidiano desta pesquisadora. Por meio das palavras – com suas expressões, significados, sentidos e reflexões – venho[4] articulando uma visão sobre o que está à minha volta inspirando-me em autores, teorias, abordagens e estudos que contribuam para a minha formação crítica e reflexiva. Na infância, os registros ocorriam nos tradicionais diários; na adolescência, a expressividade ganhava espaço nos boletins informativos das escolas nas quais estudei; na universidade, passei a integrar o jornal universitário, e, em seguida, a auxiliar nas publicações do diretório acadêmico. O interesse pela escrita, leitura, interpretação; o desejo de comunicar, compartilhar e informar; a paixão pelo conhecimento, o aprendizado, experiências e o contato com seres humanos com histórias e bagagens enriquecedoras levou ao ingresso no curso de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo[5], concretizado no período de 2000 a 2003. Começava-se, então, uma união com a Comunicação.

Foram anos de estudos, produtividade, experiências e intercâmbios entre diferentes cenários. Ao longo da trajetória jornalística, atuei em assessorias de imprensa de órgãos públicos e privados; comunicação interna e empresarial; uma rádio universitária; revistas e três jornais regionais. Em cada publicação, tive a "sorte" de abordar temáticas que sempre foram do meu interesse: educação, cultura, direitos humanos, responsabilidade social, comportamento e entretenimento. Destes segmentos, um deles realçou um outro campo que também despertou a minha atenção: a Educação.

Venho de uma família de educadores que atuam em diversas áreas da Educação Básica. São profissionais que inspiram e inspiraram, em especial, os meus avós, que se sentiam orgulhosos pela oportunidade de aprenderem a ler e a escrever – anos mais tarde

---

[4] Em alguns trechos o discurso será em primeira pessoa por se tratar de uma experiência que remete à trajetória pessoal, profissional e acadêmica da pesquisadora.

5 O curso foi realizado na Universidade São Marcos (USM), no campus de São Paulo. A instituição foi fundada no dia 29 de maio de 1970 e era considerada uma das mais tradicionais no ensino superior. Possuía dois campi, na capital paulista (com cinco unidades nos bairros Ipiranga e uma no Tatuapé) e em Paulínia. Foi descredenciada pelo Ministério da Educação em 26 de março de 2012. Sua última turma se formou em 10 de dezembro de 2013.

– com a ajuda e o incentivo de alguns destes familiares. Foi neste universo inspirador que o meu ingresso no magistério quase ocorreu quando terminei, em 1997, o Ensino Fundamental II. Na época, havia os Cefams[6] (Centros Específicos de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério). Ao participar do processo seletivo, estive entre os classificados, e, ao longo de quatro anos, eu me prepararia para exercer a arte de educar para os ciclos iniciais. No entanto, a conquista de uma bolsa de estudos ofereceu a oportunidade de cursar o Ensino Médio[7] num colégio particular, o que garantiria um novo percurso. No entanto, após um período afastada do possível ingresso no magistério, os meus caminhos voltaram a se cruzar com o universo educacional.

Após o Jornalismo, ingressei no curso de Licenciatura em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa e Inglês[8], realizado no período de 2004 a 2006; o que me levou a começar uma trajetória no segmento escolar. Atuei como professora de Redação para participantes do Telecurso 2000[9]; de Leitura e Produção Escrita a alunos que cursavam os ensinos Fundamental e Médio pelo programa Educação de Jovens e Adultos (EJA)[10];

---

[6] Os Cefams foram criados em 1988 pelo então governador Orestes Quércia. O programa substituía os antigos magistérios e possuía uma visão diferenciada sobre a formação educacional. O curso funcionava em período integral, com duração de quatro anos, e, para ingressar, os interessados participavam de processo seletivo. Os candidatos aprovados, além da formação profissional, recebiam uma bolsa de estudos no valor de um salário mínimo. O centro de formação foi extinto pelo governo paulista em 2005. Na época, havia 59 escolas em todo o Estado de São Paulo, que atenderam, no total, 21 mil alunos.

[7] A Educação Básica – do ensino Infantil ao Médio – foi cursada em escolas pública e privada de Mogi das Cruzes, localizada no interior de São Paulo, a 47 km da capital.

[8] Este curso, assim como o de Jornalismo, foi realizado na Universidade São Marcos (USM).

[9] O Telecurso 2000 é uma tecnologia educacional reconhecida pelo Ministério da Educação (MEC) e adotada como política pública em estados e municípios. É utilizado para a aceleração da aprendizagem nos ensinos Fundamental e Médio; na Educação de Jovens e Adultos (EJA); como alternativa ao ensino regular em cidades e comunidades geograficamente dispersas e como reforço escolar para todas as idades. As aulas ocorrem por meio da Metodologia Telessala, com exibição das vídeo-aulas seguidas de debates e atividades extracurriculares. O educador atua como mediador de aprendizagem, explorando o conteúdo com exercícios que instigam a reflexão, criticidade, participação e interação entre a turma. O programa foi idealizado em 1995 pela Fundação Roberto Marinho e ocorre por meio de parcerias com prefeituras, governos e instituições públicas e particulares. A Universidade São Marcos era uma destas parceiras, disponibilizando salas de aula no campus que agregava os cursos de Licenciaturas. Os alunos destas graduações eram convidados a ingressar como mediadores no Telecurso 2000 para adquirir experiência e iniciar a jornada como educadores; e fui um dos participantes. Segundo o MEC, desde a fundação, cerca de 7 milhões de estudantes concluíram o Ensino Básico ao longo deste período.

[10] O EJA oferece educação orientada para adultos que, por inúmeros motivos, tiveram de interromper os estudos durante o período regular da educação formal. Atualmente, é oferecido para estudantes dos Ensinos Fundamental I, II e Médio, e as aulas ocorrem tanto em espaços informais quanto não formais. Eu lecionava na Universidade São Marcos, em São Paulo, como cumprimento do estágio obrigatório na Licenciatura em Letras. A instituição de ensino possuía uma parceria com a Secretaria de Educação e a Diretoria Regional de Ensino para oferecer as aulas segundo os requisitos exigidos pelo Ministério da Educação.

e de Inglês para turmas dos ensinos Infantil, Fundamental I e II. Tais experiências estimularam a continuidade dos estudos na área educacional por meio de cursos de especialização e envolvimento em projetos educativos. Anos depois, em 2014, retomei o desejo de ser, oficialmente, educadora, ao estudar Pedagogia. Uma nova área para agregar as práticas profissionais. Ocorria, então, a união com a Educação.

1.1.1 Cruzamentos: a atuação na interface Comunicação e Educação

A Comunicação e a Educação se tornaram as minhas duas áreas de atuação. Trabalhei nos dois campos – como jornalista em um veículo regional e educadora em um colégio particular – quando, então, os dois segmentos profissionais se unificaram com o ingresso no projeto educacional Dat – Formando o Cidadão do Futuro, um Programa Jornal e Educação (PJE)[11], idealizado pela Associação Nacional de Jornais (ANJ) e concretizado pelo Grupo Mogi News de Comunicação[12]. A proposta de caráter institucional visa à utilização do jornal como suporte pedagógico em sala de aula, orientando educadores e alunos a fazer com que este meio de comunicação se torne um importante aliado no processo de ensino e aprendizado. Iniciava-se a jornada pela Educomunicação.

O projeto Dat – Formando o Cidadão do Futuro é uma realização do jornal Diário do Alto Tietê (Dat) e vem sendo desenvolvido desde 2006 em parceria com secretarias de Educação e diretorias regionais de ensino do Alto Tietê. Ao longo de 12 anos, o programa foi realizado nas redes municipais de Arujá, Biritiba Mirim, Poá, Itaquaquecetuba, Guararema, Salesópolis; e em unidades estaduais de Mogi das Cruzes.

---

[11] O Programa Jornal e Educação é uma iniciativa realizada pela Associação Nacional de Jornais entre os anos de 1992 e 2016. A proposta era desenvolvida por jornais associados de todo o país, que viam na iniciativa uma possibilidade de formar novos leitores e promover maior interesse pelas publicações e pelo universo comunicacional. Com a desativação do programa, cada projeto passou a ser articulado por conta própria, ou seja, sob a responsabilidade integral da empresa jornalística. Muitos programas decidiram finalizar as suas ações, no entanto, o Dat – Formando o Cidadão do Futuro continua com suas atividades. O último encontro anual de coordenadores (quando se reuniam os responsáveis pelos programas disseminados pelo Brasil) contava, em média, com 20 representantes. Atualmente, estima-se que de 10 a 15 projetos ainda estejam em atuação.

[12] O Grupo Mogi News de Comunicação é formado pelos jornais Mogi News, cujas notícias são focadas nos fatos registrados em Mogi das Cruzes; e Diário do Alto Tietê, que cobre as informações dos municípios de Arujá, Biritiba Mirim, Ferraz de Vasconcelos, Guararema, Itaquaquecetuba, Mogi das Cruzes, Poá, Salesópolis e Suzano. O Mogi News foi fundado em 1975 por Paschoal Tomeu e a circulação era semanal. Em 1997, a entrega começou a ser diária e a empresa jornalística passou a ser comandada por Sidney Antonio de Moraes (diretor-presidente) e Sonia Massae Amano de Moraes (diretora vice-presidente). Em 2005, os diretores lançaram o Diário do Alto Tietê, com circulação diária e regional. Acompanhe em: www.portalnews.com.br

Cerca de 150 escolas já foram contempladas, e, em média, 1.500 professores orientados e 100 mil alunos atendidos. Diariamente, as unidades de ensino participantes recebem exemplares do veículo regional Diário do Alto Tietê (Dat), e cabe aos coordenadores geral e pedagógico[13] organizar as capacitações com os educadores para orientar no uso pedagógico do jornal, acompanhar os trabalhos implementados pelos educandos e apoiar a atuação dos gestores. O projeto é voltado para os ensinos Fundamental I e II e EJA. Atualmente, está em andamento apenas na rede de ensino municipal de Biritiba Mirim.

Comecei a atuar em 2009 como assistente da coordenação, e, a partir de 2011, assumi a coordenação geral do projeto. Inicialmente, ao acompanhar os encontros mensais com os professores, observei que as orientações se assimilavam a "manuais", pois o foco era o uso da publicação em diferentes disciplinas: como usar o jornal em Língua Portuguesa, na Matemática, em Ciências, em História, e assim por diante. Com a renovação da equipe, e como coordenadora do projeto, fui autorizada a participar dos Encontros Anuais de Coordenadores de Programas Jornal e Educação, realizados pela ANJ e organizados pela jornalista e educomunicadora Cristiane Parente, que, na época, era a coordenadora executiva do PJE. Entre suas atividades, estava a de coordenar as ações realizadas pelos jornais associados, oferecer apoio institucional, orientar os profissionais envolvidos e alinhar as atividades de acordo com as premissas do modelo nacional do projeto para garantir unidade quanto aos princípios e conceitos que regiam o PJE.

Os encontros eram organizados pela coordenadora executiva do programa: Cristiane Parente, também pesquisadora em Comunicação e Educação. As reuniões iam além da troca de experiências entre os projetos desenvolvidos em todo o Brasil. Realizados ao longo de três a cinco dias, a programação articulava ciclo de palestras, mesas-redondas e oficinas. Após uma imersão pela temática do ano, o encerramento consistia na apresentação dos participantes, que compartilhavam um balanço de suas ações e dividia suas ideias, tanto as positivas quanto as negativas, de acordo com suas realidades e ambientes de trabalho. Era uma troca de experiência valiosa, e todos voltavam para os seus destinos inspirados para dar início a um novo ciclo de atividades visando à discussão, reflexão e realização de iniciativas tendo a mídia como abordagem

[13] Segundo orientação da ANJ, os PJEs devem ser formados por uma jornalista e uma pedagoga, e, quando necessário, integrantes que ajudem a ampliar as ações principais, como, por exemplo, uma assistente de coordenação. No caso do Dat – Formando o Cidadão do Futuro, a equipe é constituída pela jornalista Suéller Costa e a pedagoga Maria Rosa Mieko Takeuchi Augusto. O cargo de assistente foi extinto em 2018.

central no cenário educacional. Mudava-se, então, a concepção das ações no âmbito regional, com foco em propostas direcionadas não apenas ao uso instrumental do jornal, mas, principalmente, ao início de uma formação dedicada à leitura crítica da mídia, à discussão de uma educação para a comunicação e à produção midiática no ambiente escolar.

O contato com diferentes pesquisadores, e, em especial, com Cristiane Parente, e, futuramente, com a Ana Gabriela Borges – que assumiu a coordenação executiva do PJE em 2014 e permaneceu até 2016, quando o programa nacional foi encerrado –, me inspirou a aprofundar os estudos sobre a temática e me especializar, na teoria e na prática, na interface[14] Comunicação e Educação. Este foi o caminho para promover uma nova vertente ao Dat – Formando o Cidadão do Futuro, que, a partir de 2016, com o fim da coordenação exercida pela ANJ devido ao encerramento da proposta nacional, passou a ser organizado apenas com os parâmetros do Grupo Mogi News de Comunicação.

Por conta do desejo de renovação, iniciei em 2012 a pós-graduação lato sensu em Educomunicação – Comunicação, Educação e Mídias[15], na Escola de Comunicações e Artes (ECA), na Universidade de São Paulo (USP), cujos aprendizados levaram a uma reformulação do projeto seguindo os princípios educomunicativos[16]. Tais mudanças foram realizadas na própria proposta de intervenção elaborada durante a produção da monografia exigida para a conclusão da especialização. O trabalho intitulado O jornal como fonte de (in) formação, conhecimento e socialização no universo escolar – Uma abordagem educomunicativa do Dat – Formando o Cidadão do Futuro permitiu o contato com unidades educacionais da região para a escolha daquela que seria o lócus para a

14 No decorrer deste trabalho, a palavra 'interface' é usada no sentido de tratar especificamente da "interface Comunicação e Educação".

15 A especialização foi oferecida pelo Departamento de Comunicações e Artes (CCA), da Universidade de São Paulo, entre os anos de 2011 e 2015. Ao todo, três turmas foram formadas. Segundo a instituição, a proposta surgiu com as diversas ações pedagógicas do CCA, como o curso de Gestão da Comunicação, realizado no período de 1993 a 2011, formando mais de 600 especialistas na interface Comunicação e Educação.

16 A pesquisadora se baseou na perspectiva do Núcleo de Comunicação e Educação (NCE), da Universidade de São Paulo. Ao invés de atividades voltadas especificamente à leitura e interpretação, e de exercícios direcionados às diferentes disciplinas, as ações começaram a ampliar as discussões sobre a utilização da mídia (e não apenas o jornal) no ambiente escolar. O objetivo era explorar, inicialmente, uma "Educação para a Comunicação", para avaliar os hábitos de leitura de suportes midiáticos por parte dos professores, o uso dos meios em seu trabalho e a leitura crítica dos canais informativos. Em seguida, o trabalho passou a identificar outras áreas de intervenção da Educomunicação a fim de instigar o protagonismo juvenil, a criação de ecossistemas comunicativos, abertos e criativos, a gestão participativa e democrática e a produção midiática em sala de aula.

realização da pesquisa de campo. A missão era analisar se o projeto regional possuía viés educomunicativo e, em seguida, propor e promover mudanças que trouxessem um trabalho mais integrado entre a comunicação e a educação.

A partir desta experiência, a intervenção sugerida, até então apenas na teoria, foi colocada em prática. Logo após a finalização da especialização, passei a me dedicar aos estudos da educação e produção midiática no espaço educativo. Segmento que instigou as pesquisas que encaminharam meu ingresso na especialização stricto sensu em Ciências da Comunicação, na Interface Social da Comunicação, na Linha de Pesquisa em Comunicação e Educação, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCom), da Universidade de São Paulo (USP).

1.1.2. Da teoria à prática: dos conceitos aos projetos de intervenção

A proposta de intervenção no projeto Dat – Formando o Cidadão do Futuro foi realizada entre os anos de 2014 e 2017[17]. Neste período, as capacitações mensais receberam um novo formato, com debates, dinâmicas e sugestões de atividades com o objetivo de estimular uma nova habilidade no cenário educativo: não só a leitura do jornal Dat[18] e do suplemento infantojuvenil Diarinho[19], como também a produção de publicações escolares, dando espaço à autoria em sala de aula.

Os professores recebiam uma maior atenção do programa. Eles participavam mensalmente das capacitações promovidas nas redes de ensino, quando, então, partilhavam o que colocavam em prática com as suas turmas. A partir de então, os alunos também ganharam maior espaço e começaram a receber um novo olhar. Como coordenadora geral, promovi uma aproximação deste público, aliando esta função com a

[17] Neste período (2014 a 2017), três redes municipais de ensino participavam do Dat – Formando o Cidadão do Futuro: Arujá, Biritiba Mirim e Poá. Ao todo, a equipe coordenava as ações em 56 escolas, atendendo, no total, 19.357 alunos e 1.035 professores.

[18] Diariamente, no período de 2014 a 2016, 3.500 exemplares do Dat eram entregues para 56 escolas participantes do projeto regional.

[19] O Diarinho é o suplemento infantojuvenil do Dat, com circulação aos domingos e distribuição às escolas participantes do projeto regional às segundas-feiras. Fundada em 2016, a publicação tem como público-alvo estudantes de 6 a 11 anos e educadores, em especial, do Ensino Fundamental I. Reúne seções que exploram curiosidades, sugestões de livros, filmes, passeios, games; destaca ações realizadas nas escolas; traz matéria especial sobre um assunto que esteja em destaque no cenário educacional, como *bullying*, preconceito, meio ambiente, dentre outros. As pautas seguem sugestões dos leitores mirins e adultos. Veja mais em: http://flip.portalnews.com.br/index.php?id=/banca.php&cd_prded=11.

de pesquisadora. Passei a observar os processos educativos de maneira mais reflexiva e em consonância com os conceitos estudados ao longo da jornada acadêmica.

Visitei algumas unidades e organizei encontros com estudantes de 6 a 10 e jovens de 11 a 14 anos de idade para explicar o universo comunicacional. Estavam em pauta nos "bate-papos" com os educandos apresentar as diferentes mídias, os variados suportes, a produção das notícias, a rotina dos profissionais ligados à Imprensa, a dinâmica de uma redação jornalística, a variedade dos gêneros, discursos e linguagens exploradas nos meios de comunicação. A partir deste processo de imersão nas unidades, começava um estudo para identificar ações que estavam se formando sob o viés educomunicativo no cenário educacional do Alto Tietê.

A interação entre os alunos e os professores foi dividida em quatro fases importantes para inserir o conceito, a prática e a reflexão sobre um campo emergente: a Educomunicação. Após este processo, passei a direcionar o objeto de estudo para que fosse explorado, analisado, articulado e debatido durante a pesquisa do mestrado. Mas, antes de apresentá-lo, é importante destacar que as seguintes etapas condicionaram os estudos atuais na interface Comunicação e Educação:

1ª Etapa

A mídia no universo escolar - Apresentação da área de estudos e ações articuladas sob os princípios da Educomunicação

Durante as formações com os educadores, abordava o conceito da Educomunicação, seus princípios e áreas de intervenção. A missão era direcionar as atividades para promover uma "Educação para e pela comunicação", com a leitura dos meios, o envolvimento com os dispositivos comunicacionais, o engajamento em ações permeadas pelas novas tecnologias da informação e comunicação. Propagar fluxos comunicativos, a cultura da participação, o protagonismo juvenil e uma gestão com vertente democrática estavam em debate nos encontros. Ideias semeadas para ampliar a expressão crítica, criativa e participativa dos estudantes por meio da produção autoral pelos canais informativos – impressos e digitais – idealizados no universo escolar.

Figura 1 – Formação de professores

Discussão sobre Educomunicação em encontro com educadores do Alto Tietê
Fonte**:** Grupo Mogi News (2015)

2ª Etapa

Os meios vão à escola - Aproximação dos alunos para o debate sobre o universo midiático

As discussões com os professores sobre a importância de criar espaços de participação para os alunos por meio de canais informativos no âmbito escolar permitiu a aproximação dos estudantes. Nesta segunda etapa do processo de intervenção, visitei algumas unidades de ensino que começavam a colocar em prática as idealizações semeadas pelos educadores. Então, o objetivo era apresentar aos jovens o universo comunicacional. Oficinas discutiram a diversidade das linguagens permeadas pelos suportes midiáticos impressos e digitais; o processo de apuração, construção e elaboração das notícias; as atividades exercidas pelos profissionais da Imprensa; a reflexão sobre o "mundo editado" (BACCEGA, 2000-2001) que nos chega diariamente pelos inúmeros meios de comunicação. Este foi o caminho para incentivar os jovens a produzir seus próprios canais explorando os recursos da comunicação e da tecnologia que estavam ao alcance da realidade de cada escola.

Figura 2 – Oficina com alunos

Alunos em oficina explorando a leitura dos meios, o processo de construção das notícias e os discursos semeados pelos textos da Imprensa
Fonte: Foto da autora (2015)

3ª Etapa

A escola vai aos meios – Alunos vão conhecer *in loco* a produção da informação e a rotina dos profissionais da Imprensa

O Grupo Mogi News de Comunicação abre as suas portas para a visita de estudantes de diferentes ciclos que desejam conhecer o processo de produção de um jornal. Não é necessário participar do projeto Dat – Formando o Cidadão do Futuro, o acesso à empresa é permitido para todas as unidades de ensino do Alto Tietê. Sou responsável em guiar esse "tour" pela redação e a gráfica (instalada no mesmo prédio onde ficam os dois jornais do grupo), e, ao longo de cada encontro, observa-se que os grupos que se interessam pela "aula passeio" (FREINET, 1970) estão planejando ou já produzindo um jornal escolar, um blog, um boletim, dentre outras produções escolares. Os professores que os acompanham, geralmente, são os mediadores dessas propostas, e acreditam que conhecer na prática o processo de construção de uma publicação aumenta o interesse dos jovens pela informação e seu desejo de implementar produções de sua autoria. Ao conhecer esta realidade, agendei visitas de alunos que estavam participando do ciclo de ações que eu vinha desencadeando nas escolas por conta da proposta de intervenção. Esta foi a oportunidade de levar aqueles que pensavam em colocar em prática o que foi discutido em formação com os professores e nas oficinas e palestras com os alunos. A visita explora todos os departamentos da empresa, como o setor administrativo, comercial, telemarketing, assinaturas, sendo, por sua vez, a redação (que

concentra editores, repórteres, fotógrafos, diagramadores e designers) e a gráfica os lugares de maior interesse dos visitantes. Além de uma explicação geral, os educandos têm a oportunidade de conversar com os profissionais.

Figura 3 – Visita à redação e gráfica de um jornal

Alunos conhecem o processo de produção de um jornal
Fonte: Grupo Mogi News (2015)

4ª Etapa – Práticas educativas emancipadoras

O trabalho desempenhado com os professores e alunos inspirou a criação de publicações escolares. A produção autoral por meio de diferentes dispositivos comunicacionais começou a integrar a rotina de várias escolas envolvidas com o projeto Dat – Formando o Cidadão do Futuro. Tais publicações exploram diferentes estilos e gêneros textuais, indo além dos tradicionais boletins informativos. Jornal falado, telejornal, fanzines, quadrinhos, revistas, blogs, canais do Youtube foram criados. Os assuntos envolvem o universo escolar, a comunidade, o bairro e a cidade. Também há destaque para temas de abrangência nacional, como, por exemplo, assuntos voltados à política, saúde, esportes e meio ambiente. Cada veículo, com linguagem própria, compartilha informações, conhecimentos, experiências e amplia os fluxos comunicativos no universo escolar.

Figura 4 – Momento de produção de jornal estudantil

Laboratório de escola se transforma em "redação" e alunos, divididos em grupos, preparam uma nova edição do boletim escolar
Fonte: Grupo Mogi News (2015)

A proposta de imersão envolveu 56 escolas, 19.357 alunos e 1.035 professores das redes de ensino de Arujá, Biritiba Mirim e Poá. Os professores das unidades passaram pelas formações, e apenas os que começaram a articular as produções escolares com as suas turmas receberam minha visita para dialogar com os jovens comunicadores. Das publicações criadas ao longo da intervenção, algumas ainda mantêm as atividades em andamento, outras já encerraram os trabalhos. Algumas tentam criar, esporadicamente, ações inter-relacionando a Comunicação e a Educação. Todas as atividades eram divulgadas nos jornais do Grupo Mogi News de Comunicação, e, com isso, algumas unidades estaduais e particulares da região procuravam a coordenação do Dat – Formação o Cidadão do Futuro para aplicar o projeto a seus educandos. Esta foi a oportunidade de conhecer novos interessados em levar a mídia à sala de aula e incentivar a autoria entre os educandos. Assim, começava o contato com outros horizontes, além dos envoltos pelo trabalho em que eu atuava.

Apesar dessas novas unidades interessadas não serem formalmente filiadas ao programa regional, podiam participar, entre os anos 2005 e 2012, de uma iniciativa desenvolvida pela empresa jornalística e que movimentou as redes de ensino do Alto

Tietê: o Prêmio Grupo Mogi News Professor Cidadão[20]. A proposta, semelhante ao Prêmio Educador Nota 10[21], propiciou o contato com projetos inovadores em diferentes áreas do conhecimento e desenvolvidos nos três ciclos da Educação Básica em redes de ensino públicas e privadas. Atuei na organização, coordenação da comissão julgadora e da cobertura especial dos vencedores das edições realizadas no período de 2009 a 2012. Ao longo de quatro anos, conheci propostas pedagógicas que me encantaram. Parte delas, em especial, aquelas que desenvolviam ações voltadas à Comunicação, pude conhecer pessoalmente por meio de visitas às novas unidades.

O contato com escolas participantes do Dat – Formando o Cidadão do Futuro e do prêmio regional levaram à seleção de novas escolas que passaram a ser o cenário da pesquisa de mestrado, que, a partir de agora, será detalhada. Achei importante transcrever minha trajetória profissional, educacional, acadêmica, e, em especial, o caminho percorrido até o ingresso nos campos da Comunicação e Educação, e, em seguida, da Educomunicação. Acredito que o registro elucida os motivos que levaram à formulação do estudo a ser apresentado, e do interesse de inverter os papéis: agora, deixo de ser formadora, educadora, incentivadora de projetos; para ser observadora, pesquisadora e aprendiz do processo de ensino e aprendizagem articulado com o auxílio dos aportes midiáticos, das tecnologias e da informação e comunicação.

Acompanhar diferentes propostas em espaços educativos no Alto Tietê, me fez perceber que algumas demonstravam, em sua prática, princípios da Educomunicação. Este fato direcionou a escolha do meu objeto de pesquisa, do problema a ser formulado, das hipóteses articuladas, e, por sua vez, os motivos para a investigação, sistematização

---

[20] O Prêmio Grupo Mogi News Professor Cidadão foi criado em 2005 pelo Grupo Mogi News de Comunicação com o objetivo de destacar projetos pedagógicos realizados em diferentes ciclos de ensino e redes educacionais. A premiação regional era dividida em dez categorias: Ensino Infantil – Rede Municipal; Ensino Infantil – Rede Particular; Ensino Fundamental Ciclo I – Rede Municipal; Ensino Fundamental Ciclo I – Rede Estadual; Ensino Fundamental Ciclo I – Rede Particular; Ensino Fundamental Ciclo II – Rede Estadual; Ensino Fundamental Ciclo II – Rede Particular; Ensino Médio – Rede Estadual; Ensino Médio – Rede Particular; Fora de Série (EJA e Educação Especial). Os educadores das dez cidades que integram o Alto Tietê podiam inscrever uma de suas ações realizadas em sala de aula para concorrer ao 1º, 2º e 3º lugares de cada segmento. Os vencedores eram reunidos numa cerimônia especial, com a presença de secretários de Educação e dirigentes regionais de ensino, e contemplados com troféus e certificados, além de uma cobertura completa do seu trabalho, divulgada em publicação especial encartada nas edições dos jornais Dat e Mogi News.

[21] Criado em 1998, o Prêmio Educador Nota 10 é uma iniciativa da Abril e da Globo, uma realização da Fundação Victor Civita em parceria com a Fundação Roberto Marinho.

e avaliação. A partir de então, comecei os estudos, na teoria e na prática, sobre a produção midiática no universo escolar e sobre os desafios para incentivar, idealizar e manter esta prática nas unidades de ensino.

1.2. Construção do objeto de estudo

Lançado o desafio de instigar a autoria dos alunos por meio de publicações em diferentes formatos, senti a necessidade de acompanhar o processo de produção dos canais informativos distribuídos no universo escolar. Quando visitava as unidades de ensino, sempre era surpreendida por publicações finalizadas: um jornal publicado; um vídeo editado; uma arte concluída; uma edição completa. Não havia a oportunidade de conhecer o desencadeamento das ações por parte de três pilares importantes para a prática educativa: gestão, professor e aluno.

Como tudo é organizado, produzido e concluído? Como é a dinâmica de produção, circulação e recepção? Quais as dificuldades para realizar esses projetos e mantê-los entre as outras atividades escolares? Como é a participação dos alunos, o envolvimento dos professores e o apoio dos gestores? Qual a disponibilidade dos participantes para as ações voltadas ao projeto? Quais os resultados obtidos e as novas percepções formadas no processo de ensino e aprendizagem? Quais mudanças podem ser observadas entre o público participante e o espaço educativo?

Para a Educomunicação[22], campo interdisciplinar e de intervenção social, o processo criativo recebe maior atenção, porque é por meio dele que se observam os elementos que condicionam uma prática educomunicativa. Este momento de produção passou, então, a ser o interesse de estudos, levando em consideração as indagações supracitadas. Elas nortearam a observação realizada na pesquisa de campo, guiada pelos objetivos específicos e gerais traçados antes do trabalho de investigação, tendo em vista possíveis respostas ao problema articulado. Duas escolas do Alto Tietê[23] foram escolhidas – ambas conhecidas durante o período de imersão realizado com as ações do Dat – Formando o Cidadão do Futuro – para a construção da pesquisa.

---

[22] O conceito será explicitado no tópico "Educomunicação e as áreas de intervenção", no capítulo II. Vide página 68.

[23] O Alto Tietê é uma região formada por dez municípios – Arujá, Biritiba Mirim, Ferraz de Vasconcelos, Guararema, Itaquaquecetuba, Mogi das Cruzes, Poá, Salesópolis, Santa Isabel e Suzano – localizados na Grande São Paulo.

O objeto de estudo são os projetos que inter-relacionam a Comunicação à Educação articulados pela Escola Municipal de Educação Fundamental (Emef) Waldemar Costa Filho[24] e Escola Estadual (E.E.) Mario Manoel Dantas de Aquino[25]. As unidades realizam iniciativas que ocorrem de forma interdisciplinar e instigam o aprendizado em diversas áreas do conhecimento por meio de atividades intermediadas pelas linguagens da comunicação. As duas compõem um cenário para o estudo de um fenômeno registrado no Alto Tietê: a inclusão da mídia no espaço escolar; o uso de recursos de informação, comunicação e tecnologia; o incentivo aos estudos de leitura, recepção e produção; o estímulo à autoria por meio de diferentes dispositivos comunicacionais. Elementos que foram analisados ao longo do acompanhamento das ações. O *corpus* foi construído, portanto, nos seguintes ambientes ilustrados nas figuras abaixo:

[24] Biritiba Mirim é um município localizado na Mesorregião Metropolitana de São Paulo e na Microrregião de Mogi das Cruzes. Considerada uma das dez cidades que compõem o Alto Tietê, está a 88 quilômetros da capital paulista e destaca-se por sua produção de alimentos hortifrutigranjeiros (verduras, frutas, ovos). Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), atualizados em 2016, a cidade tem uma extensão territorial de 317,40 km² e 31.479 habitantes. Com relação à Educação Básica, possui oito unidades do Ensino Fundamental I, agregando, ao todo, 208 docentes e cerca de 2.500 mil alunos matriculados no 1º ao 5º ano desse ciclo estudantil. A escola escolhida atende todas as turmas do primeiro ciclo de ensino. Possui 16 professores e 240 alunos. Informações disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/biritiba-mirim>. Acesso em maio de 2017.

[25] Ferraz de Vasconcelos é um município do Estado de São Paulo, localizado na Microrregião de Mogi das Cruzes. Com uma extensão territorial de 30,07 km², segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), até 2014, a população era estimada em 182.544 habitantes. A escola escolhida para o desenvolvimento da pesquisa foi a unidade estadual que conta com 1.145 alunos, sendo 682 do Ensino Fundamental I e 463 do Ensino Médio. Possui, ao todo, 79 professores. Informações disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/ferraz-de-vasconcelos/panorama>. Acesso em maio de 2017.

Figura 5 - Alunos e professores do Ensino Fundamental I
Cenário da pesquisa - Emef Waldemar Costa Filho

Emeb Waldemar Costa Filho

Fundamental I

- Localizada em Biritiba Mirim, a unidade atende todas as turmas do Fundamental I (1º ao 5º ano). Possui 16 professores e 240 alunos.

Turmas do 5º ano acompanhando uma palestra sobre "Refugiados" com convidado especial
Fonte: Autora (2017)

Figura 6 - Alunos e professores do Ensino Fundamental II e Ensino Médio
E.E. Mario Manoel Dantas de Aquino

Escola Estadual (E.E.) Manoel Dantas de Aquino

Ensino Fundamental II e Ensino Médio

- A unidade estadual fica localizada em Ferraz de Vasconcelos. Possui 1.145 alunos, sendo 682 do Ensino Fundamental I e 463 do Ensino Médio. Possui, ao todo, 79 professores.

Grupo participante dos projetos comunicativos
Fonte: Autora (2017)

Dentro deste cenário, cheguei ao objeto de estudo, e o norteador para a identificação, análise e reflexão das atividades realizadas numa região que vem registrando, aos poucos, ações na interface Comunicação e Educação.

Figura 7 – Momentos registrados durante a produção
Objeto da Pesquisa

Ações acompanhadas durante a pesquisa de campo
Fonte: Autora (2017); Facebook (2017)

A pesquisa avaliou o processo de produção das atividades e a atuação dos sujeitos responsáveis pelo trabalho idealizado. A observação deu-se com visitas semanais às unidades de ensino para conhecer a realidade dos alunos, da escola e da comunidade onde estão inseridos; o acompanhamento de algumas aulas em quatro turmas escolhidas pela direção (duas do 5º ano; uma do 9º ano e uma do 3º ano) e das ações do projeto; a participação em reuniões da Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC); acesso a documentos oficiais, como a proposta pedagógica, o regimento escolar e o Projeto Político Pedagógico (PPP); realização de entrevistas estruturadas, aplicação de questionários e uma roda de conversa. Os atores do cenário de investigação foram divididos em nove grupos, distribuídos da seguinte forma:

Grupos 1 e 2 - Gestão escolar

As diretoras da Emef Waldemar Costa Filho (1) e da E.E Mario Manoel Dantas de Aquino (2) foram entrevistadas no início da pesquisa de campo e no final do processo de investigação.

Grupos 3 e 4 – Professores

Os educadores do Ensino Fundamental I (3) e dos Ensinos Fundamental II e Médio (4) responderam a um questionário fechado entregue em dezembro de 2017. Ao todo, 25 profissionais entregaram, sendo 10 do Ciclo I e 15 dos Ciclos II e III.

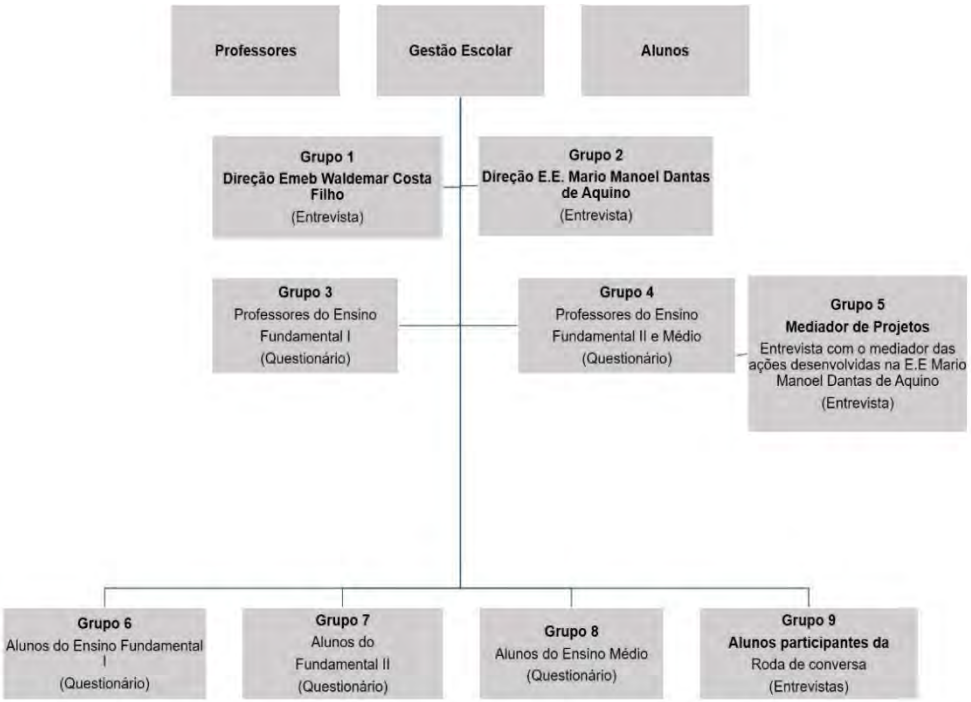
Grupo 5 – Mediador de projetos

Entrevista com o mediador das ações desenvolvidas na E.E Mario Manoel Dantas de Aquino. As atividades ocorrem de forma interdisciplinar, envolvendo todos os educadores interessados, no entanto, um profissional se dispôs a coordenar ações. Ele foi o idealizador das atividades e até a conclusão da pesquisa se responsabilizava pelas atividades realizadas pelos alunos.

Grupos 6, 7, 8 e 9 – Alunos

Aplicação de questionários a alunos do Ensino Fundamental I (6), Fundamental II (7) e Médio (8). Ao todo, 59 estudantes participaram do processo, sendo 25 do Ciclo I (5º ano), 10 do Ciclo II (9º ano) e 24 do Ciclo III (1º, 2º e 3º anos). Paralelamente foi realizada uma roda de conversa com educandos de diferentes séries dos Ensinos Fundamental II e Médio. Participaram desta etapa 21 alunos.

Figura 8 – Sujeitos da pesquisa divididos em oito grupos
Grupos de estudo



Organograma para organização dos grupos em análise
Fonte: Autora (2018)

1.3. Formulação do problema

Projetos interdisciplinares são desafiadores, pois envolvem atenção, disposição, parceria e consentimento da gestão; envolvimento dos educadores; participação dos

alunos; organização das atividades; divisão de responsabilidades; comprometimento com as ações; e, por sua vez, sintonia entre os participantes e equilíbrio entre as tarefas condizentes às iniciativas, à rotina escolar, à atividade profissional e estudantil. Conhecendo o cotidiano de uma unidade de ensino, cujo tempo e espaço condicionam um ensino sistemático (segue-se uma rotina de atividades), categorizado (dividido em disciplinas de diversas áreas do conhecimento), enciclopédico (muitas aulas ainda têm os livros como as únicas fontes de complementação à explanação do educador) e hierarquizado (as matérias exploram as áreas de humanas, exatas e biológicas e recebem carga horária diferenciada e distribuída conforme o grau de importância determinado pelas diretrizes curriculares), vieram as indagações que delimitam o problema da pesquisa:

a) Como as linguagens da comunicação são exploradas na escola e como os professores se apropriam dos recursos midiáticos, comunicativos e informacionais para integrá-los ao processo educativo?

b) Como desenvolver projetos que atuam na interface Comunicação e Educação no espaço educativo formal e conduzi-los dentro da temporalidade escolar, que é sistematizada, categórica e cronometrada[26]?

c) Quais as maiores dificuldades de professores e alunos para desenvolver estes projetos interdisciplinares, sabendo que precisam ser administrados de acordo com os diferentes tempos e espaços que permeiam o cenário educativo?

d) Projetos que atuam com as fontes de informação em sala de aula e incentivam a autoria com a produção midiática para a educação estão contribuindo para práticas emancipadoras?

e) A participação nas publicações inspira os alunos a promover transformações significativas no espaço educativo e na comunidade onde vivem?

[26] O termo "cronometrada" refere-se ao tempo cronológico (Chrónos). A grade curricular é formada por um turno (manhã, tarde ou noite), com cinco a seis aulas diárias (dependendo do ciclo de ensino), que possuem, cada uma, 45 a 50 minutos. Este tempo cronológico deve ser seguido à risca, para não atrapalhar a dinâmica escolar; pois o atraso provoca um desencadeamento das ações planejadas ao longo de um dia escolar. Por isso, a palavra "cronometrada" é utilizada tanto no sentido literal quanto figurado, que remete à "pressão" que este tempo exerce dentro do espaço de aprendizagem.

Tais questionamentos levaram ao problema a ser investigado: “Qual o desafio de conduzir projetos que incentivam a produção midiática no espaço educativo quando estes partem de propostas internas e não de programas institucionalizados? Como mantê-los em consonância com uma temporalidade escolar sistematizada, categórica e cronometrada?”.

1.4. Objetivos

1.4.1 Gerais

O objetivo geral desta pesquisa é identificar, acompanhar, entender e analisar a produção das propostas realizadas de forma interdisciplinar em consonância com a jornada estudantil. O estudo de campo, a observação das práticas, o contato com os participantes e o diálogo com os idealizadores das ações contribuíram para mostrar a realidade dos profissionais que apostam na interdisciplinaridade para selecionar projetos voltados à produção midiática no espaço educativo. O estudo avalia o processo de produção e a participação dos sujeitos envolvidos, e, em seguida, observa a administração temporal para a realização das atividades e a conquista dos benefícios almejados.

1.4.2 Específicos

Um roteiro organizado para o “antes, durante e após a pesquisa” condicionou os objetivos específicos para a escolha da temática a ser abordada ao longo desta dissertação. As seguintes etapas foram seguidas para se chegar ao objetivo geral:

a) Apresentação de um campo de estudos a um grupo de educadores do Alto Tietê.

b) Identificação de práticas educativas realizadas por professores que participaram do ciclo de formações (apresentado no início desta dissertação) e ações especiais do projeto Dat – Formando o Cidadão do Futuro; que orientaram a sistematização da pesquisa atual.

c) Avaliação das propostas desencadeadas em algumas unidades para confirmar se apresentavam pressupostos educomunicativos.

d) Escolha de duas escolas para analisar o processo de produção no universo estudantil.

e) Acompanhamento das ações para observar como os projetos foram inseridos entre as atividades que faziam parte da rotina da escola.

f) Avaliação da distribuição do tempo de alunos e professores para se dedicar às ações do projeto e a disposição de ambos em manterem a iniciativa em ação.

g) Levantamento dos desafios encontrados para manter as práticas entre todas as turmas dos ciclos estudados.

h) Observação das transformações tanto do ponto de vista pessoal e social quanto cognitivo de alunos e professores; do cenário educativo e da comunidade escolar.

1.5 Justificativas e hipóteses

A Educomunicação permeia diferentes segmentos, tanto no ensino formal, não formal quanto informal, e almeja uma educação pautada na horizontalidade, na transdisciplinaridade, na parceria entre aluno e professor e na sintonia no ambiente escolar. As atividades que exploram a interface visam à leitura dos meios e a compreensão e análise do processo de produção, circulação e recepção das informações semeadas pelos diferentes dispositivos comunicacionais. O objetivo é auxiliar os educandos na construção de uma leitura crítica da realidade, além de formar canais que garantam a expressão no universo educacional.

Produções escolares – como jornais, tevê, rádio, blog e redes sociais escolares – estão entre os trabalhos realizados na perspectiva educomunicativa. Além do estímulo à produção autoral, essas atividades buscam o desenvolvimento da expressão crítica, comunicativa e criativa de crianças e adolescentes; o espírito participativo, interativo e investigativo dos jovens; a articulação com a tecnologia e as fontes de informação, além da promoção da cidadania. São atividades que estimulam o fluxo comunicativo das escolas em consonância com os conteúdos cognitivos a serem explorados nas aulas.

A prática educomunicativa pode ser um caminho para a articulação de abordagens pedagógicas diferenciadas com o apoio da mídia e da tecnologia. As experiências estudadas possuem características próprias desse campo de intervenção. Avaliar essas práticas nos "bastidores" é uma forma de conhecer os pontos positivos e negativos, as dificuldades e os obstáculos. Afinal, projetos fazem parte do cotidiano escolar; no entanto, mantê-los é o desafio.

Segundo Soares (2011), em virtude de o cenário educacional estar em constantes mudanças – com parâmetros e diretrizes em análises – a articulação de um ensino com experiências inovadoras, que propiciem um aprendizado que faça sentido aos jovens, é

urgente. Uma educação que os envolva em práticas educomunicativas e aumente o interesse pelo conhecimento deve ser uma missão de todo o âmbito educacional:

> Os desafios de uma educação que faça sentido para os jovens, que os envolva no fazer educativo, que reúna profissionais qualificados e que faça da escola parte de um sistema de aprendizado em tempo integral estão presentes na escola privada e na pública (SOARES, 2011, p. 7).

Portanto, a educação deve estar inserida no cotidiano de seus estudantes. Os conteúdos têm de ser contextualizados, a aprendizagem concreta e o conhecimento precisa ser vivenciado tanto na teoria quanto na prática.

> Não pode ser um simulacro de suas vidas. Fazer sentido para eles significa partir de um projeto de educação que caminhe no mesmo ritmo que o mundo que os cerca e que acompanhe essas transformações. Que entenda o jovem. E não dá para entendê-lo sem sequer escutá-lo" (SOARES, 2011, p. 8).

Relatar a experiência em duas escolas públicas do Alto Tietê é uma forma de acompanhar os preceitos difundidos pelo campo educomunicativo. Observá-los, identificá-los e analisá-los dentro do cenário escolhido para esta pesquisa contribuiu para a apresentação empírica de uma proposta que pode ser incentivada em outros espaços educativos no Alto Tietê. A presente investigação e seus resultados tem como objetivo motivar outras unidades interessadas em ações nesta interface, mas que, no momento, não estão preparadas para implementá-las por conta da dificuldade de administrar a jornada escolar e modificar as relações no ambiente educativo. A relevância deste estudo é o despertar de "novos olhares" de educadores e alunos do Alto Tietê acerca da utilização dos meios, da tecnologia, do incentivo à produção autoral tendo os dispositivos como suportes; e, por sua vez, colaborar na idealização de mudanças que ajudem a construir uma educação, de fato, significativa para os atores envolvidos no processo de aprendizagem.

O estudo deseja contribuir tanto à área científica (campo epistêmico) quanto à social (campo simbólico), para a conquista da validação interna e externa desta pesquisa empírica, requisitos considerados importantes para a relevância de um trabalho, segundo destaca Lopes (2010):

> Todo o desenvolvimento de uma ciência segue ao longo de embates travados pela validação interna (construção de capital epistemológico) e da validação externa (função social do conhecimento) de seus resultados. Deste modo, à guisa de conclusão deste trabalho, volto à questão inicial da construção do objeto dentro de um projeto de pesquisa para aí colocar a indagação sobre a pertinência do problema com que se inicia uma pesquisa e sua problemática teórica, isto é, sobre a importância social do objeto empírico e a relevância do objeto teórico da pesquisa (BRAGA; LOPES; MARTINO, 2010, p. 46).

1.6 Metodologia: amostragem, instrumentos de pesquisa

O modelo metodológico aplicado ao longo desta pesquisa é baseado na fundamentação desenvolvida por Lopes (2010). A estratégia consiste na divisão da pesquisa em quatro níveis (epistemológico, teórico, metódico e técnico) e seis fases (definição do objeto, observação, descrição, interpretação, considerações finais, bibliografia). Ambos os estágios foram orientados por um aporte teórico e por uma vigilância epistemológica que percorreu todo o desenvolvimento da pesquisa.

1.6.1 Níveis da pesquisa

Os quatro níveis apontados orientam no aporte teórico, prático, interpretativo e avaliativo do estudo a ser realizado ao longo da elaboração da dissertação do mestrado (LOPES, 2005). O *nível epistemológico* contribui para a ruptura epistemológica (objeto científico versus objeto concreto) e a construção do objeto científico (objeto produzido por meio de um processo de objetivação e conscientização). É a etapa inicial que consiste em apresentar o olhar do pesquisador e o seu envolvimento com o assunto avaliado e interesse em estudá-lo. Trata-se de um ciclo que exige a vigilância crítica do estudioso para que esteja aberto a deduções, induções, seleções e combinações que contribuem para o desenvolvimento da pesquisa.

> É o nível que exerce uma função de vigilância crítica na pesquisa. Ao longo de toda a pesquisa esse nível se traduz em movimentos ou operações destinadas à explicitação dos obstáculos epistemológicos da pesquisa e sua autocorreção e à construção do objeto científico (LOPES, 2010, p. 121).

O *nível epistemológico* envolve todas as fases da pesquisa, desde a escolha do problema, o recorte e estruturação, passando pelo procedimento de coleta dos dados – teorias, técnicas e métodos – e chegando à sua explicação ou teorização para a formulação do pensamento autorreferencial e a constatação do objeto de estudo. Para isso, o envolvimento da pesquisadora com a Educomunicação – por meio de estudos e a experiência em alguns projetos educacionais – condicionou a escolha da temática da pesquisa.

A partir de levantamento[27] constatou-se a existência de projetos intermediados pelas linguagens da comunicação desenvolvidos em unidades de ensino do Alto Tietê. Há

[27]Além de coordenadora geral do projeto educacional Dat – Formando o Cidadão do Futuro, atuo nas áreas na editoria de Educação nos jornais Diário do Alto Tietê e Mogi News, do Grupo Mogi News, e como repórter para a seção Educomunicação, do jornal Plural, de Poá. Essas experiências permitem o contato com diversas escolas do Alto Tietê para conhecer seus trabalhos, suas ações, eventos e experiências pedagógicas inovadoras. Tal interação levou ao mapeamento de alguns projetos que direcionaram a escolha

escolas que integram a mídia à sala de aula, realizam trabalho com o aporte dos meios e incentivam produção autoral atuando com diferentes gêneros discursivos, dentre eles os canais informativos, como os jornais, rádios, tevês, blogs e redes sociais escolares. Percebe-se que há contribuições significativas quando o ensino passa ser incrementado por abordagens pedagógicas que levam em consideração os meios, o que faz com que ocorram transformações relevantes tanto para o público envolvido quanto para o espaço atendido. A observação da existência da produção midiática para a Educação[28] inspirou a investigação dessa intervenção e a possível disseminação da Educomunicação nessa região. Mais que a identificação de um campo de estudos, há o interesse em revelar as mudanças que ele possibilita e em verificar se a área contribui para a práxis transformadora (FREIRE, 2014) numa agência de socialização (SETTON, 2011) que carece de inovações para a disseminação do conhecimento (ZANCHETTA, 2005).

Para a constatação dessas hipóteses, houve um recorte para o desenvolvimento da pesquisa empírica. A escolha de três grupos pertencentes às séries finais dos três ciclos da Educação Básica, de duas escolas públicas do Alto Tietê, permitiu chegar a um consenso científico com relação aos pressupostos mencionados e às respostas às indagações que condicionam a pesquisa. O aporte teórico, a experiência prática e a aplicação da teoria, técnicas e métodos constituíram a base para a elaboração da problemática da pesquisa, e, por sua vez, o caminho para a continuidade deste estudo que remete a um aspecto da realidade, no caso, educacional:

> É a problemática da pesquisa, ou em termos mais precisos, o objeto teórico, que permite submeter a uma interrogação sistemática os aspectos da realidade postos em relação por um conjunto de questões teóricas e práticas, que lhe são colocadas. As respostas antecipadas a essas questões integram a fase de elaboração das hipóteses que devem estar presas conceitualmente à problemática (LOPES, 2004, p. 26).

---

do objeto de pesquisa (conforme explicado na trajetória da pesquisadora na interface Comunicação e Educação).

[28] A produção midiática para a Educação é uma das sete áreas articuladas por Ismar Soares. Segundo a perspectiva do pesquisador, é voltada às publicações direcionadas ao segmento educacional e que possuem o compromisso não apenas de informar, mas, também, de educar. A abordagem usada nesta pesquisa é direcionada às produções realizadas pelos alunos no espaço educativo. Neste sentido, a produção midiática existe há muito tempo, podemos citar o projeto realizado com Celéstin Freneit com o jornal escolar; Mário Kaplún com o rádio; Guilherme Orózco-Gomes com os trabalhos de recepção à televisão; dentre outros. O incentivo à autoria por meio dos dispositivos comunicacionais não são práticas atuais, conforme será discutido no tópico "Práticas inspiradoras", no capítulo II. No entanto, elas vêm sendo inovadas com os recursos tecnológicos, ganhando novos formatos e, ainda hoje, sendo consideradas propostas importantes para disseminar diversas áreas do conhecimento.

O *nível teórico* agregou estudiosos que auxiliaram na reflexão e avaliação do tema abordado e a apontar a relevância da pesquisa tanto no campo científico quanto no social. Os seguintes embasamentos teóricos fundamentaram a construção da pesquisa:

a) Metodologia: o processo epistemológico e metodológico foi construído com as orientações de Maria Immacolata Vassalo de Lopes, Roberto Yin, Antonio Joaquim Severino e Antonio Carlos Gil. Suas teorias embasaram os métodos e técnicas para a seleção da amostragem, coleta dos dados e avaliação dos resultados.

b) Educomunicação: histórico, áreas de intervenção, o papel do educomunicador e as contribuições dessa área ao espaço educativo, baseando-se em autores que atuam na interface Comunicação e Educação, dentre eles Adilson Citelli e Ismar Soares.

c) Experiências educomunicativas: registro de algumas ações articuladas com os suportes midiáticos em diferentes épocas; com destaque para Célestin Freinet e Alice Faria (jornal); Roquete Pinto e Anísio Teixeira (rádio); Guilhermo Orózco-Gomes (televisão); e de outros que promovem reflexões sobre a mídia e a educação, como Maria Luiza Belloni, Maria da Graça Setton, Mônica Fantin e Gilka Girardello.

d) Autoria: reflexões sobre a produção autoral como fonte de aprendizado e estímulo à participação; e o uso da mídia para promover a expressão ética, estética e política, com base nos estudos de Gilka Girardello e Pedro Demo.

e) Dispositivos comunicacionais: análise da utilização dos dispositivos comunicacionais para promover a produção autoral com base na cultura da participação, colaboração e interação, articulada por Henry Jenkins.

f) Interdisciplinaridade: estudo da integração entre as diversas áreas do conhecimento para a realização de práticas educativas consideradas diferenciadas por contemplar o ensino integrado e não segmentado; o trabalho em conjunto e não individual; a inter-relação de saberes e a não separação por disciplinas; a contextualização, a vivência prática, a experiência e o aprendizado compartilhado e a atuação colaborativa. Obras de Elda Silva do Nascimento Melo, Camila Rodrigues dos Santos e Erivania Melo Morais trouxeram reflexões bastante produtivas para este trabalho.

g) Diretrizes: acompanhamento de documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) dos ensinos Fundamental I, II e Médio, e, em especial, os programas de Língua Portuguesa e de Linguagens, Códigos e Novas Tecnologias, da Secretaria de Estado de Educação de São Paulo; Procedimentos curriculares do programa

Ler e Escrever; Lei de Diretrizes e Bases (LDB); Plano Nacional da Educação (PNE); Base Nacional Curricular Comum (BNCC).

h) Tempo escolar: Dentre os teóricos, foram estudados Adilson Citelli, Claudia da Mota Darós Parente, Hartmut Rosa, Jonathan Crary, Pierre Dardot e Christian Laval. São autores que debatem as relações entre tempo e espaço escolares; a teoria da aceleração social do tempo; a cultura do 24/07; os reflexos da modernidade tardia no cenário educativo; e estudos para avaliar como alunos e professores lidam com o tempo escolar para a realização de suas atividades.

Segundo Lopes (2010), a teoria interage dinamicamente com os demais níveis metodológicos da pesquisa:

> No plano epistemológico, enquanto conjunto significativo pertinente a uma problemática de base empírica; no plano metódico, enquanto conjunto coerente de proposições que fornecem um quadro explicativo e compreensivo; no plano técnico, enquanto conjunto de hipóteses a serem testadas empiricamente (2010, p. 126).

No *nível metódico*, há a estruturação do objeto científico e o processo de objetivação por meio da exposição e causação dos elementos constitutivos para a elaboração da pesquisa. Nesta etapa, houve a escolha dos métodos apropriados para a consolidação do trabalho. O estudo de caso foi a metodologia escolhida para o desenvolvimento da pesquisa. Segundo Yin (2001), este método representa uma investigação empírica e compreende um procedimento abrangente, com a lógica do planejamento, da coleta e da análise de dados. O recorte pode agregar caso único ou múltiplo, assim como abordagens quantitativas e qualitativas.

Para Lüdke e André (1986), o estudo de caso pode ser "simples e específico" ou "complexo e abstrato". Possui um interesse próprio, único e particular, tendo como análise um cenário específico, delimitado, contextualizado em tempo e lugar para que se possa realizar uma busca circunstanciada de informações. Trata-se de uma estratégia que investiga um fenômeno contemporâneo partindo do seu contexto real, e o seu propósito "não é o de proporcionar o conhecimento preciso das características de uma população, mas sim o de proporcionar uma visão global do problema ou identificar possíveis fatores que o influenciam ou são por ele influenciados" (GIL, 2010, p. 38).

A escolha das duas escolas – uma municipal e outra estadual – representa este recorte. Como a descrição refere-se a dois cenários, o estudo pode ser considerado um caso múltiplo, e é por meio dele que será analisado um problema interno (dificuldade da implementação de projetos interdisciplinares na interface Comunicação e Educação

devido à jornada curricular e disciplinar) que reflete uma problematização que vai além da realidade observada. A sua avaliação pode esclarecer percepções acerca de um fenômeno, o da Educomunicação, da articulação, da aplicação por meio de projetos e da disseminação desse campo em uma região no interior de São Paulo.

A pesquisa é de cunho qualitativo, sem abandonar a preocupação epistemológica e a escolha de procedimentos que levem a resultados emancipatórios. Atenção necessária para evitar o senso comum, embora ele não deva ser descartado por também contribuir para o ponto de partida de um estudo científico.

> [...] a pesquisa qualitativa, além de valorizar os patrimônios culturais da comunidade, precisa contribuir para a ruptura histórica, tal qual se modula na "aprendizagem transformadora" à la Mezirow. O senso comum será útil como ponto de partida, mas dificilmente como ponto de chegada, porque não queremos mais chegar ao senso comum; queremos sair dele no que tem de posicionamentos subalternos. No senso comum há sabedorias imprescindíveis para a construção de proposta alternativa, evitando que, seguindo a sereia do conhecimento científico, apenas troquemos de colonialismo ou aportemos em positivismos manhosos (DEMO, 2016, p. 107 e 108).

Quanto à natureza da pesquisa, ela possui caráter bibliográfico (para a fundamentação do tema a ser debatido), na qual a pesquisadora trabalhou a partir das contribuições de autores que auxiliam nos estudos analíticos da dissertação (SEVERINO, 2007). Também é considerada documental[29] (para conhecimento do histórico dos espaços a serem estudados) e envolveu uma pesquisa de campo[30] para o levantamento de informações, dados, experiências relevantes para ajudar na verificação concreta das hipóteses articuladas anteriormente a esse contato direto com o objeto de estudo. Quanto

[29]"No caso da pesquisa documental, tem-se como fonte documentos no sentido amplo, ou seja, não só de documentos impressos, mas sobretudo de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações e documentos legais. Nestes casos, os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda matéria-prima, a partir da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise" (SEVERINO, 2007, p. 123).

[30]"Na pesquisa de campo, o objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta de dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador. Abrange desde os levantamentos (*surveys*), que são mais descritivos, até estudos mais analíticos" (SEVERINO, 2007, p. 123).

aos objetivos, a pesquisa é exploratória (para o aprofundamento da área de estudo)[31] e explicativa[32] (para justificar e defender a relevância do objeto de estudo).

No *nível técnico*, são explorados os procedimentos que possibilitam o contato com o objeto de estudo e os sujeitos da pesquisa. Segundo Lopes (2010, p. 128), "é o lugar da construção dos dados ou do objeto empírico. Compreende os procedimentos de coleta das informações e das transformações destas em dados pertinentes à problemática geral. Será em função desses dados que se elaborará o objeto científico". As suas operações são realizadas em três etapas: a observação (da informação ao dado), a seleção (do dado ao objeto) e a operacionalização (do objeto à informação). Para contemplar esses requisitos, realizamos a observação do processo de elaboração das produções autorais por intermédio dos projetos que inter-relacionam a Comunicação e Educação; entrevistas estruturadas com os gestores das duas unidades e os mediadores dos projetos; questionários com três grupos de alunos (Fundamental I, Fundamental II e Médio) e duas turmas de professores (Emef Waldemar Costa Filho e E.E. Mario Manoel Dantas de Aquino); e uma roda de conversa estruturada com alunos dos ensinos Fundamental II e Médio.

Estes dois últimos níveis (metódico e técnico) ajudam na formulação tanto de uma "metodologia da pesquisa", que envolve o estudo dos métodos ou a teorização da prática, quanto uma "metodologia na pesquisa", que indica a aplicação dos métodos, a vivência prática (LOPES, 2004). Além disso, esse processo constitui a formulação da "teoria em atos", conforme ressaltado por Bourdieu (1989), que a conceitua como a união entre métodos e técnicas para a formulação de uma pesquisa atentando-se aos atos epistemológicos (construção, ruptura e prova dos fatos) e aos perigos epistemológicos (construção, ruptura e constatação). Atenção fundamental para a construção, significação e legitimação do campo científico.

> É o campo científico, enquanto lugar de luta política pela dominação científica, que designa a cada pesquisador, em função da posição que ele ocupa, seus problemas, indissociavelmente políticos e científicos, e seus métodos, estratégias científicas que, pelo fato de se definirem expressa ou objetivamente pela referência ao sistema de posições políticas e científicas constitutivas do campo científico, são ao mesmo tempo estratégias políticas (BOURDIEU, 1989, p. 126).

---

[31] "A pesquisa exploratória busca apenas levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto. Na verdade, ela é uma preparação para a pesquisa explicativa" (SEVERINO, 2007, p. 123).

[32] "A pesquisa explicativa é aquela que, além de registrar e analisar os fenômenos estudados, busca identificar suas causas, seja através da aplicação do método experimental/matemático, seja através da interpretação possibilitada pelos métodos qualitativos" (SEVERINO, 2007, p. 123).

Segundo Lopes (2004, p. 30), "toda pesquisa é uma verdadeira aventura metodológica, onde há necessidade de exploração, criatividade e rigor". Esses níveis e fases nos acompanharam nessa aventura pelo campo científico e estruturaram, de forma fundamentada, articulada e exploratória, um estudo, de fato, significativo tanto à área acadêmica quanto à área social. A estratégia metodológica corresponde à complexidade do objeto e a uma descrição, interpretação e avaliação construtiva tanto para o capital epistêmico (interesses cognitivos) quanto ao capital simbólico (interesses sociais).

1.6.2. Fases da pesquisa

O segundo momento de operacionalização do modelo metodológico da pesquisa organizado por Lopes (2010) é o da articulação das fases, que, em conjunto com os níveis epistemológico, teórico, metódico e técnico, irão estruturar o estudo científico. Segundo a pesquisadora, são quatro as etapas que direcionam a construção do objeto empírico: definição do objeto, observação, descrição e interpretação.

A definição do objeto consiste na escolha do assunto a ser estudado e o que será avaliado para possibilitar a consistência teórica e prática do que está sendo defendido. Envolve o problema da pesquisa (problemática a ser desvendada dentro de um campo científico), o quadro teórico de referência (autores fundamentais para melhor apropriação do tema abordado e articulação dos procedimentos práticos) e as hipóteses (pressupostos acerca do que se acredita e defende por meio do estudo científico).

A observação traz a amostragem da pesquisa, ou seja, o que será estudado para a abordagem do tema proposto. Alunos, professores e gestores das duas escolas avaliadas fazem parte dessa seleção. Com eles foram desenvolvidas as técnicas de coleta que permitiram o estudo aprofundado das práticas pedagógicas realizadas com o apoio dos recursos midiáticos e comunicacionais. A descrição, assim como a sua nomenclatura, consiste na análise descritiva de todos os dados coletados por meio de diferentes métodos e técnicas para a construção do objeto, que pode partir dos dados aos fatos ou vice-versa, trata-se da primeira etapa da análise dos dados apurados. A interpretação é a segunda etapa dessa análise, quando ocorre a avaliação interpretativa de tudo o que foi coletado ao longo da pesquisa.

> É somente através dessa fase de elaboração interpretativa dos dados que se pode atingir um padrão de trabalho científico unificado na área de conhecimento da Comunicação. Só esse padrão é capaz de coordenar organicamente teoria e pesquisa, operações técnicas, metodológicas, teóricas e

> epistemológicas numa única experiência de investigação. (LOPES, 2010, p. 152)

Em continuidade ao processo, a pesquisadora traçou uma avaliação de toda a pesquisa e a sua contribuição ao conhecimento científico e aos interesses sociais.

1.6.3. Imbricações

Sendo a metodologia da pesquisa um processo de tomada de decisões e opções que estruturam a investigação em níveis e fases e que se realizam no espaço epistêmico (LOPES, 2004), três atitudes estiveram presentes em todos os atos do estudo em andamento: a vigilância, a crítica e a autorreflexão. Diante disso, é por meio das imbricações entre os níveis e as etapas da pesquisa que se constataram erros e acertos; pontos positivos e negativos; dificuldades e necessidades; situações imprescindíveis para a formulação da problemática, das hipóteses, dos pressupostos e a consistente descrição de tudo o que foi coletado, além de uma interpretação coerente do material apurado. O caráter reflexivo ao longo do estudo foi uma constante em nossa trajetória como pesquisadora, procurando desenvolver em nós uma característica importante, segundo Bourdieu (1999), a do *habitus* científico.

> O caráter reflexivo da prática da pesquisa é algo natural (não há ciência sem reflexão) e o exercício da reflexividade é indispensável para criar a atitude consciente e crítica por parte do pesquisador quanto às operações metodológicas que realiza ao longo da investigação. É também o questionamento constante a que deve submeter a construção, a observação e a análise de seu objeto de pesquisa. Essa reflexividade permanente, cultivada por parte do pesquisador, tende a tornar-se disposição intelectual possível de internalizar-se e constituir-se em habitus científico (BRAGA; LOPES; MARTINO, 2010, p. 29).

Este projeto, portanto, visa contribuir com o campo científico a partir da realização de uma pesquisa que colabora com sua área de atuação, e com a evolução dos conhecimentos e práticas na área acadêmica. Busca uma atuação mais ativa e participativa em estudos relevantes à sociedade, por serem experiências que permitem um olhar, de fato, significativo à prática científica, afinal: "O desenvolvimento de um campo científico, então, é sempre o resultado da dupla combinação dos interesses sociais e interesses cognitivos na acumulação tanto de capital simbólico como de capital epistêmico" (BRAGA; LOPES; MARTINO, 2010, p. 40).

1.7 Amostragem

Os gestores, alunos e professores participantes dos projetos são os sujeitos desta pesquisa. Aos educandos, foi aplicado um questionário a três grupos, representando os ensinos Fundamental I, II e Médio. O formulário abordou seis seções, quatro delas com perguntas fechadas e duas com questões abertas: (I) Perfil dos participantes; (II) Impressões sobre a escola e os estudos; (III) Relação com a mídia e as novas tecnologias; (IV) Linguagens da comunicação no espaço educativo; (V) Envolvimento nos projetos que adotam as linguagens da comunicação; (VI) Percepções acerca dos projetos autorais e da formação estudantil. As primeira e última etapas trazem questões dissertativas.

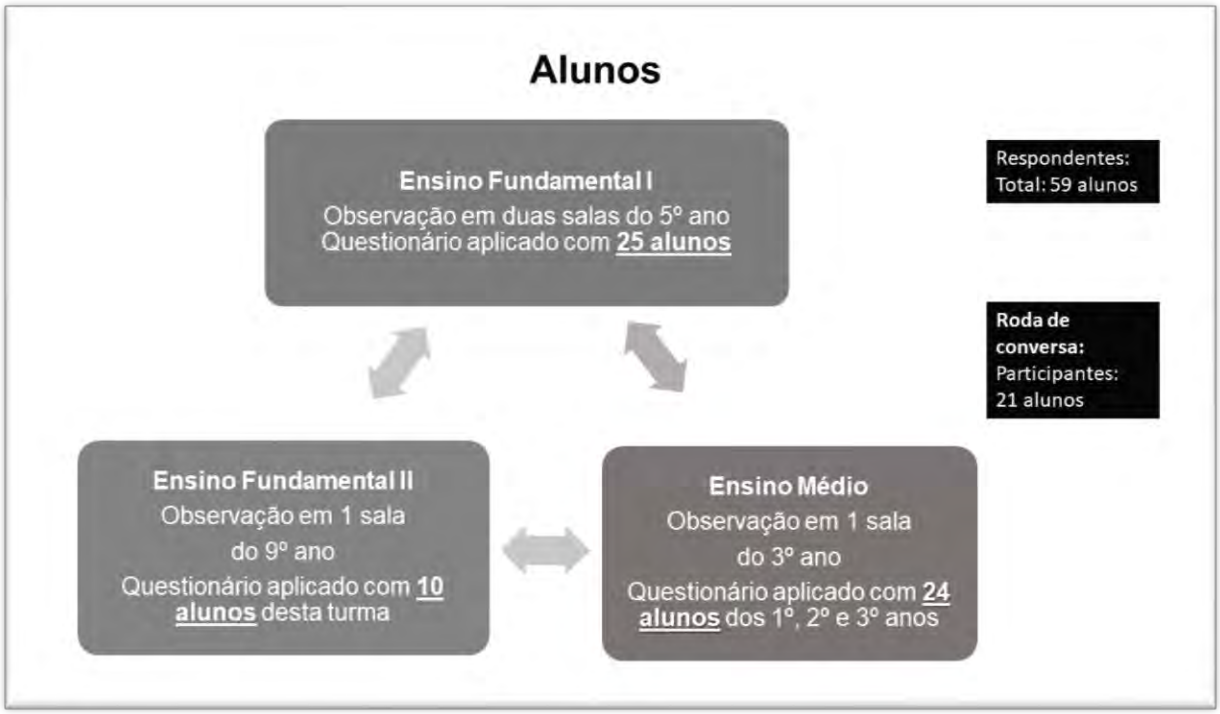
Aos educadores dos mesmos ciclos de ensino, o questionário foi dividido em quatro seções: (I) Perfil; (II) Relação com a mídia e as novas tecnologias; (III) As linguagens da comunicação no espaço escolar; (IV) Envolvimento nos projetos e os desafios para a implementação, com perguntas abertas. Dois grupos participaram desta etapa da pesquisa, os do Fundamental I, representados pela Emef Waldemar Costa Filho; e Fundamental II e Médio, da E.E. Mario Manoel Dantas de Aquino.

Aos gestores, optou-se por uma entrevista estruturada seguindo os seguintes aspectos: (I) Perfil; (II) Relação com a mídia e as novas tecnologias; (III)) As linguagens da comunicação no espaço escolar; (IV) Envolvimento nos projetos e os desafios para a implementação. O roteiro condicionou a conversa a fim de conhecer o trabalho da gestão escolar, a dinâmica da escola, a realização dos projetos e o compromisso da unidade com ações emancipadoras.

Os mediadores participaram de entrevista estruturada com questões sobre os projetos desenvolvidos. Apenas os educadores da E.E. Mario Manoel Dantas de Aquino foram interrogados.

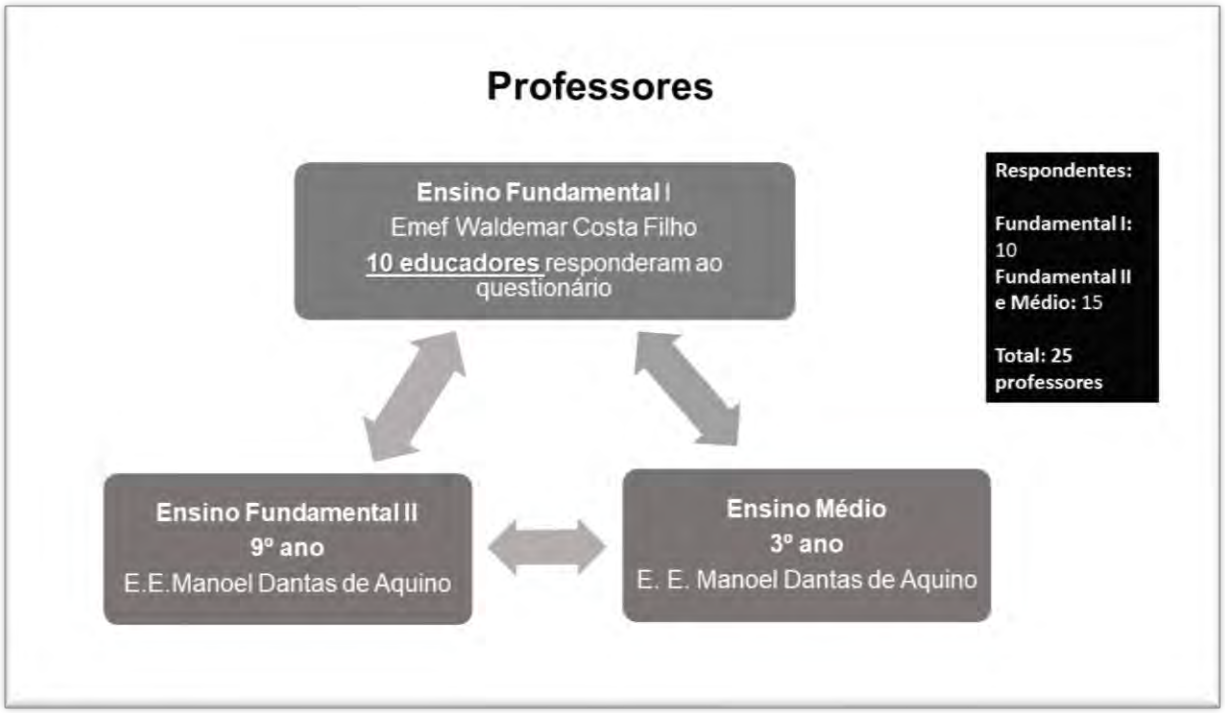
O processo de investigação foi finalizado com uma roda de conversa com alunos do Fundamental II e Médio.

Imagem 9 – Alunos que responderam aos questionários e turmas observadas



Fonte: Autora (2018)

Figura 10 – Professores que responderam aos questionários



Fonte: Autora (2018)

Os projetos analisados são realizados nas respectivas escolas durante um período de cerca de cinco a oito anos. Por este motivo as três séries finais de cada ciclo foram inicialmente as escolhidas para acompanhar as aulas. No entanto, a aplicação dos questionários envolveu a participação de alguns deles, sob orientação da direção.

1.8 Instrumentos de pesquisa

A Ciência é vista como a construção do conhecimento, unindo a epistemologia (percurso histórico), a metodologia (sistemática) e técnicas (operacionalização) (GIL, 2011). A vivência nas escolas escolhidas e o contato direto com os sujeitos de pesquisa, as técnicas de coleta e os métodos definidos para a operacionalização deste estudo auxiliaram na problemática da pesquisa e na verificação de suas respectivas hipóteses e justificativas para a concretização dos resultados. Um processo permeado por uma série de etapas:

> A pesquisa é desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos e técnicas de investigação cientifica. Na realidade, a pesquisa desenvolve-se ao longo de um processo que envolve inúmeras fases, desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados (GIL, 2010, p.1).

Conforme apontado, os seguintes instrumentos foram utilizados para o levantamento dos dados e a avaliação do objeto de estudo:

a) observação das atividades com visitas semanais às unidades no período de 13 meses (março de 2017 a junho de 2018, com exceção no período de férias – julho, dezembro e janeiro);
b) entrevistas estruturadas com os gestores das unidades (uma informal no início do processo e uma formal no final da pesquisa) e os mediadores dos projetos (no meio da pesquisa);
c) aplicação de questionários com 51 alunos e 25 professores dos três ciclos da Educação Básica (ensinos Fundamental I, II e Médio); e
d) roda de conversa com grupo de 21 estudantes dos ensinos Fundamental II e Médio.

A observação possibilitou o acompanhamento geral das atividades desenvolvidas. De acordo com Severino, “é todo procedimento que permite acesso aos fenômenos estudados. É etapa imprescindível em qualquer tipo ou modalidade de pesquisa” (2007, p. 125). A entrevista com os gestores ajudou na coleta de informações sobre o assunto estudado diretamente com os sujeitos pesquisados: “Trata-se, portanto, de uma interação

entre pesquisador e pesquisado. Muito utilizada nas pesquisas da área de Ciências Humanas. O pesquisador visa apreender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam" (SEVERINO, 2007, p. 124). No caso deste estudo, as entrevistas foram estruturadas com perguntas direcionadas ao perfil do gestor; seu envolvimento com a mídia; a dinâmica dos projetos nas escolas; e dificuldades na sua implementação e desenvolvimento.

> Por meio delas, colhem-se informações dos sujeitos do seu discurso livre. O entrevistador mantém-se em escuta atenta, registrando todas as informações e só intervindo discretamente para, eventualmente, estimular o depoente. De preferência, deve praticar um diálogo descontraído, deixando o informante à vontade para expressar sem constrangimento suas representações (SEVERINO, 2007, p. 125).

A aplicação de um questionário aos alunos e professores auxiliou no levantamento de informações importantes por parte dos sujeitos pesquisados, o que possibilitou o conhecimento acerca da opinião dos participantes sobre o estudo.

> As questões devem ser pertinentes ao objeto e claramente formuladas, de modo a serem bem compreendidas pelos sujeitos. As questões devem ser objetivas, de modo a suscitar respostas igualmente objetivas, evitando provocar dúvidas, ambiguidades e respostas lacônicas. Podem ser questões fechadas ou abertas (SEVERINO, 2007, p. 125).

Segundo Severino (2007), o processo de investigação envolve três fases: há o momento da invenção, da intuição, da descoberta, da formulação de hipóteses, fase eminentemente lógica em que o pensamento é provocador, o espírito é atuante; logo após parte-se para a pesquisa positiva, seja experimental, de campo ou bibliográfica.

> Nesta etapa, o espirito é posto diante dos fatos, de outras ideias; há a oportunidade de cotejar as primeiras intuições com as intuições alheias ou com os fatos objetivos. Do confronto nasce uma posição amadurecida. Abandonam-se algumas ideias, acrescentam-se novas, reformulam-se outras. Isto quer dizer que a primeira formulação não é necessariamente definitiva: inicialmente, do ponto de vista logico, será tão-somente provisório (SEVERINO, 2007, p. 133).

Já a terceira etapa, ou seja, no momento em que, amadurecida uma posição, se parte para a composição do trabalho, então é preciso estar de posse de uma formulação definitiva, que poderá confirmar a primeira ou modificá-la. O pesquisador alerta que estas fases não estão sendo consideradas distintivamente, uma vez que são concomitantes nas várias etapas do trabalho científico, considerando de um ponto de vista da técnica de sua elaboração (SEVERINO, 2007).

Segundo Gil, o êxito de uma pesquisa depende fundamentalmente de certas qualidades intelectuais e sociais do pesquisador, tais como: conhecimento do assunto a ser pesquisado; curiosidade; criatividade; integridade intelectual; atitude autocorretiva; sensibilidade social; imaginação disciplinada; perseverança e paciência; confiança na experiência (GIL, 2010, p. 2). Procedimentos importantes para o trabalho interpretativo, argumentativo e apreciativo:

> Afinal, o objetivo de uma pesquisa é fundamentalmente a análise e interpretação do material coletado. É na consecução desse objetivo que se podem aferir os resultados da pesquisa e avaliar o avanço que ela representou para o crescimento científico da área (SEVERINO, 2007, p. 223).

Após a apresentação da construção metodológica adotada para a realização desta pesquisa, seguimos para a construção epistemológica. O contexto histórico, as teorias e autores que norteiam este estudo vão ser apresentados seguindo três pontos que conduzem a construção deste estudo: o diálogo entre a comunicação e educação; breve histórico da educação midiática; a Educomunicação e suas áreas de intervenção; para, então, seguirmos para a autoria e a produção midiática. Este roteiro fundamenta o estudo de caso idealizado com a práxis (pesquisa de campo) a teoria (reflexão epistemológica).

Parte II

Construção epistemológica

Contribuições teóricas para a análise do objeto de estudo

Contribuições teóricas para a análise do objeto de estudo

2. Construção epistemológica

2.1 Comunicação e Educação: o diálogo necessário

A sociedade da informação e da comunicação está promovendo novas configurações no âmbito sociocultural e gerando mudanças nos modos de o sujeito ser e estar no mundo. São transformações que propõem um dos maiores desafios ao sistema escolar: a reconsideração dos novos espaços de aprendizados (MARTÍN-BARBEIRO, 2006, p 56). Com os recursos comunicativos, tecnológicos e informacionais, presenciamos a transformação na circulação do saber, o que leva a escola a repensar o formato que há anos compõe a sua estrutura: centralizador, personificado, instrumental e funcionalista.

Os novos tempos abrem espaço para diferentes ambientes de aprendizagem, intitulados por Martín-Barbero como "saberes-mosaicos" (2006, p. 56). Segundo o autor, eles são aprendidos em pedaços, de forma descentralizada e aleatoriamente. Um aluno, ao fazer uso desses meios, pode se atualizar sobre os fatos do cotidiano e, em conjunto, encontrar curiosidades acerca de determinado conteúdo pertinente a uma das disciplinas curriculares. Do mesmo modo, um professor, ao acompanhar o noticiário, pode encontrar uma reportagem apropriada para suas aulas. Ambos realizam essas atividades de acordo com o seu tempo e espaço, ou seja, adquirem novos conhecimentos de forma dissociada. De acordo com o estudioso latino-americano, essa descentralização representa um alerta a educadores ao ter de considerar que

> A escola está deixando de ser o único lugar de legitimação do saber, já que há uma variedade de saberes que circulam por outros canais, difusos e descentralizados. A diversificação e a difusão do saber, fora da escola, são dois dos desafios mais fortes que o mundo da comunicação propõe ao sistema educativo (2006, p. 56).

Segundo o pesquisador, aprende-se em todas as idades e em qualquer lugar: "uma fábrica, uma casa para idosos, uma empresa, um hospital, os grandes e pequenos meios e especialmente a internet" (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 121). Isso porque estudantes e educadores encontram-se num mundo midiatizado, e, a todo momento, são influenciados pelo o que leem, ouvem, assistem e acompanham pelas redes impressas, e, principalmente, digitais. Silva (2014) destaca que "essa virtualização influencia a

maneira como os seres humanos se relacionam entre si e, também, como os próprios indivíduos se apropriam das tecnologias" (2014, p. 59).

Diante deste cenário, onde novas linguagens circulam e sensibilidades se constroem, torna-se imprescindível repensar os dois campos específicos e autônomos que formam a interface de nosso estudo: a educação, com suas teorias da aprendizagem que orientam a transmissão do saber; e a comunicação, que se preocupa com a difusão das informações pelo sistema produtivo (SOARES, 2000).

A área educacional visa à disseminação do conhecimento para o desenvolvimento social; caracteriza-se por um sistema hierárquico, sistematizado, classificatório, burocrático e pragmático. Enquanto o segundo segmento preocupa-se com a circulação da informação e a disseminação de suas representações nos sujeitos.

Buscar o diálogo entre estes dois setores é um dos objetivos dos pesquisadores que atuam na interface. Não se pode negar a sua inter-relação, uma vez que a mídia encontra-se presente no cotidiano escolar, tanto pelos suportes, quanto, principalmente, pelos livros. Os currículos educacionais incentivam o uso dos meios de comunicação no ambiente escolar, seja para complementar os conteúdos programáticos como aprimorar a leitura, e, ainda, estimular capacidade escritora, pois, segundo os documentos, considera-se que aqueles que escrevem melhor são os que se apropriam dos diferentes portadores de leitura, incluindo os meios de comunicação.

No entanto, o trabalho na interface vai além da questão programática. Busca-se a compreensão dos processos de construção, produção e circulação dos meios informativos. Esse campo se compromete com a formação de sujeitos conscientes e aptos a interpretar a realidade à sua volta, que é construída de acordo com as informações que chegam ao nosso alcance, e não conforme o que realmente observamos à nossa frente. Baccega (2014) nos fala de um mundo editado, ou seja, reconfigurado, a fim de atender a um determinado interesse, principalmente de ordem econômica:

> O desafio, hoje, é a interpretação do mundo em que vivemos, uma vez que as relações imagéticas estão carregadas da presença da mídia. Trata-se de um mundo construído pelos meios de comunicação, que selecionam o que devemos conhecer, os temas a serem pautados para discussão, e, mais que isso, o ponto de vista a partir do qual compreenderemos esses temas. Eles se constituem em educadores privilegiados, dividindo as funções antes destinadas às famílias (BACCEGA, 2004, p. 124).

Esse mundo, formado pelos meios de comunicação, passa a confrontar com tradicionais agências de socialização – a escola e a família. É a partir desta discussão que Bacegga (2011) considera a constituição do campo comunicação e educação

(educomunicação): “Há entre elas (agências) um embate permanente pela hegemonia na formação dos valores dos sujeitos, buscando destacar-se na configuração dos sentidos sociais” (2011, p. 31). A interface assume a responsabilidade de promover o diálogo entre as agências ao levar em conta, sobretudo, o papel da mídia na configuração da cultura, em especial, a escolar.

Um dos norteadores da comunicação e educação é a construção da cidadania. Por meio dela é possível compreender o mundo editado que assume o lugar da verdade. Trata-se de um trabalho voltado à leitura crítica da mídia, que visa a preparação dos sujeitos para reinterpretar, de forma reflexiva, o fluxo de informações disparadas pelos diferentes dispositivos comunicacionais. A criticidade visa à promoção da cidadania, que, para a sua construção, não pode ignorar a presença da mídia. O ensino, por sua vez, valoriza a aquisição dessa habilidade, quando propõe uma “educação para a cidadania”. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), busca-se um ensino crítico, formador de seres humanos conscientes de sua importância na sociedade onde vivem. Essa importante missão pode ser cumprida por meio de uma parceria entre a escola e os meios de comunicação, que devem ser reconhecidos como um outro lugar do saber. O desafio é complexo, porque não consiste apenas no incentivo à leitura das informações, e sim na sua transformação em conhecimento, cujo processo é baseado na inter-relação e não na fragmentação (BACCEGA, 2004). Por este motivo, o exercício induz à crítica.

Os currículos educacionais nacionais reconhecem a utilização dos meios de comunicação em sala de aula. Há vários tópicos que induzem o trabalho associado entre os conteúdos de uma disciplina e reportagens de um veículo impresso ou digital. Isso ocorre principalmente nos programas de Língua Portuguesa, conforme serão especificados no capítulo IV. Nessa matéria, o incentivo à leitura, à escrita e à interpretação norteiam os objetivos, considerando que essas são as competências essenciais a todas as áreas do conhecimento. Dentre os trabalhos neste programa, está a apresentação dos gêneros textuais, que são exemplificados com recortes de publicações jornalísticas, e, nos ciclos finais, o incentivo à produção textual. Este panorama evidencia um trabalho pontual com a mídia.

Trabalhar a relação entre a comunicação e a educação no cenário educativo não consiste apenas na disponibilização de suportes informativos e tecnológicos, mas sim no uso consciente dos meios, que não podem devem ser instrumentais, e sim viabilizadores

de experiências de aprendizagem significativas. Não se deve perder a dimensão dos significados sociais, culturais, históricos embutidos nas atividades comunicativo-tecnológicas:

> O lugar das tecnologias na escola – e mesmo para o chamado ensino a distância – deve ser voltado aos interesses de uma educação definida como emancipadora, capaz de facultar autonomia de pesquisa, e sobretudo, reconhecimento do sujeito no mundo (CITELLI, 2010, p. 80).

Compreender a articulação da comunicação e o processo de produção dos meios informativos está entre as atividades a ser desenvolvidas. A realização das notícias, a começar pela seleção das pautas, abordagem dos assuntos, disposição do conteúdo, as diferentes publicações e suas variadas concepções sobre um mesmo fato. Isso tudo contribui para o início de um olhar diferenciado acerca da produção midiática, o que contribui para o estímulo à criticidade. Segundo Citelli e Costa, "para fazer a crítica, é necessário desvendar, desconstruir, mostrar como essas linguagens são construídas, dar a conhecer, tornar a informação conhecimento" (2011, p. 94). Retomando a questão do conhecimento, Baccega (2011) esclarece que se trata algo "completo", caracteriza-se pela totalidade e é possível pela transdisciplinaridade.

A interface é transdisciplinar, uma vez que pode ser abordada nos diferentes segmentos e, independentemente do campo de atuação, possui uma consideração: a interação com a sociedade. Visa à formação de sujeitos conscientes do seu papel transformador. Os novos formatos comunicacionais modificaram o processo de comunicação. Atualmente, emissor e receptor assumem as duas funções, e a passividade deixou de ser a característica dos recebedores da informação. Adquirir a criticidade, defendida ao longo deste tópico, propicia a habilidade para a interpretação, a argumentação, ampliação de repertório e, por sua vez, a produção e compartilhamento das concepções formadas. Entramos em outro ponto importante da interface da comunicação e educação: o estímulo à produção - de leitores a autores de suas histórias. Foi-se o tempo que uns escreviam, e outros apenas liam. Ambos estão sendo estimulados para exercer as duas atividades, como forma de se expressar, de compartilhar interpretações e semear ideais.

Trata-se de um trabalho que fortalece a cidadania e contribui para uma das abordagens desta linha de estudo: a de formar cidadãos conscientes, mas também produtores (e não reprodutores) como forma de promover transformações no espaço onde vivem, dentre eles, o educativo, em que nossa pesquisa é inspirada.

> A inserção da escola no ecossistema comunicativo, considerando tal passagem como experiência cultural ampla, é um desafio para todos os educadores. Trata-se de encontrar, no interior dos espaços educativos descentrados, o novo lugar da escola como instância que pode e deve vivificar a aprendizagem, investindo na construção do saber, do pensamento crítico, do prazer de conhecer e criar (CITELLI, 2000a, p. 35).

Os ecossistemas comunicativos, aos quais o pesquisador se refere, seriam espaços de socialização do conhecimento mediados pelos canais informativos e tecnológicos. A terminologia foi adotada por Jesús Martín-Barbero, Pierre Levy, Adilson Citelli e Ismar de Oliveira Soares. Segundo Soares (2011), visa à "saúde e ao bom fluxo das relações entre as pessoas e os grupos humanos, bem como o acesso de todos ao uso adequado das tecnologias da informação"[33]. De acordo com Citelli (2011), estão voltados à compreensão dos sentidos do processo educativo e comunicativo. Este é um momento em que os atos comunicativos ganham efemeridade.

> [...] o encontro da comunicação com a educação, acoimadas, de um lado, dos desvios tecnofuncionais e, de outro, das relações operativas e reguladoras tão presentes em procedimentos estritamente transmissivos, pode acontece segundo andamentos dialógicos que desencadeiam as relações intersubjetivas e os jogos enunciativos. É deste encontro de ativação dos princípios de reciprocidade, ou da retroalimentação, que os atos comunicativos ganham efetividade, conquanto sustentados por mediadores técnicos ou dispositivos amplificadores do que está sendo enunciado (p. 64).

Começa então o desafio de promover um novo formato para a escola, com alunos e professores inseridos num processo de conhecimento contínuo, complementar e representativo, um aprendendo com o outro. Como dizia Paulo Freire, "não há saber mais ou saber menos. Há saberes diferentes" (2013a, p. 68), que, ao serem compartilhados, caracterizam uma nova forma de aprender. Premissa presente nos trabalhos que atuam na interface, em especial, os voltados à produção midiática no espaço educativo, que reúne inúmeros saberes – tanto lineares quanto descentralizados - porém, ao serem unidos e articulados, tornam-se construtores de novas realidades. Antes de explicitá-las, passaremos para um breve histórico da Educação Midiática, com as suas diferentes abordagens, e, por último, a linha de estudos que conduz a reflexividade desta pesquisa.

2.2 Breve contexto histórico

A educação para os meios conduz as pesquisas realizadas pelas diferentes linhas de estudos que visam à compreensão da interface Comunicação e Educação. São

[33] O conceito está explicitado no texto "Ecossistemas comunicativos", de Ismar Soares, publicado no portal do Núcleo de Comunicação e Educação - NCE. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/aeducomunicacao/saibamais/textos>. Acesso em setembro de 2018.

desenvolvidas de acordo com os contextos sociais, históricos e culturais e se comprometem com a educação para uma recepção crítica e ativa das mensagens semeadas pelas linguagens da comunicação. Por meio desses estudos, a Educação Midiática vem sendo discutida em âmbito nacional e internacional. Há várias terminologias adotadas, cada uma com a sua particularidade, e, entre elas, algumas similaridades. O Dicionário de Comunicação: Escolas, Teorias e Autores (2014a) lista as seguintes nomenclaturas: *media education*, que promove a educação para a recepção crítica da mídia; *media literacy*, voltada ao estudo dos meios; *educación em médios*, *educacion para la comunicación*, comunicação/educação, pedagogia da comunicação, mídia e escola, *educomídia* e educomunicação (CITELLI, p. 65).

São considerados os cenários onde essas teorias prosperam – ensino formal, informal e não formal – e os conceitos que se apropriam: os de educar "com", "sobre/para" e "pela/através" da mídia, importantes para compreender a base metodológica. De acordo com pesquisadores da Midiaeducação, essa prática pode ser entendida a partir de três perspectivas: crítica – educar "sobre/para" os meios; instrumental – "com" os meios; e expressivo-produtiva – "através" dos meios (COSTA, 2016, p. 97).

Esta pesquisa traz um breve histórico destes estudos e se concentra na Educomunicação, sob a perspectiva do NCE/USP. Perpassar alguns períodos que explicitam a maneira como os meios de comunicação vem sendo observados faz-se necessário para entender o cenário da comunicação que, no seu papel centralizador, vem influenciando significativamente as práticas cotidianas. Vale, portanto, uma reflexão acerca dessas mudanças, em especial, no espaço educativo, que está tendo de se adaptar às reconfigurações imergidas pela sociedade atualmente intitulada de sociotécnica.

No âmbito europeu, americano e latino-americano, projetos que surgiram em diferentes setores da sociedade contribuíram para a consolidação de uma educação para a comunicação. Na América Latina, as primeiras iniciativas ocorreram nos anos 1960[34], direcionadas para a análise crítica do cinema. Produções cinematográficas eram discutidas em encontros nos cineclubes, espaços que, em virtude do cenário político da época, se transformavam em centros de debates. As propostas, até então, desenvolvidas

[34] Nessa época, os estudos eram baseados na Teoria dos Efeitos, voltada à prevalência do emissor sobre o receptor no processo comunicativo. Isto é, "os poderosos meios de comunicação dirigiam o imaginário de uma audiência passiva" (SOARES, 2014, p. 20).

por grupos fechados, passaram a ser inseridas no espaço escolar com a criação do Programa de Educação Alternativa para a Formação de Recepção a partir da Infância (Plan – Deni)[35]. Crianças eram apresentadas à linguagem audiovisual e estimuladas a criarem as suas produções. No Brasil, esse projeto recebeu o nome de Cineduc e foi desenvolvido no Rio de Janeiro.

Nos anos 1970, a televisão passou a ser o centro das atenções. O veículo chegou ao Brasil em 1950 e, com a programação centrada numa concepção americana, passa a interferir na formação cultural dos telespectadores ao disseminar um novo estilo de vida, que recebe o nome de "American way of life". Surgem os grupos de "leitura crítica da comunicação" e "educação para a televisão", organizados em espaços informais e dispostos a impedir a "invasão cultural" dos produtos vindos do Hemisfério Norte. Professores e religiosos se uniram para combater o impacto das mensagens transmitidas pelo veículo. Segundo Soares, "este período provocou a rejeição ao possível diálogo entre a comunicação e a educação, levando à resistência dos sistemas educativos aos programas de Educação Midiática" (2014, p. 20).

Nos anos 1980[36], a temática ganhou amplitude com a articulação da Unesco em promover a aproximação entre a comunicação e educação na esfera da política pública. Eventos discutiram o uso das mídias no cenário educativo e a importância de uma educação voltada aos meios. Os debates levaram à criação do Projeto Principal de Educação na América Latina e Caribe. As ações tinham foco no uso da mídia nas escolas e a educação crítica às mensagens massivas. Buscava-se a democratização da comunicação no continente com a proposta de implantação de uma nova ordem mundial da informação e da comunicação (NOMIC). Os debates ajudaram na reaproximação entre os campos e a formulação de um projeto para promover uma educação para a comunicação.

Os anos 1990 foram marcados pela influência dos estudos culturais ingleses. Segundo esta concepção, não eram os meios que importavam, mas os processos comunicativos enquanto produção cultural. Raymond Williams é um dos representantes

[35] O Plan DENI (Plan de Niño) foi criado em 1968 pelo pedagogo Luiz Campos Martínez. A partir de 1969, o projeto foi assumido pelo Secretariado Latino-Americano da Oficina Católica da Organização Católica Internacional de Cinema (Ocic). Desenvolveu-se no Peru, Equador, Uruguai, dentre outros países da América Latina.

[36] A preocupação não era com a produção, e sim com as mensagens dos meios e seus impactos. Nas décadas de 1980 a 1990, grupos são criados para o estudo da cultura midiática, dentre eles Projeto de Leitura Crítica da Comunicação (LCC), da União Cristã Brasileira de Comunicação (UCBC).

dessas teorias e considerava a cultura como um processo sócio-histórico que cria e assimila sentidos. O autor era pessimista com relação aos meios devido ao seu impacto na formação cultural dos sujeitos, abalada pelas novas representações disseminadas pelos canais. Stuart Hall também se junta a este grupo ao voltar o seu olhar para os estudos da audiência, considerada a receptora e fonte da mensagem. Para Soares, esses "trabalhos ajudaram a fortalecer a perspectiva dialética que reconhece o papel ativo do consumidor de mídias enquanto um construtor de sentidos" (SOARES, 2014, p. 12).

Historicamente, as iniciativas realizadas conforme os aspectos culturais, históricos e sociais formam o panorama de práticas envolvendo as linguagens comunicativas. Os eventos organizados com o apoio da Unesco ajudaram a difundir as diferentes linhas de estudos e a propagar os debates acerca da influência da mídia na sociedade. O I Congresso Internacional[37] que ocorreu no final dos anos 1990 na ECA/USP, com o apoio do World Council for Media Education (WCME), trouxe um balanço dos trabalhos do campo, o perfil dos profissionais e a expectativa para o futuro. As práticas apresentadas destacaram as principais correntes:

a) *Media literacy* – Articulada nos Estados Unidos, esta corrente está voltada à alfabetização midiática e à formação de professores. Desenvolve um trabalho na educação formal centrado na alfabetização da mídia. Começou a ser difundida nos anos 1960, e intensificada nos anos 1990. As iniciativas voltadas à Educação Midiática foram inseridas nos programas curriculares das escolas americanas.
b) *Media Education / Media information* (educação para os meios) - Desenvolvida na Europa, promove a educação para a recepção crítica dos meios de comunicação.
c) *Educomunicação* - A perspectiva latino-americana foca nos processos comunicativos-educativos, e preocupa-se com o fortalecimento da capacidade de expressão de crianças e jovens.

[37] Com o tema "Multimedia and Education in a Globalized World", o evento foi realizado nas sedes do Instituto Cultural Itaú e do Sesc Pompeia, com a participação de 1.500 pessoas, dentre elas 170 especialistas de 130 países. Considerado um dos cinco eventos mais importantes sobre Media Education realizado na época, o encontro serviu de estudo para vários pesquisadores internacionais e ampliou as ações em prol de práticas em âmbito internacional que propagam a Educação Midiática em diferentes espaços educativos. A ação alavancou os trabalhos do NCE/USP, que passou a desenvolver atividades em parceria com a comunidade, unidades de ensino e organizações focadas em processos comunicativos, e não, exclusivamente, na análise dos meios informativos.

O diferencial das linhas de estudos está nos objetivos a serem alcançados durante a prática nos espaços educativos.

> [...] um trabalha para que a criança e o adolescente sejam capazes de produzir conhecimentos a partir a respeito de suas relações com a mídia e de usufruir de seu potencial inovador, dominando processos produtivos; já a outra tem como meta transformar a comunidade educativa num ecossistema comunicativo aberto, dialógico, participativo. Quanto à produção comunicativa, no caso da Educomunicação, o que mais importa é aquela que a própria criança e os adolescentes produzem, colaborativamente. De suas autoavaliações, surgem os indicadores para o julgamento da mídia de terceiros, de seu poder manipulador, de suas contradições ou seu potencial educativo (SOARES, 2014, p. 22).

Para Soares, há três protocolos que identificam os programas de Educação Midiática. Eles englobam um conjunto de conceitos e metodologias que caracterizam o trabalho entre a Comunicação e Educação: (a) moral - remonta aos anos 1930 (mais antigo e hegemônico), destaca as iniciativas idealizadas por religiosos, em especial do Vaticano, para combater as novas culturas trazidas pelas produções cinematográficas e os programas televisivos nos anos 1950; (b) cultural - parte do princípio de que a comunicação e os meios de informação fazem parte da cultura contemporânea e por isso merecem ser conhecidos e estudados; (c) mediático - identificado desde os anos 1980 na América Latina, está baseado nas lutas dos movimentos sociais pelo direito à comunicação, garantindo a todos os sujeitos, pela educação, o acesso à palavra e à expressão.

Os eventos mostraram a importância da expansão da Educação Midiática, sem se deter, especificamente, a suas terminologias, mas sim a sua intervenção nos espaços escolares. Cada grupo de estudo, a seu modo, desenvolve a análise dos meios e das práticas comunicativas, explorando um suporte que já faz parte do cotidiano dos educandos: a mídia.

> É momento de refletir sobre o papel pedagógico e muitas vezes ideológico das mídias. Para o bem ou para o mal, elas estão presentes em nossas vidas de forma cada vez mais forte. Não é possível fechar os olhos para essa realidade. É preciso, pois, estarmos preparados para a compreensão e análise desse fenômeno que diz respeito a todos nós. (SETTON, 2011, p. 10)

Trata-se de um fenômeno que não pode deixar de ser explorado segundo uma perspectiva pedagógica.

2.3 Educomunicação e as áreas de intervenção

Os projetos que formam o objeto da presente pesquisa foram avaliados segundo a perspectiva da Educomunicação. Esse campo é fundamentado na corrente latino-

americana e sua história começa na década de 1960. Teve origem nas práticas sociais voltadas a ações de mobilização em busca do direito à comunicação e às diferentes formas de expressão. Os movimentos ocorriam na América Latina num cenário marcado por um conturbado momento histórico e político devido a regimes ditatoriais.

O termo foi proposto pelo pesquisador uruguaio/argentino Mário Kaplún, na década de 1980, em seu projeto de educação pelo rádio[38]. No entanto, em 1999, recebeu uma nova interpretação. Foi definido pelo NCE/USP como um campo de intervenção social na interface da comunicação e educação. Inicialmente, a Educomunicação recebeu influência do *media education*, que foi propagado internacionalmente e tornou-se referência após menção pela Unesco em eventos realizados em vários países. A concepção europeia promove a educação para a recepção crítica dos meios de comunicação. Com a reformulação dos objetivos, a corrente brasileira passou a se preocupar com os processos comunicativos estimulados pelos recursos midiáticos e tecnológicos.

A nova nomenclatura começou a ser difundida no Brasil por meio de uma pesquisa[39] realizada sob a coordenação do professor Ismar Soares entre os anos de 1997 e 1999 pelo Núcleo de Comunicação e Educação (NCE)[40], da Universidade de São Paulo (USP), que propôs diálogo entre os profissionais atuantes na interface Comunicação e Educação. Segundo Soares (2011, p. 11), "os estudos identificaram a prática desse conceito no seio da sociedade civil, que tomava a comunicação como eixo transversal das atividades de transformação social". O diagnóstico apontou o desejo da formulação de uma nova proposta teórico-metodológica distante das perspectivas tecnicistas, conteudistas ou funcionalistas, condutoras dos sistemas tradicionais de educação e de comunicação.

---

[38] Mário Kaplún trabalha a "comunicação educativa", que abrange o campo da mídia, mas também o tipo de comunicação presente em todo processo educativo, com ou sem os meios comunicacionais e tecnológicos. Apoia a comunicação como componente pedagógico e não como mero instrumental midiático e tecnológico. Para ele, as tecnologias têm sentido quando permitem a construção do conhecimento.

[39] A pesquisa, que teve fomento da Fapesp, foi realizada em 12 países da América Latina com o apoio de 176 especialistas. Os resultados foram divulgados primeiramente na revista Contato, de Brasília. E, posteriormente, em publicações da Colômbia, Estados Unidos e Itália. Desde então, o NCE publica diversos artigos, teses, estudos que dialogam sobre a interface comunicação e educação.

[40] Núcleo criado por um grupo de professores interessados na interface comunicação/educação. É formado por pesquisadores de diferentes níveis que se empenham em pesquisas científicas e em pesquisas-ação, formulando e implantando projetos para a sociedade. Veja mais em: < http://www.usp.br/nce/>. Acesso em janeiro de 2017.

> O que estava em jogo era, na verdade, um novo paradigma de visualização da interface comunicação-educação, que passava a ser assumida como um espaço do agir coletivo, voltado essencialmente para a cidadania e além da lógica do mercado. Por esta razão, o novo paradigma construiu os seus próprios referenciais teóricos e definiu seus procedimentos metodológicos (SOARES, 2012/2013, p. 185).

A partir de então, o pesquisador definiu a Educomunicação como:

> o conjunto das ações voltadas ao planejamento e implementação de práticas destinadas a criar e desenvolver ecossistemas comunicativos abertos e criativos em espaços educativos, garantindo, desta forma, crescentes possibilidades de expressão a todos os membros das comunidades educativas (2011, p. 36).

Segundo a perspectiva do NCE/USP, a conjuntura entre a Comunicação e a Educação incentiva novas formas de ensinar e aprender com foco numa construção coletiva do conhecimento e do aprendizado. Constrói seu aporte teórico e metodológico para o desenvolvimento de um ensino que mostra as potencialidades dos meios de comunicação e das tecnologias. A prática educomunicativa é caracterizada pela práxis social e suas ações são idealizadas visando a transformações. O objetivo é inserir os jovens no mundo da informação e comunicação, estimular criação de canais informativos como forma de garantir espaços de participação no espaço educativo.

O campo está pautado na concepção dialógica de Paulo Freire, que apresentou as primeiras aproximações entre a comunicação e educação. Para o educador, "educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação do significado" (2011, p. 68). Freire promoveu a educação transformadora e inspirou os fundamentos norteadores das ações realizadas sob a perspectiva da Educomunicação ao atuar em prol de um ensino que valorize a interdisciplinaridade. Segundo Citelli, a concepção emancipadora é a base do conceito da Educomunicação: "educar é transformar, criar multividências, desenvolver competências, facultar a constituição de pontos de vista, de inteligibilidades acerca dos fenômenos que circundam os homens e a história (2010, p. 74).

Pode-se dizer que é uma educação pautada na pedagogia de projetos, e é por esta metodologia que as propostas começam a ser inseridas nos ambientes educativos formais, não formais e informais. Suas ações são reunidas em sete áreas de intervenção social, que podem ser organizadas:

1) *Gestão de processos e recursos da comunicação nos espaços educativos:* destina-se ao planejamento, à implementação e avaliação de procedimentos comunicativos no espaço escolar. O objetivo é promover a convivência

colaborativa entre os sujeitos e a interligação entre as demais áreas envolvidas.

2) *Expressão comunicativa por meio das artes:* potencializa o coeficiente comunicativo dos agentes do processo educativo por meio do domínio das diferentes linguagens e da apropriação das manifestações artísticas.
3) *Educação para a comunicação:* voltada à prática sistemática da recepção midiática à luz da contribuição oferecida pelas ciências humanas, como psicologia, sociologia e política.
4) *Mediação tecnológica nos espaços educativos ou educação pela comunicação:* voltada à realidade representada pela incidência das tecnologias no cotidiano das relações entre as pessoas e a cultura, favorecendo a acessibilidade e o emprego democrático de seus recursos.
5) *Reflexão epistemológica:* realça a importância de repensar a relação comunicação e educação como um campo de atuação.
6) *Pedagogia da comunicação:* destinada à aplicação da ação educomunicativa em sala de aula e à avaliação dos resultados obtidos durante o processo de realização.
7) *Produção midiática para a educação:* propõe aos meios de comunicação especializados, especialmente os identificados como culturais e educativos, o diálogo com seus respectivos públicos para promover a cidadania.

Os parâmetros educomunicativos são seguidos por aqueles que promovem – por meio das áreas de intervenção social – propostas de melhoria da educação fundamentada numa relação harmônica, horizontal e dialógica.

> [...] a educomunicação é mais que, necessariamente, um espaço de encontro de discursos de diferentes áreas do conhecimento humano. Em nossa pesquisa, defendemos que as práticas educomunicativas se dão num espaço multirreferencial. Não se trata apenas do encontro interdiscursivo de áreas disciplinares diferentes. Há também o encontro de experiências vivenciais, de referenciais vitais múltiplos que, associados aos diferentes discursos ali experimentados, conformam novas experiências e novos saberes aos adolescentes envolvidos (FILHO, 2004, p. 13).

São ações que atuam em prol de uma sociedade mais justa, igualitária e democrática em diferentes espaços de aprendizagem.

1.4 O educomunicador: mediador de ações significativas no espaço educativo

Os espaços educativos comprometidos a atuar em sintonia com a comunicação e educação precisam contar com profissionais interessados em entender esses dois campos consolidados que, juntos, podem trazer resultados significativos ao ensino formal, informal e não formal. O educomunicador pode ser um educador ou jornalista, publicitário, fotógrafo, dentre tantos outros profissionais, ou, até mesmo, possuir duas titulações: a da sua área e a da interface. O profissional que se propõe a promover a aproximação entre a escola e os meios. Articula projetos que respeitem as singularidades e particularidades do ambiente educativo com a intenção de trabalhar com o saber midiático e o saber escolar. Para assumir esta responsabilidade, Geneviève Jacquinot[41] destaca que o educomunicador precisa ter uma dupla função teórica: ciências da educação e ciências da comunicação. Para a pesquisadora francesa, os dois saberes são distintos, no entanto, complementares, e que precisam ser trabalhados de forma articulada. Eles se caracterizam como:

> O saber escolar é voltado para o passado, repousa na lógica da razão, ignora a lógica econômica, constrói-se na durabilidade e procura formar os cidadãos; o saber midiático se interessa pela atualidade, repousa sobre a surpresa do acontecimento, o impacto e o emocional, funciona sob a lógica econômica, constrói-se na efemeridade e forma os consumidores. Para a escola, o estudo do meio valoriza as subjetividades; para a mídia, a objetividade é subjacente a todas as disciplinas ensinadas no ambiente educativo (JACQUINOT, 1998, p. 3).

O trabalho consiste em oferecer um novo sentido ao ato de comunicar, colocando-o a serviço da dialogicidade na educação. O curso de Licenciatura em Educomunicação, da Escola de Comunicações e Artes (ECA), da Universidade de São Paulo (USP), institucionalizou a carreira do educomunicador. Com a formação universitária, os campos de atuação foram ampliados. A instituição se propõe a formar profissionais que possam atender às demandas de três diferentes âmbitos de ação: o magistério (o professor da área de comunicação), a consultoria (o assessor para projetos de comunicação educativa) e a pesquisa (analista e sistematizador de experiências em comunicação), cujas funções são explicitadas por Soares:

> Trata-se de um profissional em condições de atender às demandas do ensino formal (é um licenciado, por isso pode lecionar), sendo-lhe facultado o acesso

[41] O texto "O que é um educomunicador", de Jacquinot Geneviève, foi publicado no portal do NCE. Não é possível identificar a data de divulgação. Acredita-se que seja de 1998, porque a produção é baseada em depoimentos emitidos durante o I Congresso Internacional de Comunicação e Educação de São Paulo, realizado em maio daquele ano. Disponível em: <www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cursoobjetosaprendizagem/jacquinot_98.pdf>. Acesso em setembro de 2018.

> às diferentes áreas do trabalho profissional que não exigem diplomas específicos, mas que requerem saberes apropriados: falamos da área da consultoria nos diferentes espaços em que a interface comunicação/educação gera processos e produtos, a saber: a produção midiática dirigida à educação e ao trabalho nas organizações do terceiro setor, voltadas para a relação entre mídia e infância/juventude. Licenciado e consultor, o novo profissional é necessariamente um pesquisador, seu terceiro foco de atividade, no campo da educomunicação (2011, p. 67)

As funções de docente, consultor e pesquisador podem ser assumidas em centros de cultura, organizações não governamentais, no terceiro setor, em empresas, instituições educacionais e até mesmo em veículos midiáticos. O resultado das ações será a criação de ecossistemas comunicativos críticos, abertos e criativos. Para isso, cabe aos educomunicadores conhecer a estrutura de organização dos grupos existentes no sistema escolar, bem como as representações consumidas pelos receptores desse mesmo núcleo para identificar aquelas que estão em germinação ou já enraizadas (SALVATIERRA)[42]. A partir de então, desenvolver propostas que sejam inclusivas, democráticas, midiáticas e criativas. Seja por meio de ações individualizadas, projetos ou políticas públicas, o objetivo é promover uma relação otimizada entre a comunicação e a educação para que a Educação Midiática seja propagada no âmbito nacional e auxilie na formação do aluno do século XXI, permeado pelos diversos meios e tecnologias.

2.4 Práticas inspiradoras

Os meios de comunicação sempre estiveram atrelados ao cotidiano da sociedade. Ao longo da história, além do "papel social" – informar a população – receberam um "papel pedagógico", ao serem inseridos nas práticas educacionais e estudados sob um olhar crítico e reflexivo. No âmbito nacional, alguns projetos elucidam o poder do rádio, jornal, televisão, internet quando são inseridos para viabilizar atividades comunicativo-educativas focadas numa educação voltada para a cidadania e com o objetivo de serem emancipadoras.

Anísio Teixeira e Edgar de Roquete-Pinto mostraram a potencialidade do rádio na década de 1930. Revolucionaram as informações ao propor o uso educativo dessa mídia. Na época, foi criada a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, considerada a primeira

[42] O texto "Ecossistema cognitivo e comunicativo", de Eliany Salvatierra, foi produzido para a disciplina Educomunicação: fundamentos, metodologias e áreas de intervenção. Está publicado no site do NCE, no entanto, não consta o ano de divulgação. Disponível em: < http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/201.pdf>. Acesso em setembro de 2018.

emissora oficial do Brasil. Para cumprir sua função educacional, disseminou a radiofusão em clubes e sociedades e, ao longo da programação, o povo brasileiro era "educado". O programa ajudou a diminuir a taxa de analfabetismo no país. No entanto, no período ditatorial, Getúlio Vargas, percebendo o potencial político do rádio, tratou de torná-lo comercial.

Em tempos recentes, outra iniciativa promovida pelo NCE/USP reacendeu o valor educativo desse veículo de comunicação. O grupo realizou nas escolas da rede de ensino de São Paulo entre os anos 2001 e 2004 o projeto "Educomunicação pelas Ondas do Rádio", conhecido como Educom.rádio. A proposta levou a linguagem radiofônica a 455 unidades de ensino municipal e formou aproximadamente 10 mil pessoas, entre professores, alunos e membros da comunidade escolar. A iniciativa expandiu a expressão comunicativa dos jovens, que, ao se apropriarem da mídia, passaram a se responsabilizar pela comunicação no ambiente escolar e a realizar coberturas educomunicativas em importantes eventos. O programa, que ajudou a combater a violência nas escolas públicas de ensino fundamental, se transformou em política pública por meio de uma lei aprovada pela Câmara Municipal, sancionada em 2004 pela prefeita Marta Suplicy e regulamentada em 2005 pelo prefeito José Serra (Lei Educom). As iniciativas do Educom.rádio foram estendidas a outras regiões do Brasil. O NCE/USP, em parceria com o Ministério da Educação e Cultura (MEC), levou a proposta para os Estados da Região Centro-Oeste. Com o apoio das Secretarias de Educação dos Estados do Mato Grosso, Goiás e Mato Grosso do Sul, promoveu oficinas e o curso Educomrádio.centro-oeste a comunidades educativas dessa área, dentre elas a dos quilombolas e das aldeias indígenas.

A televisão, que chegou ao Brasil nos anos 1950, influenciou diversos aspectos culturais da sociedade, e encontrou resistência por parte dos educadores. Até hoje, há alguns profissionais que não apreciam esse veículo de comunicação como mediador de aprendizados. Zanchetta (2017) discorre sobre os motivos que ainda impedem algumas escolas de discutir os conteúdos veiculados:

> O excesso de violência, de erotismo, de propostas de consumo, por exemplo, está entre os aspectos pelos quais a TV é criticada. A defesa dos MC em relação à qualidade de seus conteúdos costuma ser feita a partir de argumentos como o respeito à democracia, a liberdade de expressão e a sugestão de que quem deve cuidar da educação das novas gerações é a família e a escola (p. 55).

Preocupados com as reconfigurações da televisão, grupos voltados aos estudos de recepção e mediação são criados com o objetivo de analisar a influência que essa mídia exerce sobre os telespectadores. As práticas educativas no âmbito televisivo começam a

ser aceitas com a TV Escola, criada em 1995, para propiciar a formação continuada de professores com a distribuição de materiais para serem utilizados em sala de aula. Apesar de os educadores serem resistentes ao veículo, aos poucos, perceberam que ele poderia representar discussões interessantes no espaço educativo. Uma das propostas desenvolvidas com esse meio de comunicação também foi articulada pelo NCE/USP. Com o apoio da Secretaria de Educação de São Paulo, o núcleo realizou o Educom.TV, que orientava o corpo docente para a apropriação educomunicativa da emissora. Com a intervenção, os educadores conheceram a linguagem audiovisual e passaram a utilizá-la para relatar os problemas da comunidade escolar e a buscar soluções para os casos apresentados. Um total de 2 mil professores de 1.024 escolas participaram do projeto, realizado na modalidade de educação a distância. Ao final, cerca de 900 projetos educomunicativos se concretizaram.

Quando nos reportamos ao jornal, as experiências acerca da presença desse meio nas salas de aula brasileiras datam nos anos 1970. Quem demonstrou interesse em avaliar se o uso da mídia impressa podia trazer benefício aos alunos foi o jornal Correio Braziliense, de Brasília, que, em 1970, iniciou um projeto de leitura na escola, sob a coordenação do jornalista Alberto Dines. No entanto, o pioneiro na implantação do jornal de forma sistemática no sistema de ensino foi o Zero Hora, de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, em 1983. A prática foi desenvolvida por meio do projeto Zero Hora na Sala de Aula. Em seguida, outra proposta semelhante foi aplicada pelo jornal o *Globo*, do Rio de Janeiro, que na época criou o Quem Lê Jornal Sabe Mais. Essas propostas iniciais visavam à prática da leitura, escrita e interpretação e a associação dos textos jornalísticos com os assuntos abordados na grade curricular a fim de auxiliar no ensino das disciplinas.

Na década de 1990, essas ideias foram aprimoradas e expandidas a partir do momento em que as entidades responsáveis passaram a receber o apoio da Associação Nacional de Jornais (ANJ), instituição que criou em 1992 o Programa Jornal e Educação (PJE). O órgão passou a coordenar os programas realizados no Brasil, desenvolvidos em parceria com os jornais associados e entidades educacionais. O primeiro jornal do Estado de São Paulo a criar um projeto com o apoio da entidade foi o Correio Popular, de Campinas. Em 1992, ele desenvolveu o Correio Escola e começou a distribuir jornais para docentes e promover encontros com educadores com o objetivo de "discutir propostas sobre como o jornal impresso podia ser usado na promoção da interdisciplinaridade, atualização de conteúdos, complementação do livro didático e do

desenvolvimento do prazer da leitura" (PAVANI, 2013, p. 106). De acordo com Ângela Junquer, Cecília Pavani e Elizena Cortez (2007, p. 15), "o jornal é um instrumento de transformação da realidade e colabora para que a comunidade possa, pelo domínio da informação, garantir pleno exercício da sua cidadania".

A internet chega nos anos 1990, e, desde então, vem revolucionando os novos modos de aprender e ensinar. Por meio dela, observa-se a convergência dos meios, quando os recursos impressos se unem aos audiovisuais. Textos, vídeos, imagens e áudios se concentram numa única plataforma, possibilitando o acesso a inúmeras informações. No cenário educacional, lança-se o desafio de transformar o conteúdo disseminado pelas redes digitais em conhecimentos consolidados. Muitas unidades de ensino receberam aparatos tecnológicos e a tecnologia ampliou as possibilidades de aprendizagem, a exemplo da interação entre professor e aluno, socialização do conhecimento e do ensino a distância. Os educadores têm de reorganizar a sua didática para que esses meios não sejam apenas instrumentais ou entendidos como uma suposta modernização do ensino, e sim como viabilizadores de práticas inovadoras que despertem o interesse e explore as habilidades do aluno do século XXI, que está totalmente imerso no universo digital.

Será inviável enumerar todas as propostas realizadas na interface comunicação e educação. As experiências compartilhadas trazem um recorte da influência dos meios nos espaços educativos – inclusive, nos formais – como maneira de demostrar a potencialidade da união entre esses dois campos. Cada mídia, com as suas características e especificidades, oferece uma diversidade de atividades. No entanto, a ressalva seria com relação à abordagem dessa utilização, uma vez que os discursos institucionais não escolares exercem forte influência na vida dos alunos e professores. Esses suportes não devem ser inseridos na rotina pedagógica apenas para atender às solicitações dos currículos educacionais – que aproximam a escola das linguagens da comunicação, informação e tecnologias, mas, também, para propiciar uma nova visão de mundo, uma concepção crítica da realidade, maior compreensão do universo midiático e da influência desses meios para a disseminação de culturas, tendências e ideologias. A Educomunicação visa contribuir com esse trabalho junto aos corpos docente e discente.

Após a apresentação dos referenciais epistemológicos que embasam a área à qual esta pesquisa está concentrada, partimos para a abordagem teórica sobre a produção midiática no espaço educativo, essenciais para fundamentar os capítulos finais, que trazem a práxis de todo esse aporte conceitual.

Parte III

De leitores a autores: construindo histórias e transformando cenários

Um novo modo de ensinar e aprender

De leitores a autores: construindo histórias e transformando cenários

3. Um novo modo de ensinar e aprender

3.1 O leitor brasileiro: um panorama da leitura e escrita

A capacidade de escrita e leitura é a principal competência a ser apreendida ao longo da Educação Básica. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, em especial, os cadernos de Língua Portuguesa (voltados ao Ensino Fundamental I) e Linguagens, Códigos e Novas Tecnologias (utilizados no Fundamental II e Médio), ao longo de 12 anos de formação, o percurso de estudos concentra-se em uma série de atividades (teóricas e práticas) que permite que o alunado conclua o ensino apto a ler, interpretar e escrever, e a exercer o seu papel de cidadão de forma crítica, reflexiva e participativa.

> Em uma cultura letrada como a nossa, a competência de ler e de escrever é parte integrante da vida das pessoas e está intimamente associada ao exercício da cidadania. As práticas de leitura e escrita, segundo as pesquisas que vêm sendo realizadas na área, têm impacto sobre o desenvolvimento cognitivo do indivíduo. Essas práticas possibilitam o desenvolvimento da consciência do mundo vivido, propiciando aos sujeitos sociais a autonomia na aprendizagem e a contínua transformação, inclusive das relações pessoais e sociais (SÃO PAULO, 2012, p. 17).

Como dizia Paulo Freire, "ler é registrar o mundo pela palavra" (1982). Para o educador brasileiro, a leitura é a porta de entrada para as diversas áreas do conhecimento, a interpretação do mundo à nossa volta, o exercício da cidadania e a participação ativa na sociedade, que se desenvolve com a intervenção daqueles que estão preparados para transformar realidades. Durante o aprendizado, do Ensino Fundamental I e II ao Médio, a aquisição desta competência é primordial para que haja sintonia entre as outras disciplinas, que, sem exceção, dependem das habilidades adquiridas em Língua Portuguesa. No entanto, formar leitores, e, por sua vez, escritores não é uma tarefa fácil quando estamos diante de uma nação que, entre os seus 208,5 bilhões[43] de habitantes, 29% são analfabetos funcionais. Deste total, 8% são absolutos (aqueles que não conseguem ler palavras e frases); e 21% estão no nível rudimentar (não localizam informações), de acordo com o último balanço divulgado pelo Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf)[44]. Ao todo, são cinco níveis de referência: analfabeto e rudimentar,

[43] Balanço do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) referentes a 2018. Houve um aumento de 0,82% com relação a 2017, quando havia 207,6 milhões de habitantes. Informação disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>. Acesso em setembro de 2018.

[44] O Inaf é uma pesquisa idealizada em parceria entre o Instituto Paulo Montenegro e a ONG Ação Educativa e aplicada pelo IBOPE Inteligência com o objetivo de mensurar o nível de alfabetismo da população brasileira entre 15 e 64 anos, avaliando suas habilidades e práticas de leitura, de escrita e de

ambos no grupo "analfabeto funcional"; e elementar, intermediário e proficiente, na categoria "funcionalmente alfabetizados".

Transformar esta realidade está entre as 20 metas do Plano Nacional da Educação (PNE)[45]. O documento lançado em 2014 define ações para serem articuladas pelos estados e municípios para atingir, ao longo de dez anos, ou seja, até 2024, o que foi estipulado. As estratégias para a alfabetização correspondem à quinta meta, que diz o seguinte: "Alfabetizar todas as crianças até o final do 3º (terceiro) ano do ensino fundamental" (BRASIL, 2014, p. 26). Desde a implantação do relatório, educadores se mobilizam para o cumprimento da proposta.

O Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC)[46] é uma das ações lançadas pelo governo federal para orientar estados e municípios nas estratégias para viabilizar o acesso à leitura e à escrita. Ações articuladas junto ao órgão público, como avaliações, formações, acompanhamento, visam melhorar o desempenho das crianças e o cenário educacional. A Secretaria de Estado da Educação de São Paulo (SEE) reformulou seu conteúdo pedagógico ao desenvolver o programa Ler e Escrever, um conjunto de atividades que envolve capacitação de agentes educacionais e preparação de material didático construído em conformidade com os PCNs, para conduzir, por meio de projetos e sequências didáticas, os trabalhos na área de linguagens com as turmas do 1º ao 5º ano. Foi distribuído em escolas municipais e estaduais das escolas do Estado de São

---

matemática aplicadas ao cotidiano. Diferentemente de outras pesquisas que medem o analfabetismo na população, o indicador faz entrevistas domiciliares e aplica um teste específico, com questões que envolvem a leitura e interpretação de textos do cotidiano (bilhetes, notícias, gráficos, mapas, anúncios, etc.) e classifica a habilidade em cinco níveis de proficiência. O último balanço foi divulgado em 2018. Nesta edição, foram entrevistadas 2 mil pessoas, entre 15 e 64 anos. Informação disponível em: <http://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Inaf2018_Relat%C3%B3rio-Resultados-Preliminares_v08Ago2018.pdf>. Acesso em setembro de 2018.

[45] Veja mais em: <http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf>. Acesso em agosto de 2018.

[46] A Portaria nº 867, de 4 de julho de 2012, instituiu o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) com a proposta de assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ao final do 3º ano do Ensino Fundamental. Esta é uma das metas previstas pelo Decreto nº 6.094, de 24 de abril de 2007, referente ao Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação. A Provinha Brasil é utilizada para apurar os resultados. Ela é aplicada no 2º ano do ensino fundamental das escolas públicas brasileiras e traz uma avaliação diagnóstica para investigar as habilidades desenvolvidas pelas crianças matriculadas nesse estágio de ensino, norteando o trabalho do educador para o ano seguinte. Já a Prova Brasil é distribuída a alunos dos 5º e 9º do Ensino Fundamental e 3º ano do Ensino Médio e avalia os conhecimentos dos alunos em Matemática e Língua Portuguesa. O resultado do desempenho é um dos elementos que compõem o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), calculado por escola. Informação disponível em: < http://portal.inep.gov.br/provinha-brasil >. Acesso em agosto de 2018.

Paulo. A proposta de trabalho foi implantada em 2008, e, segundo um balanço da SEE, cerca de 80% dos alunos do 1º ao 3º ano da rede estadual paulista estão alfabetizados.

Em contrapartida, o cenário nacional apresenta uma outra realidade segundo os dados da Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA)[47]. De acordo com o último estudo, divulgado em 2017, mais da metade das crianças neste ciclo de ensino ainda não adquiriram esta competência. O índice de alunos com nível insuficiente em leitura — que não conseguem identificar a finalidade de um texto e localizar uma informação explícita — está em 54,73%. Com relação à escrita, 34% das crianças não são capazes de escrever as palavras de maneira alfabética e produzem textos ilegíveis.

A preocupação aumenta quando avaliamos os resultados do processo de aprendizado nas demais etapas do ensino. O balanço do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb)[48], realizado em 2017 e publicado em 2018 pelo Ministério da Educação (MEC), traz um alerta ao Ensino Médio. Os resultados da última edição da Prova Brasil (2017) comprovam que este é o estágio mais problemático. Ao avaliar os níveis (suficiente, básico e insuficiente) obtidos com os testes em Língua Portuguesa, o resultado foi insuficiente, ao destacar que "de dez estudantes do último ano da Educação Básica sete possuem dificuldades de leitura e escrita". Os ensinos Fundamental I e II também possuem o índice "insuficiente", mas apresentaram avanços em comparação com as últimas avaliações. Assim, percebe-se o crescimento, ao contrário, do ciclo final, que se mantém estagnado[49].

Os dados são alarmantes e interferiram na construção da Base Nacional Curricular Comum (BNCC) do Ensino Infantil e Fundamental. Uma das medidas para reverter o quadro foi a antecipação do período de alfabetização para o 2º ano. Este foi um dos pontos

---

[47] A Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA) verifica os níveis de alfabetização e letramento em Língua Portuguesa (leitura e escrita) e Matemática dos estudantes do 3º ano do Ensino Fundamental das escolas públicas. As provas aplicadas anualmente aos alunos fornecem três resultados: desempenho em leitura, desempenho em matemática e desempenho em escrita. Em 2019, deixará de usar este nome. O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) está reestruturando o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB). Todas as provas passarão a ser identificadas pelo nome Saeb, distribuídas de acordo com as etapas de ensino. Informação disponível em: <http://portal.inep.gov.br/educacao-basica/saeb/sobre-a-ana>. Acesso em agosto de 2018.

[48] O Saeb reflete os níveis de aprendizagem demonstrados pelos estudantes avaliados. São descritos e organizados de modo crescente em Escalas de Proficiência de Língua Portuguesa e de Matemática para cada uma das etapas avaliadas. Os resultados apurados no Saeb, em conjunto com as taxas de aprovação, reprovação e abandono, apuradas no Censo Escolar, compõem o Ideb. Informação disponível em: <http://portal.inep.gov.br/educacao-basica/saeb>. Acesso em agosto de 2018.

[49] Veja mais informações em: <http://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2018/09/Anuario_Educacao_2018.pdf>. Acesso em agosto de 2018.

de maior discussão ao longo da aprovação da proposta, que irá nortear os currículos do país. Assim como os PCNs, a BNCC[50] do Ensino Infantil e Ensino Fundamental I, aprovada em dezembro de 2017, considera a leitura e escrita como foco de toda a ação pedagógica: "aprender a ler e escrever oferece aos estudantes algo novo e surpreendente: amplia suas possibilidades de construir conhecimentos nos diferentes componentes, por sua inserção na cultura letrada, e de participar com maior autonomia e protagonismo na vida social" (BNCC, 2018, p. 61). O documento já está em vigor, tornando o ciclo de alfabetização ainda mais desafiador.

Ao longo das discussões das propostas relativas à leitura e escrita, levaram-se em consideração as realidades históricas e culturais das diferentes regiões do Brasil, país marcado por sérias desigualdades sociais. O cenário educacional é formado por escolas devidamente equipadas, e, ao mesmo tempo, por unidades cuja infraestrutura é mínima. Dois aspectos foram apontados[51], voltados ao corpo docente e discente: (1) a ação não se refere apenas ao professor em sala de aula, mas, também, a todos os gestores, que precisam oferecer orientações, formação continuada, preparação e suporte aos profissionais responsáveis pelo ciclo de estudo. O processo de alfabetização é um trabalho que exige ação-reflexão-ação, ou seja, aplicação-avaliação-intervenção em âmbito local. Cada regionalidade vai avançando conforme sua realidade, para, então, ingressar numa avaliação regional e nacional, não de maneira impositiva, apenas para obter um parâmetro dos resultados conquistados ao longo do trabalho e conhecer o panorama de outros cenários. Comparativos nem sempre estimulam os profissionais. (2) a ação considera o perfil dos educandos, e, até mesmo de professores, que, por estarem inseridos em diferentes regionalidades, possuem diferentes realidades de acesso à leitura, à cultura e às tecnologias; reflexos das disparidades sociais. Aparatos tecnológicos e materiais não são bases para ensino e aprendizagem, no entanto, garantir uma infraestrutura mínima é dever dos órgãos governamentais e fator que colabora na realização de trabalhos consolidados que, por sua vez, podem ajudar a promover uma educação de qualidade. Os

[50] Veja mais em: < http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental>. Acesso em janeiro de 2018.

[51] A presente pesquisa de campo foi realizada no período em que a BNCC estava em processo de avaliação e aprovação, em especial, a do Ensino Infantil e Ensino Fundamental I. Reflexões foram baseadas nas leituras sobre o assunto e nas discussões entre os educadores, que ressaltam as desigualdades sociais como uma das razões que desmotivam a participação em avaliações nacionais. Para muitos, não faz sentido ser comparado, num ranking, com escolas que possuem cenários totalmente diferentes, tanto com relação a infraestrutura quanto a gestores, parcerias e equipes que atuam no desenvolvimento na educação.

planos educacionais reconhecem a diversidade social e cultural no país, mas não conhecem, de fato, as diferentes realidades, algo demonstrado na construção da BNCC.

Ao observar o cenário, os desafios estão voltados aos seguintes aspectos: (1) alfabetizar as crianças até os 8 anos; (2) aumentar o nível da compreensão leitora para estimular a interpretação, crítica e reflexão; (3) incentivar a autoria por meio de textos orais ou escritos; (4) formar leitores ativos em todo o período escolar; (5) inspirar o comportamento leitor e escritor após a vida estudantil - depois da conclusão do ensino superior, pois a leitura ainda está associada à fase escolar. Segundo a Pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*[52], os que mais leem encontram-se na faixa etária dos 6 aos 24 anos, em especial, dos 18 aos 24 anos, ou seja, no nível universitário.

O estudo realizado pelo Instituto Pró-Livro apontou que 56% da população representam os leitores brasileiros, especificamente, 104,7 milhões de pessoas. As mulheres são maioria, 59% estão entre as leitoras, enquanto os homens, somam 52%. O Brasil não possui um público-leitor assíduo conforme os padrões de nações desenvolvidas, aquele que faz uma leitura diária de veículos informativos e, ainda, dedica parte de seu tempo a diferentes livros, finalizando, em média, 12 exemplares por ano. No entanto, aos poucos, os números correspondentes à nação brasileira estão aumentando.

O estudo considera leitor o indivíduo que leu pelo menos partes de um livro (em papel, digitais ou eletrônicos) e outras fontes de informação (jornais, revistas, gibis, portais informativos) ou uma produção nos três meses anteriores à pesquisa. Com base neste propósito, a quarta edição revelou que, se em 2011, um brasileiro lia quatro livros por ano, em 2015, o índice chegou a 4,96. Essa quantidade aumenta conforme o grau de escolaridade dos entrevistados. Quanto maior o nível de ensino, maior é o interesse pela leitura. Do quadro de leitores, com relação à escolaridade, 82% estão no Ensino Fundamental I (4 livros por ano); 84% no Ensino Fundamental II (5 livros por ano); 78% no Ensino Médio (5 livros por ano) e 93% no Ensino Superior (10 livros por ano).

[52] O período de coleta de dados desta edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* ocorreu entre novembro e dezembro de 2015 e, para ampliar o estudo e facilitar a compreensão dos entrevistados, foram incluídos novos itens, com perguntas referentes à leitura de livros sugeridos pela escola ou lidos por iniciativa própria e indicadores de utilização de bibliotecas, internet e livros digitais. Também foi ampliado o estudo sobre a leitura em diferentes dispositivos. Ao todo, 5.012 foram entrevistados no período de 23 de novembro a 14 de dezembro de 2015. Informação disponível em: <http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf>. Acesso em: agosto de 2018.

A inclusão da leitura digital foi uma das novidades do estudo de 2015. Sobre as atividades relacionadas à leitura realizada na internet, os itens mais indicados foram: (1) leitura de notícias e informações em geral (52%); (2) estudo e pesquisas para a realização de trabalhos escolares (35%) e (3) aprofundamento do conhecimento a respeito de temas de interesse pessoal (32%). A leitura de livros ficou em sexto lugar, com 15%. Atualmente, a faixa etária dos entrevistados que mais acessam a internet para leitura de livros também se concentra entre os 18 e 24 anos. O dispositivo mais usado para a leitura digital é o celular ou smartphone (56%), seguido por computadores (49%), tablets (18%), e, por último, os e-readers (4%). Dentre os 26% que declararam já ter lido um e-book, 88% disseram que o baixaram gratuitamente. Apenas 15% pagaram pelo livro digital.

Levando em consideração o aumento de leitores no Brasil, inclusive, no segmento eletrônico, outro aspecto precisa ser avaliado para que o trabalho com relação à capacidade leitora seja efetivo: o letramento digital. As linguagens eletrônicas estão atraindo novos leitores. Dinâmicas, atrativas, versáteis e interativas, as plataformas instigam, em especial, o interesse dos jovens, conforme apontado pelo *Retratos da Leitura*. Elas podem contribuir para a formação de leitores, no entanto, deve-se considerar que a tecnologia precisa ser utilizada de forma integrada ao processo de ensino e aprendizagem. Caso contrário, não há a garantia de resultados satisfatórios. A compreensão dos textos escritos condiciona à leitura dos textos digitais. São os formatos tradicionais (livros) que contribuem significativamente para a compreensão dos sistemas contemporâneos (digitais).

O relatório *Estudantes, Computadores e Aprendizado: Fazendo a Conexão*[53], realizado em 2012 no âmbito do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que analisa as competências de alunos na área digital, demostrou que este trabalho integrado é primordial. Estar conectado não representa a alfabetização plena, tanto no âmbito textual quanto digital. Em um ranking formado por 31 países, o Brasil ficou na antepenúltima posição no estudo, à frente apenas dos Emirados Árabes e da Colômbia. A

[53] Este foi o primeiro estudo da organização que analisa as competências de alunos na área digital. O grupo foi formado por estudantes de 15 anos de 31 países, e os jovens de Cingapura, Coreia do Sul, Hong Kong, Japão, Canadá e Xangai conquistaram os melhores resultados. O balanço dessas nações foram os mesmos obtidos no PISA de 2012 para avaliação de leitura em papel, indicando que as habilidades úteis para navegar na internet também podem ser adquiridas por meio de técnicas de leitura clássicas. Informação disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150914_alunos_internet_ocde_df_cc>. Acesso em setembro de 2018.

pesquisa avaliou a habilidade de jovens da faixa etária de 15 anos navegar em sites e compreender leituras na internet.

O panorama foi apresentado para destacar os motivos pelos quais os projetos de leitura estão entre as propostas prioritárias das redes de ensino municipal, estadual e particular. Para atender à meta 5 do PNE, algumas iniciativas – pontuais, esporádicas ou legitimadas – estão em desenvolvimento em unidades do ensino Fundamental ao Médio. As propostas em avaliação nesta dissertação são alguns exemplos, e mostrará que, diante das diferentes linguagens no universo escolar, ações envolvendo a comunicação e a educação são potenciais aliadas para a consolidação da capacidade leitora e escritora dos jovens que passam pela Educação Básica. São habilidades necessárias para reverter este quadro alarmante, e, no futuro, influenciar na redução dos índices de analfabetismo e na formação de um novo leitor brasileiro.

3.2 Produção midiática: o incentivo à autoria em sala de aula

Ser autor é contar histórias, revelar experiências, transmitir informações, semear pensamentos e formar opiniões. Não basta inspiração, exige trabalho integrado entre leitura e escrita, porque envolve domínio da língua portuguesa, repertório cultural e o constante preparo para o aperfeiçoamento das produções. Este processo é realizado ao longo da Educação Básica, em especial, nos ciclos finais, nos 5º e 9º ano do Ensino Fundamental e 3º ano do Ensino Médio. Nesses estágios, a autoria torna-se um dos tópicos principais dos conteúdos de Língua Portuguesa e Linguagens, Códigos e Suas Tecnologias.

A produção, tanto oral quanto textual, é incentivada e intensificada para que os alunos reconheçam a importância da expressão como elemento de comunicação, manifestação e mobilização. Segundo os parâmetros, esse aprendizado começa desde o ensino Infantil, com desenhos, músicas e danças; seguindo para o Fundamental I, com o início da alfabetização; e, no Fundamental II e Médio, com a ampliação do repertório linguístico, cultural e social, e o domínio dos diferentes gêneros textuais. Segundo os PCNs, ler e escrever com eficácia auxilia na formação de cidadãos conscientes e que saibam fazer o bom uso da palavra. Para isso, é preciso organizar o trabalho educativo para que os educandos experimentem e aprendam.

> É necessário, portanto, ensinar os alunos a lidar tanto com a escrita da linguagem — os aspectos notacionais relacionados ao sistema alfabético e às restrições ortográficas — como com a linguagem escrita — os aspectos discursivos relacionados à linguagem que se usa para escrever. Para tanto é

> preciso que, tão logo o aluno chegue à escola, seja solicitado a produzir seus próprios textos, mesmo que não saiba grafá-los, a escrever como lhe for possível, mesmo que não o faça convencionalmente (BRASIL, 1997b, p. 48 e 49).

Iniciativas voltadas à produção escolar, intermediadas pelos recursos comunicacionais e tecnológicos, ajudam a incentivar a leitura e escrita entre os estudantes. São canais informativos que estimulam a expressão crítica e criativa de alunos de diferentes faixas etárias. Intermediados pelas linguagens da comunicação, esses canais podem ser criados por meio de dispositivos comunicacionais para publicações impressas ou digitais. As produções exploram formações discursivas e a competência comunicativa dos participantes. Para Pedro Demo (2016), permitir que uma criança ou um adolescente se expresse e compartilhe aquilo que produz oferece autonomia, confiança e liberdade de expressão.

> A aprendizagem como autoria não reinventa a roda. Apenas realça dinâmicas que podem ter ficado adormecidas nas grandes teorias, mas sempre existiram. Primeiro, todas as grandes teorias têm por trás autores formidáveis que pressupõem outros, indefinidamente; segundo, todas reconhecem que aprender é conquista que pressupõe e insufla a autonomia, a voz própria, o lugar de destaque; terceiro, todas desenham ambientes igualitários, nos quais somos convidados a nos desenvolver com liberdade, riscos, responsabilidade (DEMO, 2016, p. 136).

Muitas atividades são inspiradas no universo da informação. Dentre elas, estão os jornais escolares, as rádios escolares, os canais do Youtube, produzidos por alunos de diferentes faixas etárias e níveis de ensino. As produções dinamizam a rotina pedagógica ao estimular a atividade colaborativa e participativa e permitir a criação autônoma, independente e com foco no aprendizado dos alunos. Os trabalhos, por sua vez, procuram estar associados aos conteúdos discutidos no universo educativo. Soares (2011) enfatiza que são atividades que corroboram para uma educação transformadora.

> Essa participação ativa das crianças, adolescentes e jovens no processo de produção midiática tem demonstrado consequências interessantes. Os jovens participantes desses projetos apontam o desejo de encontrar nas possibilidades de produção da cultura, através do uso dos recursos da comunicação e da informação, os sonhos cotidianos e a transformação da realidade local. Eles se abrem para a compreensão crítica da realidade social e ampliam seu interesse em participar da construção de uma sociedade mais justa, confirmando sua vocação pela opção democrática da vida em sociedade. Tudo isso porque a participação os levou a maior conhecimento e a maior interesse pela comunidade local, inspirando ações coletivas de caráter educomunicativo (SOARES, 2011, p. 31).

Tais experiências contribuem para a inserção de novas literacias no ambiente comunicacional centralizadas nas habilidades, interesses e perspectivas dos alunos. A distribuição das tarefas respeita o perfil dos integrantes, que as escolhem pela

familiaridade com o assunto e função (quando as dominam) ou pela novidade (quando desejam aprender algo diferente). As práticas respeitam as singularidades e particularidades dos atores do processo educativo, importantes para inverter o sistema tradicional de ensino, conforme realça Citelli:

> Por isso, o ensino, antes de ser prescritivo ou baseado no princípio segundo o qual todos têm de saber a mesma coisa ao mesmo tempo, necessita reconhecer o desafio das estratégias emancipatórias, aquelas voltadas a produzir dinâmicas inovadoras e capazes de operar com as singularidades e particularidades que marcam a trajetória dos alunos, pensados, agora, como sujeitos sociais. (CITELLI, 2004, p. 85)

O incentivo à autoria permite práticas diferenciadas, e são os educadores que precisam buscar o caminho para despertar os novos autores do ambiente escolar. Para Demo (2016), é necessário atuar "com sistemas de aprendizagem, comunidades de aprendizagem, ambientes instigantes de aprendizagem, marcados pela autoria" (DEMO, 2016, p 36) como forma de estimular o diálogo entre alunos, professores e gestores e promover o debate sobre o fluxo informacional que permeia o espaço educativo.

3.3 Linguagens da comunicação no cenário educativo

Os meios de comunicação estão atrelados ao cotidiano de alunos e professores e presentes no universo escolar. Por meio dos currículos oficiais, do material didático-pedagógico, das conversas entre o corpo docente e discente, os discursos semeados por jornais, revistas, programas televisivos, radiofônicos e digitais integram a rotina estudantil direta ou indiretamente. As novas linguagens não podem ser ignoradas no processo de formação de crianças e adolescentes, porque são permeadas de mensagens que precisam de interpretações críticas e reflexivas.

Para Orozco-Gómez, a aproximação entre a escola e os meios é valiosa por auxiliar tanto a leitura quanto a escrita. Mas também "para potenciar, nos receptores, suas capacidades analíticas, críticas e comunicativas frente às e a partir das mensagens que recebem" (1997, p. 65). Esta habilidade se torna fundamental para debater os conteúdos divulgados pelas fontes de informação, a fim de desconstruir as suas "verdades" e desvendar o mundo editado pelas mídias.

"Educar para a comunicação", ou seja, auxiliar na formação de leitores conscientes para discernir sobre os acontecimentos; avaliar o que ouve, vê e assiste; interpretar o que é compartilhado e reconhecer o real do imaginável, garante uma

educação para a cidadania. Belloni afirma que este é um trabalho essencial para a busca de atividades democráticas no espaço educativo:

> Desde as primeiras definições desse campo, em reuniões de especialistas da Unesco, está presente a ideia essencial de que a educação para as mídias é condição *sine qua non* da educação para a cidadania, sendo um instrumento fundamental para a democratização das oportunidades educacionais e do acesso ao saber e, portanto, de redução das desigualdades sociais. É neste sentido que defendo esta perspectiva como essencial para o desenvolvimento de práticas educacionais mais democratizadoras, incluindo formação de professores plenamente atualizados e em sintonia com as aspirações e modos de ser das novas gerações (2012, p. 12).

A autora apoia o uso educativo dos meios e das tecnologias e ressalta a importância do contínuo acompanhamento daqueles que estão usufruindo deste universo comunicacional: alunos e professores. Setton também aponta a importância dessa vigilância e alerta que este é um mundo de representações que interfere na formação de identidades e influencia na busca de valores. A estudiosa considera as mídias como agentes de socialização, e agentes sociais da educação, porque os meios possuem uma função educativa:

> Primeiramente, as mídias devem ser vistas como agentes da socialização, isto é, possuem um papel educativo no mundo contemporâneo. Junto com a família, a religião e a escola (entre outras instituições), elas funcionam como instâncias transmissoras de valores, padrões e normas de comportamentos e servem como referencias identitárias (2011, p. 8).

Os pensamentos de Setton (2011) e Belloni (2012) se complementam ao destacarem que as mídias estão impregnadas na cultura contemporânea e desenvolvendo uma nova "autodidaxia" nos jovens. Este é um dos motivos para entender como as novas gerações se apropriam dos conteúdos midiáticos; como a instituição escolar, e, especialmente, os professores, usufruem destes instrumentos e os integram (ou não) ao seu cotidiano. Para Zanchetta, este é um desafio ao universo escolar, que precisa estabelecer a sintonia com novas abordagens pedagógicas que envolvam os meios comunicacionais:

> Para que a escola possa dialogar com propostas externas e mesmo para que possa desenvolver suas próprias práticas em termos de trabalho com a mídia, a partir dos estudos saídos das áreas de Educação ou Comunicação, será necessário compreender como é o universo onde circula a informação midiática, bem como os processos de assimilação e conversão de informação em conhecimento pessoal e de trabalho do professor e do coletivo de professores. Isso significa observar como se constitui e se modifica a memória do professor acerca da informação midiática e, principalmente, acerca da informação noticiosa. Assim, há que se promover o amadurecimento de uma iniciativa que tome como referências a comunidade escolar e a experiência acumulada em diversas áreas, incluindo a dos agentes formadores (professores

> e gestores públicos), para o delineamento da cultura sobre o assunto no contexto da escola (2007, p. 65).

A tarefa não é fácil, "os novos 'modos de aprender' são ainda uma incógnita para a maioria dos professores" (BELLONI, 2012, p. 28), no entanto, é necessário explorar as diferentes linguagens na sala de aula e incentivar o aprendizado por meio dos recursos que despertam o interesse pelo conhecimento. O primeiro passo é compreender o cenário formado pela sociedade sociotécnica, conforme destaca Citelli:

> Se é verdade que os modos de aprender e ensinar mudaram e nós temos que levar o vídeo, a televisão, o jornal, os computadores para as crianças, há que se reconhecer, igualmente, a necessidade de uma compreensão mais global dos processos que orientam a sociedade videotecnológica (2000b, p. 34).

A Educação Midiática envolve a leitura crítica dos meios, o reconhecimento do processo de produção, circulação e recepção da informação, o fluxo comunicativo no espaço educativo, intervenções sociais pelo viés das linguagens da comunicação, atitudes democráticas e colaborativas, dentre outras ações para compreender uma sociedade evidenciada pela comunicação. Diante do acesso a uma quantidade imensurável de informações intermediadas pelos recursos impressos e digitais, torna-se imprescindível promover o debate acerca da influência da mídia nas pessoas. E, em sintonia com as novas gerações, estimular práticas em consonância com os novos modos de ser e estar no mundo, com um outro olhar à educação a partir da comunicação.

> A escola deve ser um espaço de trabalho onde ocorre a passagem do lugar-comum para o conhecimento elaborado, num movimento que visa fazer da matéria empírica conceito. E que, igualmente, ensina o sujeito a reconhecer-se no processo transformação, transformando-se. Por isso, a necessidade de o aluno ser entendido como sujeito com linguagem que exercita um discurso central para a efetivação do ato pedagógico. (CITELLI, 2004, p.111)

3.4. A temporalidade escolar: o desafio da implementação de projetos interdisciplinares

A dinâmica escolar, com as suas regras, rotinas, tradições está associada à dinâmica social, também regida por normas, padrões e responsabilidades. Segundo Souza, a jornada intensa no espaço educativo – tempo para o estudo, para as refeições, para o descanso, para as tarefas – é marcada por ritmos e regularidades, com foco no futuro profissional dos educandos:

> Da perspectiva pedagógica, este tempo se constitui em um dispositivo de organização escolar; do ponto de vista econômico, ele separa a infância e a adolescência do tempo do trabalho, compreendendo uma preparação para este.

> De fato, a escola impõe hábitos de pontualidade, ordem e aproveitamento máximo do tempo – aprendizagens importantes para a vida adulta (1999, p. 129).

O "tempo" está atrelado à vida escolar e social, e, desde o ingresso na escola, é o que conduz a formação do alunado e a atuação do professorado. Norteia a organização das atividades administrativas e pedagógicas, a concretização dos ciclos de estudos, a conclusão dos estágios de aprendizados e o cumprimento das responsabilidades tanto de educadores quanto dos educandos em todas as etapas do ensino.

Para compreender a dinâmica do sistema educativo, Parente (2010) nos apresenta três tempos escolares: (1) tempos de escola (refere-se ao início e ao fim da escolarização), (2) tempos de escolarização (ordenação, graus e classes); (3) tempos na escola (período de aprendizado, momento voltado à época de estudos). Os três, em conjunto, dirigem o trabalho da instituição e condicionam a formação dos sujeitos da Educação.

O primeiro remete ao tempo de estudos – em média, 12 anos – em que há a consolidação dos conhecimentos necessários para vivenciar uma nova etapa da vida, voltada ao mercado de trabalho; o segundo refere-se à categorização, à divisão dos conhecimentos, dos níveis de aprendizado, à distribuição dos conteúdos que contribuirão para o desenvolvimento humano. O terceiro fala de um tempo apropriado às experiências diferenciadas, aos aprendizados consolidados, à dinâmica de cada unidade, que se organiza conforme a sua realidade, são os projetos e práticas construídas no interior das instituições. Segundo Parente (2010), é preciso respeitar a cultura, a identidade, as singularidades das unidades de ensino, que, em paralelo a um tempo regimental (burocrático), necessita construir o seu tempo escolar, formado conforme a sua realidade.

Apesar das especificidades das unidades de ensino, algumas semelhanças são observadas no espaço educativo de diferentes regionalidades: a distribuição temporal e o reflexo da aceleração social na prática docente. Observam-se professores e alunos, que, ao iniciarem o ano escolar, se preparam para vivenciar 200 dias letivos, divididos por uma carga horária de 5 a 6 horas (conforme o nível de ensino) distribuídas pela manhã, tarde ou noite. Corpo docente e discente entram neste circuito, os primeiros com a missão de transmitir seus conteúdos no período estipulado, e os outros a assimilá-lo, entendê-lo e sentirem-se aptos a compartilhá-lo de forma clara e objetiva. O itinerário se repete ao longo das próximas aulas, com uma pausa de, no máximo, 15 minutos para o intervalo. Em seguida, todos retomam para mais uma etapa de conteúdos. São aulas realizadas em espaços internos (salas de aula, laboratório, biblioteca) e externos (quadra, pátio, parque,

e, em algumas ocasiões, fora da escola, quando há, por exemplo, uma excursão de cunho pedagógico).

Nestes acelerados estágios, observa-se um ciclo sistemático (segue-se uma rotina de atividades), categorizado (o ensino é dividido em disciplinas que condicionam as diversas áreas do conhecimento) e hierarquizado (as matérias exploram as áreas de humanas, exatas e biológicas e recebem uma carga horária diferenciada e distribuída conforme o grau de importância estipulado pelas diretrizes curriculares).

O cenário escolar está sentindo os reflexos de um momento histórico marcado pela aceleração social do tempo[54]. Trata-se de uma tendência debatida pelo estudioso alemão Hartmut Rosa. Ele divide o fenômeno em três categorias: (1) aceleração técnica, que compreende a utilização de aparatos técnicos e tecnológicos para encurtar o tempo gasto em atividades como transporte, produção, comunicação etc.; (2) aceleração das transformações sociais, que compreende o aumento do ritmo de transformações nas estruturas políticas, culturais, religiosas, cientificas etc.; (3) a aceleração do ritmo de vida, que concerne ao aumento da frequência de ações e vivências por unidade de tempo, gerador da sensação de falta de tempo.

Ao associar os três aspectos à Educação, podemos apontar as seguintes reflexões:

Com relação à "técnica", percebe-se a busca dos educadores por propostas didáticas que possam ir além dos livros, das apostilas, das aulas expositivas, e agregar experiências diferenciadas que explorem as habilidades dos alunos e, principalmente, os suportes que eles dominam e que podem ser aliados ao aprendizado em diversas áreas do conhecimento. A tecnologia deve ser uma aliada.

Quando associamos às "transformações sociais", um dos desafios é conseguir acompanhar essas mudanças e levá-las às aulas a fim de promover a atualização, o debate e a reflexão. As escolas possuem o ritmo acelerado quando nos remetemos à produtividade e ao trabalho, no entanto, ao se referir às mudanças sociais, existe um atraso. O ensino não consegue, por exemplo, acompanhar a modernização trazida pelas tecnologias.

---

[54] Veja mais em: SILVEIRA, R. H. Resenha do livro Aceleração e Alienação: Esboço de uma teoria crítica da temporalidade na modernidade tardia, de Hartmut Rosa. **Revista de Estudos Culturais**. Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP). Abril 2015. Disponível em: <http://each.uspnet.usp.br/revistaec/sites/default/files/pdfs/07-resenha-rafael_silveira.pdf>. Acesso em março de 2017.

Quando nos aportamos à "aceleração do ritmo de vida", a sensação do tempo estar cada vez mais curto é sentida tanto pelo corpo docente quanto discente. Professores e alunos passam por jornadas longas, assumem inúmeras responsabilidades e várias atividades.

Citelli (2017) traz reflexões sobre o impacto dessa aceleração nas relações comunicacionais, sociais e no espaço educativo. Como os professores operam o tempo em suas aulas? O tempo cognitivo é sincronizado com o cronológico? Como o tempo é ocupado na dinâmica escolar? Como os aparatos tecnológicos e midiáticos influenciam a questão temporal nas escolas? São questões que vêm direcionando os estudos sobre a temática para compreender as diferenças entre a temporalidade escolar com a aceleração social articulada pelo estudioso alemão, a determinada pela nova dinâmica social e a condicionada pelo sistema neoliberal para compreender "as novas formas de ser e estar dos sujeitos sociais frente à comunicação, aos processos de ensino-aprendizagem, aos acessos à informação e ao conhecimento" (2015, p. 64). Para o educador:

> torna-se imperioso dedicar maior atenção aos nexos entre a educação formal e os circuitos da comunicação tecnicamente mediada. Pois trata-se de perscrutar acerca das implicações e desdobramentos daí decorrentes para as dinâmicas singulares do ecossistema escolar e, consequentemente, da própria vida associada" (p. 66).

Como redimensionar a questão do tempo na dinâmica escolar? Diante da necessidade de mudanças nas formas de ensinar e aprender e de o ensino acompanhar as transformações de uma sociedade centralizada pela comunicação, como ficam as atividades pedagógicas que buscam experiências além das aulas tradicionais? Como desconstruir a sistematização do conhecimento com a idealização de propostas interdisciplinares que inter-relacionem as áreas, proporcionem atividades significativas e atuem em consonância com a realidade dos sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem?

Filho e Vidal se preocupam com o ensino parcelado, pois acreditam que este impede a relação entre as matérias e a interação com os conhecimentos, dificultando o aprendizado interdisciplinar.

> A distribuição do tempo escolar em aulas, períodos, anos e cursos indica também uma concepção sucessiva e parcelada do ensino. Segmentados, os conhecimentos se acumulam, sem necessariamente se relacionar. O tempo escolar se associa às horas em que se permanece na escola, contabilizadas em sinetas, recreios, cadernos, da mesma maneira que nos ponteiros do relógio. O que se faz durante este tempo é o objeto em disputa. Como se gasta ou usa o tempo de estada no espaço escolar é o que cada vez mais se põe em xeque à medida que se alteram as demandas sociais (2000, p. 32).

Para Escolano, a fragmentação visa a atender outros tempos sociais, "instituindo um sistema de valores, um conjunto de aprendizagens sensoriais e motoras e uma semiologia que recobre símbolos estéticos, culturais e ideológicos" (1998, p. 26 apud FILHO & VIDAL, 2000, p. 19). Esta realidade prejudica as ações interdisciplinares, realizadas de forma organizada, planejada e em consonância com as áreas do conhecimento e a realidade da unidade de ensino.

Os projetos comunicativos observados ao longo da nossa pesquisa revelam as dificuldades para manter propostas educacionais que não integram oficialmente o programa escolar. Na primeira escola que analisamos (Biritiba Mirim), as atividades ocorrem em consonância com o planejamento do professor; enquanto na segunda unidade (Ferraz de Vasconcelos), são ações interdisciplinares coordenadas por mediadores que precisam dividir o seu tempo entre as aulas e os projetos. Essas ações não fazem parte do currículo escolar, e são realizadas paralelamente ao período de aulas, e não no contraturno. Isto impede a integração de todos os docentes e discentes. Os alunos que participam, assim como os educadores, dividem as suas responsabilidades para auxiliar nos canais informativos.

Levar a mídia à sala de aula, incentivar a leitura e produção de projetos comunicativos, estimular o debate sobre os recursos midiáticos e explorar as tecnologias em diferentes atividades necessita de uma aula preparada, de um espaço apropriado e de um tempo organizado. Esses questionamentos fazem com que muitos professores não coloquem projetos em prática e que alunos não participem de propostas diferenciadas, tendo em vista as dificuldades de se ajustarem às temporalidades escolares.

Apesar dos desafios, as propostas investigadas persistem, sendo integradas, formal ou informalmente, à dinâmica sistematizada das unidades escolares. De acordo com os educadores, as atividades neste sentido mobilizam o universo escolar e resgatam o interesse pelo aprendizado, pela troca de saberes, pela aquisição de novos conhecimentos. Os resultados elencados ao longo dos anos são os motivos que impulsionam os mediadores a dar continuidade às ações. São alunos e professores se desdobrando para reorganizar seus tempos e administrar os espaços para conseguirem aliar o ensino tradicional, pautado nas diretrizes curriculares, com o informal, elencado pela práxis, a experiência, o "aprender fazendo".

Parente alerta sobre a necessidade de construirmos tempos escolares mais humanos, que respeitem as necessidades dos alunos. Isso "significa compreender que os

sujeitos da educação são seres históricos, sociais e culturais, imersos num processo de construção. Significa desejar que os tempos escolares sejam construídos por meio de um olhar mais atento aos sujeitos das práticas educativas" (2010, p.136).

A escola tem uma temporalidade própria, há um tempo para o pensamento, a reflexão e o debate. Os "tempos escolares" tradicionais ainda não se encontram em consonância com a dinâmica dos "tempos sociais". De um lado, um regime arbitrário, tradicional, conservador; de outro, há o desafio que cabe à escola de sintonizar com o tempo da sociedade em que está inserida, marcado por mudanças constantes advindas da comunicação, informação e tecnologias, que refletem na formação dos sujeitos, das culturas, da dinâmica social, e, desta forma, impõem uma maior reflexão.

Terminada a construção metodológica e epistemológica desta pesquisa, seguimos para a apresentação do cenário em que o estudo foi realizado.

Parte IV

Amostragem: o cenário e a abrangência da pesquisa

A escolha das escolas, o acompanhamento dos projetos e a observação das ações

Amostragem: o cenário e a abrangência da pesquisa

4. Projetos avaliados

4.1. Emef Waldemar Costa Filho, de Biritiba Mirim

4.1.1 Caracterização da unidade de ensino

A Emef Waldemar Costa Filho fica localizada em Biritiba Mirim[55], município do interior de São Paulo conhecido pelo seu ambiente tranquilo, bucólico e acolhedor. Com cerca de 32 mil habitantes, os moradores são receptivos, simpáticos e atenciosos, e percebem, rapidamente, quando alguém "diferente" chega ao local, pois a maioria, praticamente, se conhece. A escola escolhida para a realização da pesquisa com o grupo do Ensino Fundamental I está instalada no bairro Jardim dos Eucaliptos, que fica a cerca de três quilômetros do centro da cidade. Longe da área urbana, a região é cercada pela natureza, com atividades hortifrutigranjeiras.

Ao lado da instituição, há uma creche ainda não inaugurada, e entre as duas unidades escolares, há algumas casas e comércios. A infraestrutura é precária, ruas esburacadas, que, desde a primeira até a última visita ao local (ao longo de dois anos) ainda não haviam sido recapeadas; há um campo esportivo, que era uma opção de lazer da vizinhança, mas encontra-se abandonado e sem manutenção. A diversão das crianças é na rua, em suas casas e até mesmo na escola, que se assemelha a uma unidade rural. Os moradores contam com um posto de saúde e transporte público para se locomoverem a outros pontos da cidade e demais regiões. A maioria dos alunos mora próximo e vai a pé à escola, mas há alguns que residem em sítios da redondeza, nos bairros Sertãozinho e Vale Verde. Estes, por sua vez, utilizam o ônibus escolar.

A unidade foi inaugurada em 16 de agosto de 1986, como uma escola isolada, e era vinculada, até então, à Escola Estadual de Primeiro Grau (EEPG) João Cardoso de Siqueira Primo, de Biritiba Mirim. Em 28 de março passou a ser denominada Emef Jardim dos Eucaliptos, conforme o decreto nº 2.056, passando a ser subordinada à Secretaria Municipal de Educação[56]. Atende a turmas de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental I.

---

[55] A cidade fica localizada a cerca de 80 quilômetros de São Paulo. Segundo o IBGE, possui uma unidade territorial de 317,406 quilômetros quadrados, dos quais 8.500 hectares são de Mata Atlântica. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/biritiba-mirim/panorama.>Acesso em agosto de 2018.

[56] A Secretaria de Educação de Biritiba Mirim é responsável pela administração de 15 escolas, sendo oito do Ensino Fundamental I, três unidades de Educação Infantil e quatro creches. Possui, ao todo, 135

Atualmente, possui 240 alunos e 16 professores, sendo dois especialistas, das disciplinas de Educação Física e Artes. Em 2012, passou a se chamar Emef Waldemar Costa Filho, em homenagem ao ex-prefeito de Mogi das Cruzes.

O patrono[57] foi um político e empresário, que nasceu em junho de 1923 em Juiz de Fora, em Minas Gerais. Mudou-se para Mogi das Cruzes em 1942 com o objetivo de trabalhar na Mineração Geral do Brasil. Na década de 1960, tornou-se empresário no setor de transportes, e, ao ingressar na carreira política em 1958, passou a manter as duas funções. Governou o município vizinho durante quatro mandatos, entre os períodos de 1969 a 1973, 1977 a 1983, 1989 a 1993 e 1997 a 2001. Entre as suas obras, destaca-se a construção da Mogi-Dutra, ligando o município à rodovia com acesso à capital paulista, construída em seu primeiro mandato; e a rodovia Dom Paulo Rolim Loureiro, a Mogi-Bertioga, inaugurada na segunda administração. Também inaugurou importantes prédios públicos, como hospitais e escolas; ampliou a pavimentação asfáltica por todo o município e transformou a região no tradicional "Cinturão Verde"[58]. Nos períodos em que esteve fora da administração mogiana, atuou como secretário de abastecimento na gestão de Paulo Maluf na Prefeitura de São Paulo entre os anos de 1993 a 1996. Waldemar Costa Filho faleceu em abril de 2001, aos 77 anos, vítima de insuficiência cardíaca e falência múltipla dos órgãos após ser diagnosticado com câncer no pulmão. Seu nome intitula rodovias, hospitais, escolas da região, dentre elas a que integra esta pesquisa.

Com relação à infraestrutura da unidade municipal, há equipamentos tecnológicos, como rádio, televisão, lousa digital e data-show, no entanto, possuem apenas dois computadores destinados à secretaria e à gestão. O acesso à internet é restrito às atividades administrativas, mas a conexão é lenta, devido ao "sinal" insatisfatório. Olhando ao redor, trata-se de uma escola simples. Ela é pequena, possui sete salas, sendo uma delas destinada à biblioteca, onde fica uma lousa digital, um televisor, um rádio, um

professores e 3.197 alunos. Mais informações estão disponíveis em: < http://educabiritibamirim.com.br/>. Acesso em março de 2017.

57 Um de seus três filhos é o ex-deputado federal Valdemar Costa Neto, que seguiu a carreira política, mas se envolveu em vários escândalos, dentre eles a participação no Mensalão. Chegou a ser condenado a sete anos e dez meses de prisão por corrupção passiva e lavagem de dinheiro. Atualmente, é considerado um articulador político e administra, mesmo não sendo mais filiado, o Partido da República (PR).

58 Mogi das Cruzes é considerada o "Cinturão Verde" do Estado de São Paulo. O município se destaca na produção de hortifrutigranjeiros, sendo o maior produtor nacional de produtos como caqui, cogumelo, nêsperas, orquídeas e ovos de codorna. Informações disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/mogi-das-cruzes/panorama>. Acesso em agosto de 2017.

DVD, e o espaço é usado em diferentes ocasiões. Segundo os alunos, o local carece de melhorias. Também há o refeitório, as salas da diretoria, secretaria e dos professores, e, após uma reforma, o espaço foi a adaptado para atender os estudantes que apresentam alguma deficiência. Durante os depoimentos colhidos com a aplicação dos questionários, eles ressaltam a necessidade da construção de uma quadra, pois as aulas de Educação Física são realizadas no pátio; um laboratório de informática, considerando que muitos não possuem computadores para a realização dos trabalhos escolares; a manutenção contínua, por se tratar de um espaço público. Apesar dessas carências, elogiaram o ensino ao apontar as diferentes atividades realizadas e a preocupação de toda a equipe (gestores, professores e funcionários) com a formação escolar.

Figura 11 - Fachada da Emef Waldemar Costa Filho

Escola de Biritiba Mirim que atende turmas do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental

Fonte: Autora (2017)

4.1.2 Docentes, discentes e equipe gestora

Os professores moram em outros bairros, alguns são de outras cidades, e se mostram satisfeitos com o espaço onde atuam. Ao todo, há 14 pedagogos, que se dividem entre as turmas de 1º ao 5º ano e são responsáveis pelas disciplinas de Língua Portuguesa, História e Geografia, Ciências Físicas e Biológicas, Matemática. Dois educadores especialistas respondem pelas áreas de Educação Física e Artes. Dentro das aulas, há,

também, o ensino religioso, pautado na disseminação de valores e orientações voltadas à cidadania e responsabilidade social. Os ciclos finais do Ensino Fundamental I agrega 25 aulas semanais, com duração de 50 minutos, totalizando mil horas, distribuídas ao longo de 200 dias letivos.

Há um grupo que atua pela manhã e outro à tarde. Nenhum professor "dobra" o turno. Dos entrevistados, isso ocorre apenas em casos emergenciais, quando há faltas de algum profissional, realização de atividades pendentes, reunião de planejamento e organização do espaço para algum evento.

Observa-se uma equipe integrada, que semeia ideias, propostas de trabalho e sugestões de atividades. As reuniões do HTPC ocorrem semanalmente, uma pela manhã e outra à tarde, e este é um momento para acompanhar o empenho de cada um diante da sua turma. O encontro, conduzido pela diretora pedagógica, atualiza a todos sobre os eventos tanto da escola quanto da rede de ensino. Também há debates sobre algum tema especial, complementado com leituras de textos, dinâmicas e apresentações. Cada mês possui um evento associado a uma data comemorativa, e as reuniões são um momento para o planejamento, a organização das tarefas e a divisão das responsabilidades. Percebe-se a integração entre os educadores dos dois turnos, seja por grupos nas redes sociais, na própria escola ou nas reuniões gerais, quando todos devem participar.

A gestão escolar é formada pela diretora, que atua há 12 anos na escola, e tem uma trajetória de 22 anos dedicados à Educação. Concursada, ela tem um vínculo com a unidade de ensino, e acompanha um grupo que atua na instituição, em média, de 5 a 10 anos. Isto colabora para a harmonia e sintonia da equipe. A coordenação é volátil, e, às vezes, o cargo é ocupado, e, em outros momentos, permanece vago. Esta função é ocupada por alguém comissionado, ou seja, indicado pela Secretaria Municipal de Educação. Desta forma, ao longo dos dois anos de pesquisa, dois educadores ocuparam a coordenação. Apesar desta troca constante, a diretora é pró-ativa, focada, determinada e uma gestora dialógica, pois consegue coordenar e dirigir a sua unidade, contando com o apoio dos funcionários do setor administrativo e os demais professores.

4.1.3 Perfil socioeconômico da comunidade escolar

Segundo o regimento escolar, a comunidade local é formada por trabalhadores rurais, comerciantes, pedreiros, caminhoneiros, autônomos e funcionários da Prefeitura de Biritiba Mirim. O perfil socioeconômico das famílias é baixo, muitos pais encontram-

se desempregados, e a escola acaba sendo o único lugar de lazer, cultura e diversão. O bairro registrou um aumento populacional nos últimos anos ao receber novos moradores, vindos de Salesópolis, Ferraz de Vasconcelos, Mogi das Cruzes e São Paulo, o que gerou o aumento de matrículas, e, por sua vez, de alunos.

Segundo o IBGE, até 2016, o salário médio mensal dos moradores de Biritiba Mirim era de 2,1 salários mínimos, e a proporção de pessoas ocupadas em relação à população total registrava 10,3%. Os domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa compunham 36,1% da população. As principais fontes de renda dos biritibanos vêm da agricultura – o governo desenvolve programas e ações de incentivo neste segmento – e do comércio. Em complemento a esses dados, o Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil[59] destaca o aumento da população economicamente ativa e a queda do público inativo no período de 2000 a 2010. De acordo com o levantamento, a taxa de atividade da população economicamente ativa de 18 anos ou mais passou de 67,84% para 68,91% em 2010. Ao mesmo tempo, a taxa de desocupação (ou seja, o percentual da população ativa, mas que estava desocupada) passou de 14,75% em 2000 para 7,54% em 2010. Um retrospecto para conhecer o perfil do município, que, apesar de suas dificuldades estruturais, apresenta preocupação com o ensino.

4.1.4 Projetos desenvolvidos

A instituição se preocupa em desenvolver ações que ampliem os debates promovidos em sala de aula. Com o objetivo de aproximar a escola da comunidade, algumas propostas inserem as famílias em sua realização. Há programas que fazem parte do cronograma escolar e outros que são esporádicos. Na área de Língua Portuguesa, há o projeto de leitura "Ler e Gostar - É Só Começar", que estimula a prática leitora por meio de diferentes gêneros textuais, suportes de leitura e manifestações artísticas; na área de Meio Ambiente, há o "Boa Energia nas Escolas", desenvolvido em parceria com a EDP Bandeirantes com o objetivo de estimular o uso consciente dos recursos naturais do planeta; e a "Valorização da Comunidade", que organiza palestras, debates e eventos para trazer as famílias às escola e incentivar a sua participação na jornada estudantil de seus filhos. Paralelamente a essas ações, há iniciativas pontuais, que ocorrem nas diferentes

[59] Panorama completo da cidade disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/305>. Acesso em agosto de 2018.

disciplinas, a fim de estender os aprendizados de assuntos abordados em determinado estágio do conteúdo curricular.

De acordo com o projeto político pedagógico, a Emef Waldemar Costa Filho baseia o seu trabalho no modelo socioconstrutivista, partindo do pressuposto de que a relação com o meio é fundamental para o aprendizado, conforme explicita o documento oficial:

> Nesta concepção, o professor é o mediador da aprendizagem, propondo tarefas desafiadoras, nas quais os estudantes têm a possibilidade de utilizar os seus conhecimentos prévios para produzir novos saberes. Tal concepção, alicerçada na interação, torna o papel do professor mais ativo na medida em que realiza propostas que aproximam os alunos de contextos reais de aprendizagem.[60]

A realização de projetos interdisciplinares propicia esses desafios, tanto para os educadores, que organizam a sua rotina para implementar as atividades extras ao lado das tradicionais; quanto aos alunos, que recebem tarefas que estimulam o seu envolvimento e maior participação no contexto escolar. Durante o período de observação das aulas, é notável a rotatividade das ações. Datas comemorativas, como Dia do Índio, do Meio Ambiente, Folclore, da Família, das Mães, dos Pais, sempre são assuntos de propostas especiais, que envolvem o corpo docente e discente e os familiares. A gestão acredita que estas ações proporcionam vivências significativas e são uma forma de unir o que é necessário ensinar (em referência ao que consta nos currículos) com o que é importante aprender (com relação às experiências práticas).

Dentre as propostas idealizadas, nossa pesquisa se preocupou em avaliar o "Jornal Mural" e o "Boletim da Emef Waldemar Costa Filho", duas iniciativas desencadeadas por meio do projeto de leitura que se enquadram na interface Comunicação e Educação e são realizados desde 2015. O primeiro remete a publicações esporádicas inseridas nos corredores da escola, que trazem recortes de notícias de um jornal regional, trabalhos produzidos pelos alunos e publicações realizadas pelas crianças, como contos, crônicas, histórias em quadrinhos, mangás, haicais, cartas, recados, dentre outras produções textuais e artísticas, evidenciando diferentes manifestações de expressão. O segundo projeto refere-se a uma publicação anual, realizada ao longo do período letivo, e finalizada em dezembro. Também há a participação de todas as turmas, que organizam as tarefas e responsabilidades para registrar o que foi concretizado na escola tanto pelos alunos quanto os educadores. Os grupos dos 4º e 5º anos são os mais atuantes nas duas

[60] Trecho retirado do documento que descreve o projeto político pedagógico da unidade municipal.

iniciativas, pois eles estão sendo apresentados, ao longo desta etapa estudantil, a diferentes gêneros textuais. Trata-se de uma série em que a produção textual é intensa, e o estímulo à autoria em diferentes dispositivos, reforçado. Por este motivo, as duas salas do 5º ano foram as observadas durante o presente processo de investigação.

a. Jornal Mural

O jornal mural[61] mantém a sua tradição nas escolas, em especial na Emef Waldemar Costa Filho. Inserido nos corredores da unidade, a publicação é atualizada constantemente, de acordo com o fluxo de produções dos estudantes. Durante o período de acompanhamento das atividades, o que se observa nestes espaços são produções autorais estimuladas nas ações do projeto de leitura, que visam tanto aos textos escritos quanto aos artísticos. O objetivo é incentivar a expressão dos estudantes.

Há trabalhos das turmas do 1º ao 5º ano, realizados em suas aulas durante a abordagem de determinada temática. Para as turmas iniciais, do 1º ao 3º ano, no estágio de alfabetização, observam-se desenhos baseados em obras lidas ao longo das aulas, que contemplam contos de fada, lendas, fábulas, cantigas; produções textuais como bilhetes, cartas, receitas; gêneros abordados nessas séries. Aos 5º anos, são apresentados a notícia, a reportagem, a crônica, artigo de opinião, o texto argumentativo. Nesta série, a produção é intensificada, e os alunos se aprofundam nos subgêneros presentes na linguagem jornalística.

A unidade escolar recebe diariamente exemplares do jornal Diário do Alto Tietê, e os professores os utilizam para explanar sobre os assuntos divulgados e as categorias discursivas, trabalhadas na disciplina de Língua Portuguesa por meio do programa Ler e Escrever[62]. Este é o material didático utilizado pela rede municipal, e os estilos textuais

---

[61] Os trabalhos são compartilhados na página do Facebook, que é atualizada pela diretora. Confira em: <fb/waldemarcostafilho>. Acesso em janeiro de 2017.

[62] O Programa Ler e Escrever é uma iniciativa da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo. Envolve um conjunto de ações articuladas que inclui formação de professores, coordenadores pedagógicos e técnicos, acompanhamento das aprendizagens dos alunos, elaboração e distribuição de materiais pedagógicos e outros subsídios, constituindo-se como uma Política Pública para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Implantado em 2008 na capital e região metropolitano e em 2009 no interior de São Paulo. O objetivo é promover a melhoria do ensino nas redes estadual e municipal contribuindo com o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), que atua em sintonia com a meta 5 do Plano Nacional da Educação (PNE), cujo desafio é garantir que todos os alunos estejam alfabetizados em Língua Portuguesa e Matemática até os 8 anos, ou seja, ao fim do 3º ano do Ensino Fundamental I. Mais informações disponíveis em: < http://lereescrever.fde.sp.gov.br/SysPublic/Home.aspx>. Acesso em janeiro de 2017.

enumerados integram o conteúdo dos 5º anos. Os alunos destas séries são responsáveis por fazer a leitura diária do jornal e selecionar as notícias consideradas mais importantes, em especial as relacionadas ao município, para serem arquivadas no Jornal Mural. Ao longo do processo de leitura, recortes e colagens, os gêneros discursivos são intensificados, fatos atualizados e articuladas discussões sobre algum assunto que gerou repercussão. Esta prática foi ampliada com a participação da escola no projeto regional Dat - Formando o Cidadão do Futuro[63] (que incentiva o jornal na sala de aula). Com o objetivo de unir o que vinha sendo trabalhado nas formações mensais da proposta regional com os conteúdos da apostila didática da iniciativa estadual, a gestão escolar, em conjunto com os professores, decidiu produzir o boletim informativo, quando, então, os alunos colocaram em prática o que estavam aprendendo.

Figura 12 - Mural da unidade escolar com as produções dos alunos

Espaço reúne trabalhos de todas as turmas da escola
Fonte: Autora (2017)

[63] Vide página 28, que traz uma explicação sobre este projeto desenvolvido em escolas do Alto Tietê.

b. Boletim Emef Waldemar Costa Filho

Os professores dos ciclos finais do Ensino Fundamental I passaram a apresentar os suportes midiáticos (em especial, o jornal impresso), estimular a leitura e a interpretação, e, em seguida, incentivar a criação do boletim informativo. A produção é anual, exibida em dezembro, durante o evento de encerramento do projeto de leitura, quando há exposições, atrações culturais e uma confraternização. O boletim envolve 12 turmas, do 1º ao 5º ano, e aborda as seguintes editorias: Lazer, Educação, Saúde, Política, Segurança, Trabalho, Cultura e Esportes. Cada sala produz um texto, que pode ser coletivo ou individual, com as suas apurações, pesquisas, entrevistas e imagens. Mediados pelo professor, todos se responsabilizam pelo processo. A coordenação geral e a revisão são feitas pelo mediador (professor da turma), a diagramação pelo secretário escolar (que atua na administração, secretaria e contabilidade da instituição), a conferência geral e impressão de alguns exemplares pela coordenadora e diretora pedagógicas. O boletim envolve a participação de toda a equipe docente e discente, inclusive, os funcionários da limpeza e os agentes escolares (inspetores de alunos), que ajudam na montagem do suplemento (são impressos em folha sulfite e grampeados) e distribuição. Busca-se parcerias para uma impressão profissional e uma edição personalizada.

De notícias a reportagens, ao longo da realização da publicação, as crianças discutem situações do universo escolar, do bairro, da região e até do país para introduzir o espírito crítico, participativo e criativo. Dentre os assuntos acompanhados durante as aulas dos 5º anos, foi possível presenciar debates sobre uma creche que há muito tempo vem sendo construída, mas até o momento não havia sido inaugurada; o descarte incorreto do lixo, que tem causado transtornos ao bairro; a falta de segurança na região, que ocasionou um assalto à escola; a desatenção dos governantes quanto à situação das ruas da vizinhança, que precisam ser recapeadas; a necessidade de buscar melhorias aos moradores e à unidade escolar junto à prefeitura e à câmara municipais. Estes temas geraram textos argumentativos dos alunos, e as produções envolveram tanto a escrita quanto a oralidade. Eles entraram em contato com educadores, moradores e autoridades para dar aporte às suas pesquisas.

As atividades são diversas, e, para ilustrar o cenário de toda a articulação das produções escolares, algumas aulas foram selecionadas e serão esboçadas na descrição do processo de investigação e análise dos dados apurados, que integram o capítulo V desta

dissertação. As dinâmicas ressaltam que a produção vai além dos textos, e foram realizadas em consonância com a realidade local, regional e global. Além de incentivar a leitura, interpretação e produção, os projetos estimulam a participação, a cidadania, a visão de mundo e a percepção crítica da realidade. Alguns dos trabalhos expostos no mural também resultaram em produções especiais para o boletim informativo. São dois projetos realizados em conjunto e que utilizam as linguagens da comunicação, da informação e das tecnologias.

Figura 13 - Alunos com uma das edições do boletim informativo

Produção realizada pelas turmas dos 4º e 5º anos
Fonte: Autora (2016)

4.1.5 Matrizes curriculares norteadoras das ações educativas

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) incluem em seus artigos a utilização de textos informativos no processo de ensino e aprendizagem. Eles podem ser vistos nos livros didáticos de todas as disciplinas, pois é comum a inclusão de notícias e reportagens jornalísticas de diferentes segmentos editoriais para complementar o conteúdo de alguma matéria, seja na área de Linguagens como de Ciências Naturais e Ciências Humanas. No entanto, as aulas de Língua Portuguesa são as que atuam com esses discursos com mais profundidade. Esta área do conhecimento tem como premissa central a leitura, interpretação e produção textual, em especial, nos anos finais da

Educação Básica. Paralelamente a essas habilidades são trabalhadas a gramática e a literatura a fim de complementar o repertório linguístico e cultural necessário para uma escrita coesa e coerente. Segundo os PCNs do Ensino Fundamental I, o ensino da língua é uma das maneiras de garantir a construção da cidadania.

> O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos (BRASIL,1998, p. 21).

O documento defende que o ensino deve ir além do ler e escrever, abrir possibilidades para o debate, a reflexão e compreensão por meio da palavra, seja oral ou escrita. Para isso, o aluno tem de se sentir apto a elucidar os signos históricos e sociais que permeiam o universo da linguagem, por considerar esta habilidade importante para ampliar a capacidade de interpretação da realidade.

> Dessa perspectiva, a língua é um sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade. Assim, aprendê-la é aprender não só as palavras, mas também os seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas do seu meio social entendem e interpretam a realidade e a si mesmas. (BRASIL, 1998, p. 22)

Projetos de leitura auxiliam na formação desses princípios, agregando, na prática, os conhecimentos adquiridos ao longo do conteúdo programático. São iniciativas que ajudam na identificação das diferentes linguagens e estimulam o interesse pelo "ler", "interpretar", e, por sua vez, "expressar", seja com textos escritos ou produções audiovisuais. São, inclusive, incentivados pelos PCNs, conforme destaca um dos itens do documento:

> Os projetos são situações em que linguagem oral, escrita, leitura e produção de textos se inter-relacionam de forma contextualizada, pois quase sempre envolvem tarefas que articulam esses diferentes conteúdos. São situações linguisticamente significativas, em que faz sentido, por exemplo, ler para escrever, escrever para ler, ler para decorar, escrever para não esquecer, ler em voz alta em tom adequado (BRASIL, 1998, p. 46).

As propostas desenvolvidas pela Emef Waldemar Costa Filho na interface Comunicação e Educação podem ser consideradas uma destas práticas promissoras criadas para aliar o teórico (presente no programa) ao prático (realizado por meio de experiências). O jornal mural e o boletim informativo foram criados para concretizar os aprendizados direcionados especificamente à linguagem jornalística e seus diferentes subgêneros, um dos conteúdos didáticos que constam no cronograma curricular e que

devem ser aplicados nas séries finais (4º e 5º anos) do Ensino Fundamental I. O currículo da rede municipal é pautado no material didático do Programa Ler e Escrever[64], que, dos anos iniciais aos finais (1º ao 5º ano), insere textos informativos no processo de formação das crianças. Há uma sequência de atividades que começa com a apresentação dos meios de comunicação como portadores de leituras. A partir do 3º ano, os alunos conhecem as características desses suportes e são estimulados a serem leitores dos veículos para se manterem informados e conscientes quanto ao que ocorre em seu universo.

O tema é aprofundado no 4º ano, quando são abordadas a posição dos veículos de informação, a sequência temporal dos fatos noticiados, as características dos textos narrativos e opinativos. Com foco no desenvolvimento da capacidade leitora, os exercícios trabalham a compreensão e interpretação dos alunos. Neste estágio, alguns dos gêneros textuais presentes, em especial, no jornal impresso, são explorados. As características dos textos de opinião, notícia e reportagem, carta de leitor e da propaganda fazem parte desse processo. De acordo com a Matriz de Avaliação Processual - Anos Iniciais, o objetivo é desenvolver as seguintes habilidades:

> H 05 − Reconhecer a sequência temporal dos fatos relatados em uma notícia.
> H 06 − Identificar a opinião e o posicionamento do autor em uma carta opinativa de leitor.
> H 07 − Identificar a finalidade de uma carta de leitor a partir de sua compreensão global.
> H 08 − Identificar o público-alvo de uma propaganda veiculada em jornal, a partir da análise de sua linguagem verbal e não verbal.
> H 09 − Reconhecer informação explícita de um fato noticiado, a partir da leitura do lead da notícia.
> H 10 − Identificar o local e a data em que aconteceu o fato relatado em uma notícia.
> H 11 − Identificar a posição/opinião de uma declaração de sujeitos, relacionado ao fato retratado em uma notícia.
> H 12 − Distinguir as diferentes posições dos veículos de comunicação, em relação ao mesmo fato, por meio da leitura de uma mesma notícia publicada em veículos diferentes.
> H 13 − Localizar informações explícitas em um artigo expositivo que contextualize o leitor em relação ao tema abordado (SÃO PAULO, 2016, p. 21).

Percebe-se que há a preocupação em apresentar a construção das notícias e suas diferentes abordagens. Apesar de a escola receber um veículo regional, os educadores atuam com outros meios para observar a interpretações acerca de um mesmo assunto.

[64] A primeira fase do Ler e Escrever teve início em 2007, com iniciativas nas escolas da capital paulista. Após um ciclo de formação com professores, o programa passou a ser adotado em todas as salas de aula em 2008. Nesse mesmo ano, por iniciativa do governo federal, a proposta foi ampliada para a Região Metropolitana de São Paulo e, em 2009, para o interior e litoral.

Inicia-se o estudo das linhas editoriais, da preocupação com a interpretação e conscientização para evitar as possíveis manipulações. Há o início de uma leitura crítica da mídia. Interpretação, formação de opinião e argumentação são exploradas nos exercícios, preparando as crianças para construírem suas visões sobre o que leem, e, em seguida, do que ouvem e assistem. O estímulo à leitura é constante para, então, incentivar a produção e a autoria em sala de aula por meio dos dispositivos informativos.

As turmas do 5º ano receberam a atenção desta pesquisadora, que pôde acompanhar estágios de seus trabalhos com as linguagens da comunicação. Em primeiro lugar, a roda de jornal passa a integrar a rotina das aulas desses grupos, e este é um requisito do Programa Ler e Escrever. Segundo a Matriz de Avaliação Processual - Anos Iniciais, esta atividade é considerada permanente e visa à: (1) Reconhecer os diferentes veículos de informação como fontes dos acontecimentos que cercam o nosso cotidiano. (2) Compreender que as notícias não são textos neutros, mas orientados pelas crenças e valores dos veículos que a produziram. (3) Reconhecer a estrutura organizativa do portador jornal, bem como as diferenças entre um veículo e outro. (4) Desenvolver comportamento de leitor de jornal (SÃO PAULO, 2016, p. 22).

Desta leitura, que não ocorre diariamente, e sim esporadicamente, os debates são aprimorados, e, segundo os professores, existe a contínua evolução dos alunos tanto nas produções orais quanto textuais. No 5º ano, leitura, interpretação e produção norteiam o trabalho em Língua Portuguesa. O jornal passou a ser um aliado neste trabalho, e foi por meio da sequência didática intitulada "Lendo notícias para ler o mundo"[65] e das ações do projeto Dat - Formando o Cidadão do Futuro que a produções escolares foram criadas, primeiramente, desenvolvidas pelas turmas desse estágio, e, depois, por todas as séries. Este trabalho busca a concretização das seguintes habilidades estipuladas pela Matriz de Avaliação Processual - Anos Iniciais:

[65] O material didático é formado por sequências didáticas, projetos e atividade permanentes. Cada capítulo envolve uma temática, como meio ambiente, lendas folclóricas, o sistema solar, reciclagem, reino animal, dentre outras. São conteúdos extensos e que são trabalhados em várias aulas. Isso porque engloba não só leitura, interpretação e produção como também tópicos gramaticais, gêneros textuais e literatura. Assuntos referentes às linguagens da comunicação começam desde o 3º ano, quando as crianças são apresentadas aos diferentes portadores de leituras, sendo o jornal o principal representante. Este conteúdo está presente na sequência didática "Os Meios de Comunicação", conforme consta no Guia de Planejamento e Orientações Didáticas - Professor 3º Ano. O assunto volta a ser explorado no 4º ano, com a sequência intitulada "Lendo notícias para Ler o Mundo", e ampliado no 5º ano, com um novo cronograma de ações. De acordo com o Manual de Avaliação Processual - Anos Iniciais, que descreve o programa das turmas do 1º ao 5º ano, os textos informativos fazem parte do cotidiano dos alunos desde as séries iniciais às finais.

> H 01 – Identificar a posição/opinião de uma declaração de sujeitos relacionada ao fato retratado em uma notícia.
> H 02 – Reconhecer a sequência temporal dos fatos relatados em uma notícia.
> H 03 – Distinguir as diferentes posições dos veículos de comunicação, em relação ao mesmo fato, por meio da leitura de uma mesma notícia publicada em veículos diferentes.
> H 04 – Identificar uma opinião em relação a um acontecimento retratado em uma notícia veiculada em jornal.
> H 05 – Identificar o local e a data em que aconteceu o fato relatado em uma notícia. (SÃO PAULO, 2016, p. 24)

O tópico consta do conteúdo a ser aplicado no segundo semestre. Segundo o Guia de Planejamento e Orientações Didáticas - Professor 5º Ano, do Programa Ler e Escrever, esta etapa pode ser realizada ao longo de dez aulas, e, em média, de um a dois meses, no entanto, depende da organização do educador, que precisa conciliar este conteúdo com o das outras disciplinas. Ao analisar o material, observa-se que existe um roteiro para apresentar o gênero jornalístico às crianças. Primeiramente, o jornal, a revista, o site e a televisão são identificados como portadores de leitura. Há uma explicação sobre as características de cada um deles e da importância de se manter atualizado sobre o que está ocorrendo pelo mundo. Seria um complemento de alguns aspectos já abordados nas séries anteriores, no entanto, leva-se em consideração que os alunos estão finalizando uma etapa do ensino, e encontram-se mais questionadores, opinativos e participativos.

O professor se encarrega de levar estes meios de comunicação, e, com eles em mãos, dá início a uma nova etapa das aulas, a de mostrar as seções, as editorias, a composição dessas publicações. Por último, explica os subgêneros presentes na linguagem jornalística, com as notícias, reportagens, crônicas, quadrinhos, tirinhas, artigos de opinião, charges, dentre outros. A aula é complementada com a discussão de algumas nomenclaturas próprias dos meios informativos, jargões como chapéu, olho e lead. As diferenças entre notícia e reportagem também são abordadas, e, após um trabalho sistematizado de todo o processo de produção, circulação e recepção, o aprendizado é consolidado com a prática, quando os alunos são convidados a produzir o seu próprio jornal com base em tudo o que foi explorado.

O conteúdo é amplo, e, ao longo do processo de observação, as aulas programadas pelo currículo não são suficientes. Todas estas atividades foram consolidadas ao longo do semestre, e os assuntos explorados na produção escolar, em especial, o jornal mural, envolviam os programas de outras disciplinas, para permitir o trabalho interdisciplinar. Quanto ao boletim informativo, os textos são coletivos – em dupla ou grupo –, e este processo conta com a escolha do tema, a pesquisa, as fontes a serem entrevistadas e o

registro fotográfico, para, então, a produção textual. Os alunos organizam as tarefas, algumas são realizadas como "trabalho escolar", e outras durante as aulas. A descrição das editorias, o formato do jornal, a estrutura a ser seguida também são debatidas em aula, embora a diagramação e organização de todo o conteúdo seja tarefa de outro departamento. O professor entrega à direção os textos revisados e fotos selecionadas. O material passa por uma nova conferência antes de ser inserido no informativo.

O objetivo é a compreensão do ciclo pelo qual passam os textos informativos e da dinâmica de um veículo de comunicação; da repercussão do que é divulgado; das interpretações dos assuntos abordados e da necessidade de uma criticidade diante do que se acompanha nos meios de comunicação. Com notícias ora duvidosas ora falsas sendo cada vez mais constantes na Imprensa, em especial, a digital, torna-se necessário fazer da educação midiática uma premissa no currículo escolar das séries inicias às finais. Este trabalho ainda não possui a atenção que merece, no entanto, algumas ações, como as articuladas nas escolas estudadas, apontam para a possibilidade da extensão e consolidação de um estudo mais aprofundado na interface da Comunicação e Educação.

4.1.6 Atuação do mediador

Os mediadores são os próprios educadores, que, em parceria com a gestão escolar, realizam os projetos. Cada um exerce as atividades com as suas respectivas turmas, e o coletivo é consolidado com a orientação da equipe gestora, que se mostra presente em todas as ações realizadas no espaço educativo. Os educadores do 5º ano demonstram compromisso com a educação, envolvimento com os assuntos a serem trabalhados, preocupação em inovar as didáticas e aprimorar o material didático utilizado pela rede de ensino. São profissionais que se dedicam integralmente às crianças, ao participar não apenas da sua vida escolar como também pessoal. São educadores, orientadores e parceiros, conforme destacado pelos próprios mediadores. A convivência é positiva, e estes diferentes perfis são observados durante as aulas. Os projetos realizados na interface da Comunicação e Educação realçam o espírito coletivo, colaborativo e integrado; inspiram os alunos a aprenderem algo diferente, como manusear uma máquina, entrevistar alguém considerado "importante"; produzir um trabalho que vai ser divulgado; pesquisar um assunto além da sala de aula; explorar a comunidade e a cidade.

Conforme descrito na caracterização da unidade, trata-se de uma escola carente com relação à estrutura, pois não possui recursos tecnológicos; e as crianças não têm fácil

acesso à cultura, lazer e tecnologia. A maioria não sai do seu bairro, apenas em situações especiais. Uma visita à região central já é um diferencial no seu cotidiano. Apesar disso, durante sua formação, são atuantes e interessados em ampliar seus olhares a fim de conhecer novos universos. São positivos a cada proposta lançada, e produzem o que estiver ao seu alcance, independentemente dos recursos disponíveis. Os alunos do 5º ano estão sendo preparados para uma próxima etapa escolar e um novo desafio: a mudança de escola. É um momento de transição, da troca de uma escola pública por uma estadual. E, no caso destes estudantes, eles passarão a estudar no centro, ou seja, longe da sua região, que não conta com unidade voltada aos ensinos Fundamental II e Médio. Os professores os preparam para esta mudança, pois é algo que inclui adaptações na rotina, comportamento, cultura, ambientes e realidades.

4.1.7 Envolvimento de educadores e gestores

A direção exerce um papel importante para a sintonia entre toda a equipe e a consolidação de todos os objetivos lançados ao longo de cada ano letivo. A gestão é democrática ao se mostrar dialógica, participativa e colaborativa. A equipe atua em consonância com os quatro pilares da educação[66]: aprender a conhecer, a fazer, a conviver e a ser. Desta forma, o ensino é pautado nas diretrizes curriculares e aprimorado com a criatividade da comunidade escolar, que acredita que a experiência é essencial para consolidar a reflexão teórica. O trabalho é coletivo, e a produção do boletim informativo demonstra esta parceria, pois envolve não apenas o corpo docente como também o grupo que atua no setor técnico e administrativo.

A comunidade também é participativa na dinâmica escolar. Este apoio ocorre de forma direta – com a integração na Associação de Pais e Mestres (APM) ou no Conselho de Escola – e indireta – com o auxílio nos eventos e em algum projeto especial. O resultado desta parceria entre a equipe escolar, alunos, familiares e o bairro contribui para o desenvolvimento contínuo da escola. Em 2017, a unidade conquistou a nota 5,7 no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb)[67], ultrapassando a meta escolar,

[66] Estes pilares foram apontados por Jacques Delors no relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, apresentado à Unesco durante a Conferência Internacional da Educação para Todos, realizada na Tailândia em 1990. Veja mais em: DELORS, Jacques. Educação: um tesouro a descobrir. 4. ed. São Paulo: Cortez; Brasília,DF: MEC; Unesco, 2000.

[67] O Ideb é calculado com base no aprendizado dos alunos em Português e Matemática (Prova Brasil) e no fluxo escolar (taxa de aprovação). Embora a unidade não tenha conquistado a nota 6,0, a referência estadual,

que era 5,6, e atingindo a municipal, projetada em 5,7. Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), a nota do município foi 6,1.

4.1.8 Participação dos alunos

A participação dos estudantes nos projetos que envolvem as linguagens da comunicação ocorre em consonância com as aulas. Existe a distribuição do tempo para aliar as atividades do jornal mural e o boletim informativo. Geralmente, são distribuídas nas aulas de Língua Portuguesa, que possui maior carga horária. Em sala, ocorre grande parte das ações, mas há uma demanda realizada como "dever de casa". Pesquisa aprofundada sobre o assunto a ser abordado, reuniões em grupo para definir as tarefas, atividades práticas como algumas entrevistas e registro de imagens, orientações com familiares são alguns exemplos. A produção textual ocorre tanto em sala quanto em casa, no entanto, a correção é feita em aula.

Percebe-se que as atividades são interessantes para os alunos. Eles, de fato, se envolvem com os temas distribuídos e vão além dos livros e da internet (para os que têm acesso). Muitos realizam pesquisa de campo e entram em contato com os pais, familiares e vizinhos para opinarem e ajudarem a debater os assuntos em destaque. São crianças na faixa etária de 10 a 11 anos, e algumas delas despertam a atenção pela precisão em suas opiniões, descrição de seus objetivos e realização das suas ações. As atividades estimulam a participação e revelam talentos em várias áreas, seja na escrita, na oralidade e nas artes. Como exemplos, podemos citar um aluno que criou uma revista de história em quadrinhos, com desenhos e textos de sua autoria; outros estudantes escreveram e ilustraram um livro destacando as melhorias que desejavam ao município, o trabalho coletivo recebeu o apoio de uma editora, que o transformou no livro "Transformando a Minha Cidade", publicada em dezembro de 2017. Estudantes que gostam de escrever, desenhar, opinar e semear ideias foram observados ao longo do processo de investigação.

---

atingiu a meta municipal e cresceu. O objetivo é melhorar para garantir mais alunos aprendendo e com um fluxo escolar adequado.

4.2 E.E. Professor Mário Manoel Dantas de Aquino

4.2.1 Caracterização da unidade de ensino

A escola escolhida para desenvolver os estudos dos grupos dos ensinos Fundamental II e Médio fica localizada em Ferraz de Vasconcelos[68], cidade próxima à capital paulista, com população estimada de 191.993 habitantes, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)[69]. Jurisdicionada à Diretoria Regional de Ensino de Suzano[70], a unidade estadual está instalada no bairro Parque Dourado, região periférica formada por conjuntos residenciais da Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU). Possui, ao todo, 79 professores, e 1.145 alunos matriculados, sendo 682 do Ensino Fundamental I e 463 do Ensino Médio. Muitos jovens moram nos blocos habitacionais, no entanto, boa parte reside em regiões próximas, como Parque São Francisco, Jardim Figueiredo, Tanquinho e Parque Atlântica, a uma distância de 15 a 20 minutos do polo de ensino.

A E.E. Mario Manoel Dantas de Aquino fica perto da área central, de uma estação de trem da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM), do terminal urbano de ônibus e com fácil acesso a outros bairros. Como há uma escola municipal – que atende os ensinos Infantil e Fundamental I – em frente à escola estadual, o movimento é constante ao longo do dia. As aulas ocorrem nos períodos da manhã, tarde e noite, e, além do ensino regular, há reforço para alunos com dificuldades de aprendizagem.

A escola foi fundada em fevereiro de 1977 com o nome de Jardim Dourado. No final da década de 1980 passou a ser chamada "Mario Manoel Dantas de Aquino", em homenagem ao professor de Matemática, Química e Física que atuou em vários colégios do Alto Tietê, como Mogi das Cruzes, Poá e Ferraz de Vasconcelos. A unidade recebeu reformas ao longo deste período, e, em 2008, ganhou uma nova edificação, ampliando a infraestrutura. O prédio conta com 14 salas de aula, além de espaços extras. Há, por

---

[68] Ferraz de Vasconcelos é um município do Estado de São Paulo, localizado na Microrregião de Mogi das Cruzes. Com uma extensão territorial de 30,07 km². Fica a aproximadamente 31,5 quilômetros da capital paulista. Informações disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/ferraz-de-vasconcelos/panorama>. Acesso em agosto de 2018.

[69] Dados referem-se ao balanço de 2017. Panorama completo da cidade: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/ferraz-de-vasconcelos/panorama. Acesso em agosto de 2018.

[70] A Diretoria Regional de Ensino de Suzano é responsável pela rede estadual de Ferraz de Vasconcelos e Suzano. A cidade onde foi realizada a pesquisa de campo possui 19 escolas estaduais. Segundo o IBGE, até 2017, estavam matriculados 7 mil alunos no Fundamental II e 7.468 no Ensino Médio. O corpo docente do município conta com 415 profissionais.

exemplo, laboratório de informática, as salas de leitura, de jogos, de recursos audiovisuais, do reforço escolar, do grêmio estudantil e a Sala de Atendimento Pedagógico e Especializado (SAPE), destinada às aulas com alunos que apresentam déficit de aprendizado. Possui quadra de esportes coberta e ainda um pátio e refeitório amplos e área de convivência.

A escola celebrou quarenta anos em 2017 com um evento especial para homenagear o patrono. Além de uma festa, que contou com a presença de familiares de Mario Manoel, os alunos produziram vídeos com depoimentos de ex-estudantes, ex-funcionários, ex-diretores, educadores e funcionários que atuam há bastante tempo na instituição, além de colaboradores e personagens que se transformaram em grandes profissionais. O homenageado foi uma pessoa influente na educação, exerceu as funções de professor e coordenador, e chegou a atuar na coordenadoria da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEE). Quando jovem, o patrono participava da Pastoral da Juventude e ajudou a organizar grupos da igreja católica que debatiam a situação do país e formas de intervir numa sociedade que vivia um período de perseguições políticas devido ao regime ditatorial. Na década de 1970, integrou a Ação Católica Operária (ACO), movimento de mobilização social que possuía líderes como Dom Helder Câmara, que lutava contra a repressão e os chamados "anos de chumbo". Como educador participou ativamente de todos os movimentos da categoria e sempre incentivou alunos e professores pela busca de seus direitos. Natural de Mogi das Cruzes, o militante nasceu em 1954 e faleceu em 1988.

O perfil mobilizador do patrono ainda pode ser encontrado nos canais de participação no cenário escolar, representados pelo grêmio estudantil, conselhos de escola e a Associação de Pais e Mestres. As reuniões colocam em pauta discussões que vão além dos problemas escolares. A realidade do país, que interfere significativamente no cenário regional, também sustenta debates e instiga o desejo de agir em prol de transformações, a começar pelos jovens, que, em sua maioria, são ativos e participativos.

Figura 14 - Entrada principal da escola estadual

Unidade fica localizada no Parque Dourado, em Ferraz de Vasconcelos
Fonte: Autora (2017)

4.2.2 Docentes, discentes e equipe gestora

A equipe gestora é formada pela direção, vice-diretor e dois coordenadores, responsáveis pelo Ensino Fundamental e Ensino Médio. A equipe atua, em média, há dois anos na gestão, no entanto, já possuíam um vínculo com a escola, pois, até então, lecionavam em suas respectivas disciplinas. Apenas à diretora, que anteriormente, trabalhava em uma escola de Mogi das Cruzes, coube o desafio de se integrar ao grupo escolar, conhecer o perfil da comunidade, dos alunos e professores e a dinâmica do novo espaço de trabalho. A escola estadual possui uma rotina movimentada, e, por atender um grupo heterogêneo, não é isenta de problemas.

Há reclamações de todos os lados, professores, alunos e familiares. Mas também existem os momentos positivos, como a visita de ex-alunos, as conversas com o grêmio estudantil, as reuniões com os jovens participantes dos projetos, a integração com parceiros que se propõem a ajudar a melhorar a escola, o encontro com os professores que desejam apresentar propostas de trabalho e com alunos que compartilham sugestões de atividades para a rotina educativa.

A secretaria recebe solicitações presenciais ou por telefone a todo o instante; é comum o “entra e sai” de alunos ou pais da sala da diretoria; os corredores, o pátio e a área de convivência, principalmente nos intervalos, são movimentados com a presença

dos adolescentes; e a sala dos professores raramente encontra-se vazia. São, ao todo, 79 profissionais divididos ao longo dos três turnos, portanto, ao entrar nesse espaço, sempre há alguém preparando uma aula, corrigindo provas e trabalhos, lendo jornais e acessando a internet ou conversando sobre inúmeros assuntos. Isto ocorre quando eles estão nas "janelas", ou seja, em aulas vagas.

A maioria dos professores atua também em outras escolas, alguns chegam a trabalhar em três turnos. Isso faz com que o tempo disponível na unidade fique centrado apenas nos momentos em que leciona e esta é uma das justificativas para não se integrarem a projetos organizados no espaço escolar. Muitos alunos também possuem uma jornada dupla, alguns fazem o curso técnico em paralelo à Educação Básica; outros trabalham meio período; há, inclusive, alguns jovens empreendedores, que atuam em suas casas para ajudar nas despesas familiares. A gestão direciona estes diferentes perfis, e, dentro das possibilidades, procura atender às necessidades de todos. O diálogo entre as partes é constante, e a preocupação em melhorar a escola, tanto com relação à estrutura quanto à equipe técnica e ao corpo docente e discente, faz parte do cotidiano dos 200 dias letivos.

4.2.3 Perfil socioeconômico da comunidade escolar

Apesar de a área escolar ser considerada periférica, o bairro Parque São Francisco está incluído nas regiões históricas da cidade. Foi fundado em 1971 e, desde então, vem progredindo rapidamente. Segundo os educadores, os moradores são trabalhadores dos mais diferentes setores, em especial, da indústria e comércio. Alguns alunos também já trabalham, como aprendizes em departamentos de serviços, como lojas, supermercados e escritórios, ou como autônomos, como em salões de beleza. Grande parte dos jovens possui seus smartphones, não usam o uniforme (não é obrigatório) e desfilam o seu estilo pelos corredores. São estudantes das classes baixa e média, que residem próximo à escola.

Ferraz de Vasconcelos é uma cidade próxima à capital paulista e isso faz com que a população trabalhe tanto no local onde mora como também em diversas regiões de São Paulo. Segundo o Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, a cidade possui o Índice de Desenvolvimento Humano (IDHM) Alto (entre 0,700 e 0,799), e a dimensão que mais contribui para o resultado é Longevidade, com índice de 0,828, seguida de Educação, com 0,703, e de Renda, com 0,691.

Até 2010, a quantidade de crianças 11 a 13 anos frequentando os anos finais do Ensino Fundamental era de 89,78%; e cerca de 71,74% dos jovens de 15 a 17 anos concluíram esse ciclo educacional. Com relação ao Ensino Médio, 51,56% de jovens de 18 a 20 anos finalizaram a última etapa da Educação Básica. O indicador Expectativa de Anos de Estudo também sintetiza a frequência escolar da população em idade escolar. Entre 2000 e 2010, ela passou de 10,36 anos para 10,77 anos, no município, enquanto na União Federal (UF) o registro foi de 10,23 anos para 10,33 anos. Houve um aumento em relação ao balanço anterior, de 1991, quando a expectativa de anos de estudo era de 9,15 anos, no município, e de 9,68 anos, na UF.

No entanto, ainda é preocupante o balanço do nível de escolarização da população adulta (acima de 25 anos de idade). Em 2010, 6,22% eram analfabetos, 52,54% tinham o Ensino Fundamental completo, 34,63% concluíram o Ensino Médio, e 5,21% finalizaram o nível superior. Segundo o balanço do Atlas de Desenvolvimento Humano, um dos motivos que justificam este indicador seria a baixa escolaridade das gerações mais antigas, que representam 69,65% dos moradores.

Independentemente das referências educacionais, a renda per capita média do município cresceu 45,56% nas últimas duas décadas, passando de R$ 403,83, em 1991, para R$ 452,87, em 2000, e para R$ 587,83, em 2010. A proporção de pessoas pobres, ou seja, com renda domiciliar per capita inferior a R$ 140 está diminuindo, passou de 17,13%, em 1991, para 15,73%, em 2000, e para 7,58%, em 2010. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, até 2016, o salário médio mensal dos ferrazenses era de 2,4 salários mínimos.

Entre 2000 e 2010, a taxa de atividade da população economicamente ativa passou de 69,01% em 2000 para 70,61% em 2010. Ao mesmo tempo, sua taxa de desocupação (ou seja, o percentual da população economicamente ativa que estava desocupada) passou de 21,84% em 2000 para 9,20% em 2010. O aumento da classe trabalhista e diminuição do desemprego favorece a economia e o desenvolvimento municipal.

4.2.4 Projetos desenvolvidos

A unidade se propõe a trabalhar com projetos especiais, considerados um diferencial na rotina pedagógica por encorajar o protagonismo juvenil no ambiente escolar. Segundo o regimento da escola, os professores, dentro de suas possibilidades, devem desenvolver iniciativas que usufruam dos recursos que a unidade possui

(laboratórios, biblioteca, multimídia) para ampliar os conteúdos curriculares e incentivar os estudos, a pesquisa, a cultura, o contato com a comunidade, o aprendizado, a experiência prática, de forma geral (Capítulo V, Artigo 43º). Há as propostas próprias da unidade e outras organizadas pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.

Temos várias ações periódicas, que ocorrem em conformidade com a necessidade da escola, como campanhas de combate ao bullying, preconceitos, questões raciais, suicídio e temas relacionados à saúde. Outras atividades são direcionadas a datas comemorativas, como a Festa Junina, Dia do Patrono, Festa da Família, dentre outras. Não se trata apenas de um evento festivo, mas de uma sequência de trabalhos que envolvem todas as turmas, e há um planejamento pedagógico em todas as etapas.

Há professores que se dispõem a coordenar determinadas iniciativas, para que estas deixem de ser esporádicas e se tornem parte do programa escolar. Há o projeto "Horta", em que os alunos e o professor de Artes fazem o plantio e a colheita de hortaliças, frutas e verduras, que são utilizadas na merenda escolar. Desta proposta surgiu a ação "Plante uma Árvore, Mude uma Vida", em que, anualmente, no Dia da Árvore, o grupo planta mudas frutíferas doadas por parceiros da escola. A professora de Física e Química coordena o projeto Vivendo a USP, que, semanalmente, leva alunos à Universidade de São Paulo para participar de oficinas e palestras que orientam nas pesquisas na área de exatas.

Há ainda o grêmio escolar, que auxilia em atividades da escola e na criação de novos projetos. A equipe formada por treze estudantes, representantes dos dois ciclos de ensino e dos três turnos, se divide para organizar as responsabilidades nas áreas educacional, social, cultural, esportiva e comunicação. Quando necessário, os integrantes vão à escola em horários alternativos. Eles ajudam na organização dos eventos, na divulgação de informações da agenda escolar e se colocam à disposição dos estudantes para coletar sugestões, críticas e orientações que ajudem a melhorar o espaço educativo.

Em 2016, a escola também participou do projeto Super Curtas, realizado pela Frida Projetos Culturais em parceria com escolas públicas do Estado de São Paulo, com patrocínio da EDP Bandeirantes. A equipe promove oficinas multimídia (foto, vídeo, áudio e mídias digitais) com os alunos, que são desafiados, ao final do ciclo das orientações, a realizar uma produção. Os encontros abordam técnicas para o uso dos equipamentos e debates sobre questões sociais, culturais e ambientais das comunidades. Segundo os organizadores, o projeto tem o objetivo de gerar a transformação social por

meio de novos olhares acerca do meio onde vive. A proposta vai além do instrumental, com foco social e educacional. Esta iniciativa ampliou os projetos comunicativos da unidade escolar.

Outra proposta que integra a dinâmica escolar é a Sala de Leitura. O programa do Governo do Estado de São Paulo proporciona ações significativas no sentido de incentivar as capacidades leitora e escritora dos adolescentes. Trata-se de um espaço pedagógico aberto aos alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, do Ensino Médio e da Educação de Jovens e Adultos (EJA) das escolas estaduais de São Paulo. O ambiente, coordenado por professores e aberto durante a semana nos três períodos de aulas (manhã, tarde e noite), desenvolve um trabalho interdisciplinar que estimula a leitura e apoia o currículo escolar.

A Sala de Leitura da E.E. Mario Manoel é coordenada pelo professor de Ciências e Biologia. Atualmente, ele atua somente no laboratório, mas, em alguns momentos, chegou a conciliar esse trabalho com as aulas de sua disciplina. Neste espaço, foram criados os projetos que exploram as linguagens da comunicação e que foram acompanhados durante o processo de investigação. O educador, ao longo de oito anos, criou uma agência de notícias no ambiente escolar. A iniciativa começou em 2010 em parceria com os educandos e o apoio da gestão escolar. O projeto envolve o Jornal LER (Leitura, Entretenimento e Recreação), a Rádio REC (Rádio Escola Cidadã), a TVE Mario Manoel (TVE MM), além do blog e redes sociais. O coordenador conta com a parceria da professora de Física e Química, e, juntos, eles fazem a mediação de todo o processo. O objetivo é incentivar a produção autoral dos alunos por diferentes dispositivos comunicacionais.

Segundo a direção, no início do ano, durante as reuniões para elaboração do planejamento anual, todos os projetos são apresentados. Ressalta-se a importância da participação dos educadores. As atividades das iniciativas voltadas à comunicação são realizadas paralelamente às aulas, e, quando necessário, no contraturno. Alguns profissionais aderem às propostas associando o seu conteúdo com a produção de um trabalho elaborado no laboratório ou no espaço da agência de notícias. De acordo com o Regimento Escolar, isso colabora com o cumprimento dos objetivos da escola, previstos na Lei Federal nº 9.394/96: (1) Elevar, sistematicamente, a qualidade do ensino oferecido aos educandos; (2) formar cidadãos conscientes de seus direitos e deveres; (3) proporcionar um ambiente favorável ao estudo e ao ensino; (4) estimular em seus alunos

a participação, bem como a atuação solidária junto à comunidade. (LDB, Capítulo II, Dos Objetivos, Artigo 2º).

Figura 15 - Oficinas do projeto Super Curtas

Projeto ensina técnicas de manuseio de equipamentos
Fonte: Facebook (2016)

Os equipamentos usados pela agência de notícias foram adquiridos por meio da doação e inscrição em editais. A EDP Bandeirantes, apoiadora do Super Curtas, cedeu duas câmaras e um notebook. Para complementar os acessórios, como uma filmadora, tripé, microfone e outro notebook, os coordenadores inscreveram projeto no Programa de Desenvolvimento Social e Cidadania (Prodesc) e foram contemplados com a verba necessária para a aquisição dos suportes. A estrutura está montada dentro da Sala de Leitura.

a. Jornal LER

O jornal LER (Leitura, Entretenimento e Recreação) foi criado em 2010, em conjunto com os alunos dos terceiros anos do Ensino Médio. A proposta começou com sugestões de leitura para apresentar o acervo da biblioteca e estimular o estudo das publicações. Os alunos liam uma obra e escreviam uma resenha ou um texto opinativo. A partir de então, novas ideias surgiram até a idealização do jornal, em seguida, do rádio, e, por último, da web tevê. Atualmente, as atividades envolvem todas as turmas, e o jornal, que, até então, era mensal, passou de bimestral a trimestral. A 60ª edição foi publicada em setembro de 2018 e desenvolvida por alunos do Ensino Fundamental II. O convite é

aberto a todos os educandos, e, a cada ação, novos membros integram os trabalhos, e outros mantêm o seu envolvimento. Com relação aos professores, o processo é o mesmo. Conforme ressaltado, eles utilizam os canais para explorar alguns assuntos trabalhados em aula, auxiliam em alguma produção em andamento ou apoiam com a liberação dos seus alunos para a finalização das publicações.

O informativo traz as novidades da escola, os eventos do período, dicas de leitura, passeios e entretenimento. Os textos são revisados pela professora de Língua Portuguesa, diagramados pela educadora de Física e Química, e concluídos pelo coordenador. A parceria com uma gráfica da região, que pertence a uma das alunas da escola, viabiliza a impressão de mil exemplares, que ficam na sala de leitura para distribuição a alunos e professores. A versão digital também é compartilhada via blog, redes sociais e e-mail.

Figura 16 – Reunião de pauta

Definição de assuntos para uma das edições do LER
Fonte: Facebook (2017)

b. Rádio REC

O Projeto REC (Rádio Escola Cidadã) foi desenvolvido em 2013. A rádio é transmitida diretamente da Sala de Leitura, e as atividades, como as seleções de músicas e entrevistas, são realizadas por alunos de várias turmas. A emissora é voltada ao entretenimento durante os intervalos. Além da programação musical, em algumas ocasiões, são transmitidas informações sobre a escola, em especial, recados oficiais, divulgação de eventos, programação da semana. O objetivo é incrementar o conteúdo e torná-lo mais informativo. A ideia é deixá-lo disponível no blog da escola.

c. TVE Mario Manoel

A tevê escola Mario Manoel (TVE MM) foi criada em 2014 e é protagonizada por alunos de várias turmas. Os jovens repórteres fazem a cobertura dos eventos da escola, dos passeios a espaços culturais e educacionais e das ações sociais realizadas pela unidade, como visitas a asilos, orfanatos, entidades. Também realizam entrevistas especiais com especialistas em temas que estão em discussão no ambiente escolar; personalidades que visitam a unidade; autoridades e representantes do corpo docente e discente. As dicas de leitura, destaque no jornal escolar, ganhou a versão audiovisual. Os alunos gravam sessões para sugerir livros e compartilhar curiosidades.

Os alunos organizam as pautas, a distribuição das tarefas, a administração do tempo e disponibilidade em participar das ações. Definidas as equipes (que variam a cada trabalho), fazem fotografias, gravações, produções e, por último, com a ajuda dos mediadores, editam e finalizam os trabalhos. Os programas são exibidos no canal do Youtube e compartilhados no blog, redes sociais e por e-mail.

Figura 17 – Gravação da TVE Mario Manoel

Entrevista com a Miss Estudantil de Ferraz de Vasconcelos
Fonte: Facebook (2017)

d. Blog e redes sociais

O blog e as redes sociais (em especial, o Facebook) da unidade de ensino são atualizados pelos mediadores. É um espaço para divulgação e visibilidade das atividades da escola. Por meio deles, outros educadores conheceram e acompanham as propostas, e jornalistas se interessaram em fazer reportagens sobre o trabalho. Os projetos comunicativos já foram destaque na imprensa da Secretaria do Estado de Educação de São Paulo e veículos regionais. Segundo o coordenador da Sala de Leitura, que acompanha a repercussão das postagens, o blog chega a mais de 100 países. De acordo com as estatísticas de público, que são fornecidas pelo Google, foi evidenciado o acesso de aproximadamente 10 mil pessoas. Os dados mostram que o portal é acompanhado em primeiro lugar pelo Brasil (aproximadamente 4.679 visualizações), seguido de Estados Unidos (2.721 visualizações) e Rússia (520 visualizações). Outros países aparecem na lista, como Alemanha, França, Canadá, Ucrânia, Polônia, Suíça e Malásia.

4.2.5 Matrizes curriculares norteadores das ações educativas

As propostas curriculares do Estado de São Paulo foram construídas no período de 1986 a 1993 e deram origem aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) do Ensino Fundamental, de 1997, e aos PCNs do Ensino Médio, de 1998. Os três documentos constituem a base do trabalho a ser desenvolvido na rede estadual nos ensinos Fundamental II e Médio. O currículo está dividido em três áreas: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias (Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna – Inglês e Espanhol, Arte e Educação Física); Ciências da Natureza e Suas Tecnologias (Ciências, Biologia, Física e Química) e Ciências Humanas e Suas Tecnologias (História, Geografia, Filosofia e Sociologia). O primeiro caderno é o que interessa aos que desejam atuar na interface da Comunicação e Educação. Divididos em dois volumes, usados no primeiro e segundo semestres, destacam habilidades e competências pertinentes ao campo da informação. Os livros são divididos em situações de aprendizagem e sequências didáticas, que reúnem gêneros e tipologias textuais, tópicos linguísticos e gramaticais.

O objetivo principal é preparar o aluno para ter o domínio da língua e das diferentes linguagens. As capacidades de leitura e escrita são prioridade em todo o ciclo de aprendizagem, por serem consideradas pré-requisito para todas as disciplinas escolares. Nesse sentido, os atos de leitura e de produção de textos ultrapassam os limites da escola, pois são uma atividade permanente na escola, no trabalho, nas relações

interpessoais e na vida. “Por isso mesmo, o Currículo proposto tem por eixo a competência geral de ler e de produzir textos, ou seja, o conjunto de competências e habilidades específicas de compreensão e de reflexão crítica intrinsecamente associado ao trato com o texto escrito” (SÃO PAULO, 2012, p. 17 e 18), aponta o documento oficial.

O estímulo à expressão, comunicação e acesso à informação é outro tópico em destaque no currículo estadual. As atividades visam à capacitação dos educandos para as seguintes competências e habilidades:

> [...] entender os princípios das tecnologias da comunicação e da informação, associá-las aos conhecimentos científicos, às linguagens que lhes dão suporte e aos problemas que se propõem solucionar; entender a natureza das tecnologias da informação como integração de diferentes meios de comunicação, linguagens e códigos, bem como a função integradora que elas exercem na sua relação com as demais tecnologias; entender o impacto das tecnologias da comunicação e da informação na sua vida, nos processos de produção, no desenvolvimento do conhecimento e na vida social; aplicar as tecnologias da comunicação e da informação na escola, no trabalho e em outros contextos relevantes para sua vida (SÃO PAULO, 2012, p.18).

As tecnologias da comunicação e informação acompanham os alunos em toda a sua formação. Conforme ressaltado nas séries do Ensino Fundamental I, desde o início da Educação Básica, há um trabalho organizacional com os textos informativos. O foco concentra-se na apresentação dos diferentes gêneros e suas características, para, então, estimular a produção das categorias estudadas. Este trabalho ganha profundidade nos ensinos Fundamental II e Médio. Alguns estilos textuais chegam a ser retomados, porém, ganham uma maior conceituação e preparação.

Os gêneros textuais adequados tanto para a linguagem escrita quanto oral preenchem a maior parte do currículo, e inserir os meios de comunicação, em especial, jornais e revistas, permite o contato com exemplos dessas tipologias textuais. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, no Ensino Fundamental I, trabalha-se com contos (de fadas, de assombração etc.), mitos e lendas populares, poemas, canções, quadrinhas, parlendas, adivinhas, trava-línguas, piadas; além de saudações, instruções, relatos; entrevistas, notícias, anúncios (via rádio e televisão); seminários e palestras (1998, p. 72). São estilos apropriados para trabalhar a oralidade.

Também são abordados os gêneros típicos à linguagem escrita, como receitas, instruções e listas; textos impressos em embalagens, rótulos, calendários; cartas, bilhetes, postais, cartões, convites, diários (pessoais, da classe, de viagem); quadrinhos, textos de jornais, revistas e suplementos infantis, com os quais é possível trabalhar títulos, leads,

notícias, classificados). Os anúncios, slogans, cartazes e folhetos; as parlendas, canções, poemas, quadrinhas, adivinhas, trava-línguas e piadas; os contos (de fadas, de assombração, etc.); mitos e lendas populares; folhetos de cordel, fábulas, textos teatrais; relatos históricos, textos de enciclopédia; verbetes de dicionário. Textos expositivos de diferentes fontes incluem o repertório do aluno entre o 6º ao 9º ano (BRASIL, 1998, p. 72).

No Ensino Médio, o ensino da Língua Portuguesa recebe três frentes: Redação, Literatura e Gramática. Trabalha-se com as interfaces entre o conhecimento reflexivo de programas linguísticos e literários e o cotidiano cultural em que o aluno está inserido. "O objetivo é que tais conteúdos sejam não apenas 'passados', mas que se tornem objeto de constante reflexão" (BRASIL, 1998, p. 72). Nesse ciclo, espera-se que o aluno já tenha aprendido a escrever alfabeticamente e realize atividades de leitura e de escrita com maior independência. A partir desta etapa, amplia-se o trabalho realizado anteriormente com a inclusão de novos gêneros e o aprofundamento de elementos trabalhados ao longo dos anos. Os aspectos linguísticos e gramaticais são intensificados, com maior exigência à correta apropriação da língua padrão.

Do 1º ao 3º ano, o currículo estadual organiza o trabalho com gêneros apropriados para a linguagem oral e escrita. As categorias elencadas para explorar a oralidade são os contos (de fadas e de assombração), mitos e lendas populares; poemas, canções, quadrinhas, parlendas, adivinhas, trava-línguas, piadas, provérbios; saudações, instruções, relatos; entrevistas, debates, notícias, anúncios (via rádio e televisão); seminários e palestras.

A produção escrita é intensificada com o trabalho com cartas (formais e informais), bilhetes, postais, cartões, convites, diários (pessoais, da classe, de viagem); quadrinhos, textos de jornais, revistas e suplementos infantis; resenhas; classificados, anúncios, slogans, cartazes, folhetos; parlendas, canções, poemas, quadrinhas, adivinhas, trava-línguas, piadas; contos (de fadas e de assombração.), mitos e lendas populares, folhetos de cordel, fábulas; textos teatrais; relatos históricos, textos de enciclopédia, verbetes de dicionário, textos expositivos de diferentes fontes e áreas e publicações normativas, tais como estatutos, declarações de direitos etc. (BRASIL, 1998, p. 82).

Os textos escritos complementam os orais. O trabalho é realizado em conjunto, os primeiros buscam o aprimoramento dos aspectos gramaticais, linguísticos e estruturais, respeitando as especificidades de cada gênero textual. Este trabalho valoriza o repertório

cultural dos alunos e incentiva a imaginação e criatividade ao longo das produções. Em contrapartida, o exercício oral desenvolve diversas habilidades, como a voz, postura, autonomia, segurança e organização, além de versatilidade, dinamismo e desenvoltura ao comandar as apresentações. Os dois processos contribuem para o desenvolvimento dos alunos e a sua preparação para situações que vão além do ambiente escolar.

Os projetos leitura, como o das duas escolas observadas, permitem a experimentação de conteúdos dos programas dos três ciclos da Educação Básica. No caso dos ensinos Fundamental II e Médio, os currículos estaduais defendem iniciativas que estimulam a produção escolar, com jornais, revistas, blogs. São propostas de trabalho incentivadas a partir do 7º ano, quando o discurso jornalístico é abordado; no 8º ano, as notícias e reportagens são estudadas; e no 9º ano, o gênero publicitário, com os seus subgêneros, e o texto argumentativo, tendo como referência os artigos de opinião e as cartas de leitor, ganham espaço nos programas curriculares.

Os conteúdos pertinentes ao universo da comunicação ganham maior abrangência no Ensino Médio. No 1º ano, as diferentes mídias entram nas salas de aula para debates tanto de cunho estilístico (explicação das características dos portadores de leitura) quanto social e cultural (informação e atualização). Projetos que envolvem a atividade midiática, como reportagem fotográfica, propaganda, documentário em vídeo, dentre outras, são elaborados para explorar as linguagens e suas especificidades. No 2º ano, trabalha-se com entrevistas e reportagens. No 3º ano, os textos argumentativos voltam a ser discutidos, levando em consideração uma faixa etária que possui, no geral, opiniões formadas, senso crítico e pertinência nas argumentações. Histórias em quadrinhos, cartum, resenhas e textos narrativos também têm espaço nas atividades.

Acompanhar os currículos da rede estadual em consonância com os parâmetros e as diretrizes curriculares evidencia a importância de desenvolver estratégias de reorganização curricular e temporal para que os projetos escolares possam ser agregados aos programas de forma sistemática (organizada), e não pontual.

4.2.6 Atuação do mediador

As atividades são coordenadas por dois professores, das áreas de Ciências, Biologia, Física e Química. Um deles é o coordenador da Sala de Leitura e responsável geral pelas ações. Organiza as reuniões, incentiva os alunos e os convida para integrar os projetos, orienta nas pautas, nas produções e na edição e distribuição das produções e na

divulgação geral de todo o trabalho. O segundo educador auxilia na edição e revisão de todo o material produzido e também orienta os estudantes em suas atividades. Ambos atuam juntos desde o início, e, ao longo de oito anos são resistentes, pois superam as dificuldades com relação ao corpo docente e discente para manter a agência de notícias. Para os mediadores entrevistados, o fato de proporcionar um ensino baseado na multiplicidade de saberes, experiências e oportunidades compensa a jornada de trabalho. Os dois dividem seus horários entre as aulas, os projetos, a atualização profissional, a vida pessoal e social.

Percebe-se a sintonia entre os mediadores com os seus alunos. Eles dialogam sobre a escola, o bairro, a cidade. No entanto, conflitos pessoais, em certas ocasiões, também fazem parte das conversas informais, e cabe aos profissionais assumir um outro papel, o de orientador. A relação entre os mediadores e o grupo de alunos mais participativos nos projetos é intensa e produtiva. Ao longo do processo, acompanhei alguns trabalhos no período da tarde, e houve momentos, por exemplo, em que uma aluna levou a irmã; outros participaram remotamente porque precisavam cuidar da casa. Algumas descrições para ilustrar a realidades destes jovens, que possuem outras responsabilidades além dos estudos, assim como os seus mediadores, mas que insistem e acreditam em práticas que instigam o seu interesse e despertam o prazer pelo aprendizado.

4.2.7 Envolvimento de educadores e gestores

A agência de notícias é aberta aos 79 educadores atuantes na unidade escolar. Eles podem usar a estrutura para dinamizar as suas aulas, como produzir um vídeo sobre a ditadura militar (História), preparar uma exposição fotográfica sobre uma concepção artística estudada (Artes), preparar uma resenha sobre um livro considerado interessante (Língua Portuguesa), dentre outras possibilidades. No entanto, foi observado que aproximadamente 15 professores se apropriam esporadicamente dos recursos midiáticos e comunicativos da unidade. Eles utilizam os canais para explorar assuntos trabalhados em aula, auxiliam em uma das produções em andamento ou apoiam com a liberação dos seus alunos para algum trabalho especial. As produções ficam concentradas nos dois idealizadores (mediadores), que oferecem o suporte necessário aos participantes e incentivam a continuidade dos trabalhos.

Assim como a Emef Waldemar Costa Filho, a equipe gestora da E.E Mario Manoel Dantas de Aquino é a maior incentivadora dos projetos ao aderir às propostas,

apoiar as ações, ajudar no trabalho, incentivar a participação tanto de alunos quanto de professores. A gestão acredita na pedagogia de projetos como uma forma de dinamizar as práticas didáticas porque ajudam os alunos a ter uma visão mais ampla nos assuntos abordados. São ações que incentivam a participação, a resolução de problemas, a mudança de posturas, um novo olhar sobre o cenário no qual estão inseridos. Com relação às propostas envolvendo as linguagens da comunicação, a direção destacou ser essencial estimular trabalhos que vão ao encontro da leitura e interpretação das informações, que explorem a autoria dos alunos, que instiguem o uso de equipamentos que fazem parte do cotidiano da nova geração, que façam uso da tecnologia e proporcionem um ensino além da lousa, do giz, dos livros e da sala de aula.

A escola possui uma diretora, um vice-diretor, dois coordenadores (Ensino Fundamental e Médio) e um educador mediador de conflitos. A direção acompanha todas as atividades da unidade de ensino, e, apesar de estar no comando há apenas dois anos, se mostrou integrada ao grupo de professores, à comunidade escolar e à dinâmica do espaço educativo. A educadora possui 35 anos no magistério, e 25 deles voltados ao cargo de diretora escolar da rede estadual, com atuação em colégios de várias cidades do Alto Tietê.

4.2.8 Participação dos alunos

As publicações não seguem uma periodicidade, e a participação dos alunos varia conforme as edições. O convite é aberto a todos os educandos, e, a cada ação, novos membros integram os trabalhos, e outros mantêm o seu envolvimento. As atividades não ocorrem no contraturno, ou seja, em um período extra. Pelo contrário, são realizadas paralelamente às aulas. São estudantes e educadores reorganizando os seus tempos e administrando os espaços para conseguirem aliar o ensino formal, pautado nos conteúdos elencados nos parâmetros e diretrizes curriculares; com o informal, baseado na prática.

Os projetos fazem parte do planejamento anual, mas não integram o programa dos educadores. As atividades podem ser aliadas ao conteúdo curricular utilizado pela rede de ensino, em especial, da área de Linguagens, Códigos e Suas Tecnologias. No entanto, são poucos os professores que reconhecem a importância de utilizar a estrutura da agência de notícias para aprimorar as suas aulas e ilustrar tópicos abordados nas sequências didáticas de cada bimestre. Desta forma, a participação não é obrigatória, abre-se o convite e os que integram a equipe de produção ou desejam usar os dispositivos

comunicacionais auxiliam dentro dos segmentos que atraem a atenção e que possibilite novos aprendizados.

Apenas dois professores, em parceria com a direção, são os responsáveis pela rotatividade e dinamização das ações. Ao serem questionados sobre as motivações que os mantêm na coordenação, eles citam as mudanças no cenário escolar, e, principalmente, nos alunos, que surpreendem com a sua evolução. Há vários exemplos que ilustram os resultados conquistados com os projetos. Um ex-aluno do grêmio até hoje ajuda nos eventos da escola. Ele começou na rádio escolar e se identificou no papel de DJ. Atualmente, ele atua nesta área. Outro estudante trabalha com fotos e filmagens, algo que ele fazia na escola. Há um jovem que se tornou escritor e já publicou quatro livros. Ele, inclusive, expôs o seu trabalho na Bienal do Livro de São Paulo e Rio de Janeiro. Existe também uma ex-aluna que trabalha no jornalismo da Rede TV, em São Paulo. Segundo os mediadores, são projetos reveladores e transformadores. Muitos educandos mudaram o comportamento, melhoraram o rendimento nos estudos, passaram a se preocupar com a proteção da sua escola.

No próximo capítulo, trazemos a descrição e avaliação dos dados coletados para mostrar a realidade das duas escolas e as dificuldades de manter as propostas que veem na aliança entre a Comunicação e Educação formas emancipadoras de concretizar um ensino preocupado com o espírito transformador.

Parte V

Avaliação dos dados coletados

Análise dos resultados

sob a perspectiva da

Educomunicação

Avaliação dos dados coletados
Análise dos resultados sob a perspectiva da Educomunicação

5. A descrição dos dados

O processo de investigação foi realizado ao longo de cinco etapas. Inicialmente, houve o diálogo com os gestores das duas unidades escolares para apresentar a proposta da pesquisa, solicitar a autorização e conhecer o espaço escolar. Com a documentação regularizada, demos início ao segundo estágio, referente ao processo de observação da rotina escolar com o acompanhamento de aulas, reuniões, planejamento e a produção dos trabalhos que formam o objeto de estudo. A terceira fase constitui o envolvimento com os educadores, realizado durante a participação nas aulas, nas reuniões pedagógicas e intervalos; em consonância com o quarto estágio da pesquisa, que envolveu a relação com os alunos, em sala, nos intervalos, nas reuniões dos projetos e nas ações especiais. O processo de investigação e coleta dos dados foram desenvolvidos entre os meses de março e dezembro de 2017. A aplicação dos questionários e as entrevistas com a equipe gestora encerraram as atividades. Após a apuração e o início da tabulação do material coletado, houve a necessidade da realização de uma roda de conversa com as turmas dos ensinos Fundamental II e Médio, que foi concluída em junho de 2018. Este procedimento metodológico foi aplicado apenas na E.E. Mario Manoel Dantas de Aquino. A seguir, será feita a descrição, em caráter pessoal, desses ciclos com o propósito de apresentar as percepções obtidas durante a aplicação dos procedimentos técnicos e metodológicos. Em cada etapa, buscou-se a identificação dos aspectos teóricos em consonância com a prática desenvolvida, levando em consideração os seguintes aspectos: (1) a produção midiática no espaço educativo; (2) o processo de trabalho; (3) os pressupostos e a identificação de práticas educomunicativas; (4) as dificuldades de implementação dos projetos interdisciplinares na interface da Comunicação e Educação; (5) os desafios de alunos e professores para integrar as ações; (6) a temporalidade escolar e a necessidade da sistematização dos programas como forma de promover uma maior participação do público docente e discente.

Primeira etapa - Diálogo com os gestores

Os gestores das duas escolas foram entrevistados em dois momentos, no início e no final da pesquisa de campo. No primeiro encontro, a proposta do trabalho acadêmico foi apresentada detalhadamente. A direção também fez uma descrição da dinâmica escolar, dos projetos, da equipe docente e discente e trouxe uma prévia do cenário a ser observado ao longo do processo de investigação. Por meio dessa reunião, a pesquisadora obteve um panorama das atividades, para, então, dar início ao período de observação.

A direção escolheu as salas de aula para serem observadas e autorizou o acompanhamento de todas as ações nos diferentes espaços escolares. Em Biritiba Mirim, embora os ciclos finais fossem o público-alvo, houve interação com alunos e educadores de outras séries, porque as atividades analisadas são direcionadas a todas as turmas. Em Ferraz de Vasconcelos, algumas aulas foram acompanhadas, mas grande parte da observação se concentrou na Sala de Leitura, onde ocorrem as ações dos projetos. Houve também o contato com jovens de outros estágios, devido à heterogeneidade dos participantes. São dois cenários diferentes, conforme veremos na descrição dos sujeitos da pesquisa. Realidades distintas com propostas e objetivos em comum: desenvolvimento de práticas comunicativas de acordo com os recursos disponíveis, a infraestrutura da escola, a disposição dos profissionais e o interesse dos educandos.

Após o processo de observação, seguimos para as entrevistas finais, realizadas em dezembro de 2017. Minuciosas e direcionadas especificamente às ações condizentes ao objeto de pesquisa, elas foram divididas em quatro partes e com os seguintes propósitos[71]: (1) - Perfil - Conhecer a trajetória das profissionais e o que a levaram a ingressar na Educação. (2) - Relação com a mídia e as novas tecnologias - Verificar o interesse pelos meios de comunicação e como os gestores estão incentivando o uso dos aparatos tecnológicos no cenário educativo. (3) - Dinâmica escolar e realização dos projetos - Compreender a gestão das iniciativas idealizadas na instituição. (4) Realização de projetos na interface Comunicação e Educação e os desafios para a implementação - Levantar o conhecimento do grupo sobre a Educomunicação e as dificuldades em inserir e consolidar propostas nesse segmento.

Os depoimentos trouxeram um panorama das ações que a escola se propõe a fazer. O acompanhamento da rotina pedagógica mostrou, na práxis, o que é possível ser realizado.

[71] A entrevista encontra-se na íntegra nos Anexos.

5.1 Segunda etapa – Observação da dinâmica escolar

5.2.1. Emef Waldemar Costa Filho

A primeira visita à Emef Waldemar Costa Filho foi realizada em setembro de 2016 para uma conversa informal com a diretora pedagógica. Nós nos conhecemos nas formações e eventos do projeto Dat - Formando o Cidadão do Futuro, e, desde o início desta parceria, a sua participação sempre despertava a atenção pelos trabalhos apresentados e o interesse em buscar novas práticas à sua unidade de ensino. Mensalmente, os educadores participantes apontavam um panorama das ações em suas escolas, no entanto, um evento especial foi criado para reunir essas práticas, conhecer com profundidade o que cada gestão estava organizando e ampliar as experiências com o programa regional. A coordenação do projeto desenvolveu a Mostra de Talentos - O Jornal em Parceria com a Educação. Realizada em dezembro, a proposta reúne educadores e alunos das escolas participantes que, durante uma manhã ou tarde, conferem a exposição dos trabalhos produzidos ao longo do ano letivo e atrações culturais desenvolvidas pelas turmas. Ambas as propostas são intermediadas pelo projeto regional. Alunos e professores participam com a exibição de suas pastas-portfólios e alguns apresentam oralmente uma atividade especial. O formato visa à troca de experiências e à ampliação do olhar quanto às diferentes propostas didáticas que podem ser realizadas com o jornal.

Foi neste encontro de encerramento que conheci o boletim informativo da escola que passou a ser um dos cenários desta pesquisa. Ouvir a direção e alunos explicando a produção do jornal escolar, realizado conforme a sua realidade, infraestrutura e suportes disponíveis, mostrou que os fluxos comunicativos independem de recursos tecnológicos sofisticados, mas sim de uma equipe preocupada com a liberdade de expressão, a participação dos alunos e o seu envolvimento com a escola, a comunidade e a cidade. Durante essa apresentação, os profissionais ressaltaram que a proposta surgiu por conta do projeto regional, mas, principalmente, por ser uma prática que poderia ser agregada a uma das sequências didáticas do programa Ler e Escrever em Língua Portuguesa. No entanto, o que não se imaginava era que o jornal, até então aliado a um item curricular, passasse a fazer parte do cotidiano escolar. Este foi o contato inicial com esse projeto, que, ao longo de um ano e meio, passou a ser acompanhado pela pesquisadora.

Após a primeira entrevista, com a apresentação da proposta, preparação da carta de autorização e o aceite tanto da escola quanto da Secretaria Municipal de Educação, o período de observação começou em março de 2017. Passei a visitar a escola semanalmente para acompanhar as aulas de duas turmas do 5º ano (A e B) durante o período da manhã. Houve o contato assíduo com os professores nas aulas, em reuniões de planejamento, em intervalos e até mesmo durante o almoço. A convivência com os alunos também foi além da sala. Com eles, pude conversar durante os "recreios", algumas festividades e, principalmente, nas atividades relacionadas ao projeto. Nas aulas em que havia a discussão de algo que seria usado no jornal mural ou no boletim informativo, o professor solicitava o meu auxílio para esclarecer dúvidas das crianças com relação a aspectos jornalísticos. Foi uma observação, que, em alguns momentos, pode ser considerada participativa. Como a turma contava com uma jornalista em sala de aula, em algumas ocasiões, era inevitável não contribuir com breves explicações sobre o processo de produção e circulação e os diferentes gêneros discursivos presentes em um jornal, conteúdo que estava sendo trabalhado ao longo dos encontros.

O período de observação foi realizado entre março e novembro de 2017. A todo, participei de 28 encontros. Estas visitas agregam aulas, reuniões de HTPC, realização de projetos especiais, produção dos informativos e acompanhamento da rotina da instituição. Foi um período para observar o processo de produção das ações realizadas na interface Comunicação e Educação, mas também para entender a dinâmica escolar e a complexidade dos tempos escolares e do envolvimento dos profissionais na produção contínua de conhecimento, experiências e aprendizados. Dezembro foi um mês dedicado à aplicação dos questionários aos alunos do Fundamental I e à entrevista semiestruturada com a diretora pedagógica.

A imersão na escola possibilitou experiências significativas, e, dentre as aulas acompanhadas, selecionei oito encontros para ilustrar a dinâmica dos trabalhos. Eles ajudaram a compreender o processo de produção, da organização temporal e dos desafios de implementação de projetos interdisciplinares em conformidade com o cronograma escolar.

Quadro 1 - Período de observação – Fundamental I

Emef Waldemar Costa Filho
Ensino Fundamental I

Ciclo de ensino	Turmas	Atividades observadas	Projetos avaliados	Periodicidade das visitas	Quantidade de encontros
Fundamental I	5º anos (2 turmas) 2 professores polivalentes (mediadores)	Aulas de diferentes disciplinas, realização dos projetos e participação em eventos	Jornal mural e boletim informativo	Semanais	28*

Período do processo de observação: março a dezembro de 2017.
* Nos meses de setembro e novembro, as visitas foram quinzenais.

Fonte: Autora (2018)

Encontro 1 - A chegada à escola

Ao conquistar o aval para a pesquisa de campo no Ensino Fundamental I, começaram as viagens semanais, pelo período aproximado de uma hora e meia, para entrar numa rotina permeada de experiências, aprendizados e lições de vida. A chegada à Emef Waldemar Costa Filho foi calorosa, com sorrisos, abraços, apertos de mão e boas-vindas. No entanto, um olhar desconfiado, por parte dos professores; e curioso, com relação aos alunos, tornaram este encontro interessante e ao mesmo tempo desafiador. Foi um dia de questionamentos: Por que Biritiba Mirim? Por que a nossa escola? Esta é a unidade mais distante da cidade, por que nos escolheu? O que você viu no nosso trabalho? Por que vir de tão longe para conhecer esse lugar? Educadores ansiosos por respostas para compreender, após os esclarecimentos, que aquela era uma das poucas escolas do Alto Tietê que realizava um projeto que interessava à minha linha de estudos no programa de mestrado da Universidade de São Paulo.

Os profissionais ficaram impressionados, afinal, um jornal escolar não é uma prática atual, pelo contrário, esta atividade vem sendo desenvolvida desde o século XIX. No entanto, a unidade tem mostrado que, ainda hoje, esse projeto integra alunos, professores, gestão escolar e a comunidade. Trata-se de um exercício interdisciplinar, que envolve várias áreas do conhecimento; transversal, por abordar temáticas abrangentes e de interesse regional e nacional; coletivo e colaborativo, pois reúne pessoas dispostas a ajudar nas diferentes responsabilidades. Além disso, revela talentos, desperta habilidades

e incentiva competências. Inúmeros são os benefícios que contribuem para a consolidação do cronograma curricular ao reunir as teorias às práticas.

No entanto, para conquistá-los é necessário contar com a persistência de educadores que se dispõem a unir essa prática ao cotidiano escolar em conformidade com as outras demandas do ensino. Foi este o motivo que me levou à escola. Conferir o jornal mural organizado e o boletim informativo editado e prestes ser distribuído encanta aqueles que acreditam que estas ações são transformadoras. Mas conhecer o processo de produção desses trabalhos, com os aspectos positivos e negativos, condicionou o acompanhamento dos projetos. A investigação começou num cenário de indagações e explicações. Era o começo de um período cercado de debates e reflexões sobre a prática educativa.

Encontro 2 - Interação com os professores

As pesquisas foram concentradas com os alunos do 5º ano, mas a diretora apresentou a todas as turmas, do 1º ao 5º ano, porque, praticamente, todos os alunos participam do jornal escolar. Nos primeiros dias, conheci o trabalho desses educadores, para, então, acompanhar as aulas de duas turmas das séries finais, ministradas no período da manhã. Após o contato com os 14 professores polivalentes, surgiu o convite para integrar uma reunião pedagógica, o HTPC. Trata-se de um tempo essencial ao corpo docente, e a minha participação ampliou o meu olhar com relação a esses encontros, que são necessários para manter a sintonia e, principalmente, a comunicação no ambiente escolar. São 45 minutos para transmitir recados oficiais (da rede de ensino e da unidade), ouvir o que vem sendo desenvolvido pelos professores, projetar ações, planejar atividades e conferir as metas cumpridas e as pendentes. Há um momento para a diretora compartilhar dicas de leitura, realizar uma dinâmica e avaliar seus professores, colocando-se à disposição para auxiliá-los. O período cronometrado, intenso e regado de informações, mas essenciais para que todos conheçam a dinâmica da escola e possam se integrar ao local onde atuam. Participei de todas as etapas, inclusive, tive de compartilhar as minhas percepções sobre o ensino e se a pesquisa de campo estava atendendo às minhas expectativas. Além dos HTPCs, os professores têm reuniões individuais com a direção para desencadeamento das atividades.

Encontro 3 - Interação com os alunos

Ao longo de um ano pude acompanhar o desenvolvimento dos alunos do 5º ano, que, no início, mostram um certo "medo" por estarem na última série do Ensino Fundamental I. Eles estão prestes a sair de uma escola municipal, que os acolheu desde o 1º ano, para se transferir a uma unidade estadual, que possui uma estrutura totalmente diferente. Segundo os educadores, é uma mudança radical, afinal, os estudantes estão acostumados com uma atenção especial, pois possuem um professor polivalente. Em breve, contarão com vários educadores, mas nem todos terão possibilidade de criar os vínculos afetivos que são comuns nos ciclos iniciais da Educação.

A preparação desses jovens ocorre ao longo do ano, e, no segundo semestre, observa-se que eles começam a sentir prontos para ingressar num novo ciclo. No começo do ano, eles são mais observadores; em seguida, tornam-se participativos, colaborativos e questionadores. Auxiliam o amigo em um exercício e ajudam o professor a organizar o seu material. Esta disposição é observada nos projetos, em especial, na organização das tarefas, na distribuição das responsabilidades, na busca pelo conhecimento. Dentre as aulas assistidas, a investigação era pautada no desenvolvimento das atividades, em especial, às relacionadas aos projetos. A preocupação inicial do educador era se ele sempre teria que realizar a proposta educacional quando eu entrasse em sala. E eu deixei claro que gostaria de ver a naturalidade das ações e ele não precisava ajustar suas aulas à minha presença. Foi positivo porque, ao final do processo, as reflexões em História, as curiosidades em Ciências, o raciocínio em Matemática, as atividades em Educação Física, a expressão artística em Artes e as leituras e produções em Língua Portuguesa formaram um conjunto de conhecimentos para integrar os textos sobre segurança, trabalho, saúde, cultura, dentre outras editorias que compõem o jornal escolar.

Encontro 4 - Texto argumentativo e formação de opinião

As características de um texto argumentativo e de um artigo de opinião foram apresentadas em algumas aulas. São gêneros que instigam os alunos a refletir sobre um assunto e formar a sua concepção a respeito do que está sendo abordado. Segundo o professor, no 5º ano a capacidade leitora e autora é desenvolvida com mais profundidade. A produção escrita é estimulada, e são vários os estilos textuais trabalhados, dentre eles os que expressam o olhar dos alunos sobre a realidade à sua volta. A argumentação foi explorada com a realização do debate "Sacolas plásticas: sim ou não?".

Com base na leitura de um texto sobre o projeto de lei nº 15.374/11 - criado para banir essas sacolas por considerar que o seu uso prejudica o meio ambiente -, os alunos discutiram acerca dos prós e contra desta determinação que ainda não se transformou em lei. Apesar de ter sido lançada em 2011, a proposta ainda gera discussões. Divididos em dois grupos, um "a favor" e outro "contra", os alunos defenderam as suas posições. Eles se basearam no estudo do tema, pesquisa com a comunidade e experiências pessoais. O debate foi estendido com a participação de convidados, dentre eles uma equipe da Secretaria Municipal de Educação. Os alunos apresentaram seus trabalhos e os incrementaram com as sugestões dos participantes, que também manifestaram a sua posição com relação ao uso ou não das sacolas plásticas.

O interessante desta atividade é a preocupação em discutir uma determinação estadual e sua repercussão regional. Os estudantes aplicaram uma pesquisa com moradores do bairro para verificar a opinião e concluíram que a maior parte opta pelo uso das sacolas. Com base nesta informação, elencaram os danos ao meio ambiente, a reciclagem, a poluição e apontaram a solução para substituição deste item e de mudanças de comportamentos, como uso de caixas de papelão para carregar os mantimentos. O exercício abordou várias áreas e foi intenso a todos.

Encontro 5 - Problemas globais - Entendendo a questão dos refugiados

Outra temática importante abordou a crise imigratória e a presença de refugiados no Brasil. O assunto fez parte das aulas de História e Geografia, e foi além do debate sobre a origem, disseminação e etnias com maior presença na região. Os estudantes conheceram a cultura de diversos países e seus problemas sociais; as guerras que mais impulsionaram a imigração; as descendências com maiores registros de mudanças; os países que recebem os imigrantes e a posição do Brasil sobre a situação. Para ampliar a articulação, a turma realizou uma entrevista via WhatsApp com um voluntário que realiza ações sociais em vários países e que presencia a dificuldade desses imigrantes em busca de um novo lar. Numa chamada de vídeo, diretamente de Nepal, ele conversou com as crianças, contou sua experiência e explicou a crise imigratória. Em sua vinda ao Brasil, o entrevistado fez questão de visitar a escola e conhecer os alunos, que puderam aprofundar a discussão. A empolgação da turma foi grande. Todos ficaram felizes pela presença do convidado, compartilharam os seus trabalhos, viram fotos de diferentes lugares representando as dificuldades dos que se encontram nessa situação e ficaram comovidos

com a gravidade do problema. Apesar das dificuldades técnicas (a internet na escola é instável), os professores usam seus smartphones e notebooks e acesso particular às redes para propiciar experiências diferenciadas com o uso dos recursos tecnológicos. Esta aula mostrou esse empenho dos educadores em não abrir mão do "novo" para inserir os alunos num universo que pode ajudar a incrementar o aprendizado.

Encontro 6 - Formação da cidadania

Em mais uma aula de História, a cidadania - um dos requisitos mais destacados nos PCNs, DCNs e na LDB - conduziu o encontro. O professor explicou aos alunos a organização dos projetos de lei articulados na Câmara Municipal, o encaminhamento à Prefeitura e a realização do que foi proposto. O educador enfatizou a importância da participação do cidadão na sociedade. Ressaltou que todos têm o direito de apresentar propostas que atendam a sua região e de fazer uma fiscalização contínua do que vem sendo realizado em sua cidade. A turma recebeu a visita do prefeito para participar de uma roda de conversa. As crianças o questionaram sobre o trabalho de um parlamentar e quais os trâmites para atender às solicitações dos moradores. Os alunos também compartilharam sugestões de melhorias para o bairro onde está instalado a escola. Antes da presença do parlamentar, houve uma pesquisa sobre o político, a preparação das perguntas e orientação quanto à postura a ser adotada. Os estudantes não se intimidaram e ousaram ao mostrar o interesse pela administração municipal e preocupação com a cidade onde moram.

Encontro 7 - O desejo por um ensino melhor

A secretária municipal de educação também participou de uma conversa com os jovens, orientando-os sobre a sua função, atividades exercidas e o desejo de construir um mundo melhor. Os estudantes compartilharam o que almejam à sua escola, ao ensino municipal e à sua formação estudantil. A entrevista especial foi um dos destaques da edição do jornal anual. O interesse em conhecer as autoridades, a articulação para promover a aproximação com essas personalidades e o desenvolvimento de atividades que vão além das aulas contribuem para o diferencial da escola. São práticas que envolvem alunos e professores, que, em conjunto, transformam uma sequência didática numa série de atividades que contemplam os aspectos cognitivo, social, pessoal e cidadão.

Encontro 8 - Entrega das produções e finalização dos trabalhos

A autoria é estimulada em todo o processo de aprendizagem, e as produções são contínuas no decorrer das aulas. As atividades do boletim informativo começam no segundo semestre, e elas ocorrem entre os meses de setembro a novembro. Nesse período, há o trabalho com todos os tópicos abordados na sequência didática "Lendo jornais para ler o mundo", para, então, começar as produções textuais direcionadas ao jornal anual. A finalização desta etapa foi acompanhada, e a correria contra o tempo é constante. Quando todos entregam seus trabalhos à coordenação, a sensação de alívio invade a sala de aula. No entanto, a tensão apenas muda de lugar. Agora, ela pertence à equipe gestora e ao pessoal da secretaria, que assumem a produção. Paralelamente às suas outras funções, o secretário diagrama as páginas logo após a revisão da coordenação e direção.

Ao longo de dois a três dias, ele organiza, estrutura, edita e chega ao melhor formato. São mais alguns dias para a avaliação, e sugestões são compartilhadas para aprimorar o trabalho. São 14 textos, um de cada sala, dispostos ao longo de oito páginas, que vão ganhando um estilo que caracteriza a escola e enriquece o trabalho de toda a equipe envolvida em cada produção registrada na publicação. Com a finalização, começa a última etapa, a da impressão de alguns exemplares. O jornal escolar chega às mãos de seus autores com a ajuda de inspetores, que auxiliam na impressão, separação e distribuição. O jornal impresso pode parecer simples e amador, mas a produção, o trabalho, o envolvimento dos produtores, a dedicação de toda escola e o percurso para a finalização de mais uma edição demonstram que práticas diferenciadas podem ser criadas independentemente de recursos e da infraestrutura de uma escola, basta a disposição de uma equipe que aceita o desafio de ir além do ensino tradicional. Como disse a diretora e alguns professores, "a alegria das crianças ao ver suas produções compensa o trabalho de todos que ajudaram no projeto".

O processo é turbulento, afinal, são crianças, que precisam de mediação e orientações contínuas. Há produções que são excluídas, assuntos modificados, material coletado que não é usado, reestruturação de equipes, conflitos entre os grupos e reclamação por falta de equipamentos. Por outro lado, existe o interesse dos alunos, o desejo de concluir um novo trabalho, a vontade de partir para o próximo projeto. Os benefícios contemplam as fases negativas, e enriquecem as positivas. A periodicidade do boletim informativo é anual, porém a sua produção é mensal, pois existe um ciclo de ações que perpassam a versão impressa do material. Acompanhar esse processo foi

significativo e esclarecedor para entender por que nem todas as escolas se propõem a manter uma prática nesta linha de estudos.

5.2.2. E.E. Mario Manoel Dantas de Aquino

A primeira visita à E.E. Mario Manoel Dantas de Aquino foi realizada em outubro de 2016, no entanto, o contato com essa unidade de ensino começou em 2012. Na ocasião, a escola foi uma das vencedoras do 8º Prêmio Grupo Mogi News Professor Cidadão[72]. Ao inscrever o projeto LER - Leitura, Entretenimento e Recreação, a equipe conquistou o terceiro lugar na categoria Ensino Médio - Escolas Estaduais[73]. A partir de então, passei a acompanhar os trabalhos, e conhecer as outras propostas, como a rádio e a tevê escolar. Algumas reportagens foram realizadas nesse período, e, com os estudos sobre a produção midiática no cenário educativo, solicitei autorização para realizar a pesquisa de campo na unidade estadual.

O diálogo inicial ocorreu com o mediador do projeto educacional, que, desde o início, abriu as portas da instituição para a concretização dos estudos e ajudou na articulação dos trabalhos junto à equipe gestora. Após a apresentação do estudo à direção, comecei o período de observação em março de 2017, e passei a acompanhar a produção dos trabalhos, a consonância com as aulas e a dinâmica das atividades. Ao todo, foram 28 encontros, divididos entre as aulas, reuniões de professores, intervalos entre os alunos, encontros do grêmio estudantil, atividades do projeto, e, principalmente, a dinâmica da Sala de Leitura. Este é o ambiente usado para realizar trabalhos escolares, discussões sobre os projetos, da equipe de gremistas e das propostas comunicativas.

[72] A descrição da premiação pode ser revista na página 37.

[73] Suplemento especial produzido pelo Grupo Mogi News de Comunicação traz a reportagem completa sobre a premiação e a conquista da unidade escolar. Confira em: http://moginews.com.br/professorcidadao.

Quadro 2 - Período de observação – Fundamental II e Médio

E.E. Mário Manoel Dantas de Aquino
Ensino Fundamental II e Médio

Ciclo de ensino	Turmas	Atividades observadas	Projetos avaliados	Periodicidade das visitas	Quantidade de encontros
Ensino Fundamental II e Médio	9º ano Fundamental I (1 turma) 3º ano Médio (1 turma)	Aulas de diferentes disciplinas, realização dos projetos, acompanhamento das produções e participação em alguns eventos	Jornal L.E.R; rádio R.E.C e TVE Mário Manoel Dantas	Semanais	28*

Período do processo de observação: março a dezembro de 2017.
Realização de uma roda de conversa com alunos: junho de 2018.
* Nos meses de setembro e novembro, as visitas foram quinzenais.

Fonte: Autora (2018)

Das visitas realizadas, elenquei oito encontros considerados representativos para compreensão do processo de construção dos projetos em avaliação. Eles serão explicitados com o objetivo de entender como as ações são idealizadas, construídas e finalizadas. Diferentemente da escola anterior, não ocorrem em consonância com o programa escolar. Pelo contrário, acontecem conforme a disponibilidade e viabilidade tanto dos educadores quanto dos alunos. Existe a preocupação em aliar as atividades com os conteúdos do currículo escolar, no entanto, as ações são esporádicas. O processo de investigação foi complementado com as entrevistas - em dezembro de 2017 - e uma roda de conversa com os alunos em junho de 2018.

Encontro 1 - A chegada à escola

O primeiro dia de observação foi marcado por apresentações aos professores, aos alunos e à equipe gestora, técnica e operacional. A escola é movimentada, com entrada e saída de pais e mães, educadores, alunos e prestadores de serviços. Por ser uma unidade com um grupo numeroso, nem sempre é possível distinguir os visitantes dos funcionários. No entanto, quando uma pessoa estranha acessa os ambientes privados, começam as indagações. Após um interrogatório na secretaria, fui direcionada à sala dos professores, e fiquei à espera do mediador dos projetos, que iria me acompanhar ao longo do estágio inicial. Este ambiente é movimentado, alguns estão apressados e seguem para as suas

turmas; outros chegam acelerados, recolhem seus materiais e partem para a uma nova jornada de trabalho em outra escola; e, ainda, há aqueles que aproveitam a pausa para realizar uma atividade pessoal ou profissional.

Neste ínterim, permeado por diferentes educadores, as perguntas direcionadas à minha pessoa foram inevitáveis: Você é professora nova? Qual é a sua área? Vai trabalhar com quais séries? Antes mesmo de finalizar as explicações, os discursos eram complementados com mensagens de apoio: "Boa sorte, você vai precisar", "Eles (alunos) não são fáceis"; "Eles são participativos, vão gostar de conversar com você"; "Gosto deste projeto e os alunos também"; "Projeto de comunicação? Não conheço". Inicialmente, fiquei preocupada ao perceber que alguns profissionais desconheciam uma prática em andamento há oito anos; outros mostraram desinteresse; e alguns, com entusiasmo, contavam as suas experiências. Estes foram os que me animaram a percorrer os corredores, na presença do mediador, que, em primeiro lugar, apresentou as duas salas que eu estava autorizada a assistir às aulas, e, em seguida, fui encaminhada à estrutura da agência de notícias. O responsável explicou a dinâmica dos trabalhos e a organização das atividades.

Com a chegada do intervalo, começou a segunda etapa de questionamentos advindos dos adolescentes: "Você é professora nova?", "Você está indo para qual sala?"; "Você está no lugar de alguém?". Após a apresentação formal, aos poucos, foram entendendo o motivo da minha presença naquele espaço. Permaneci o restante desse dia na Sala de Leitura, e percebi a movimentação. Cheguei num período em que estava havendo a organização das chapas para as eleições estudantis. Os alunos preparavam as suas propagandas eleitorais. Precisavam agendar horários para gravar os programas das campanhas. Foi uma manhã produtiva, e finalizei os trabalhos recebendo a energia da juventude. Daquele momento em diante, uma parceria era firmada com alguns jovens, que me ajudaram em várias etapas da pesquisa, como na organização dos encontros para a aplicação dos questionários e a realização da roda de conversa. Antes de partir, a diretora, que, até então, estava atarefada com as suas responsabilidades, veio ao meu encontro para saber como havia sido aquele primeiro momento. Atenciosa, ela se colocou à disposição para o encadeamento de todas as etapas da pesquisa.

Encontro 2 - Envolvimento com os professores

O contato com os educadores ocorreu durante o processo de investigação, mas não foi possível conhecer toda a equipe. Alguns profissionais que atuavam nos horários em que eu visitava a escola se tornaram mais próximos. Atenciosos, respondiam às minhas perguntas, e, apesar da dinâmica escolar, estavam dispostos a explicar as dúvidas sobre as propostas analisadas. Era importante apurar novos olhares acerca dos projetos em andamento. Comentários positivos e negativos foram ouvidos, e os apoiadores, que eram os participativos, ficaram entusiasmados com o fato de receberem "uma pessoa de fora" interessada pelas atividades de uma escola, que, como qualquer outra, possui problemas. Mas, por outro lado, tem ações positivas, e que precisam ser reveladas.

A convivência com esses profissionais ocorreu na sala dos professores, um ambiente propício para observar os assuntos abordados - tanto no âmbito regional quanto nacional -, as turmas problemáticas, os alunos que geram insatisfações e os que encantam os educadores. E, por sua vez, as dificuldades no ambiente escolar. Foram momentos importantes para conhecer a realidade escolar e o cenário onde a unidade está instalada.

Paralelamente a esses encontros informais, houve o acompanhamento das aulas. Estava autorizada a entrar em duas salas, do 9º ano do Ensino Fundamental e 3º ano do Ensino Médio. Como a visita à escola ocorria uma vez por semana, eu me dividia entre os grupos. Procurei acompanhar, em especial, as disciplinas das áreas de Linguagens (Língua Portuguesa e Artes) e Ciências Humanas (História, Filosofia e Sociologia) devido aos conteúdos curriculares, que, conforme analisado, incentivam produções comunicativas. Essa observação era intercalada com as atividades da Sala de Leitura. Quando as produções estavam em andamento, eu deixava de frequentar as aulas para observar esse processo.

Além de acompanhar a rotina dos educadores, participei de três reuniões do HTPC. O primeiro foi realizado no início do ano, quando eu me apresentei a todos e expliquei o trabalho que estava desenvolvendo na unidade de ensino. Segundo a direção, esta formalidade era necessária, pois nem todos apreciam a presença de um pesquisador no ambiente educativo, mas eles precisam conhecer a importância e relevância do estudo. Desta forma, são incentivados a contribuir com a pesquisa. O segundo e terceiro encontros foram destinados à explicação, entrega e recolhimento dos questionários aplicados.

Encontro 3 - Interdisciplinaridade em sala de aula

A interdisciplinaridade é o que conduz os projetos escolares, que, embora estejam focados numa temática, ao longo do trabalho, é possível observar a multiplicidade de assuntos envolvidos. Isso ficou evidente ao acompanhar algumas aulas no 9º ano D e no 3º ano A. No decorrer de 28 encontros, eu me dividi entre esses dois grupos, cada um com o seu perfil. O primeiro é formado por jovens interativos, que conversam bastante, mas questionam e complementam o conteúdo explanado pelo professor. Eles produzem os exercícios solicitados e ajudam uns aos outros. Ao longo das disciplinas, conduzem a manhã inter-relacionando os momentos sérios (estudos e produção) com os divertidos (intervalos e em algumas aulas). O segundo grupo transmitiu uma postura diferente. Os estudantes também são participativos, no entanto, mais acelerados. Percebe-se que a dispersão é mais frequente, sendo inevitável o uso do celular, as conversas paralelas e as brincadeiras. O professor é desafiado a despertar a atenção e transmitir o seu conteúdo de forma que o instiguem a participar de suas aulas.

Não pude acompanhar todas as disciplinas, portanto, o objetivo era verificar se os educadores eram adeptos aos meios e à tecnologia e se faziam uso da estrutura da agência de notícias. Em algumas ocasiões, os encontros foram tradicionais; em outros, observei que os recursos midiáticos e tecnológicos eram explorados. A professora de História é adepta à inserção desses suportes no aprendizado dos educandos. A Ditadura Militar foi o tema de uma das suas sequências didáticas. O assunto foi explorado com vídeos, debates e trabalhos expositivos, e, para finalizar, os alunos realizaram uma produção audiovisual abordando esse período histórico com depoimentos de pessoas que acompanharam essa época.

Em Língua Portuguesa, a produção textual é constante, e, a cada assunto sugerido, os debates são extensos para auxiliar os estudantes na construção das ideias a serem expostas em suas produções. Nem sempre a redação é finalizada em aula, ficando como "dever de casa". Num próximo encontro, a educadora mostrou algumas redações e verifica-se que há estudantes que possuem o dom da escrita. Ela os incentiva a participar dos projetos comunicativos; as resenhas de livros são uma das atividades realizadas para o jornal LER.

As aulas de Filosofia e Sociologia despertam a atenção dos jovens. Elas estão entre as disciplinas preferidas. São encontros dialógicos com debates sobre temáticas contemporâneas para despertar a reflexão sobre a sociedade e a consciência do aluno em

relação aos direitos e deveres políticos, civis e sociais. O professor instiga os educandos a se expressarem, a terem argumentos, a assumirem posições diante um tema abordado. O objetivo é desenvolver o pensamento autônomo e questionador. Para colocar essa postura em prática, a produção oral e escrita conduz a disciplina.

Os conceitos de democracia, os processos de transformação política, econômica e social a partir de situações históricas; as desigualdades social e ideológica e a importância da participação na sociedade; além dos movimentos tradicionais e contemporâneos estavam entre os debates. O educador gosta de levar jornais e revistas com reportagens sobre as temáticas trabalhadas. Ele também exibe e compartilha vídeos para os alunos se aprofundarem nas reflexões. Todas as matérias de Humanas agregam temáticas em comum, inclusive a Arte, que, nestes ciclos, ressaltam os movimentos tradicionais influenciados por momentos históricos relevantes. As aulas contribuem para ampliar o repertório do aluno. No geral, elas são tradicionais, embora os educadores observados apoiem os projetos e a utilização da informação e tecnologia no espaço educativo, dizem que isso ocorre em algumas ocasiões, pois o tempo é curto para transmitir tudo o que é necessário.

Encontro 4 - Projetos integrados

Os projetos integrados são elaborados para uma melhor organização das festividades promovidas na escola. Alunos e professores se responsabilizam pela organização dos eventos, e cada um contribui conforme as suas habilidades. “Mario Manoel - 40 Anos” foi uma das ações acompanhadas. A festa prestou uma homenagem ao patrono da escola, e contou com a presença de seus familiares. Nessas ocasiões, os projetos comunicativos integram a participação antes, durante e após as atividades. Inicialmente, o mediador organizou a produção de uma edição especial do jornal LER e um vídeo comemorativo. O grêmio estudantil ajudou a reunir a equipe disponível para participar dos especiais. Uma turma foi elencada para a produção textual, que trouxe a biografia do homenageado e a sua luta pela Educação; e uma outra para o audiovisual, que teve como foco de trabalho a história da escola e a sua representatividade para a cidade.

Para o primeiro trabalho, os alunos pesquisaram registros históricos - textos e fotos - sobre o homenageado. Os estudantes fizeram uma pesquisa, consultaram os familiares e documentos da escola. A segunda proposta elencou personagens que tiveram

uma passagem pela unidade, como ex-professores, ex-alunos, ex-gestores. Também selecionaram os funcionários mais antigos, e o objetivo era ouvir a sua experiência, conquistas após os estudos, e, por último, a importância da escola em sua formação. Os jovens elaboraram o roteiro e produziram uma série de entrevistas para a produção de um documentário.

Durante o evento, eles filmaram e fotografaram. E, após as festividades, finalizaram a edição impressa. A organização das atividades foi realizada durante os intervalos, quando todos se reuniam para a distribuição das tarefas e checagem de itens pendentes e concluídos. Em algumas ocasiões, alguns precisaram ir à escola no contraturno para finalizar os trabalhos. Em todo o processo, o envolvimento dos alunos foi identificado, e a disposição para o cumprimento das responsabilidades que assumiram. Durante as aulas, as saídas não foram frequentes, mas as conversas paralelas, em muitas ocasiões, estavam relacionadas à Festa do Patrono. Isto pode ser considerado um ponto negativo devido à dispersão e não atenção ao conteúdo transmitido, o que justifica, mais uma vez, a importância de inserir o projeto no programa para que se organize um tempo destinado às suas ações. Por outro lado, demonstra o envolvimento dos jovens com a escola e a preocupação em fazer um bom trabalho.

Encontro 5 - Reunião de pauta

As reuniões ocorrem semanalmente, e, às vezes, quinzenalmente. A rotatividade varia conforme as produções. Os trabalhos mais frequentes são as gravações com as dicas de leitura; entrevistas com os professores da escola, que apresentam suas propostas e a importância do ensino; e a cobertura dos eventos (fotos e filmagens). Os encontros acontecem nos intervalos, e, como são abertos, participam os que se dispõem a ajudar. Ao longo de 15 minutos, o mediador compartilha as ações programadas para o mês e elenca as prioridades. Deste conjunto de atividades, os estudantes verificam o que é possível ser concretizado. O grêmio é bastante participativo, e a equipe tem ajudado na divulgação dos trabalhos e a trazer novos alunos para os encontros e as tarefas. A equipe ainda está sobrecarregada, por isso nem sempre é possível concluir tudo o que foi planejado.

Na Sala de Leitura, são realizadas as gravações, agendadas conforme a disponibilidade dos alunos; a diagramação dos jornais; a edição dos vídeos; as correções e conferências dos trabalhos. Produções textuais, finalização de roteiros, pesquisas fazem

parte do dever de casa, no entanto, o espaço é aberto ao longo do dia, e toda estrutura está à disposição dos alunos. Aqueles que não possuem outros compromissos comparecem no contraturno para concretizar alguma atividade. Em média, de dez a 15 alunos participam das reuniões, estes são os responsáveis por buscar novos colegas para agregar as ações. Em períodos de provas e avaliações institucionais, todo o trabalho é suspenso. Essas atividades, conforme ressaltado, são realizadas em conjunto com as demais atividades da escola. O aluno divide as suas responsabilidades entre os estudos e os projetos; e o mediador concilia os seus deveres com a Sala de Leitura, com os programas e a atenção aos jovens.

Encontro 6 - Um, dois, três…Gravando

A gravação dos programas é a atividade que atrai mais participantes. Com as câmaras e tripé em mãos, chamam a atenção de alunos e professores pelos corredores e dos moradores quando percorrem o bairro. A maioria dos trabalhos é externo, mas, em algumas ocasiões, eles saem às ruas para relatar os problemas da região. Eu acompanhei a gravação dos entrevistados para o documentário "Manoel Dantas - 40 Anos"; para o quadro "Brasil Que eu Quero", da Rede Globo; uma denúncia sobre o aumento de roubos numa viela próximo à escola, que ficou um período sem iluminação; o quadro "Dica de Leitura"; a cobertura de um evento na escola; dentre outros. Os alunos não têm formação técnica, mas manuseiam os equipamentos com propriedade, e os que possuem dificuldades são orientados pelos mais habilidosos. Os "experientes" ajudam os que estão ingressando nos projetos.

Apresentadores, cinegrafistas e assistentes são decididos durante a elaboração dos roteiros, e, democraticamente, eles se candidatam conforme as suas apreciações. A maioria prefere ficar atrás das câmaras, mas quando são desafiados a apresentar, passam a se identificar com a nova posição. Alguns começam tímidos, falam pausadamente, erram e retomam às gravações. Em pouco tempo, tornam-se espontâneos e ignoram os roteiros. O interessante é a harmonia entre todos, o assunto é repassado, as dúvidas orientadas, e, durante o processo, tanto a seriedade como o humor invadem o ambiente. Esta é uma atividade que leva mais tempo, portanto, os que assumem esse compromisso precisam se ausentar das aulas. Isso ocorre por meio de uma parceria com o professor, que avalia se o aluno encontra-se pendente em faltas e entrega de trabalhos, para, então, autorizar a saída. Outro ponto negativo que desafia a continuidade dos projetos.

Encontro 7 - Solta o som…

A música nos intervalos foi uma solicitação dos estudantes, e, com uma condição, a de que eles montassem as playlists. A partir desse pedido surgiu a Rádio REC, logo após o jornal LER. No momento, a programação é musical, e, durante 15 minutos, uma seleção (gravada antecipadamente) anima os estudantes. Quando eles desejam alterar o roteiro, consultam o mediador da Sala de Leitura. Às vezes, há interrupções para incluir recados referentes a eventos sobre a escola. Neste caso, o professor ou um aluno assume o comando. O objetivo é preparar uma nova proposta que possa agregar entrevistas, mas, até a finalização da observação, as ações das outras estruturas eram a prioridade.

Encontro 8 - Inova, a participação do grêmio estudantil

O grêmio estudantil possui representatividade na escola. Formado por 13 integrantes, a chapa "Inove" possui alunos dos turnos da manhã, tarde e noite e tem ajudado a movimentar os projetos escolares. Eles são o porta-voz dos estudantes e articulam as reclamações e solicitações de melhorias junto à equipe gestora. Observei a atuação dos jovens e acompanhei alguns encontros, agendados após as aulas ou em horários vagos. Assim como as reuniões de pauta, o grupo divide as tarefas, pois, além dos projetos particulares (desenvolvidos durante o período das eleições), eles auxiliam nas propostas comunicativas. Alguns atuam no jornal e na tevê e um dos seus objetivos é despertar o interesse de novos alunos para ampliar as ações. Conquistar novos integrantes é desafiador devido à forma em que atividades ocorrem. Muitos têm receio de serem prejudicados com as faltas nas aulas. O grêmio estudantil contribuiu com a pesquisa de campo ao organizar os participantes para a roda de conversa, da qual os gremistas também participaram. É uma juventude promissora, com espírito solidário, participativo, colaborativo e transformador.

5.3 Terceira etapa - Aplicação dos questionários

Os questionários[74] para os alunos e professores foram aplicados presencialmente nas unidades de ensino. Houve a tentativa do envio de um formulário on-line para os grupos de educadores, no entanto, foi descartada devido a alguns problemas durante o percurso da etapa de coleta. O público dos dois cenários envolvidos recebeu as mesmas perguntas.

[74] Os questionários aplicados aos grupos de alunos e professores podem ser consultados na seção Anexos.

O formulário dos *alunos* envolve seis seções: (1) Perfil; (2) Impressões sobre a escola e os estudos; (3) Relação com a mídia e as novas tecnologias; (4) As linguagens da comunicação no espaço educativo; (5) Envolvimento nos projetos especiais que envolvem as linguagens da comunicação; (6) Percepções acerca dos projetos autorais e da formação estudantil. O documento destinado aos *professores* foi dividido em quatro partes: (1) Perfil dos sujeitos da pesquisa; (2) Relação com a mídia e as novas tecnologias; (3) As linguagens da comunicação no espaço escolar; (4) Envolvimento nos projetos e os desafios para a implementação.

A primeira fase foi realizada na Emef Waldemar Costa Filho. Por ser uma escola com 16 professores, o processo ocorreu de forma tranquila e dentro do prazo esperado. A direção entregou a versão impressa, e, em uma semana, todos responderam e entregaram o documento. Nesse mesmo período, realizei a aplicação com os alunos do 5º ano. Com eles, foi preciso um trabalho orientado. Dediquei três dias para recebê-los, individualmente, para questioná-los de acordo com o roteiro de perguntas. São crianças na faixa etária de 9 a 10 anos, portanto, esta foi a maneira mais prática de consolidar a coleta. Ao todos, 25 estudantes foram entrevistados, o que proporcionou depoimentos interessantes sobre o envolvimento nas ações, as percepções sobre o ensino e o sentimento de despedida por estarem a caminho de uma nova escola. Este procedimento ocorreu na primeira semana de dezembro.

A segunda fase foi realizada na E.E. Mario Manoel Dantas de Aquino. Inicialmente, os questionários seriam distribuídos para todos os alunos das duas salas que acompanhei durante o período de observação. Também foi proposto usar o laboratório de informática, a fim de agilizar o processo. No entanto, houve mudanças no planejamento. Em reunião com a direção e o mediador, sugeriram um encontro na Sala de Leitura para a aplicação dos questionários. A divulgação foi realizada em aula e pelo grêmio estudantil. Ao todo, 24 alunos compareceram, e, após uma orientação sobre as perguntas e seções, responderam ao documento. Este encontro ocorreu durante uma manhã no período de 45 minutos. Os alunos que participaram contaram com o apoio do professor, que os liberaram para a atividade. Por ser final de período letivo, muitos já estavam dispensados. Este processo ocorreu na última semana de novembro.

O trabalho com os professores foi realizado em etapas. A direção autorizou a minha participação em duas reuniões pedagógicas, nos períodos da manhã e da tarde, com o objetivo de apresentar os questionários a serem aplicados com os professores. No

primeiro encontro, expliquei as etapas, os objetivos e importância. Em seguida, entreguei cópias impressas. Inicialmente, também solicitei o uso do laboratório de informática para a aplicação on-line. Devido à indisponibilidade de tempo, a direção pediu para eles responderem em casa e entregarem numa data determinada. Os coordenadores se responsabilizaram em distribuir os formulários para os educadores do período noturno. Por conta do horário, não pude comparecer à reunião desse grupo.

O segundo encontro era destinado ao recolhimento dos questionários devidamente respondidos. Infelizmente, poucos se lembraram do que havíamos combinado. O recebimento das respostas não foi uma tarefa fácil. Eles não entregaram nas datas agendadas, e, após três tentativas, permaneci com o material coletado até o momento. Dos 79 profissionais, 15 devolveram os relatórios. São educadores de áreas distintas, e isto contribuiu para uma visão geral de como a interface vem sendo trabalhada em diferentes disciplinas. Este processo ocorreu entre a primeira e segunda semana de dezembro.

5.4 Quarta etapa - Roda de conversa

A roda de conversa foi realizada em junho de 2018 e envolveu 21 participantes, com 16 respondentes, ou seja, que contribuíram com comentários e indagações. Este procedimento era voltado aos alunos mais participativos nas ações, para colher depoimentos referentes à comunicação no cenário educativo, o envolvimento de alunos, professores e gestores nas ações, as dificuldades para integrar os programas, os benefícios à formação estudantil. Recebemos estudantes que não ajudaram nos projetos, mas, ainda assim, compartilharam as suas opiniões acerca da visibilidade das atividades e a importância de elas serem abertas a um público maior. O encontro seguiu um roteiro[75] de perguntas e, ao longo dos debates, três pontos foram destaques:

I - Processos comunicativos

Os canais informativos auxiliam a comunicação no espaço educativo, mas, ainda assim, não são todos os assuntos que recebem espaço. No entanto, é visto com um dos meios para compartilhar as atividades, que vão além das tradicionais festividades. A unidade recebe palestrantes, atrações culturais, visitas especiais, e ainda promovem o debate sobre assuntos regionais e nacionais.

[75] O roteiro desta etapa da pesquisa pode ser consultado em Anexos.

> *"Gostamos de falar do nosso bairro, que precisa de melhorias sempre. Quando participei, fiz entrevistas com moradores da região, e montamos um especial sobre o que a nossa comunidade estava precisando para se sentir mais segura. Foi bacana, e acho importante unir a escola e a comunidade para tentarmos resolver pelos menos alguns problemas", Aluno 1, 2º ano do Ensino Médio, 16 anos*

Ao serem questionados sobre a liberdade nos trabalhos, disseram que a seleção dos assuntos, o formato das edições e o encadeamento das ações são democraticamente escolhidos e orientados pelo mediador. Os projetos recebem o apoio da gestão escolar, o que permite uma maior aproximação entre alunos e os gestores.

> *"A diretoria se dispõe a ajudar e a equipe é aberta aos projetos, desde que sejam educativos. Eles apoiam as ideias que melhorem o comportamento dos alunos, que os convidem a participar mais e se sentir parte da escola onde estudam", Aluno 2, 2º ano Ensino Médio, 16 anos*

II - Importância dos projetos

A realização de projetos é vista como uma forma de mudar a metodologia de ensino. Os depoimentos revelam que muitos professores ainda semeiam a cultura livresca, o que leva ao desinteresse dos conteúdos. Desta forma, os estudantes manifestaram o desejo de propostas em que a teoria e a prática atuem em conjunto para que as matérias sejam transmitidas de uma maneira menos expositiva.

> *"Infelizmente, os livros ainda são o principal suporte do professor, é tão legal quando fazemos um passeio cultural, uma atividade externa, um projeto. Mas é uma pena que nem todo professor promove aulas diferenciadas. Então, quando tem algo novo, os alunos gostam de participar, alguns professores acham que é porque a gente quer 'matar aula', pelo contrário, é porque a proposta nos interessou", Aluno 3, 9º ano, 15 anos*

> *"Projetos, como o da horta escolar, do jornal Ler, TVE Mario Manoel, do Vivendo a Usp, são formas diferentes de aprender. O professor ainda é muito preso aos livros, muita leitura, e pouca prática. Quando a gente tem atividades fora da sala de aula aumenta o nosso aprendizado, e até nos estimula mais", Aluno 4, 3º ano Ensino Médio, 17 anos*

Com relação aos aspectos cognitivos, evidencia-se que a interdisciplinaridade norteia as produções. São poucos os educadores que se apropriam do espaço ou articulam atividades que unam o seu programa aos recursos tecnológicos e midiáticos. No entanto, isso ocorre naturalmente por meio dos projetos, conforme ressalta um dos participantes:

> *"As nossas atividades nos livros, nossas discussões em aula, os textos que lemos sempre são baseados em reportagens. Vejo que tudo está baseado em notícias, tanto atuais quanto mais históricas. A gente*

precisa se manter informado, e participar dos projetos nos faz perceber que informar também é preciso, pois muitos ainda não se interessam em saber o que está acontecendo à sua volta. Eu melhorei bastante nos meus estudos, as minhas notas aumentaram, eu me sinto mais preparada. Juntar o que a gente aprende em aula com o que a gente aprende nos projetos da escola nos prepara para o mundo", Aluno 5, 2º ano do Ensino Médio, 16 anos

As atividades desenvolvem, ainda, mudanças com relação aos aspectos pessoal e social. Eles passam a se sentir mais autônomos, confiantes, versáteis, dinâmicos, interessados e abertos a novas experiências. Os educandos se interessam pelos problemas internos e externos com o objetivo de buscar melhorias. A escola, o bairro e a cidade começam a ser observada sob diferentes perspectivas.

"Conhecer a melhor a história da nossa escola, o trabalho dos nossos funcionários, se importar mais com o nosso bairro, ouvir melhor os nossos amigos e pensar numa escola melhor. Estes assuntos são debatidos, para que a gente escolha sobre o que registrar nas publicações. A gente participa quando pode, e nem sempre dá para estar presente, mas, a cada participação, aprendemos bastante", Aluno 6, 13 anos, 7º ano, 11 anos

III - Inviabilidade de participação

Aumentar a participação é o objetivo dos idealizadores, no entanto, as ações carecem de parcerias do corpo docente (para usar os espaços ou autorizar os alunos em ações especiais) e discente (organizar o tempo para se inteirar aos programas). Um requisito difícil de ser cumprido em vista de uma carga horária cada vez mais "apertada", um cronograma intenso de atividades e um currículo extenso para ser finalizado.

"A gente divide as tarefas, e nos reunimos nas aulas vagas, no intervalo, em alguma aula em que conseguimos ser dispensados, e, às vezes, num horário fora do nosso período. Alguns professores não gostam que a gente saia da aula, mas a gente conversa", Aluno 7, 2º ano, 16 anos

"Os alunos são participativos, no entanto, o desafio para os projetos não acabarem é trazer mais pessoas às tarefas. Os professores incentivam, os estudantes se interessam, mas o difícil é administrar as novas responsabilidades com o que a gente tem de fazer durante as aulas", Aluno 8, 2º ano, 16 anos

O grêmio estudantil, como representante dos estudantes, divulga os projetos escolares desenvolvidos em todas as áreas. O grupo estimula a participação e ressalta que as práticas contribuem para o protagonismo juvenil.

"Participar de atividades diversificadas e paralelas às aulas é uma forma de exercemos o protagonismo juvenil. A gente precisa de motivação, eu sou

presidente do grêmio estudantil, e como representante dos alunos, incentivo todos a participarem das ações da escola. Estes projetos promovem a interação entre as turmas, e é uma forma de conhecermos novos talentos, pois cada um ajuda com o que sabe e gosta de fazer. E é isso que nos faz querer participar ainda mais" Aluno 9, 2º ano Ensino Médio, 16 anos

6. Análise interpretativa dos dados

6.1 Os gestores

6.1.1 Perfil dos sujeitos da pesquisa

As duas diretoras possuem uma longa experiência na área educacional e passaram gradativamente pelas principais categorias profissionais: professora, coordenadora, e, finalmente, a direção escolar. Atuam há cerca de 20 a 25 anos, são preocupadas com a sua unidade e desafiadas, diariamente, a melhorar o cenário educacional. Isso envolve a parceria entre a comunidade escolar, familiar e regional. Trata-se de um trabalho entre gestão escolar; corpo docente e discente; equipe técnica, administrativa e operacional; família e a comunidade. As entrevistadas acreditam que as mudanças começam no seu entorno, ou seja, no âmbito regional; para então, serem viáveis no cenário global

6.1.2 Relação com a mídia e as novas tecnologias

A diretoria se mantém informada ao acompanhar os jornais diários, em especial, as versões eletrônica e televisiva. As gestoras são dispostas a aderir a trabalhos que se apropriem dos meios de comunicação e dos recursos tecnológicos, pois veem esses suportes como forma de realizar uma proposta didática que não seja baseada apenas nos livros didáticos. No entanto, como pertencem a cenários diferentes - cada escola possui uma infraestrutura -, preocupam-se com o acesso à tecnologia, pois muitos brasileiros ainda não têm acesso ao universo digital. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua, divulgados pelo IBGE, 63 milhões de brasileiros são excluídos digitalmente[76].

[76] Brasil ainda tem 2.231 distritos, espalhados em 21 estados, que não contam com cobertura de celular. O estado mais desconectado é a Bahia, onde 1,255 milhão de pessoas em 323 distritos não têm sinal de celular. Em seguida, o Ceará, com 291 localidades sem cobertura móvel, prejudicando 631,6 mil habitantes, e Rio Grande do Sul, com quase meio milhão de pessoas, espalhadas por 570 distritos.

A unidade de Ferraz de Vasconcelos tem uma estrutura apropriada, no entanto, em Biritiba Mirim, os recursos tecnológicos são mínimos. Apesar disso, a equipe docente utiliza os seus equipamentos (notebooks e plano de internet) para o desenvolvimento de suas aulas para contemplar a geração de estudantes que deseja uma nova maneira de ensinar e aprender. As educadoras são adeptas às tecnologias, mas não descartam a prática tradicional, pois acreditam que as teorias de aprendizagem – das clássicas às inovadoras - se complementam, conforme apontam os depoimentos:

> *"Acho que podemos mediar, pois a educação formal sempre irá existir, mas não temos como evitar as tecnologias e as informações trazidas pela mídia. Os alunos podem ser excluídos deste novo tempo. Por isso o professor não pode ficar apenas na "lousa e giz". Precisa apresentar as tecnologias e, em sala de aula, fazer bom uso delas", Depoente 1*

> *"Precisamos nos atualizar e tentar atuar de acordo com o aluno de hoje. Desta forma, é essencial usar as mídias, para estudar as informações e sua devida interpretação; e explorar o potencial das tecnologias, que podem favorecer, e muito, o aprendizado dos alunos. Foi usando a tecnologia que começamos a incrementar os nossos projetos", Depoente 2*

6.1.3 As linguagens da comunicação no espaço escolar

O motivo que levou à realização dos projetos nas duas escolas traz uma similaridade entre os trabalhos. As propostas foram criadas para desenvolver a capacidade leitora e escritora dos alunos, e as duas ações foram inseridas a partir de um projeto de leitura da rede de ensino. Para as diretoras, programas envolvendo comunicação, informação e tecnologia ajudam a aprimorar a prática pedagógica:

> *"Vejo os dispositivos como auxiliares numa aula, num trabalho, numa atividade especial. Professores e alunos têm de explorar esses meios para ampliar os seus conhecimentos. Eles estão aí para ajudar na nossa prática pedagógica, por isso cabe a nós aprender e usá-los a nosso favor", Depoente 1*

> *"Não temos como negar que a internet faz parte do cotidiano dos alunos. As informações chegam a eles mesmo sem perceberem. Cabe aos professores canalizar e orientar os estudos e auxiliar nos conteúdos a serem aprendidos na escola", Depoente 2*

Ao associar esses suportes à rotina estudantil, de maneira prática, fundamentada, com objetivos (e não instrumental), as mudanças no cenário educativo começam a ser observadas. Os projetos contam com o interesse dos alunos, o compromisso dos educadores e apoio da gestão. Este "tripé" é considerado essencial para a concretização

dos trabalhos, e o que ajuda a mediar as dificuldades. Algumas transformações no ambiente escolar foram elencadas:

> *"Essas ações semeiam aprendizados diversos. São projetos reveladores e transformadores. Muitos alunos mudaram o comportamento, melhoraram o rendimento nos estudos, passaram a se preocupar mais com a proteção da sua escola", Depoente 1*

> *"Percebemos que nossos alunos são multiplicadores. O que aprendem na escola levam para casa e suas famílias", Depoente 2*

A unidade municipal conta com o envolvimento de toda a equipe, inclusive dos que atuam no setor administrativo. Ao contrário da escola estadual, que ainda não consegue agregar todos os educadores. Apesar de o grupo ser reduzido, o trabalho tem sido eficaz. Os resultados com os alunos motivam os gestores e, principalmente, os mediadores.

6.1.4 Envolvimento nos projetos e os desafios para a implementação

O corpo docente e discente demonstra interesse pelas ações organizadas pela escola, mas administrá-las em conjunto com outras tarefas prejudica a participação de todos. São duas escolas diferentes com relação à estrutura, ao número de funcionários, à regionalidade. Esta variedade interfere na maneira que os projetos comunicativos são idealizados. Para a Emef Waldemar Costa Filho, as iniciativas devem envolver todas as áreas e ser integradas aos conteúdos curriculares. Esta é uma maneira de contar com o apoio de todos. O boletim informativo é trabalhoso, mas, ao começar a ser articulado com o programa, aliando as etapas da produção escolar às disciplinas a serem trabalhadas com as turmas, a proposta recebeu um novo olhar e prosperou entre os docentes e discentes.

> *"Todas as salas participam do jornal anual, cada turma fica com uma editoria, e ela deve trazer uma reportagem especial sobre o assunto, tem de ser uma discussão que esteja sendo vivenciada pela escola ou a comunidade. A ideia é a integrar a escola e à comunidade. Além desses assuntos, o jornal traz uma retrospectiva da escola, pois elenca as ações desenvolvidas. Todos participam, até mesmo a secretaria", Depoente 1*

Na E.E. Mario Manoel Dantas de Aquino, a gestora destaca que a motivação é o "carro-chefe" na rotina escolar. Os projetos precisam ser integrados, mas, como a escola possui uma equipe grande, é difícil mobilizá-la para as propostas. Poucos se comprometem efetivamente com os projetos comunicativos, e os mediadores assumem a

coordenação e principais responsabilidades. A proposta é independente, ou seja, não integra o programa escolar. Este é um dos motivos para as ações serem ainda mais desafiadoras, pois o apoio dos colegas não é total; e a participação dos alunos é esporádica. A parceria da gestão em todas as etapas auxilia no andamento dos trabalhos.

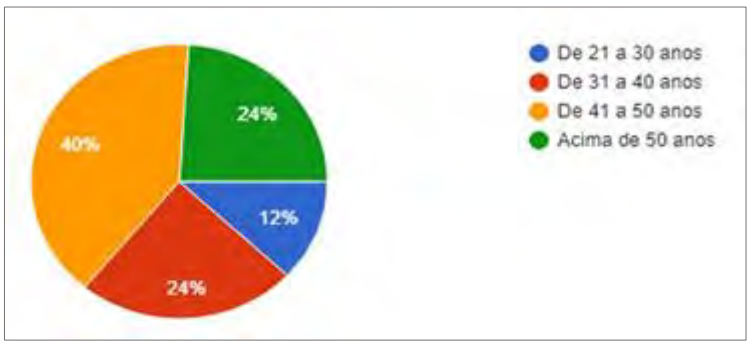
> *"Cada um tem familiaridade com um segmento, por isso as ações têm de ser diversificadas. Com relação aos professores, eles precisam ser motivados, para criarem e colocarem algo em ação. Como falei, a motivação é o carro-chefe. Se não houver este estímulo, principalmente da gestão, mas também de toda a equipe, muitos nem ousam inovar, sempre ficarão com mesma metodologia de ensino", Depoente 2*

6.2 Os professores

6.2.1 Perfil dos sujeitos da pesquisa

A amostra docente é formada por 25 professores, sendo 10 do Ensino Fundamental I (polivalentes) e 15 do Fundamental II e Ensino Médio (especialistas). Dos licenciados, a coleta recebeu respostas de educadores das áreas de Língua Portuguesa, História, Filosofia, Sociologia, Física, Matemática, Química, Biologia e Ciências, possibilitando a observação quanto à integração de diferentes áreas do conhecimento aos projetos interdisciplinares e a práticas envolvendo a mídia e a tecnologia. A maior parte dos respondentes (40%) possui de 41 a 50 anos, e há 6 participantes (24%) com idade acima de 50 anos. São profissionais experientes, em média, atuam na Educação há dez anos. Dos 25 entrevistados, dois possuem 30 anos em sala de aula. O vínculo empregatício com a escola apresenta variação. Há alguns que estão na unidade há mais de dez anos, e outros, oito meses, os mais jovens interagem com os experientes.

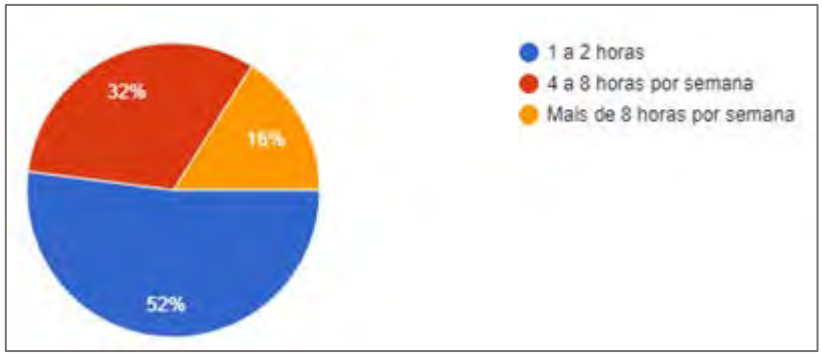
Gráfico 1 – Faixa etária dos professores



"Pergunta: Qual é a sua idade?"
Fonte: Autora (2018)

Dos participantes da pesquisa, 64% são graduados e 36% possuem especialização. A atualização profissional ocorre por meio de cursos, palestras e eventos. Existe a preocupação em acompanhar as novidades da área e participar de atividades extracurriculares. Os profissionais dispõem algumas horas da semana para os estudos: 52% se atualizam, em média, duas horas; 16%, mais de 8 horas; e os demais, 32%, dedicam de 4 a 8 horas semanais ao aperfeiçoamento de sua área de atuação, conforme revela o gráfico.

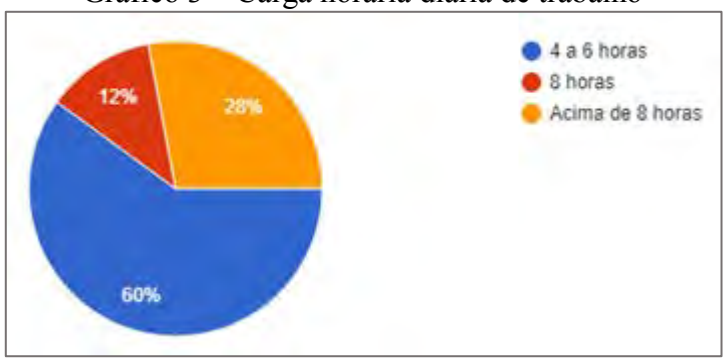
Gráfico 2 – Tempo dedicado à atualização profissional



"Pergunta: Quantas horas você dedica à sua atualização profissional (leituras, cursos, especializações, estudos)?"
Fonte: Autora (2018)

A jornada dos professores do Fundamental I ocorre pela manhã ou tarde, não fazem "dobras", apenas se houver a ausência de um profissional ou a necessidade de lecionar aulas de reforço. Os educadores dos ensinos Fundamental II e Médio apresentam uma realidade diferente. Eles se dividem entre outras escolas, alguns atuam nos três turnos e chegam a trabalhar mais de 8 horas por dia.

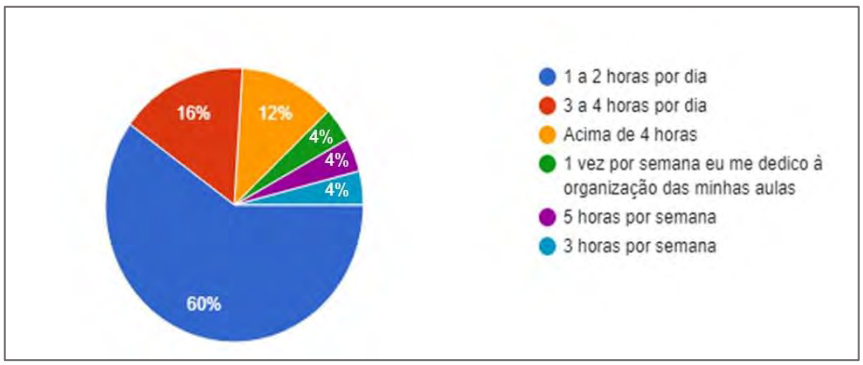
Gráfico 3 – Carga horária diária de trabalho



"Qual é a sua carga horária diária de trabalho?
Fonte: Autora (2018)

Este dado nos ajuda a entender a dificuldade desses educadores integrarem os projetos comunicativos da unidade de ensino estadual. Os entrevistados dificilmente cumprem rigorosamente a carga horária tradicional. Além de uma jornada tripla, muitos estendem algumas horas do dia para outras práticas pedagógicas. Dos entrevistados em geral, 60% gastam, ao menos, 2 horas (a mais) para se dedicar a uma atividade extra, como a organização de um evento ou a construção de um projeto. Outros 16% se desdobram de 3 a 4 horas por dia, e 12% chegam a ultrapassar quatro horas de jornada extra. Os demais variam entre os que excedem de 3 a 5 horas a jornada de trabalho e aqueles que dizem se organizar durante a semana para administrar suas responsabilidades.

Gráfico 4 – Tempo gasto para atividades extras no ambiente escolar



"Pergunta: Além da sua carga horária fixa, quanto tempo a mais você gasta para fazer atividades extras, como projetos e atividades especiais?"
Fonte: Autora (2018)

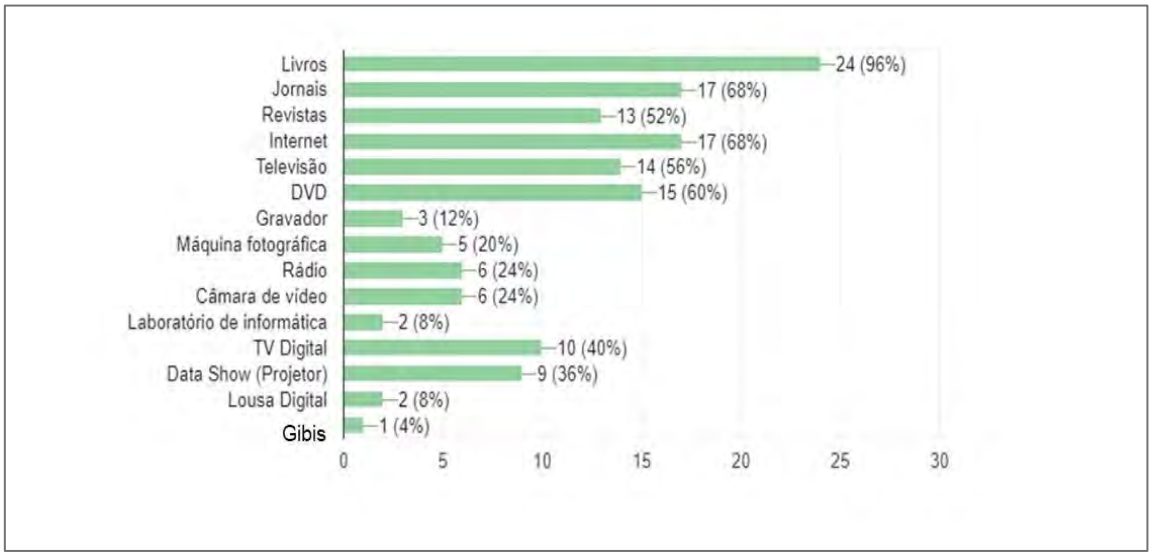
O recorte demonstra dois grupos heterogêneos: (1) os que atuam "6 horas ao dia" (meio período), se atualizam e realizam atividades extras; (2) os que trabalham de 2 a 3 turnos (mais de 8 horas diárias), e, ainda, gastam, em média, 2 horas ao dia com outras responsabilidades pertinentes à escola. Sobrecarregados, seguem com a sua jornada. Ambos os perfis acham importante se manter atualizados para proporcionar aulas diferenciadas.

6.2.2 Relação com a mídia e as novas tecnologias

As tecnologias e os meios de comunicação fazem parte do cotidiano dos educadores das duas escolas. Ao serem questionados sobre o uso de suportes tecnológicos

em suas aulas, 76% responderam positivamente, enquanto os outros 24% negaram por inviabilidade técnica e falta de estrutura. Com relação à inserção de jornais, revistas, rádios e a internet na rotina pedagógica, a adesão é maior, 92% os utilizam, enquanto outros 2% ignoram. O balanço reflete as diferenças estruturais entre as unidades, em Biritiba Mirim, predomina a utilização de veículos impressos, em especial, jornal e revistas. Atividades como rodas de conversa, seleção de matérias para discussão e produção de texto argumentativo com base no que foi lido integram as aulas. Não possuem laboratórios, mas, quando necessário, o professor usa os seus equipamentos para uma atividade especial. Ao contrário de Ferraz de Vasconcelos, que possui computadores à disposição, permitindo aos educadores a realização de dinâmicas que aliem o tradicional ao inovador. Apesar disso, ao verificarmos os suportes didáticos mais utilizados durante as aulas, o livro ocupa o primeiro lugar, seguido do jornal, internet e DVD (entendido também com TV, pois ainda é usado para exibição de filmes), respectivamente.

Gráfico 5 – Suportes utilizados durante as aulas

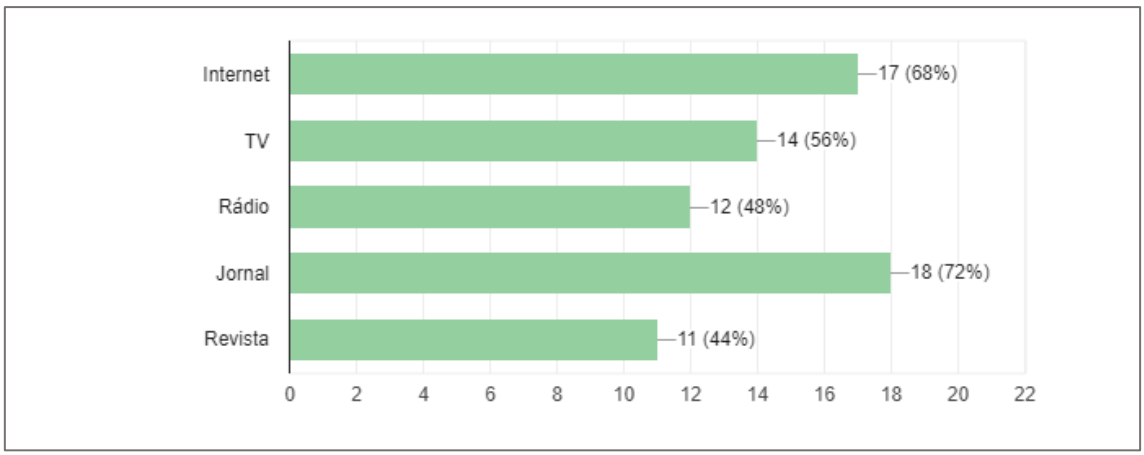


"Pergunta: Em suas aulas, quais dos suportes a seguir são mais utilizados? (Assinale quantas respostas forem necessárias)"
Fonte: Autora (2018)

Quando a pergunta foi direcionada especificamente aos meios de comunicação, o jornal foi apontado como a mídia mais utilizada. Um dado interessante, pois este meio,

embora considerado o mais confiável pelos leitores[77], não tem sido muito atrativo a alunos envolvidos na cultura digital. Os professores de Biritiba Mirim influenciam esses dados, porque a escola recebe diariamente exemplares de um jornal regional e realiza um trabalho pedagógico com o veículo. O segundo item mais usado em sala de aula é a internet, utilizada para várias tarefas, principalmente de cunho pessoal: preparar aulas, baixar jogos educativos, produzir trabalhos, pesquisar assuntos referentes a conteúdos do currículo escolar e, principalmente, acessar sites de notícias, por onde a maioria se informa.

Gráfico 6 – Meios de comunicação mais usados na rotina pedagógica



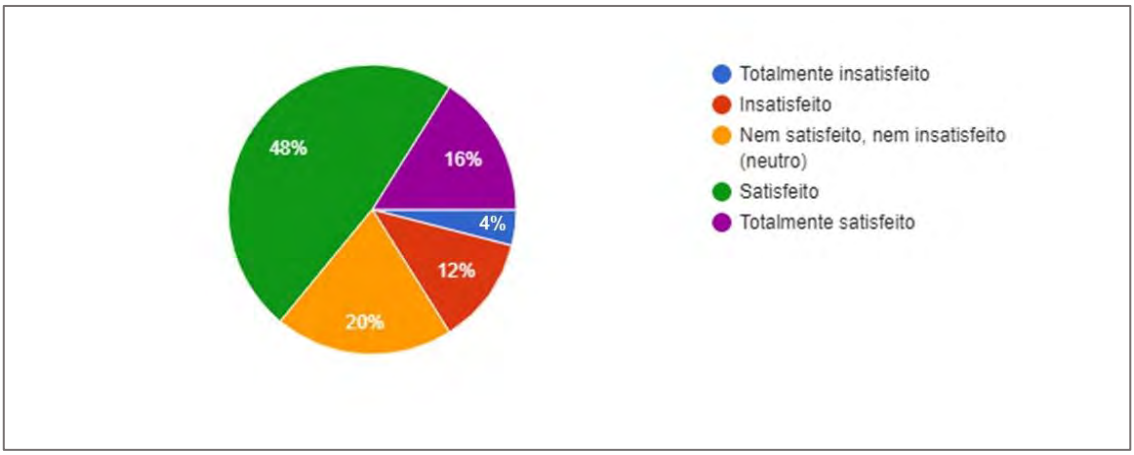
"Pergunta: Qual o meio de comunicação que você mais utiliza no seu cotidiano? (Assinale quantos precisar)"
Fonte: Autora (2018)

Os educadores contam com celulares (96%), notebook (72%), tablet (16%), computador (48%), televisão convencional (68%), TV por assinatura (48%) e tablet (4%). Os entrevistados possuem redes sociais, e a acessam diariamente, por considerar, uma fonte de informação. Dois profissionais têm, inclusive, um canal do Youtube, direcionado à sua disciplina. Os respondentes conferem as notícias, curiosidades e assuntos da sua área de atuação, primeiramente, pela internet (filmes, vídeos, músicas), mas não deixam de acompanhar, de 5 a 10 horas por semana, a programação da televisão (80%), sendo os telejornais a categoria mais assistida (72%). Dos participantes, 80% ouvem rádio, com preferência à programação musical; 80% leem jornais impressos e digitais. A revista é o

[77] É o que aponta o Panorama da Comunicação e Telecomunicações do Brasil 2012/2013, publicado em 2013 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

item menos acessível, ela é lida eventualmente, e apenas as especializadas, como *Nova Escola*, *Turismo, História*, dentre outras. Alegaram dedicar de 2 a 3 horas ao dia para se atualizar, e, em meio a essa variedade de informações coletadas pelos diferentes portadores, as respostas à pergunta *"Como avalia o seu grau de informação sobre os assuntos do momento?"* ficaram balanceadas:

Gráfico 7 – Atualização sobre os assuntos divulgados na Imprensa

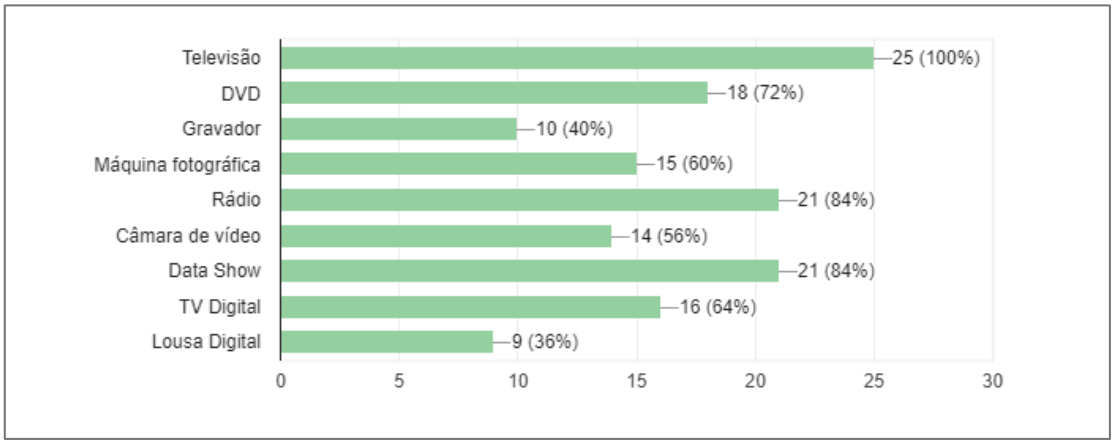


"Pergunta: Como avalia o seu grau de informação sobre os assuntos do momento?"
Fonte: Autora (2018)

6.2.3 As linguagens da comunicação no espaço escolar

Conforme mencionado, o cenário investigativo é formado por duas realidades diferenciadas, e isso contribui para os resultados voltados, em especial, a recursos tecnológicos. Neste tópico, elencamos a infraestrutura dessas unidades, a apropriação dos meios e das tecnologias, o incentivo à autoria pelos dispositivos e a utilização das linguagens da comunicação. Ambas as escolas possuem aparelhos técnicos, e a sua utilização depende da intencionalidade da aula. Em algumas situações eles são usados como "instrumentos", apenas como apoio, como vídeos de filmes, documentários, entrevistas. Em outras situações, estimulam a produção, com o uso de gravadores, câmaras, filmadora e rádio. A televisão é utilizada por todos os educadores, seguida do rádio, data show (para slides e exibição de vídeos) e DVD (associado à tevê). Em Biritiba Mirim, não há laboratórios de informática, mas possui uma lousa digital que torna as aulas interessantes aos alunos. O equipamento apresenta vários recursos, dentre eles, o acesso à internet (que funciona conforme a disponibilidade do sinal), e permite um formato de aula mais interativo conforme o planejamento do professor.

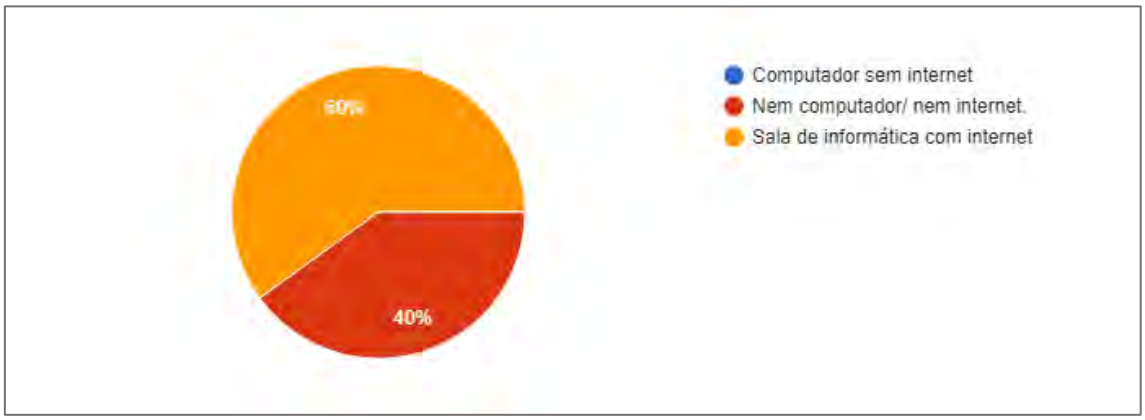
Gráfico 8 - Equipamentos presentes nas escolas



"Pergunta: Quais equipamentos há em sua escola? (Assinale quantas respostas forem necessárias)"
Fonte: Autora (2018)

O próximo gráfico ilustra a indisponibilidade da internet e laboratório, destacada por 40% dos entrevistados. Este montante representa os educadores biritibanos, que são autorizados a utilizar um computador com acesso à internet disponível na sala dos professores, mas todos preferem usar os equipamentos pessoais. Os educadores de Ferraz de Vasconcelos contam com dois micros à disposição em sua sala e um laboratório com 30 computadores (aberto a alunos), além de outras duas unidades na biblioteca, direcionada apenas a pesquisas e trabalhos.

Gráfico 9 – Tecnologia no ambiente educativo

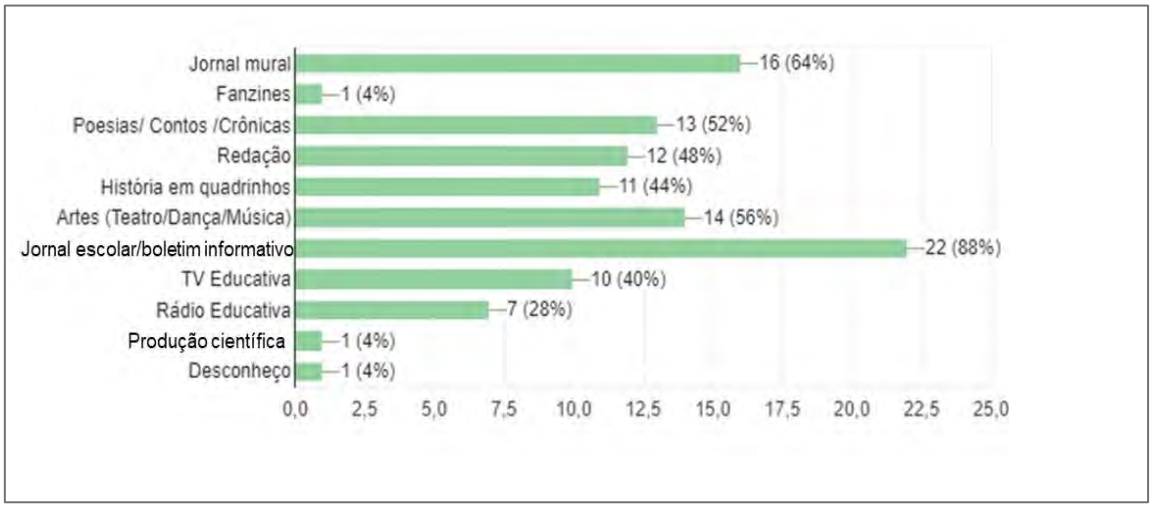


"Pergunta: A sua escola possui computadores para serem utilizados com finalidades didáticas?"
Fonte: Autora (2018)

Esses suportes auxiliam as produções autorais em sala de aula. Por meio deles os canais informativos são realizados, envolvendo leitura, escrita, interpretação; e promovendo habilidades quanto ao manuseio, técnicas e apropriação dos recursos para

gravações, edições e fotografias. O gráfico abaixo ilustra os diferentes trabalhos produzidos pelos alunos. O boletim informativo ocupa 88% do cenário, seguido do jornal mural, com 64%. Apesar de tradicionais, as produções integram os alunos e professores. A arte é bastante presente no cenário educativo. Dança, música, teatro, saraus e coral foram identificados entre os trabalhos desenvolvidos com as turmas dos três ciclos investigados. Existe o incentivo por grande parte dos professores, 80% deles se apropriam das inúmeras linguagens que permeiam a cultura escolar; outros 20% se concentram nos currículos educacionais, com foco apenas no conteúdo da sua disciplina.

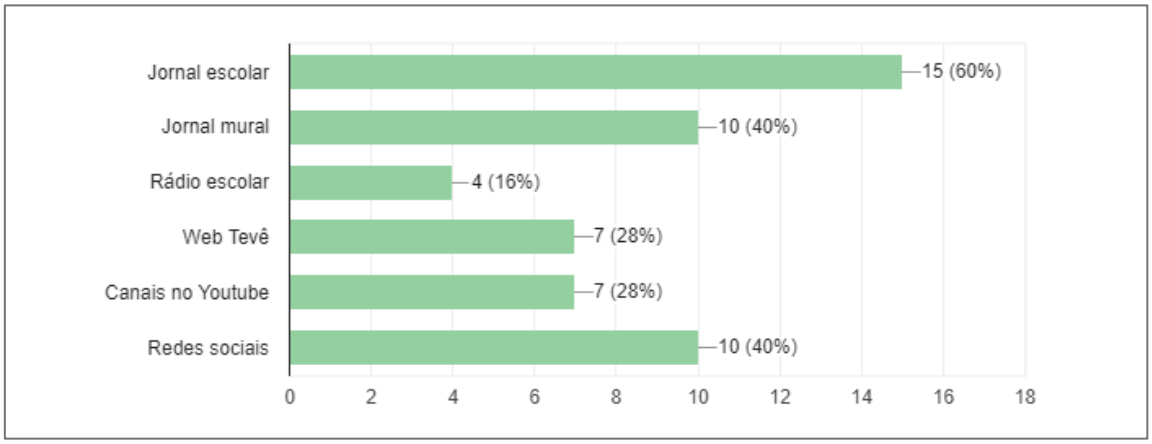
Gráfico 10 – Produções autorais incentivadas pelos professores



"Pergunta: Quais produções autorais são incentivadas por meio dos projetos e atividades especiais realizadas em sua escola?"
Fonte: Autora (2018)

A preferência pelo jornal escolar é, mais uma vez, evidenciada quando investigado quais dos canais possui uma maior participação. Os professores elencaram os considerados mais interessantes (segundo a sua opinião) aos estudantes: os impressos atraem, em maior proporção, os alunos do Fundamental I (a indisponibilidade de recursos técnicos contribui para a preferência) e jovens do Ensino Médio (por influência dos educadores, que veem o jornal e boletim como forma de praticar a leitura e escrita); já os estudantes do Fundamental II (dos 5º ao 9º ano) preferem os vídeos e alguns deles demonstram o perfil de youtubers. O gráfico abaixo não ressalta esse aspecto, mas, durante o acompanhamento dos trabalhos, percebemos essas apreciações.

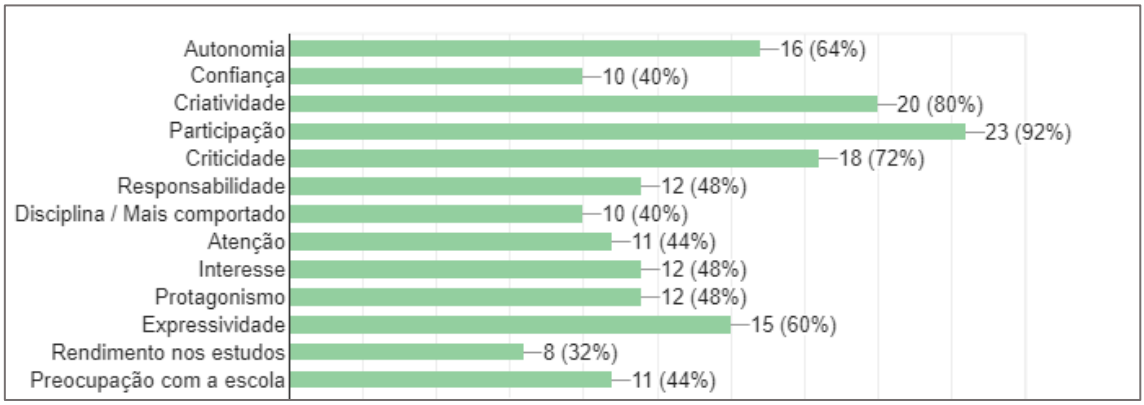
Gráfico 11 – Canais informativos



"Pergunta: Quais tipos de produções desencadeadas pelos diferentes dispositivos comunicacionais vêm despertando maior atenção dos alunos?"
Fonte: Autora (2018)

Segundo os professores, a produção autoral propicia o desenvolvimento do aluno em várias áreas: pessoal, social e educacional. A capacidade leitora e escritora é incentivada em todas as séries, e os suportes disponíveis nas unidades permitem que os trabalhos não consistam apenas em redações. Estes textos, intensificados nos ciclos finais, ganham novos formatos – o digital, o radiofônico e o televisivo. As atividades propiciam o trabalho com diferentes discursos e gêneros textuais e atendem, com maior profundidade, os programas de Língua Portuguesa. As outras disciplinas, aos poucos, vão aderindo às produções, ajudando, por sua vez, com as capacidades crítica e reflexiva dos alunos e com o repertório cultural dos "autores mirins e juvenis". História, Filosofia e Sociologia (que integram a área de Linguagens, Códigos e Suas Tecnologias) contribuem com esse processo de formação. O gráfico seguinte demonstra as principais habilidades adquiridas pelos alunos ao longo das atividades.

Gráfico 12 – Habilidades propiciadas com o envolvimento nos projetos autorais



"Pergunta: Quais das características você observa nos alunos que passam a participar de projetos e atividades que envolvem as linguagens da comunicação?"
Fonte: Autora (2018)

A participação (92%), seguida da criatividade (80%), criticidade (72%), autonomia (64%) e expressividade (60%) foram os aspectos mais evidentes. São habilidades incentivadas em ações desenvolvidas sob a perspectiva educomunicativa. As características envolvem os seguintes aspectos: (I) pessoal, quando o aluno resgata a autoconfiança, adquire responsabilidade com o processo educativo, interessa-se pelo aprendizado e melhora o seu rendimento escolar; (II) social (coletivo), quando aumenta a participação nas atividades, e, por sua vez, o envolvimento com a escola. Os educandos passam a ser responsáveis pelos compromissos assumidos, e como as produções remetem a temáticas voltadas à escola, à comunidade e à sociedade, os jovens ampliam o papel protagonista nas atividades desempenhadas e percebem a sua importância como agentes transformadores da sociedade. São mudanças positivas à formação estudantil que atendem aos propósitos educacionais em destaque nos documentos oficiais, mas, também, ressaltados nas práticas que envolvem a interface Comunicação e Educação: 'educar para a vida"; "educar para a cidadania".

6.2.4 Envolvimento nos projetos e os desafios para a implementação

A terminologia Educomunicação não é estranha aos educadores. Ao responderem à seguinte pergunta: "*Você já ouviu sobre o termo Educomunicação? Na sua opinião, o que significa?",* os relatos trazem uma percepção de como o campo de estudos é

interpretado. Apesar de não a conhecerem fundamentalmente, alguns se aproximam do conceito, conforme mostra o depoimento abaixo:

> *"Uma forma de conhecimento que alia os meios de comunicação e as práticas pedagógicas para a construção do conhecimento", Professor 1*

Outros, por sua vez, se aproximam da proposta que o campo oferece à prática educativa, apontado, inclusive, pelo que afirmaram "nunca ter ouvido o termo".

> *"Seria a capacitação do profissional para gerir, planejar, articular as diversas mídias, compondo estratégias com finalidades didáticas-pedagógicas", Professor 2*

A associação entre Comunicação e Educação é perceptível a todos os respondentes. No entanto, prevalece a suposição de que este campo orientaria, especificamente, a utilização dos recursos tecnológicos nos espaços educativos. Predomina um olhar instrumental quanto ao uso dos meios e da tecnologia.

> *"Um termo que remete ao uso de ferramentas de comunicação para a educação", Professor 1*
>
> *"Ainda não ouvi a respeito, mas acredito que sejam práticas pedagógicas incluindo as TICs", Professor 2*
>
> *"Ainda não conheço, mas acredito que seja o uso das mídias na educação", Professor 3*

Uma visão contrária aos pressupostos educomunicativos, que veem esses suportes como forma de garantir o acesso à informação, estimular a produção, ampliar as formas de expressão e promover a comunicação no espaço comunicativo. Este aspecto foi destacado positivamente por um dos entrevistados:

> *"Vejo a Educomunicação como uma forma de promover uma nova educação no mundo de hoje, em que a comunicação é primordial e necessária na escola. Este trabalho permite levar a leitura de jornais, revistas e outros meios em sala de aula, despertar o interesse nos alunos pelo gênero e incentivar não só a leitura como também a produção", Professor 1*

A "educação para os meios/educação para a comunicação" também foi apontada em depoimentos que destacaram que o campo contribui para a formação de leitores críticos e conscientes quanto ao uso das mídias. Uma habilidade considerada importante ao receptor, para que, ao assumir o papel de autor, saiba se posicionar adequadamente ao compartilhar as suas opiniões. É necessário apresentar argumentos pertinentes ao debate ao qual se propõe e respeitar o discurso proveniente dos diferentes canais informativos.

Algo que não tem sido observado, especialmente, nas redes sociais, conforme destaca um dos entrevistados:

> *"Imagino que seja educar e orientar respeitando o próximo e, principalmente, as suas ideias, pois nas redes sociais é comum encontrarmos pessoas que usam esses recursos para criticar, desabafar, dar sugestões. Seria uma orientação para o uso consciente dos meios", Professor 1*

De forma geral, a base da Educomunicação, que é considerada um campo de intervenção com objetivo de propor ações emancipatórias, pôde ser evidenciado por alguns respondentes. O compromisso com a cidadania e a democracia foi incluído em uma das respostas.

> *"Vejo como uma nova proposta pedagógica que deseja aumentar o acesso aos meios de comunicação e às tecnologias e orientar no uso consciente desses recursos para que possamos proporcionar uma aprendizagem democrática, com direito à participação e à liberdade de expressão", Professor 1*

Os depoimentos foram importantes para revelar como o campo de estudos está sendo interpretado e se é possível evidenciar os seus pressupostos, mesmo que de forma indireta, nos projetos educativos. A partir deste panorama, partimos para uma análise do envolvimento dos educadores nos projetos e as dificuldades em colocá-los em prática, um dos pontos que remete ao problema desta pesquisa.

Percebe-se que há um estreitamento entre o discurso escolar e as linguagens institucionalmente não escolares. Os educadores têm consciência da importância da atuação na interface Comunicação e Educação. Dos 25 entrevistados, 23 professores levam os meios à sala de aula, e 19 disseram fazer uso de recursos tecnológicos para a preparação da sua rotina pedagógica. A utilização é esporádica, mas os suportes não são ignorados. A produção autoral é incentivada e os dispositivos comunicacionais ajudam a despertar um maior interesse dos alunos pela produção escrita quando associadas a diferentes discursos e gêneros textuais.

Porém, muitos educadores ainda veem os recursos como uma "ferramenta" para incrementar os conteúdos. A maioria os utiliza para preparar o planejamento, se atualizar e informar, e, não, necessariamente, em sala de aula. A adesão aos meios é maior nos projetos comunicativos, e ocorre de acordo com a realidade das escolas. A investigação deixou claro que, quando as propostas atuam em consonância a um currículo escolar, com as atividades pautadas nos conteúdos a serem aplicados ao longo dos anos letivos, a proposta se consolida no ambiente escolar. Este é o exemplo dos boletins informativos da

Emef Waldemar Costa Filho. A equipe apoia as atividades, e, há três anos, as produções vêm sendo realizadas.

> *"Acho necessário o apoio com recursos impressos e digitais, como uso de jornais, redes sociais, revistas, e a internet e os diversos dispositivos. Eu os vejo como uma ferramenta que, se usados em sala de aula, e de forma, realmente, didática, desperta o interesse, curiosidade, atenção e motivação do aluno. São formas de melhorar o ensino, e fazer com que o aluno sinta vontade de aprender sempre mais", Professor 1*
>
> *"As iniciativas são significativas, pois as propostas valorizam o saber fazer e o saber ser do estudante", Professor 2*

Por outro lado, quando as propostas ocorrem aleatoriamente, por educadores que, "nas brechas"[78], inserem práticas com viés educomunicativos, as dificuldades tendem a ser maiores. A continuidade das ações é um desafio para os que as integram e as apoiam. A E.E Mario Manoel Dantas de Aquino precisa lidar com essa instabilidade a cada ano letivo. As ações contam com mediadores comprometidos com a proposta, mas depende de interessados que consigam administrar a sua jornada em conjunto com os propósitos da agência de notícias.

Os profissionais envolvidos garantem a prosperidade das ações por colherem os resultados e evidenciarem que as atividades colaboraram significativamente com a formação dos jovens da Educação Básica. As mudanças ao longo do período de realização são apontadas por alguns dos integrantes:

> "*Após a participação nos projetos, os alunos se tornam dinâmicos, comunicativos e participativos. Fico feliz em ver os resultados, e acompanhar o crescimento de estudantes com diferentes histórias, comportamentos e perfis", Professor 1*
>
> *"Vejo alunos quietos e inseguros. Após a participação nessas ações, eles se tornam autônomos, a ponto de se envolver em diferentes situações e adquirem responsabilidade. Com isso, percebe-se um crescimento, desinibindo-os e colocando-os prontos para comunicar-se com o mundo", Professor 2*
>
> *"A grande maioria desenvolve ao longo do processo as habilidades que já possuem, outros descobrem novas habilidades, mas sempre há um crescimento pedagógico e pessoal", Professor 3*

[78] "Nas brechas" é um termo utilizado pelo professor Ismar Soares quando ele se refere à Educomunicação Possível. Remete às ações realizadas por educadores que acreditam na potencialidade dos projetos comunicativos, e os realizam conforme a disponibilidade, o interesse dos alunos e o apoio da gestão. São práticas que ainda não são efetivamente legitimadas, mas que, aos poucos, ganham espaço nas escolas, confiantes de que possam ser integradas aos programas.

O maior desafio apontado pelos mediadores é a resistência de alguns profissionais. Isto impede a propagação das propostas desenvolvidas com os ensinos Fundamental II e Médio. Para os não participantes, os principais motivos que inviabilizam a adesão dizem respeito ao tempo indisponível; dificuldade em relacionar as áreas; inviabilidade de assumir novas responsabilidades; demanda de trabalho; infraestrutura e atualização profissional.

> *"Temos muitas turmas, e é difícil atender a todos. Além disso, são muitas as áreas de conhecimento. Agregar todas as disciplinas em um único projeto não é nada fácil", Professor 1*
>
> *"Falta de estrutura e investimento por parte do governo tanto em materiais quanto na formação e aperfeiçoamento dos professores", Professor 8*
>
> *"Estabilidade na internet, infraestrutura e formação docente para o incentivo e preparação a novas práticas", Professor 2*

6.3 Os alunos[79]

6.3.1 Perfil dos sujeitos da pesquisa

A amostragem do corpo discente é formada por 59 estudantes: 25 do Ensino Fundamental I; 24 do Ensino Médio e 10 do Ensino Fundamental II. A análise será feita por ciclo de ensino em virtude das diferenças entre os sujeitos entrevistados e cenários investigados.

6.3.1.1 - Ensino Fundamental I

Os alunos do Ensino Fundamental I correspondem a 25 crianças que se encontram na faixa etária dos 10 aos 11 anos e estão no 5º ano. Estudam em uma escola municipal, em uma região isolada, considerada "zona rural" em virtude da localização geográfica. Dos entrevistados, 88% estão na unidade desde o 1º ano; enquanto os demais ingressaram em outras séries. Ou seja, a maioria possui um vínculo com a instituição e demostraram um sentimento de tristeza por estarem (na época da pesquisa de campo) no último ano e prestes a serem transferidos para uma unidade estadual, conforme os relatos coletados especificamente com esse grupo.

[79] A partir deste tópico, os depoimentos referentes aos alunos não serão identificados, pois pertencerão, especificamente, ao bloco em que forem inseridos: ensinos Fundamental I, II e Médio.

> *"Esta é uma escola muito boa, os funcionários são bons, os professores motivam a aprender a mais. Quando eu sair, sentirei saudades de todos, e espero que cuidem desta unidade. Eu vou embora, mas sempre virei aqui para visitá-la"*
>
> *"Estou num lugar onde todos são ouvidos e atendidos. Meus irmãos estudaram aqui e sempre falaram bem desta escola, e eu gosto muito de estar aqui. Para quem continuará por aqui e para os que vão entrar, peço que valorize a sua escola, pois é ela que vai ajudar a gente a ter um futuro"*

Percebe-se que as famílias são numerosas, todos entrevistados, 24 possuem de 3 a 5 irmãos, um deles é o 10º filho. Todos moram próximo ao bairro onde estudam, e valorizam o ensino. A unidade é vista como um lugar onde adquirem aprendizados, fazem amigos, divertem, interagem e se preparam para outras realidades.

6.3.1.2 - Ensino Fundamental II

Os alunos do Ensino Fundamental II correspondem a 10 adolescentes que estudam no 9º ano e estão a faixa etária dos 14 aos 16 anos. Este grupo pertence à escola estadual, e dos 10 respondentes, 6 moram em bairros próximos, e os outros 4 ao lado da unidade. Existe uma rotatividade de alunos nesta instituição, muitos se matriculam, são transferidos e, às vezes, retornam. Nesta turma, 6 estudam desde o 6º ano, outros 2 desde o 8º ano, e os 2 estudantes restantes ingressaram recentemente, no 9º ano. Todos possuem de 2 a 3 irmãos. As impressões sobre o ensino são relativas, para uns, atendem às necessidades, para outros é insuficiente. No entanto, acreditam que tudo o que aprendem é válido para a sua formação. O conhecimento os motiva a ir diariamente ao colégio, conforme apontam alguns depoimentos:

> *"Gosto da minha escola, principalmente das atividades, como o Interclasse, dos programas da TVE MM, das aulas na biblioteca"*
>
> *"O que me motiva é estudar e aprender coisas novas a cada dia"*
>
> *"A escola faz muito bem porque o que aprendemos aqui é importante. Iremos precisar para o nosso futuro. O estudo é necessário"*

6.3.1.3 - Ensino Médio

Os alunos do Ensino Médio correspondem a 24 adolescentes que se encontram na faixa etária dos 14 aos 18 anos e estão no 3º ano. Este grupo também pertence à escola estadual, e, dos 24 respondentes, poucos moram no bairro onde estudam, apenas 8, os demais são de outras regiões. O vínculo com a escola é maior, porque boa parte, 17 alunos,

ingressaram no 6º ano. Existe um entrosamento entre a turma, pois se conhecem há mais tempo e demonstram satisfação com a escola, apesar de precisar de melhorias, tanto em relação a estrutura quanto a segurança, conforme apontado durante a coleta dos questionários direcionados especificamente a este grupo:

> *"Gosto desta escola, porém, o bairro é perigoso para os alunos da noite. Entretanto, o ensino é eficiente, assim como a nova diretoria"*
>
> *"Gosto desta escola. Acho o ensino positivo, os professores nos ensinam muito bem. A falta de professores nos preocupa"*
>
> *"É uma ótima escola, tem contribuído para o meu aprendizado, acredito que há muito a melhorar, mas, no que ela pode, nos ajuda"*

Assim como os demais ciclos de ensino, a preocupação com o futuro desperta o interesse dos alunos pela escola, eles reconhecem que o ensino é primordial para construir a carreira que almejam. A associação da escola ao ensino universitário e ao mercado de trabalho, que um condiciona ao outro, é forte no discurso dos estudantes.

> *"Terminar os estudos é o meu objetivo. Tenho como responsabilidade pensar no meu futuro, e é a escola que me ajuda a construí-lo"*
>
> *"Todos nós sabemos que é muito importante estudar, pois esta é uma forma de garantir o nosso futuro. Para mim, é necessário, pois quero ter uma boa profissão, um bom emprego e ajudar a minha família"*
>
> *"O que me motiva é a minha vontade de cursar uma boa faculdade. Estudando eu sei que conseguirei chegar onde desejo"*

6.3.2 Impressões sobre a escola e os estudos

6.3.2.1 Ensino Fundamental I

Na Emef Waldemar Costa Filho, existe a sintonia entre a equipe docente e discente. Os alunos são ouvidos, e atendidos quando desejam sugerir alguma atividade ou solicitar algo em especial.

> *"Todos nos ouvem e nos ajudam no que for preciso. Inclusive, em problemas pessoais"*
>
> *"A equipe é atenciosa, a diretora sempre passa na sala de aula. Adoro me apresentar, falar o que penso e ajudar no que for preciso"*
>
> *"Eu me sinto ouvido. Recebemos atenção e somos tratados de maneira carinhosa"*

Eles reconhecem o trabalho dos professores e gestores, e, inclusive, da equipe administrativa. As impressões sobre a escola são positivas, mas ressaltam a necessidade de reformas e a inclusão de novos espaços para auxiliar no aprendizado: um laboratório

de informática para as pesquisas e os trabalhos escolares; e a construção de uma quadra esportiva para as aulas de Educação Física.

> *"Eu melhoraria a estrutura, não temos quadra, laboratórios, computadores e internet. Isso tudo faz falta"*
>
> *"Sinto falta das tecnologias, para acessarmos sites que nos ajudam a aprender. Precisamos de um laboratório"*
>
> *"Seria tão bom se a gente tivesse computadores pra gente estudar e fazer nossos trabalhos"*

6.3.2.2 Ensino Fundamental II

Os alunos deste ciclo de ensino se preocupam com a unidade escolar por conta da sua representatividade à formação estudantil. Elogiam os professores, gestão escolar e os projetos desenvolvidos, mas apontam algumas transformações que poderiam tornar o ambiente ainda melhor. As respostas ressaltam aspectos estruturais, técnicos, e, em alguns casos, atitudinais. Comentaram sobre a necessidade de ações efetivas para melhorar o comportamento de alguns alunos. Os respondentes disseram que há estudantes – os considerados "bagunceiros" - que atrapalham o aprendizado dos mais "interessados". Outra solicitação foi a alteração da E.E. Mario Manoel Dantas para escola em tempo integral.

> *"Estudos mais avançados, com escolas equipadas com tecnologia. Precisamos de mais comunicação"*
>
> *"Gostaria que fosse uma escola com tempo integral para podermos aprender muito mais, absorver novas experiências"*
>
> *"Eu tiraria as grades das escolas, melhoraria a limpeza, faria a manutenção das reformas".*
>
> *"Gostaria que a escola atendesse somente os alunos que realmente querem estudar"*
>
> *Eu transformaria a minha escola em tempo integral, com mais matérias, cursos e atividades para aumentar o nosso aprendizado.*

Quanto à dialogicidade no espaço escolar, todos consideram que existem espaços para a participação dos alunos. Eles dizem que são ouvidos quando precisam opinar ou criticar sobre algum fato registrado no ambiente educativo.

> *"Uma boa escola é a que escuta os alunos e que se preocupa em promover melhorias sempre e sempre"*
>
> *"Sempre nos dão oportunidade para opinarmos. Sou ouvido tanto pelos professores como pelos alunos, coordenadores e diretores"*

"Pra mim, existe o diálogo, sim. Quando nos pedem opinião sobre algo, percebo que o que falamos é válido. Eles consideram nossas ideias, e, quando precisamos, podemos conversar com a direção"

6.3.2.3 Ensino Médio

Os alunos do Ensino Médio são questionadores, gostam de sugerir ações e intermediá-las junto à direção. Um dos grupos que incentiva a assumir uma postura ativa e participante no cenário educativo é o grêmio estudantil. Os integrantes possuem projetos próprios, auxiliam nas propostas já existentes, e colocam-se à disposição dos demais estudantes para ouvir sugestões que possam melhorar o ensino, a escola e, inclusive, o bairro onde moram. A pesquisa demonstrou que boa parte dos entrevistados estudam na unidade há cerca de sete anos (desde o 6º ano), o que permite uma visão abrangente das mudanças conquistadas durante esse período. As impressões sobre a escola também são positivas com relação ao ensino, à equipe gestora e docente, aos recursos e à estrutura. Acreditam que possuem o essencial, no entanto, melhorias são bem-vindas. Percebe-se que a preocupação com o conhecimento é o que instiga o desejo por uma escola mais preparada para atender às necessidades dos jovens. As respostas trazem solicitações direcionadas à formação para o futuro.

"Uma escola com mais matérias opcionais, de acordo com os interesses de cada aluno"

"Eu não autorizaria a entrada de alunos desinteressados. Colocaria aulas voltadas às artes, como teatro, dança, conto etc"

"Escolas com menos aulas vagas, e com mais compromisso com o ensino, recursos e infraestrutura, como uma escola militar"

"Gostaria de um ensino mais eficaz, com mais projetos, experiências e práticas"

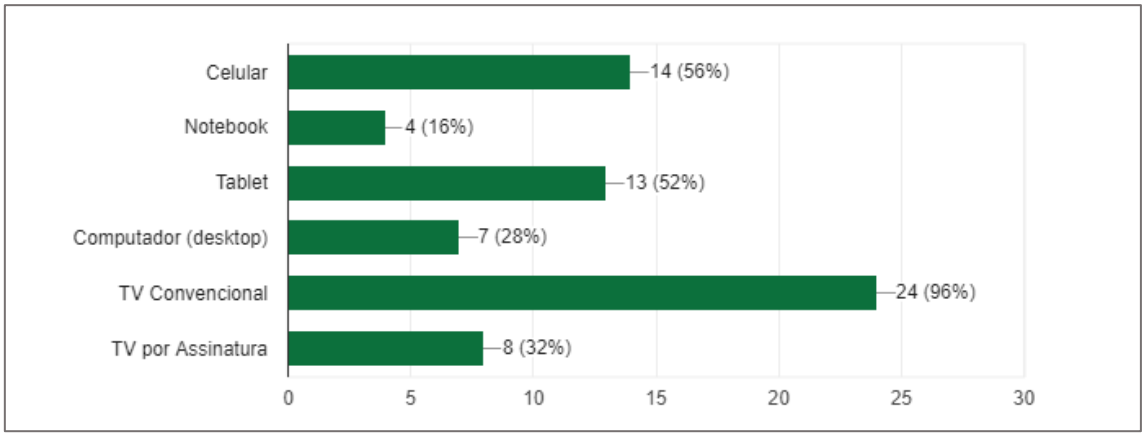
6.3.3 Relação com a mídia e as novas tecnologias

6.3.3.1 Ensino Fundamental I

A amostragem dos alunos do Ensino Fundamental I representa um grupo mais próximo dos meios de comunicação, e distantes de recursos tecnológicos. São crianças que reconhecem a importância das tecnologias em sala de aula e em seu cotidiano, mas nem todos contam com o acesso. Alguns possuem equipamentos, porém, não são próprios, e sim, de familiares. A investigação apontou que a televisão é a principal fonte de informação dos entrevistados, 96% deles têm acesso, e passam de 16 a 20 horas

semanais diante das programações. Dos 24 respondentes, 56% têm celular, mas disseram que pertenciam aos pais; 52% são portadores de tablet, por onde fazem suas pesquisas escolares; apenas 28% possuem computador e 16%, notebook. Outros 32% contam com a TV por assinatura.

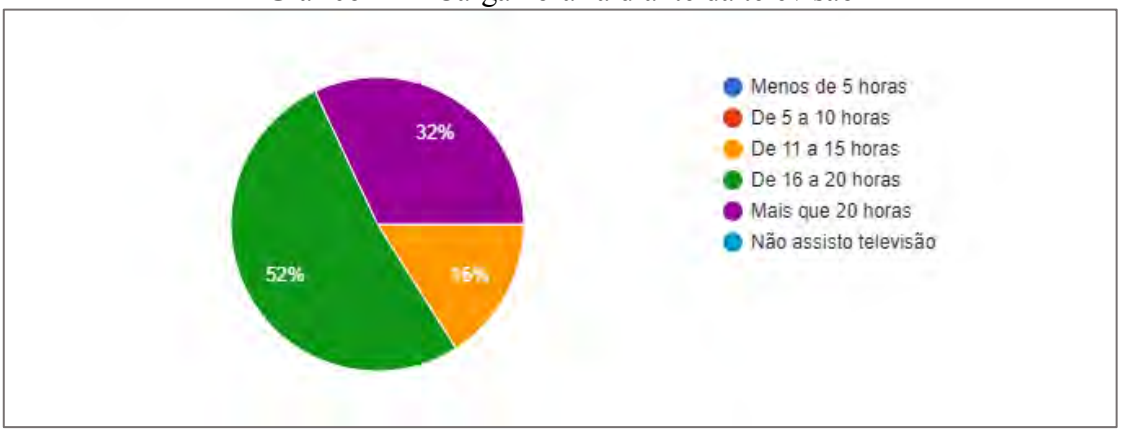
Gráfico 13 - Recursos tecnológicos e comunicativos



"Pergunta: Assinale quais dos itens a seguir você possui. (Marque quantos precisar)"
Fonte: Autora (2018)

A televisão é vista como fonte de informações, curiosidades, cultura, aprendizados, entretenimento e diversão. Os entrevistados estudam durante a manhã, e os períodos a tarde e noite, geralmente, são ocupados pela programação do veículo de comunicação. O gráfico abaixo ilustra carga horária semanal voltada às atrações diante do televisor.

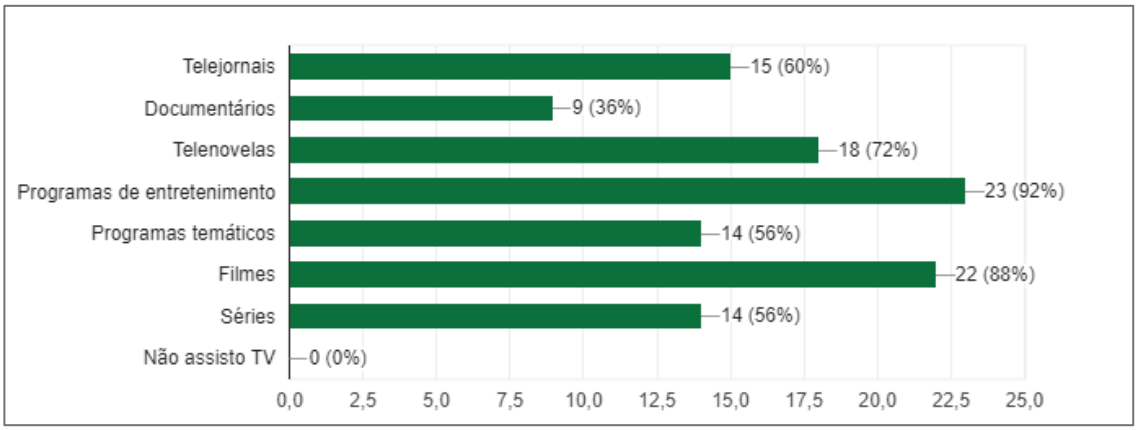
Gráfico 14 – Carga horária diante da televisão



"Pergunta: Quantas horas semanais (em média) assiste à televisão?
Fonte: Autora (2018)

Este período é ocupado por uma variedade de programas, que incluem informativos, filmes, séries, desenhos e entretenimento. Apesar de crianças, demonstram o interesse pelos telejornais, e, dentre os programas destacados, foram mencionados "SBT Brasil", "Jornal Nacional", "Jornal da Record", "Primeiro Impacto" e "Cidade Alerta". No entanto, o entretenimento, que inclui os programas infantis, são os mais assistidos, por 92% dos respondentes. Em seguida, aparecem os filmes (animações), acompanhados por 88%; depois, as telenovelas (são assistidas, principalmente, pelas meninas), por 72%; e os telejornais, por 60%.

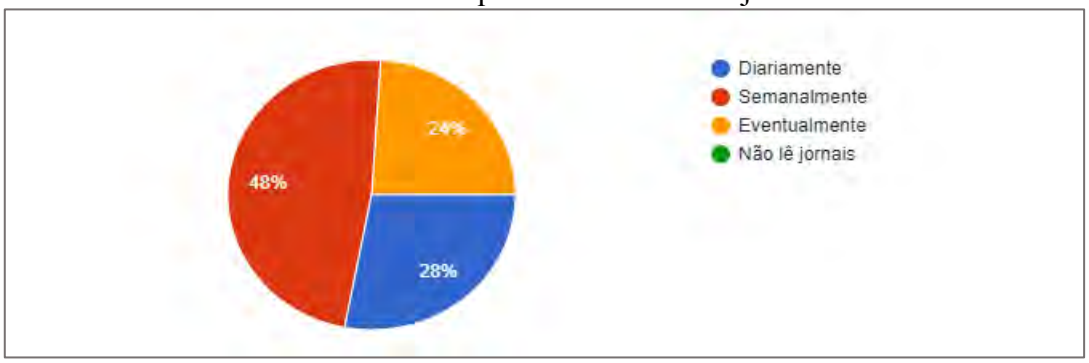
Gráfico 15 – Programação acompanhada pelos alunos do Fundamental I



"Pergunta: Qual o tipo de programação (gênero) que você acompanha? Aqueles que você não gosta ou não assiste pode deixar de ser assinalado"
Fonte: Autora (2018)

O rádio faz parte do cotidiano de 76% dos entrevistados, e é acompanhado, esporadicamente, por 44% das crianças; e, diariamente, por 32%. Dos entrevistados, 24% não mostraram interesse pelo veículo. A programação musical é a preferida, com 72% das escolhas, seguida de programas esportivos e humorísticos. O jornal é lido por 100% dos participantes. A escola recebe diariamente exemplares de um veículo regional e isso interfere no resultado. Quando questionados sobre as publicações lidas, a maioria das respostas incluíram o Diarinho (infantojuvenil) e Diário do Alto Tietê. Outras opções foram Jornal Acontece (regional) e Amarelinho (empregos). A leitura na escola ocorre conforme as atividades preparadas pelos professores. Portanto, a frequência é variável.

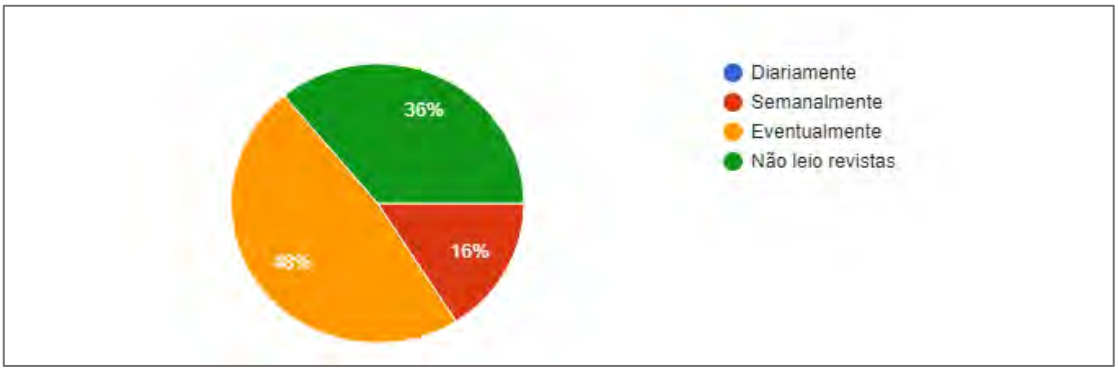
Gráfico 16 – Frequência da leitura de jornais



"Pergunta: Com qual frequência você lê jornais?"
Fonte: Autora (2018)

As revistas também estão presentes no cenário escolar. A unidade recebe a *Ciências Hoje*, gibis de diversos segmentos, *Super Interessante* e *Nova Escola*. A direção também leva exemplares de veículos variados quando observa alguma reportagem que possa agregar o trabalho dos professores e o aprendizado dos alunos. No entanto, diferentemente do jornal, não há um trabalho sistematizado, porém, o incentivo à leitura é constante. Dos entrevistados, 64% confirmaram ser leitores de revistas; enquanto outros 36% responderam negativamente. Com relação ao tempo dedicado a este suporte, o contato com esse meio ocorre eventualmente, conforme aponta o gráfico.

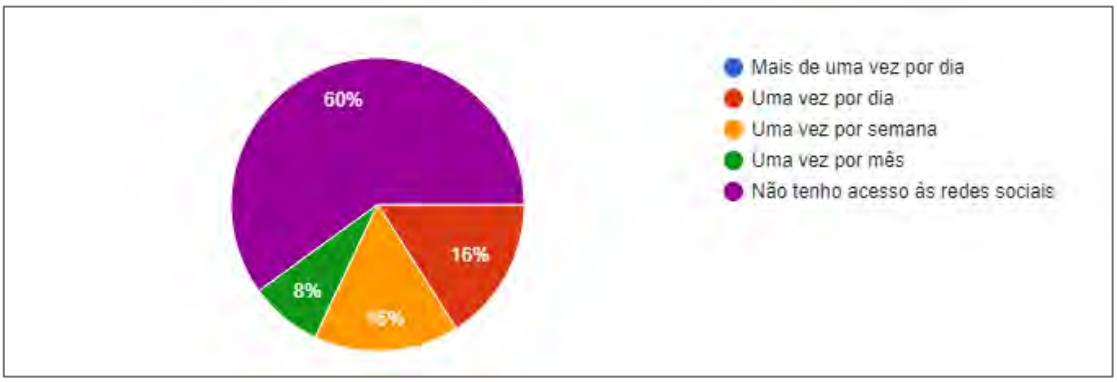
Gráfico 17 – Frequência da leitura de revistas



"Pergunta: Com qual frequência você lê revistas?"
Fonte: Autora (2018)

Os meios impressos circulam pela escola municipal, por outro lado, os digitais ainda não fazem parte da realidade desse público. Um exemplo é a adesão às redes sociais e a contas de e-mail. Das crianças ouvidas, 60% não possuem uma conta em canais sociais; e 92% disseram não ter um endereço de correio eletrônico. Dos que estão no Facebook (a mais conhecida pelos entrevistados), o acesso ocorre esporadicamente.

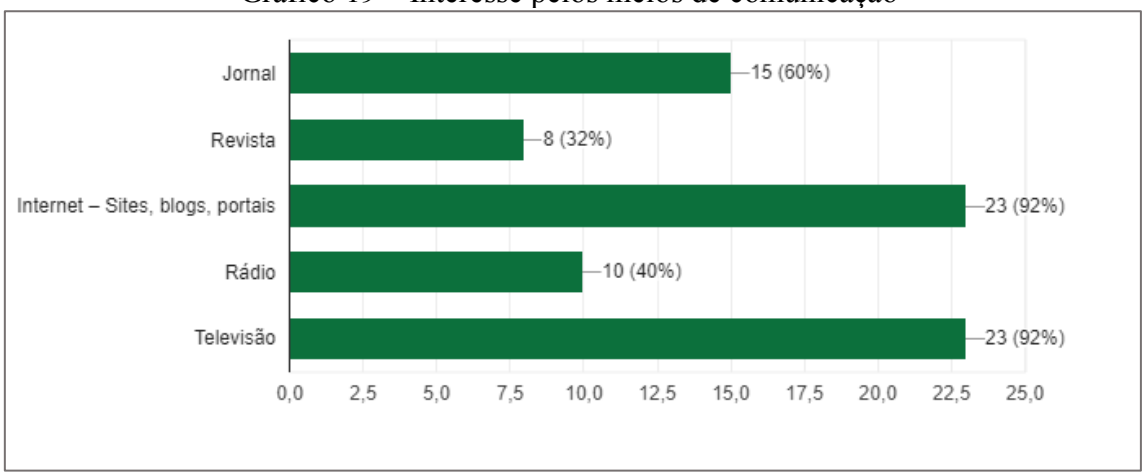
Gráfico 18 – Acesso às redes sociais



"Pergunta: Se está nas redes sociais, qual a periodicidade de acesso?"
Fonte: Autora (2018)

Apesar de o ambiente escolar não possuir recursos tecnológicos, os alunos não estão distantes da cultura digital. São poucos os que têm aparelhos, no entanto, todos reconhecem os benefícios que o acesso à internet e aos meios tecnológicos trazem ao aprendizado. A solicitação de um laboratório de informática demonstra a preocupação dos estudantes por não estarem totalmente incluídos digitalmente. Os veículos impressos conduzem as aulas, mas os digitais são os que mais instigam a curiosidade dos aprendizes. Esta revelação foi apontada à resposta da pergunta: *"Quais dos meios de comunicação despertam mais o seu interesse"*.

Gráfico 19 – Interesse pelos meios de comunicação



"Pergunta: Quais dos meios de comunicação listados abaixo despertam mais o seu interesse?"
Fonte: Autora (2018)

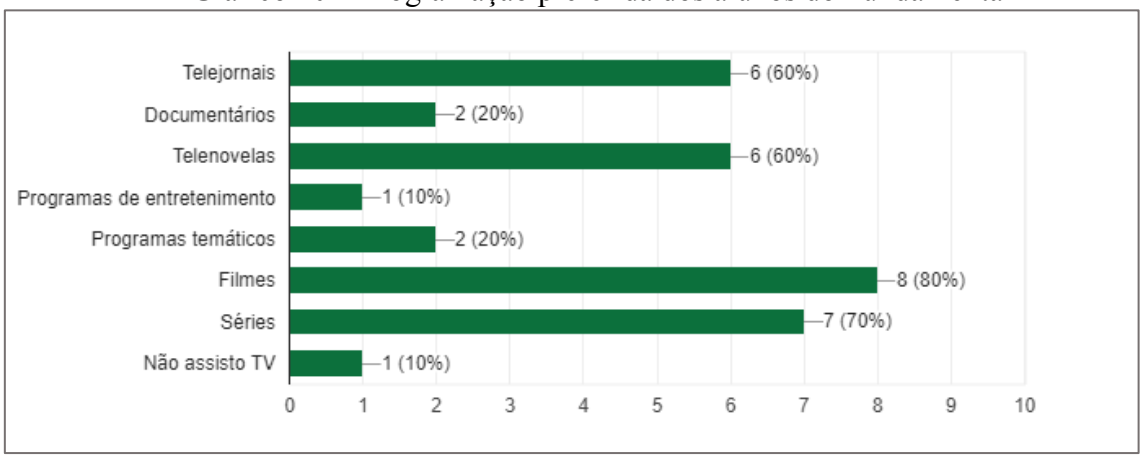
6.3.3.2 Ensino Fundamental II

Os alunos do Ensino Fundamental II demonstram uma realidade oposta à ilustrada pelo Fundamental I. Os jovens estão inseridos num universo permeado pela comunicação, informação e tecnologia. Possuem seus eletrônicos, e, com acesso à

internet, estão conectados a uma diversidade de conteúdos. Dos 10 alunos representantes desse grupo, 80% possuem celular; 80% assistem à televisão convencional; 50% contam com acesso à TV por assinatura; 50% têm computador; 30%, notebook; e 20%, tablet. Todos estão informatizados.

A televisão é assistida por 90% dos respondentes, no entanto, a carga horária oscila entre 11 e 16 horas semanais. O veículo tradicional não é o atrativo principal do grupo, e, quando assistido, a programação é destinada, principalmente, ao entretenimento, conforme evidencia o gráfico 20. Ao contrário do público infantojuvenil, que elencou os desenhos e filmes de animação como seus programas preferidos para entretê-los; para os jovens, os filmes (terror e suspense) e as séries ocupam a maior parte das horas destinadas à recepção televisiva. Este último gênero está fortemente presente entre os jovens do Fundamental II e Médio. Os episódios assistidos circulam entre os comentários em sala de aula e intervalos e a maioria os acompanha pela TV por assinatura e pelo Netflix[80].

Gráfico 20 – Programação preferida dos alunos do Fundamental II



"Pergunta: Qual o tipo de programação (gênero) que você acompanha? Aqueles que você não gosta ou não assiste pode deixar de ser assinalado"
Fonte: Autora (2018)

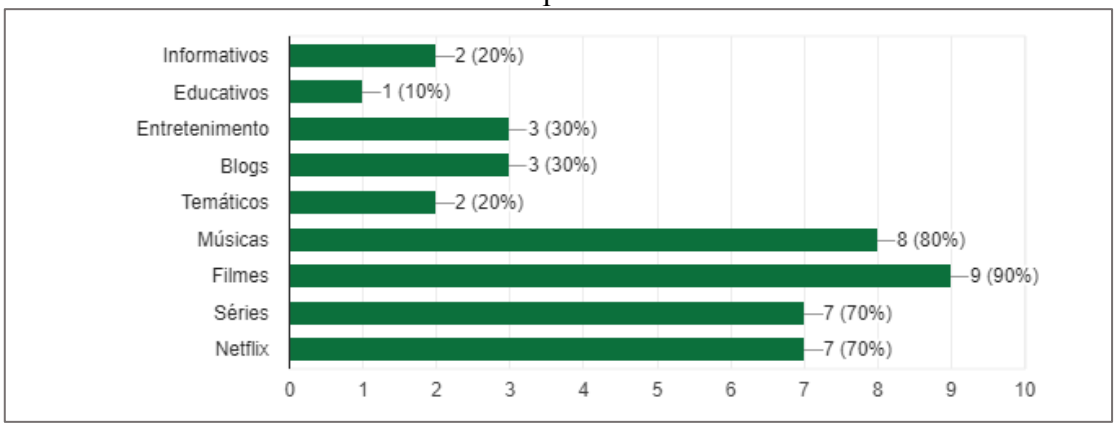
O rádio faz parte da rotina diária de 70% dos jovens, enquanto os outros 30% alegaram não ouvir essa mídia. Dos ouvintes, a programação musical foi unânime, todos acompanham apenas este gênero, principalmente nos períodos da tarde e noite. O jornais e revistas não fazem parte do repertório desse grupo. Ao perguntar sobre a maneira que se informam, citaram o site *G1*, ou seja, veículos digitais estão em suas buscas quando

[80] Para esse grupo, a concepção de televisão envolveu tanto a programação dos canais abertos e fechados quanto a filmes e séries acompanhadas, também, pelo Netflix. Apenas estes dois gêneros envolveram o suporte digital. Os demais foram avaliados em outro tópico.

desejam se atualizar. Todos estão nas redes sociais (Facebook, Instagram e WhatsApp, os citados), acessados mais de uma vez por dia; e possuem uma conta de e-mail, cujo acesso varia entre os respondentes: 60%, uma vez por semana; 30%, uma vez por dia; 10%, uma vez por mês.

A internet é o meio mais frequentado pelos jovens. Ao ser avaliado o conteúdo de maior interesse, os filmes, mais uma vez, foram apontados como os preferidos, cruzando com os dados ilustrados no gráfico 20.

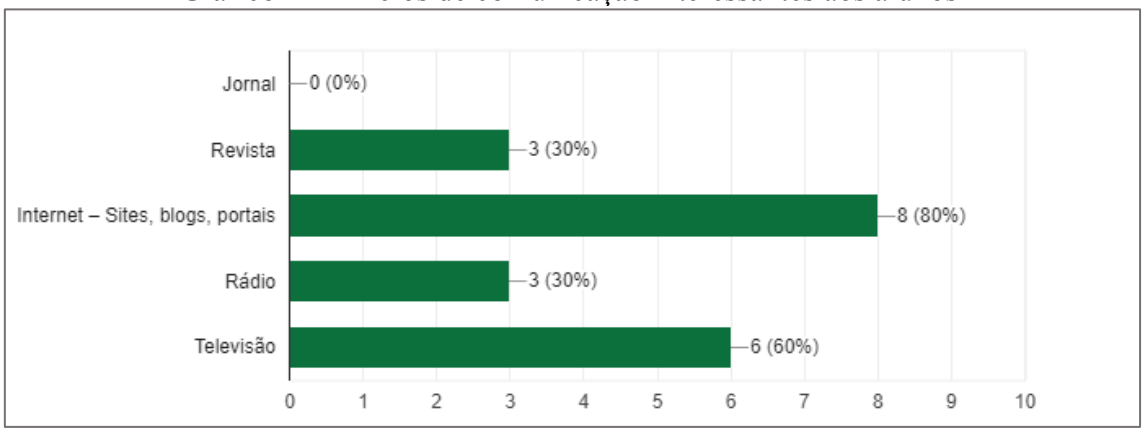
Gráfico 21 – Sites acessados pelos alunos do Fundamental II



"Pergunta: Ao acessar a internet, quais tipos de site (gêneros) são os mais acessados e acompanhados em suas pesquisas?"
Fonte**:** Autora (2018)

Esta maior conectividade reafirma os meios digitais como os preferidos pelos alunos desse ciclo de ensino, conforme destacado no gráfico abaixo. O jornal não chega a ser citado, e as revistas, têm apreciação mínima.

Gráfico 22 – Meios de comunicação interessantes aos alunos

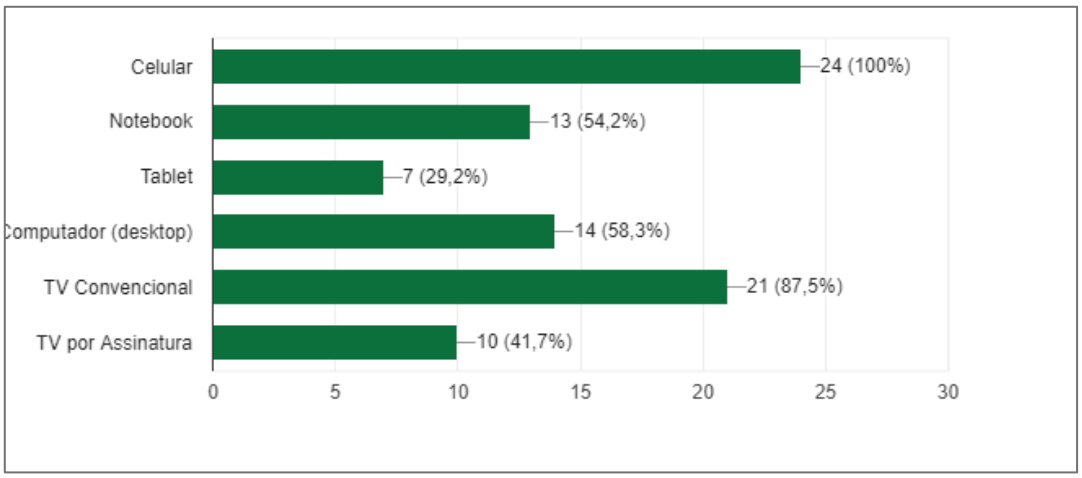


"Pergunta: Quais dos meios de comunicação listados abaixo despertam mais o seu interesse?" Fonte: Autora (2018)

6.3.3.3 Ensino Médio

O perfil dos alunos do Ensino Médio se aproxima dos dados referentes ao Ensino Fundamental II. Os jovens estão inseridos na cultura digital, conectados aos seus aparelhos eletrônicos e avessos aos meios de comunicação tradicionais. Dos 24 representantes desse grupo, 100% possuem celular, que os acompanha ao longo do dia, inclusive, nas aulas, conforme observado durante a pesquisa de campo. Fotos, músicas, conversas paralelas, entretenimento são realizados pelos smartphones dentro do espaço educativo. O gráfico 23 aponta que os outros aparelhos tecnológicos também fazem parte da realidade deste público.

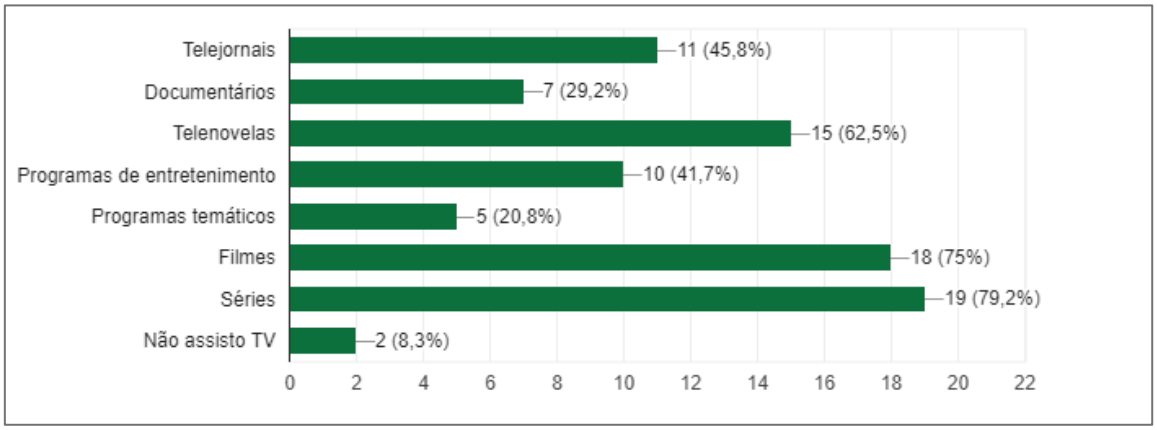
Gráfico 23 – Aparelhos usados pelos alunos do Ensino Médio



"Pergunta: Assinale quais dos itens a seguir você possui. (Marque quantos precisar)"
Fonte: Autora (2018)

A televisão é um veículo acompanhado por 97,1% dos respondentes, e a carga horária destinada à programação é variável: a média apontada foi de 5 a 10 horas. A programação preferida, mais uma vez, apontou, em primeiro lugar, as séries; em segundo, os filmes; e, em terceiro, as telenovelas. O gráfico 24 elenca os gêneros assistidos, e, com relação aos programas de entretenimento, pode-se dizer que também foi levado em consideração o que acompanham pela TV por assinatura e Netflix.

Gráfico 24 – Programação acompanhada pelos alunos do Ensino Médio

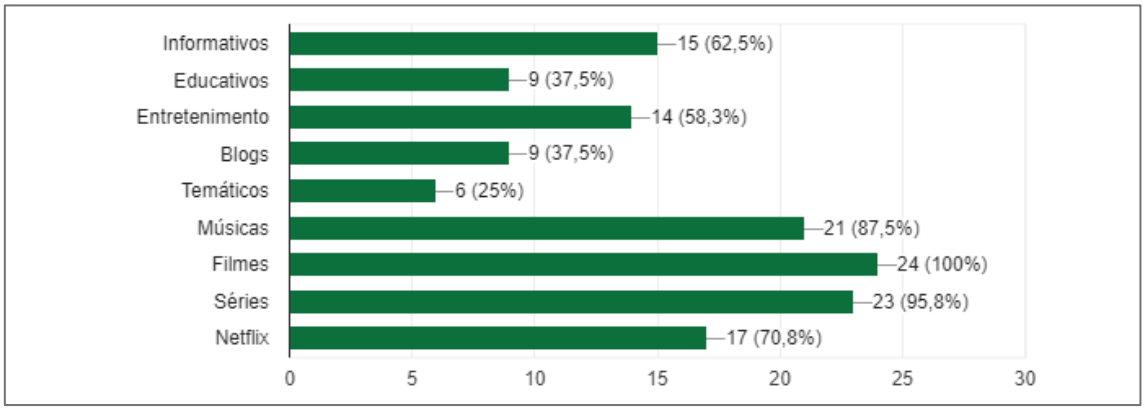


"Pergunta: Qual o tipo de programação (gênero) que você acompanha? Aqueles que você não gosta ou não assiste pode deixar de ser assinalado"
Fonte: Autora (2018)

A adesão ao rádio ficou balanceada: 58,3% não ouvem, e os outros 41,7% responderam positivamente; destes, a programação musical predomina, e é acompanhada todos os dias. Os jornais receberam a atenção deste grupo, 75% afirmaram ser leitores; e outros 25% negaram o interesse. Os interessados acompanham as publicações, por sua vez, eventualmente. As revistas representam pouca representatividade neste grupo: apenas 33,3% leem estas produções. Com relação aos meios digitais, as redes sociais foram apontadas como a principal fonte de informação. Pelas postagens se interagem dos principais assuntos, e, conforme o interesse, buscam outros sites para se aprofundar. Todos possuem uma conta nas redes sociais (Facebook, Instagram, WhatsApp, e, agora, o Twitter), acessados mais de uma vez ao dia; e, quanto a e-mails, 91,7% afirmaram que tem uma conta, mas o acesso é eventual, apenas 25% disseram visualizá-lo uma vez ao dia.

O conteúdo digital é heterogêneo, mas, novamente, os sites voltados ao entretenimento aparecem entre os recordistas: em primeiro lugar, estão os filmes; em segundo, as séries; e, em terceiro, as músicas.

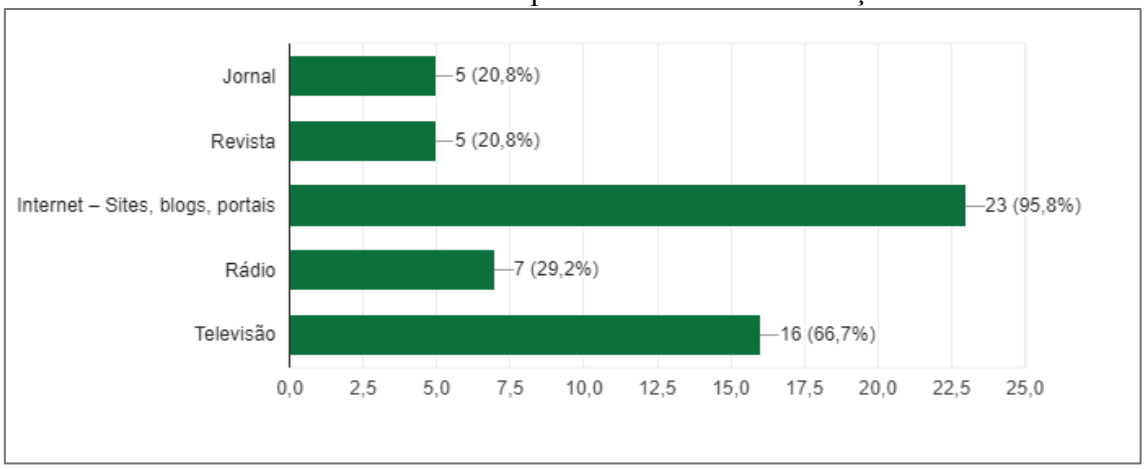
Gráfico 25 – Sites preferidos pelos alunos do Ensino Médio



"Pergunta: Ao se conectar à internet, quais tipos de site (gêneros) são os mais acessados e acompanhados em suas pesquisas?"
Fonte: Autora (2018)

Diante deste quadro, ao serem questionados sobre o meio de comunicação de maior interesse, a resposta não poderia ser diferente: 95,8% afirmaram a adesão aos conteúdos digitais.

Gráfico 26 – Interesse pelos meios de comunicação



"Pergunta: Quais dos meios de comunicação listados abaixo despertam mais o seu interesse?"
Fonte: Autora (2018)

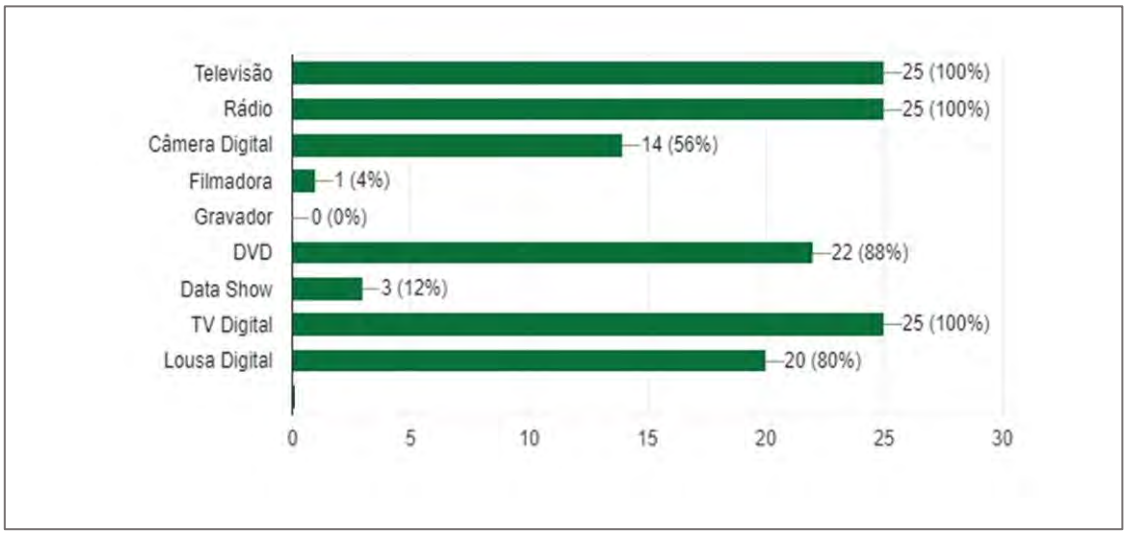
6.3.4 As linguagens da comunicação no espaço educativo

6.3.4.1 Ensino Fundamental I

Este tópico traz uma avaliação da presença dos meios de comunicação e da tecnologia no cenário escolar. As respostas dos alunos nos apresentam a maneira que esses suportes são utilizados, e nos trazem um panorama com relação à estrutura, à prática educativa e o que vem sendo estimulado com apoio dos recursos tecnológicos e

informacionais. Quando questionados sobre os equipamentos presentes na escola municipal, foram elencados os seguintes itens:

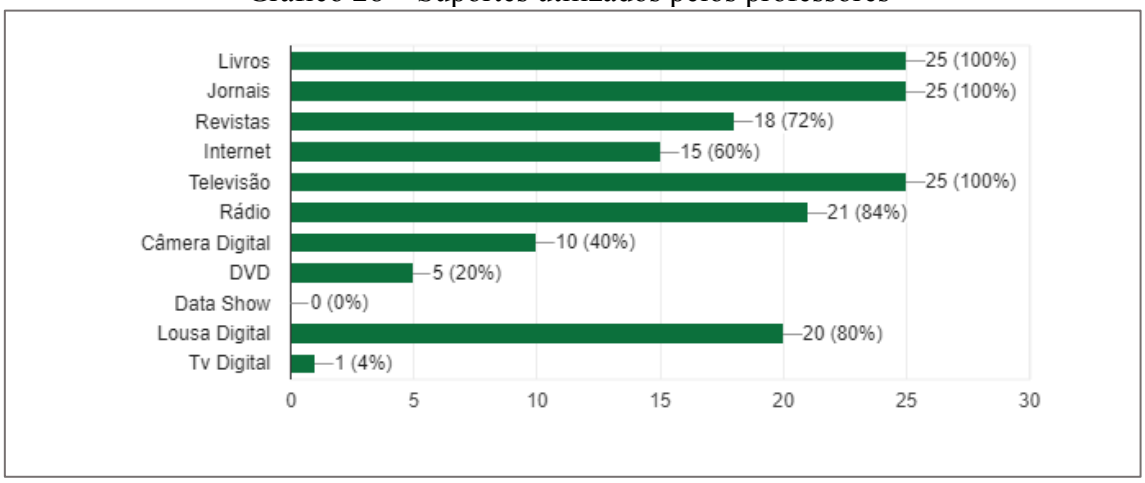
Gráfico 27 – Equipamentos audiovisuais na escola



"Pergunta: A escola onde você estuda possui quais equipamentos audiovisuais? (Assinale quantas respostas forem necessárias)"
Fonte: Autora (2018)

Trata-se de uma escola equipada, e estes recursos são atrelados às atividades didático-pedagógicas. Com relação à tecnologia, os estudantes apontaram que 56% a utilizam em suas aulas. Os educadores fazem pesquisas, transmitem vídeos, compartilham apresentações, produzem algum material, como edição de fotos (realizada durante a escolha das imagens para serem incluídas no jornal escolar), e promovem atividades especiais (a exemplo da entrevista por meio de vídeo via WhatsApp com o voluntário que estava no exterior). Neste caso, conforme ressaltado nas descrições da rotina estudantil, os educadores usam recursos próprios (computador e internet). Dentre os suportes presentes na unidade, os mais comuns são os impressos: livros, jornais e revistas. A televisão também está entre os elencados, e um novo item acrescentado é a TV digital, que tem proporcionado propostas diferenciadas.

Gráfico 28 – Suportes utilizados pelos professores

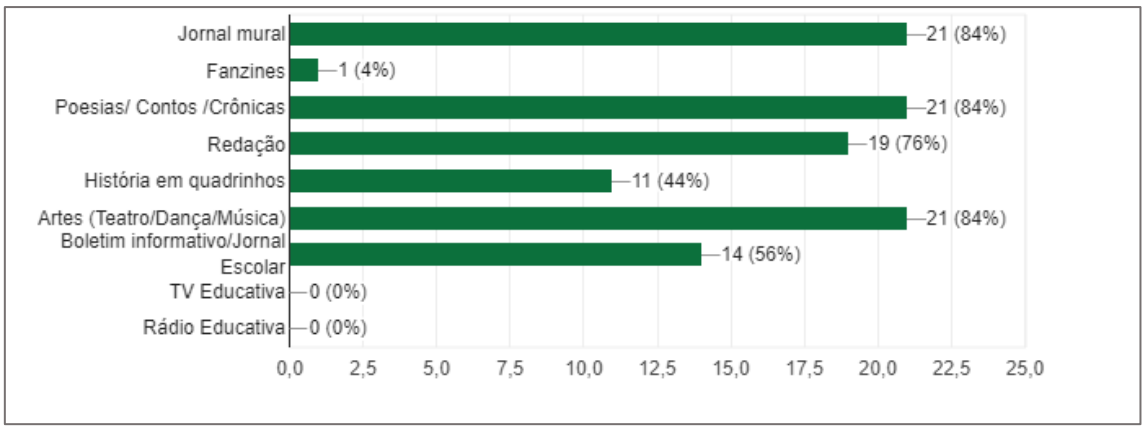


"Pergunta: Quais desses suportes são os mais utilizados pelos professores nas aulas?"

Fonte: Autora (2018)

Os estudantes afirmaram que os professores incluem os meios de comunicação em suas práticas. Notícias, vídeos, musicais, novelas, portais, programas televisivos, dentre outras mensagens veiculadas pela mídia, são discutidos em aula ou acrescentados a algum exercício. Quando questionados sobre a frequência dessas dinâmicas, afirmaram que elas ocorrem quando a temática exige. A produção autoral é incentivada em todos os ciclos, em especial, no 5º ano. Os dispositivos comunicacionais e tecnológicos se tornam aliados nesse processo. Nesta unidade, o aluno é estimulado a se expressar, principalmente, pela escrita. São vários os gêneros explorados, e as produções vão para o jornal mural. As artes também auxiliam nesse trabalho, e estimulam as linguagens corporal, sensorial e emocional com teatro, música e dança. O gráfico 29 ilustra os gêneros produzidos ao longo do ano:

Gráfico 29 – Produção autoral dos alunos do Ensino Fundamental I



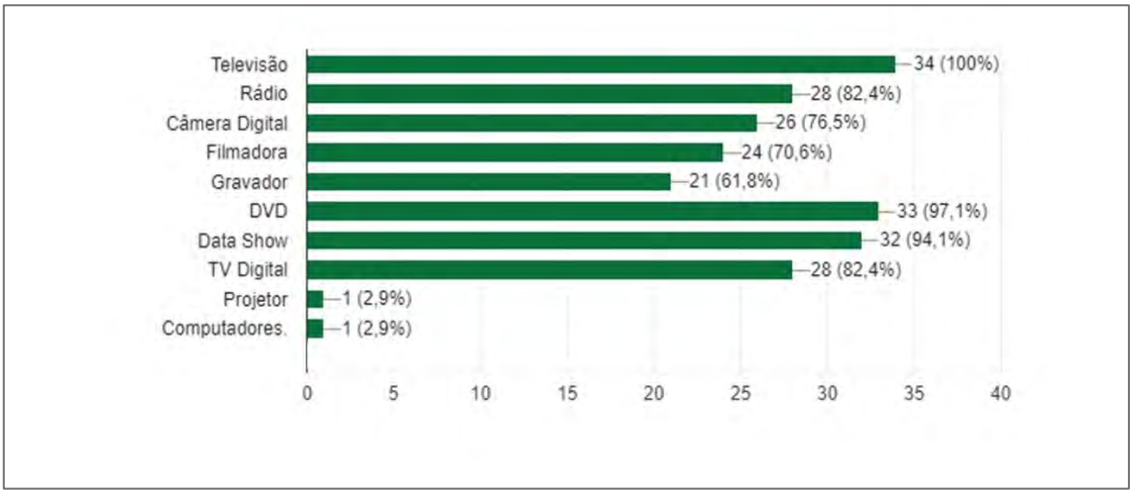
"Pergunta: Quais produções autorais são incentivadas por meio dos projetos e atividades especiais realizadas em sua escola?"

Fonte: Autora (2018)

6.3.4.2 Ensino Fundamental II e Ensino Médio

A partir deste tópico, as avaliações dos grupos do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio serão unificadas. Os dois pertencem à mesma unidade de ensino, portanto, as percepções acerca da utilização dos meios de comunicação e das tecnologias; da importância desses suportes no aprendizado, bem como a opinião sobre a atuação dos professores diante dos recursos, dizem respeito a um mesmo cenário. Eles serão apresentados com base nos depoimentos de 34 alunos, sendo dez do 9º ano; e 24 do 3º ano. A primeira questão diz respeito aos equipamentos audiovisuais que a instituição dispõe aos educandos e aos professores. O espaço é equipado e possui uma estrutura que viabiliza atividades diferenciadas.

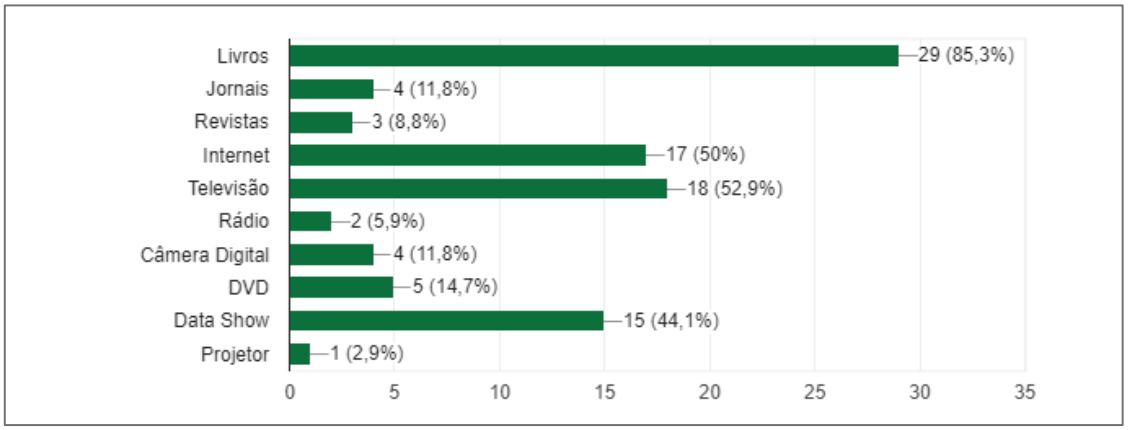
Gráfico 30 – Equipamentos audiovisuais da escola estadual



"Pergunta: A escola onde você estuda possui quais equipamentos audiovisuais? (Assinale quantas respostas forem necessárias)"
Fonte: Autora (2018)

Conforme já apontado, há um laboratório de informática, com uma média de 30 computadores, uma agência de notícias com câmeras, tripé e notebook. Segundo os educandos, 79,4% utilizam a estrutura. No entanto, quando perguntado sobre os meios mais frequentes na prática educativa, os livros ocupam o primeiro lugar (85,3%), seguido da televisão (52,9%), e, por sua vez, a internet (50%) (utilizada nos laboratórios).

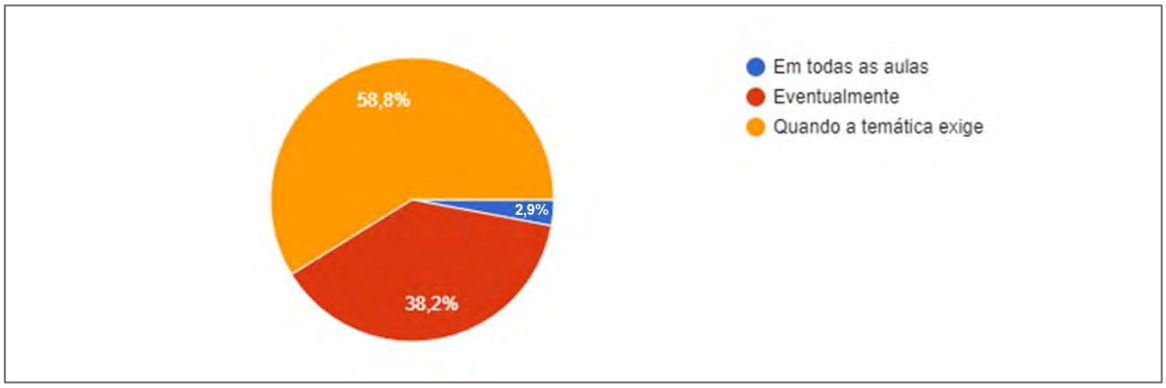
Gráfico 31 – Recursos utilizados pelos professores da escola estadual



"Pergunta: Quais desses suportes são os mais utilizados pelos professores nas aulas?"
Fonte: Autora (2018)

As mensagens emitidas pelos meios de comunicação circulam entre as turmas dos dois ciclos de ensino em avaliação. De acordo com as respostas, 91,2% disseram que há o uso destes portadores de leitura, e os restantes 8,8% negaram. Quanto à frequência de utilização de jornais, revistas, do rádio e da televisão, e, ainda, do laboratório depende da temática das aulas.

Gráfico 32 – Frequência de utilização dos recursos audiovisuais

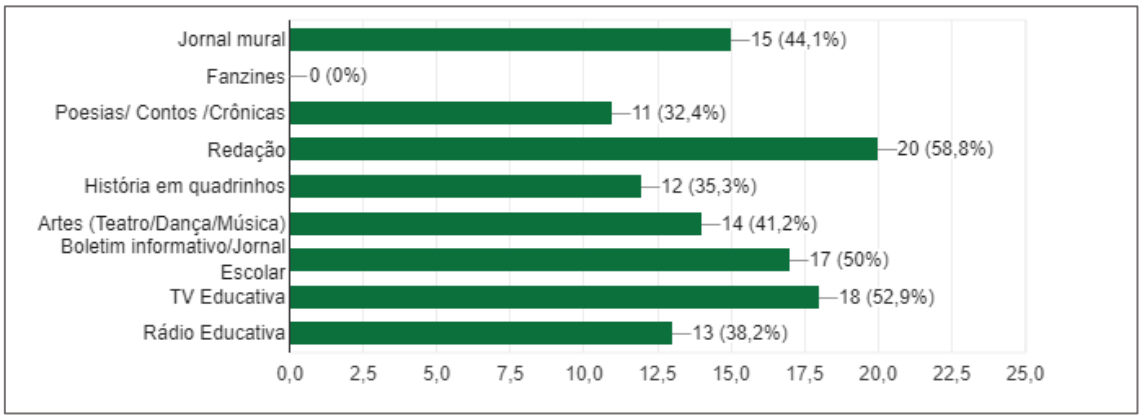


"Pergunta: Em caso positivo, com que frequência?"
Fonte: Autora (2018)

São duas etapas em que a autoria é explorada entre os alunos. A escrita e a leitura são atividades frequentes nas turmas do 9º e 3º anos. Trabalha-se com vários gêneros textuais, e um deles é o argumentativo, que envolve intepretação, formação de opinião e produção textual (redação e artigo de opinião, principalmente), oral ou audiovisual. Os canais informativos auxiliam nestas atividades. Ao lado da redação, que representa 58,8%

das atividades neste segmento, a TVE Mario Manoel (52,9%) e o jornal LER (50%) demonstram a sua participação.

Gráfico 33 – Produção autoral dos jovens dos ensinos Fundamental II e Médio



"Pergunta: Quais produções autorais são incentivadas por meio dos projetos e atividades especiais realizadas em sua escola?"
Fonte: Autora (2018)

6.3.5 Envolvimento nos projetos que envolvem as linguagens da comunicação

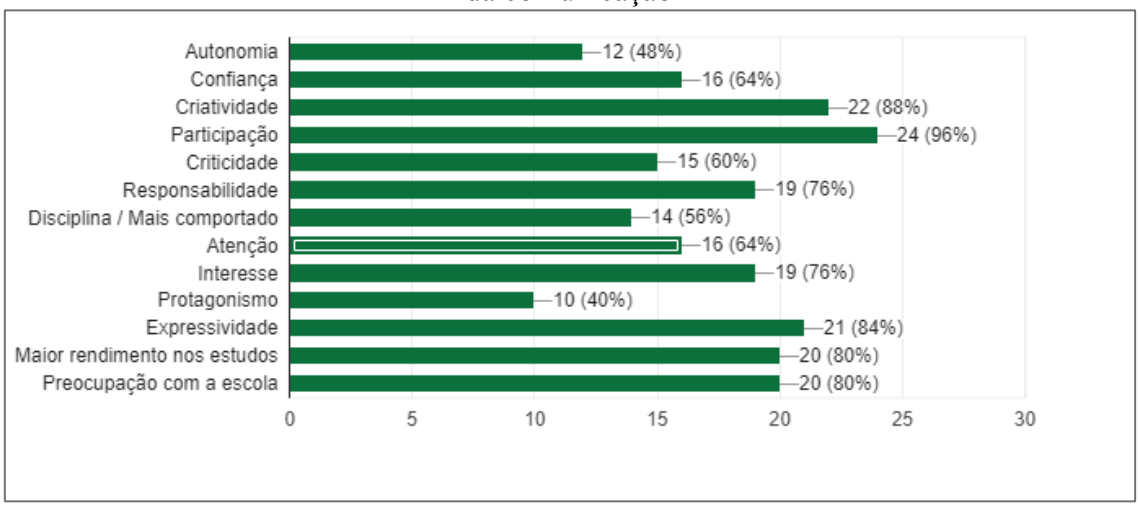
6.3.5.1 Ensino Fundamental I

Os projetos que envolvem as linguagens da comunicação são vistos como propiciadores de aprendizados voltados tanto ao aspecto cognitivo quanto à formação pessoal, social e intelectual dos educandos. Ao avaliar o envolvimento das crianças, elas foram questionadas quanto aos benefícios que as atividades promoveram à sua formação. Dos 25 entrevistados, 68% disseram que as dinâmicas ajudam a melhorar a relação com os professores e os funcionários da escola; os outros 35% disseram que essa interação já ocorre, e não necessariamente por conta das produções escolares.

Todos disseram que as atividades melhoram o envolvimento com os alunos, pois os trabalhos são coletivos, e eles aprendem a trabalhar em grupo e a respeitar as diferenças e limitações de cada integrante. As iniciativas ampliam a expressividade ao oferecer um espaço para compartilharem as suas produções. A divulgação dos trabalhos foi ressaltada como positiva. As crianças afirmaram que "ficam felizes quando outros veem o que fizeram". A recepção os estimula a se envolver ainda mais nos projetos, vistos como essenciais para melhor a escrita, a leitura, a oralidade, a postura para falar em público e a preparação para resolver problemas. Do ponto de vista comportamental e atitudinal, os principais aspectos aprimorados durante o envolvimento das ações foram: a participação,

a criatividade, expressividade, rendimento com os estudos e preocupação com escola. Outros tópicos aparecem em seguida, conforme ilustra o gráfico 34.

Gráfico 34 – Habilidades proporcionadas com as atividades que envolvem as linguagens da comunicação



"Pergunta: Quais das características abaixo você vem adquirindo ao participar de atividades que envolvem as linguagens da comunicação?"
Fonte: Autora (2018)

6.3.5.2 Ensino Fundamental II e Ensino Médio

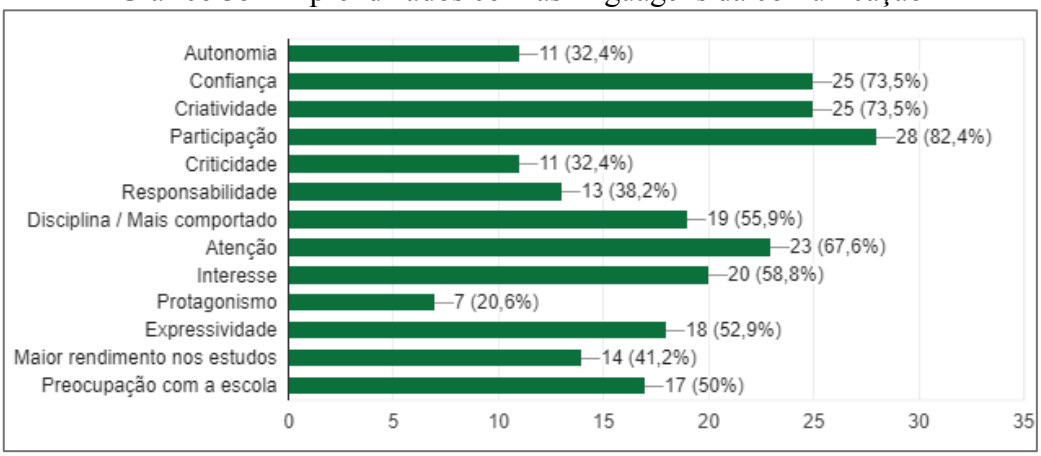
As produções autorais aumentam a participação do aluno nas atividades da escola; melhora a relação entre os estudantes e funcionários; amplia a comunicação no espaço educativo; viabiliza a expressividade; colabora com o trabalho coletivo e grupal e permite o envolvimento com o bairro onde a escola está situada. Estas foram as impressões transmitidas pelos alunos sobre a autoria intermediada pelos diferentes dispositivos comunicacionais.

Participar dos projetos comunicativos orienta os alunos quanto ao processo de produção, circulação e recepção dos meios informativos. Além disso, promove a discussão, mesmo que minimamente, de assuntos referentes ao âmbito regional e nacional. São ações importantes ao consideramos que esses jovens não possuem contato com jornais, revistas e telejornais. Eles se atualizam pelas redes sociais, portanto, incentivar o acesso à informação para promover um cidadão crítico e consciente é um dos desafios ao ensino.

Os aprendizados elencados pelos dois grupos também se referem a elementos comportamentais e atitudinais. As linguagens da comunicação estão colaborando para a

conquista de confiança, criatividade, atenção e interesse. Além da participação, que, mais uma vez, lidera a listagem. O gráfico 35 ilustra a proporção a cada habilidade apontada.

Gráfico 35 – Aprendizados com as linguagens da comunicação



"Pergunta: Quais das características abaixo você vem adquirindo ao participar de atividades que envolvem as linguagens da comunicação?"
Fonte: Autora (2018)

6.3.6 Percepções acerca dos projetos autorais e da formação estudantil

6.3.6.1 Ensino Fundamental I

Os depoimentos dos alunos do Fundamental I ilustram o envolvimento nas ações e positividade dos trabalhos. Eles dizem que são desafiados a pesquisar as temáticas, a colher informações, a organizar o trabalho, a distribuir as atividades e realizar o que é de sua responsabilidade. As atividades são coletivas, e isto fortaleceu as relações entre os integrantes da turma. Os alunos destacam a divisão das responsabilidades de acordo com os interesses de cada um, a criatividade na elaboração dos trabalhos, o respeito ao que cada um se propõe a ajudar, as habilidades dos estudantes e a variedade de conhecimentos abordados.

> *"Eu aprendi a ler, escrever e inventar histórias. O meu grupo escreveu sobre segurança na escola. Escolhemos uma fotógrafa, uma jornalista e uma escritora. Fizemos um debate com a sala para discutir o tema e elaborar as perguntas a serem feitas com os entrevistados. Dei algumas opiniões sobre o que podia ser melhorado, e começamos a produção"*
>
> *"Nossa participação é em grupo, e um ajuda o outro a preparar o assunto, como as entrevistas, as fotos, os textos. É um processo realizado em conjunto, e eu auxiliei nas tarefas pendentes, como na produção das entrevistas"*
>
> *"Eu participei de todas as edições do jornal, e todas foram 'demais'. É um trabalho muito produtivo. No meu último trabalho, escrevi sobre a campanha do agasalho, uma ação importante e que todos se mobilizam"*

> *"É legal participar. Eu fiz parte do grupo que estudou o tema segurança. Pesquisamos e destacamos o que era preciso para tornar a nossa escola segura, entrevistamos pessoas 'entendidas' no assunto. Ficamos até mais espertos"*

Quando questionados com relação à contribuição dos projetos que incentivam a produção autoral com o intermédio dos recursos midiáticos e das linguagens da comunicação, elencaram a importância das ações para a formação integral. Os depoimentos revelam que os conhecimentos vão além do "ler e escrever".

> *"Acho todos os projetos importantes, pois são criados para ajudar nos nossos estudos. Esta escola se preocupa com isso, e sempre participamos de atividades diferentes, como o jornal escolar. Aprendemos a ser educados, a não julgar as pessoas pela aparência, a seguir valores e sermos pessoas melhores"*

> *"São atividades que nos ajudam a aprender mais, a descobrir novas áreas, e até mesmo a fazer algo novo. Com estes projetos, a gente descobre vários talentos, quem desenha bem, quem escreve bem, que fala melhor e muito mais. Eu gosto de escrever, e foi legal participar desta forma"*

As mudanças são perceptíveis nos depoimentos dos alunos, que, ao fazerem um balanço, do período estudantil (do 1º ao 5º ano), afirmaram estar preparados para um novo ciclo de ensino. Eles se mostraram satisfeitos com a variedade de conhecimentos adquiridos pelos conteúdos explorados e pelas experiências que ilustram, na prática, boa parte do que foi explanado em aula.

6.3.6.2 Ensino Fundamental II e Ensino Médio

Os projetos da unidade estadual não atendem todos os alunos, alguns participam esporadicamente; enquanto outros são mais efetivos. Independentemente da frequência, aqueles que tiveram a oportunidade de contribuir com uma das produções apontam que as práticas são representativas.

> *"Participei de algumas edições. Um dos quadros foi o das 'Entrevistas Especiais', quando conversei com a Miss Estudante 2018, que teve como vencedora uma aluna da nossa escola. Também ajudei a fazer alguns comerciais que entravam na programação. Achei interessante e gostei da experiência, mas não consigo estar sempre presente"*

> *"Acredito que os projetos fortalecem o vínculo dos alunos com a escola e até mesmo com os outros estudantes, pois fazemos amizades e compartilhamos ideias. Estas iniciativas aumentam a iniciativa dos alunos. Eu, por exemplo, me interessei em integrar o grêmio estudantil a partir do momento que vi como nossa presença na escola é importante para melhorarmos este espaço"*

> *"Participei ajudando com a fotografia, a gravação dos programas e a organização a biblioteca para selecionar sugestões para o quadro 'Dica de Leitura'. Foi uma ótima experiência, despertou novos interesses"*
>
> *"Ajudou nos meus conhecimentos, inclusive a melhorar o meu desenvolvimento nas atividades didáticas, nas provas, nos cursos e até na preparação para o vestibular. São práticas interessantes e que ajudam na nossa formação"*

A participação foi a apontada entre as principais conquistas com os projetos. O objetivo é ouvir os alunos, respeitar as opiniões, articular mudanças, contribuir com o conhecimento e o despertar de novos interesses. Muitos apreciam a área da comunicação, há relatos sobre o ingresso de ex-alunos no segmento de Jornalismo e Publicidade, e, também, em fotografia. O objetivo não é gerar novos profissionais à Imprensa. As atividades desejam garantir a expressão, aprimorar a capacidade leitora, escrita, argumentativa e incentivar a autoria pelas diferentes linguagens, e, desta forma, ampliar a expressividade. As mudanças são observadas, e os resultados com os alunos de diferentes ciclos e a melhoria da comunicação no espaço educativo inspiram os mediadores a persistirem nas iniciativas.

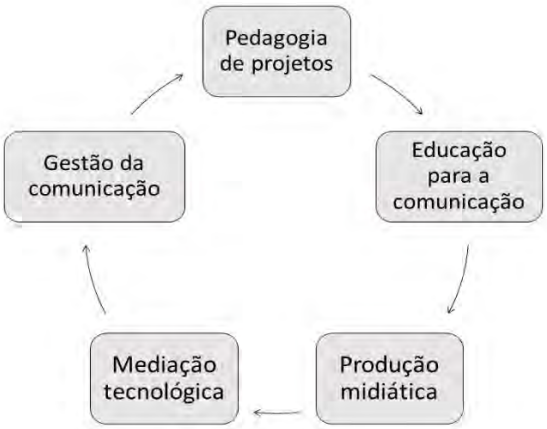
7. Categorias de análise: proposta de avaliação sob a perspectiva da Educomunicacão

Com o compromisso de avaliar a proposta segundo a perspectiva da Educomunicação, as categorias foram criadas com base em palavras-chaves coletadas nos discursos orais e textuais registrados durante o período de investigação e que remetem às caracterizações desse campo que integra a Comunicação e a Educação. Alguns dos pontos que despertaram a atenção remetem a áreas de intervenção, que, embora sejam conceitualmente desconhecidas pelos sujeitos envolvidos, foram observadas durante o desenvolvimento dos projetos comunicativos.

As categorias surgiram ao longo das reflexões obtidas ao acompanhar as atividades, observar o cotidiano dos sujeitos, avaliar o processo de produção das publicações e a organização temporal e espacial da equipe dentro da rotina das duas escolas do ensino formal caracterizadas pelo estilo tradicional – categórico, sistemático e cronometrado; e que aceitaram o desafio de promover uma proposta horizontal – pautada no diálogo, na interdisciplinaridade, na prática e na solidariedade.

Das sete áreas de intervenção já mencionadas neste trabalho, quatro formam as categorias de análise: São elas: *educação para a comunicação, produção midiática, mediação tecnológica e gestão da comunicação*. A esses itens, mais um foi acrescido, por ser considerado essencial para o início de uma proposta educomunicativa: a *pedagogia de projetos*.

Figura 18 – Categorias de Análise



Organograma que representa as categorias analisadas
Fonte: Autora (2018)

Os cinco elementos atuam de forma integrada e sintonizada. São eles que viabilizam, de acordo com as realidades apresentadas, os projetos comunicativos nas unidades investigadas. Vamos a eles:

7.1 Pedagogia de projetos - Quando tudo começou...

A pedagogia de projetos é considerada a oportunidade para a implementação de propostas educomunicativas no cenário educativo formal. Projetos fazem parte da rotina da escola, e são criados baseados em "problemas". Buscam soluções para determinada situação ou conteúdo que está sendo estudado. Eles podem ser de curta e longa duração, mas todos devem apresentar os objetivos, justificativas, metodologia, aplicação e avaliação de resultados. As propostas investigadas em nossa pesquisa entraram nas escolas por meio de projetos, um municipal (Programa Ler e Gostar – É Só Começar) e outro estadual (Sala de Leitura). Há o compromisso com as capacidades leitora e escritora,

e a preocupação em preparar as crianças e os jovens para uma crítica não apenas dos meios impressos, mas, principalmente, do digital, no qual estão inseridos.

Segundo os Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa, os projetos permitem uma diversidade de experiências para estimular a autoria:

> Os projetos são excelentes situações para que os alunos produzam textos de forma contextualizada — além do que, dependendo de como se organizam, exigem leitura, escuta de leituras, produção de textos orais, estudo, pesquisa ou outras atividades. Podem envolver ou não outras áreas do conhecimento e resultar em diferentes produtos: uma coletânea de textos de um mesmo gênero (poemas, contos de assombração ou de fadas, lendas, etc.), um livro sobre um tema pesquisado, uma revista sobre vários temas estudados, um mural, uma cartilha sobre cuidados com a saúde, um jornal mensal, um folheto informativo, um panfleto, os cartazes de divulgação de uma festa na escola ou um único cartaz (BRASIL,1997b, p. 50).

Para os educadores, "a participação em projetos contribui para o desempenho global dos alunos". As duas unidades veem os programas como transformadores.

> *"Sempre tive o projeto de leitura como a "menina dos olhos". Quem lê fica mais inteligente! Este é o nosso slogan. É realizado há dez anos, atende todas as turmas. É organizado pela direção em conjunto com os professores. Deste projeto surgiu o jornal, que auxilia em grande parte das ações. Por meio deste suporte, trabalhamos com gêneros, explorando temáticas diversas. Ele é realizado por meio de entrevistas de campo e conta com a mediação dos professores. Eles são os principais mediadores e seguem um roteiro pré-estabelecido. A coordenação e direção orientam as atividades, e as crianças executam", Depoente 1*

> *"Acho essencial trabalhar com projetos, porque conseguimos envolver grupos grandes. Dependendo do tema, os aprendizados são preciosos, vão além do conteúdo do caderno do aluno e professor. No caso da comunicação, envolvemos muitas disciplinas, temos a participação do professor de Química, Artes, Língua Portuguesa, História, além dos gestores", Depoente 2*

> *"Vejo os projetos como uma forma de estimular uma aprendizagem democrática por meio de recursos tecnológicos que estão ao alcance dos alunos. São ações que estimulam o protagonismo juvenil, e este é o caminho para uma educação emancipadora. Os alunos se tornam mais participativos, comunicativos, cidadãos e cientes do seu poder de transformar a sua escola, a sua comunidade e por que não a sua cidade?", Mediador 1*

7.2 Educação para a comunicação - A mídia ganha espaço nas aulas

A autoria por meio dos dispositivos comunicacionais ocorre após o contato com os meios e uma abordagem dos processos de produção, circulação e recepção. Para Zanchetta, esse conhecimento é importante para escolas comprometidas com práticas que envolvem a mídia e deve ser apreendido, principalmente, pelos educadores.

> Será necessário compreender como é o universo onde circula a informação midiática, bem como os processos de assimilação e conversão de informação em conhecimento pessoal e de trabalho do professor e do coletivo de professores. Isso significa observar como se constitui e se modifica a memória do professor acerca da informação midiática e, principalmente, acerca da informação noticiosa (2007, p. 75).

Este é trabalho é realizado nas unidades investigadas. Para os alunos do Ensino Fundamental I, há um roteiro com a apresentação dos meios de comunicação, de veículos regionais, das especificidades das publicações e, finalmente, o início da produção. Com os jovens dos ensinos Fundamental II e Médio, é preciso desenvolver um trabalho mais sistematizado para ampliar o interesse pelo universo informacional. Os 34 estudantes representantes desses ciclos de ensino afirmaram que se informam pelas redes sociais e que não se interessam por jornais e revistas. Um dado que evidencia a necessidade de uma orientação que, em primeiro lugar, reconheça as fontes de atualização como importantes para uma leitura do mundo. E, principalmente, aprender a identificar, interpretar e analisar as diferentes mensagens semeadas pelas mídias impressas e digitais, pois estas interferem na formação de subjetividades, conforme nos alerta Setton:

> [...] Refletir sobre as mídias a partir do ponto de vista da educação é admiti-las enquanto produtoras de cultura. E também admitir que a cultura das mídias, suas técnicas e conteúdos veiculados pelos programas de TV, pelas músicas que tocam no radio ou mensagens da internet, nas suas mais variadas formas, ajudam-nos, juntamente com valores produzidos e reconhecidos pela família, pela escola e pelo trabalho, a nos constituir enquanto sujeitos, indivíduos e cidadãos, com personalidade, vontade e subjetividade distintas (2011, p. 13).

Os estudantes efetivos nos projetos comunicativos se mostram mais participativos nas reuniões de pauta. Eles possuem uma postura consciente, questionadora e preocupada com a atualização. Segundo Soares "educar para os meios ou educar para a comunicação são ações inerentes à prática educomunicativa" (2011, p.36). Este exercício, aos poucos, vem sendo consolidado nas propostas investigadas. Alguns educadores ressaltam que as atividades com as linguagens da comunicação em sala de aula auxiliam na formação, em primeiro lugar, de um leitor, em seguida, de um leitor consciente.

> *"Antes, o horizonte de informação/formação é limitado. Durante o processo, há uma expansão do acesso e interesse pelo o que se propõe a buscar e produzir. E, após este processo, nasce uma criticidade e autoria frente ao saber", Professor 1*
>
> *"Acho necessário o apoio com recursos impressos e digitais, como uso de jornais, redes sociais, revistas, e a internet e os diversos dispositivos. Eu os vejo como uma ferramenta que, se usados em sala de aula, e de forma, realmente, didática, desperta o interesse, curiosidade, atenção e motivação do*

aluno. São formas de melhorar o ensino, e fazer com que o aluno sinta vontade de aprender sempre mais", Professor 2

7.3 Produção midiática - A autoria como incentivo ao protagonismo juvenil

A produção midiática no espaço educativo favorece a criação dos ecossistemas comunicativos. A prática contribui para o ensino dialógico (alunos, diretores e gestores se comunicam intensamente), horizontal (todos os participantes do processo educativo contribuem para o aprendizado), inter e multidisciplinar (permite o envolvimento em várias áreas e o cruzamento entre conteúdos), colaborativo (ações grupais e integradas). De acordo com Soares, "a produção de mídia de qualidade é marcada pela criatividade, motivação, contextualização de conteúdos, afetividade, cooperação, participação, livre expressão, interatividade e expressão" (2011, p. 9).

Independentemente de as produções serem impressas ou digitais, esporádicas ou periódicas, os trabalhos são significativos para os participantes. Girardello ressalta que a simples participação deixa o aluno satisfeito, ele o considera importante ao colaborar com um trabalho coletivo e compartilhado com toda a equipe docente e discente.

> Favorece também uma concepção colaborativa de autoria, em que a entrega da criança a uma parte de um processo coletivo democrático – sugerindo ideias para o roteiro, tirando uma foto, modelando um bonequinho para animação – é tão ou mais importante para ela quanto ter seu nome próprio assinando sozinho um resultado (2014, p. 23).

Para os gestores, são propostas que revelam talentos no cenário educativo, e formam profissionais à área das linguagens e comunicação.

> *"A autoria é um estímulo à produção, seja escrita, oral ou audiovisual; e compartilhamento é uma forma de reconhecer o trabalho dos alunos, promover sua autoestima e autoconfiança, e mostrar que o que fazem é importante não só para ele quanto para o todo", Diretor A*

> *"Não há dúvidas de que são propostas focadas no aluno atual. A gente vai percebendo a sua importância quando vemos a revelação de grandes talentos. Temos um aluno que já escreveu três livros; outro que passou a trabalhar na área da comunicação. Há muitos e muitos exemplos, por isso apoio, invisto, incentivo e ajudo em projetos, vejo como essenciais para complementar as ações pedagógicas", Diretor B*

7.4. Mediação tecnológica - Dispositivos como fontes de informação

A mediação tecnológica refere-se aos meios como viabilizadores de práticas que contribuam para o aprendizado. Eles não devem ser utilizados de forma instrumental, e sim, de maneira a estimular a produção, a interação, a socialização de conhecimentos.

Nem todas as escolas usufruem de equipamentos tecnológicos, portanto, as que são beneficiadas precisam assumir o compromisso de usá-los adequadamente. Martín-Barbero (2014) critica a inserção das tecnologias como marca de uma suposta modernização da Educação. Para o estudioso, elas devem ser vistas como mediadoras no processo de aprendizado.

Orozco-Gómez ressalta que os professores precisam se conscientizar de que os recursos tecnológicos devem ajudar a orientar e aperfeiçoar as suas práticas, e não substituí-las no processo de ensino e aprendizagem dos educandos. Ainda é grande o número de educadores resistentes a adotar uma nova dinâmica em sala de aula. O autor critica a visão reducionista dos ministérios de Educação com relação às tecnologias

> Os docentes manifestam um temor profundo de serem substituídos pelas novas tecnologias de informações colocadas a serviço de objetivos de aprendizagem. E as instituições educativas acabam por não compreender a magnitude da mudança, e insistem teimosamente em continuar com uma visão reducionista que só repara no aspecto instrumental, tanto de mídias quanto de tecnologias. Não é equipar de máquinas as escolas a única alternativa para abreviar o desafio, como insistiram muitos ministérios de educação latino-americanos. Na verdade, debater e repensar os motivos da educação e da comunicação em uma grande mudança de época como a atual é a que necessitamos continuar fazendo (2006, p. 97).

Nas escolas estudadas, o uso da tecnologia proporcionou novas atividades e incrementou as existentes. Aspectos ressaltados por alguns educadores da unidade estadual:

> *"Precisamos nos atualizar e tentar atuar de acordo com o aluno de hoje. É essencial usar as mídias, para estudar as informações e sua devida interpretação; e explorar o potencial das tecnologias, que podem favorecer, e muito, o aprendizado dos alunos. Foi usando a tecnologia que começamos a incrementar os nossos projetos", Professor 1*

> *"Acho necessário o apoio com recursos impressos e digitais, como uso de jornais, redes sociais, revistas, a internet e os diversos dispositivos. Eu os vejo como uma ferramenta que, se usados em sala de aula, e de forma, realmente, didática, desperta o interesse, curiosidade, atenção e motivação do aluno. São formas de melhorar o ensino, e fazer com que o estudante sinta vontade de aprender sempre mais", Professor 2*

7.5 Gestão da comunicação – Parceria em equipe e sintonia nos processos

De acordo com Soares (2011), "à leitura crítica da mídia e à produção midiática por jovens soma-se o conceito de gestão da comunicação nos espaços educativos" (p. 11). Portanto, as áreas de intervenção dialogam em todo o processo educativo, sendo que a

gestão da comunicação auxilia na sincronia de todas as atividades, orientando o planejamento das ações, o andamento dos projetos, o envolvimento dos participantes, a apuração dos resultados e a avaliação dos ecossistemas comunicativos. Também consolida as relações entre os agentes do processo educativo ao promover o estreitamento das relações professor-aluno; aluno-aluno; escola-comunidade.

A pedagogia da comunicação é considerada a área central e indispensável, e exige um gestor com visão democrática, participativa e colaborativa para sua concretização. Esta postura é a assumida pelas gestoras das duas unidades investigadas. O apoio às atividades, nos momentos positivos e negativos, condiciona a participação de alunos e professores e impulsiona as publicações escolares. Ambas representam um papel essencial à dinâmica escolar.

7.6 Chegando às conclusões – Perspectivas e desafios ao cenário educativo

Após a descrição e interpretação dos dados apurados e a avaliação das categorias, chegamos às conclusões das análises das categorias. O processo envolve três etapas: antes, durante e após o contato com as práticas educativas.

Em primeiro lugar, nos deparamos com dois cenários diferentes, e cada um deles nos permitiu uma interpretação. No primeiro espaço educativo, representado pela unidade estadual, inicialmente tínhamos a visão de que todos os alunos participavam, bem como os professores. Ao longo da investigação, percebemos que a realidade é outra; e, ao final, temos as seguintes avaliações. Com relação aos professores, observamos três perfis de profissionais: (1) aqueles que ainda possuem resistência aos meios informativos e tecnológicos, e, em especial, ao projeto; (2) educadores que acreditam na importância do programa, mas o tempo inviabiliza a participação efetiva; (3) e, por último, os que incentivam a participação dos alunos e nas suas aulas usam a estrutura conforme a possibilidade, devido às dificuldades de agregar as ações à rotina pedagógica.

A realidade não é diferente com os alunos. A participação é mais efetiva, no entanto, encontram dificuldades para manter o vínculo com as ações pelos seguintes motivos: (1) o projeto não é realizado dentro do programa escolar, portanto, os interessados precisam aliar as atividades com as disciplinas; (2) nem todos os professores autorizam a saída dos estudantes nos horários das suas aulas para realizarem algo relacionado às produções escolares; (3) dificuldade em alinhar as responsabilidades do

ciclo escolar com as atividades extracurriculares, o que impede que a oportunidade atenda, de fato, a todos os educandos.

A organização temporal, a sistematização da proposta e a implantação do projeto de forma articulada aos programas curriculares e à carga horária escolar são essenciais para ampliar a participação e efetivar as iniciativas no cenário educativo.

Essa sincronização pode ser observada na unidade municipal. Este segundo espaço educativo pesquisado realiza as atividades em consonância a um programa vinculado à rede de ensino, e, ao integrá-los aos currículos das séries finais, as práticas passaram a fazer parte da rotina estudantil. Desde o início do ano, professores se preparam para incentivar os murais, e se organizam para a produção do boletim informativo, conforme descritos na seção IV. As dificuldades nessa instituição são relacionadas a estruturas, mas mostram que a falta de tecnologia não é um empecilho para promover atividades práticas e voltadas à expressão crítica e comunicativa. O período considerado mais emblemático é o do fechamento das publicações. A equipe não possui especialistas para diagramar o jornal, e conta com aqueles que se dispõem a auxiliar conforme a possibilidade.

Toda a equipe participa do boletim informativo e jornal mural, mas os educadores dos 1º e 2 º anos, cujos alunos possuem de 6 a 7 anos, não apreciam as produções devido à faixa etária de seus alunos. Eles se encontram no período de alfabetização, portanto, as produções dessas turmas são, em sua maioria, ilustrações. Do 3º ano em diante, a aceitação é maior, em vista dos programas enfatizarem a linguagem jornalística. Para estes educadores, o boletim é positivo por ilustrar um contexto teórico. Ressaltaram, também, que as ações são viabilizadas pela participação da rede de ensino no programa Dat – Formando o Cidadão do Futuro. A iniciativa atua em conformidade com os conteúdos do Programa Ler e Escrever, e isso colabora para a organização do trabalho. Os educadores são orientados quanto à linguagem jornalística, no processo de produção, circulação e recepção das informações, à leitura crítica da mídia e à produção no espaço educativo. Essas informações são agregadas ao material estudado para a preparação das suas aulas e viabilizam a articulação do processo de produção.

São dois cenários distintos, que idealizam propostas que integram a Comunicação e a Educação. Cada realidade possui suas dificuldades, mas, ao apresentar um balanço da recepção aos projetos, o aluno tem sido o maior beneficiado. Quais os desafios para

implementar e manter essas iniciativas no ensino formal? Um espaço que ainda preserva uma visão vertical, categórica e autoritária? Para a resposta ao problema da nossa pesquisa, apontamos cinco provocações aos espaços observados:

a) Incluir os educadores no fluxo comunicativo

A resistência de alguns educadores, em especial, da unidade estadual impede a abrangência dos programas. Alguns são contrários às inovações, outros não veem necessidade de aprender a lidar com os meios; e há os que não conseguem administrar o seu tempo para colaborar de alguma forma com o processo de produção. Inserir a escola no ecossistema comunicativo é um dos grandes desafios aos educadores). No entanto, é preciso enfrentar esta dificuldade para ressignificarmos a escola para que ela propicie práticas educativas que deem vida aos conhecimentos. "Trata-se de encontrar, no interior dos espaços educativos descentrados, o novo lugar da escola como instância que pode e deve vivificar a aprendizagem, investindo na construção do saber, do pensamento crítico, do prazer de conhecer e criar" (CITELLI, 2000a, p. 35).

b) Promover a interação entre as áreas do conhecimento

A interdisciplinaridade está presente em todo o agir comunicativo. Os projetos viabilizam a interação entre as áreas e integração de conteúdos. Segundo Morais:

> a escola com a perspectiva interdisciplinar ressalta a colaboração, a cooperação, a ação e a reflexão voltadas para o desenvolvimento de saberes que permitam a compreensão da sociedade em sua diversidade e singularidade, para se alcançar uma conscientização que permita os sujeitos atuarem de modo ativo (2017, p. 33).

Porém, isso ocorre aleatoriamente. Os professores possuem dificuldades para realizar um trabalho em conjunto, não se trata de algo inviável nas unidades estudadas, mas o desafio é grande.

c) Integrar os projetos aos programas escolares

As propostas devem ser incorporadas sistematicamente aos programas escolares e à dinâmica escolar. Esta seria uma forma de reorganizar os horários e ajudaria na administração temporal dos participantes. Parente reforça que as construções temporais

se desenvolvem e se consolidam "quando são afirmadas como resultados da interseção de políticas públicas e de práticas escolares, ou seja, quando há legitimação das ações produzidas pelas instituições escolares" (2010, p. 154). As duas realidades analisadas confirmam essa necessidade ao mostrar a diferença entre um projeto que integra uma prática em consonância com o planejamento escolar (Biritiba Mirim) e o que é realizado esporadicamente (Ferraz de Vasconcelos).

d) Viabilizar infraestrutura

Apesar de os recursos tecnológicos não serem um empecilho para a produção midiática, eles são importantes para promover a inclusão digital e trabalhos que envolvem a pesquisa, a produção, a colaboração e socialização de conhecimentos. Belloni adverte que inserir as tecnologias de informação e comunicação no espaço educativo é uma necessidade:

> Elas já estão presentes e influentes em todas as esferas da vida social, cabendo à escola, especialmente à escola pública, atuar no sentido de compensar as terríveis desigualdades sociais e regionais que o acesso desigual a estas máquinas está gerando (2012, p. 10).

e) Formação e orientação a educadores

Formações para o uso adequado dos meios e das tecnologias estavam entre as repostas coletadas. É preciso orientar os educadores a exercer e praticar, com os seus alunos, a leitura crítica dos meios de comunicação, a produção midiática, a utilização dos recursos tecnológicos no processo de aprendizagem.

Concluímos que a tarefa consiste em enfrentar esses desafios para formar profissionais atuantes na mediação entre o sistema educacional e a comunicação, e alunos conscientes do seu papel como agentes transformadores na sociedade. Este é o caminho para que os processos educomunicativos sejam exercidos de modo dialógico e democrático.

Considerações finais

Num momento histórico movido pela Informação, Comunicação e Tecnologias, diferentes linguagens estão permeando o universo escolar e abrindo espaço para outras dinâmicas no processo de ensino e aprendizagem. A Educação ganhou outro sentido, e o "educar" deixou de ser pautado pela "transmissão de conhecimentos". Trocamos o sistema bancário (FREIRE, 2012) e passamos a aprender com as experiências vivenciadas, as informações compartilhadas e o repertório histórico e cultural daqueles que fazem parte do processo educativo: alunos e professores.

Os "saberes compartilhados" durante a estreita relação entre comunhão e busca, da qual nos fala Paulo Freire (2014, p. 34), estão ampliando a visão de mundo; e os conhecimentos "descentralizados" (MARTÍN-BARBERO, 2006), "coletivos e colaborativos" (JENKINS, 2009) vêm propiciando aprendizados em diferentes tempos, espaços e grupos. Vivenciamos outras sociabilidades, e, por sua vez, novos modos de ver, sentir e estar no mundo (CITELLI, 2011).

Em circunstância das mudanças intermediadas pelo universo comunicacional e tecnológico, a Educação precisa ser considerada um campo aberto ao diálogo, às interações e às trocas midiatizadas. Deve acompanhar, social e temporalmente, os processos de formação advindos de um cenário comunicacional. Segundo Martín-Barbero, "estamos passando de uma sociedade com sistema educativo a uma sociedade do conhecimento e aprendizagem contínua, isto é, sociedade cuja dimensão educativa atravessa tudo: o trabalho e o lazer, o escritório, a casa, a saúde e a velhice" (2014, p.21). Atualmente, aprende-se em qualquer lugar, e não apenas na escola, por isso a necessidade de compreender as novas formas de produzir e adquirir conhecimentos.

O aprendizado ocorre, inclusive, com as mídias e as tecnologias. Os discursos não institucionais buscam a aproximação com os escolares, e eles já estão inseridos em materiais didáticos e currículos educacionais, e, principalmente, nos diálogos entre os alunos. Os jovens chegam à escola "carregados" de informações para serem compartilhadas, e as novidades, em sua maioria, são baseadas em mensagens propagadas pela televisão, jornais, internet, e, principalmente, as redes sociais. Não é mais possível impedir que as intituladas "escolas paralelas" circulem pelos ambientes educativos formais, pois elas já estão no seu interior. Como diz Citelli, "trazer os meios para a escola significa incorporar uma nova maneira de organizar a sociedade e reconhecer outra

dinâmica da cultura, agora marcada por forte urbanização e distintas relações com o tempo e o espaço" (2014b, p. 70).

Estamos atuando com uma geração imersa na cultura digital, que busca conhecimentos imediatos, e os encontra nos variados canais informativos. Portanto, quando se trata do conteúdo a ser disseminado dentro da escola, os educadores precisam se comprometer com o desafio de inovar as suas dinâmicas para que elas sejam significativas a ponto de despertar a atenção e o interesse dos educandos.

As escolas avaliadas ao longo desta pesquisa demonstraram essas mediações entre o tradicional (conhecimento enciclopédico e sistemático) com o contemporâneo (saberes permeados por outros meios) e o cultural (caracterizado pelo repertório do aluno). São unidades desenvolvendo projetos que promovem práticas diferenciadas, capazes de proporcionar experiências que possam incrementar a teoria abordada nos conteúdos programáticos. Com a presença das diferentes linguagens no espaço educativo, os dispositivos são vistos como aliados na aquisição de duas habilidades consideradas essenciais à educação básica: as capacidades leitora e escrita.

Investigar os projetos comunicativos-educativos, representados por sujeitos e ambientes que se diferem com relação a perfis, culturas, realidades e regionalidades, permitiu averiguar os desafios em implementar práticas que unem a comunicação e a educação. Embora esses elementos façam parte, direta ou indiretamente, das disciplinas curriculares, ampliar iniciativas especiais que visam à leitura e interpretação, e, por sua vez, a expressão, a produção e circulação dos trabalhos, exige organização espacial e temporal. São duas unidades que se preocupam em viabilizar o direito à comunicação, à participação, à integração entre corpo docente e discente, e acreditam nos ecossistemas comunicativos como forma de garantir a sintonia entre a equipe e o trabalho a ser construído.

A produção midiática no espaço educativo tem proporcionado valiosas experiências. De um lado, encontramos uma escola municipal, que, ao aliar os conteúdos do Programa Ler e Escrever a um projeto da rede municipal, observou que o jornal mural e o boletim informativo seriam uma maneira de apreender diferentes gêneros textuais e incentivar a leitura de veículos essenciais para a informação e atualização dos fatos que norteiam o mundo. De outro lado, temos uma escola estadual que se apropriou do perfil do seu grupo de alunos – considerado mediatizado e cercado por recursos tecnológicos – para, também, incentivar produções escolares. Desta vez, aliando-as aos dispositivos

comunicacionais tanto impressos quanto digitais. Esta foi uma maneira de associar os programas educativos às habilidades técnico-comunicativas.

Nesses dois cenários, temos professores e alunos produzindo jornais, blogs, tevês e rádios para promover os fluxos comunicativos no espaço escolar, permitir maior envolvimento com a equipe gestora e buscar melhorias à escola e à região onde residem. De acordo com Soares (2011), ao propor que "educandos se apoderem das linguagens midiáticas, ao fazer uso coletivo e solidário dos recursos da comunicação tanto para aprofundar seus conhecimentos quanto para desenhar estratégias de transformação" (p. 19), estamos desenvolvendo um dos âmbitos da Educomunicação na prática educativa. Neste caso, seria a educação para a comunicação, que, ao longo dos projetos avaliados, é acompanhada de outras três áreas de intervenção: produção midiática, a mediação tecnológica e a gestão da comunicação.

Construir um ensino emancipador oferece a base para a Educomunicação, que se compromete promovendo a cidadania e o desenvolvimento pleno dos estudantes da Educação Básica. No entanto, levar os meios e as tecnologias às salas de aula não significa, apenas, uma "modernização do discurso pedagógico". Citelli aponta que as ações comunicativo-educativas precisam ter objetivas e seguir um planejamento.

> A Educomunicação não pode ser vista como um item programático a ser tratado no território restrito da didática ou como mera capacitação para ajudar na aplicação das tecnologias da informação e da comunicação ao ensino, mas como um campo de reflexão a intervenção social decorrente dos novos modos de organizar, distribuir e receber o conhecimento e a informação. Faz parte, portanto, de um ecossistema comunicativo situado na interface com a Educação (2014b, p. 70).

Ao chegar às considerações finais da nossa pesquisa, concluímos que os trabalhos vão além das produções textuais e audiovisuais. Os projetos reconhecem os novos modos de receber e produzir conhecimentos. São iniciativas que não veem a mídia e as tecnologias como "instrumentos", e sim como mediadoras do aprendizado. As ações visam à formação do aluno leitor e autor de suas histórias. Trabalha-se em busca de um sujeito crítico, criativo e comunicativo, que avalie conscientemente a sua posição de agente transformador numa sociedade em constante mutação. Pode-se dizer, portanto, que as propostas promovem uma nova "educabilidade", apresentada por Freire como a "capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar, mas sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a" (2013, p. 97).

Referências bibliográficas

APARICI, Roberto. **Educomunicação. Para Além do 2.0**. São Paulo: Paulinas, 2014.

BACCEGA, Maria Aparecida. **A construção do campo**. Revista USP, São Paulo, n. 48, p. 18-31, dezembro/fevereiro 2000-2001.

_____.**Comunicação/educação: apontamentos para discussão.** Comunicação, mídia e consumo, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 119-138, 2004.

_____. Comunicação/Educação e a construção de nova variável histórica. In: CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Org.). **Educomunicação: Construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

BACCEGA, Maria Aparecida; ROCHA, Camilla Rodrigues Netto da Costa. A importância da inter-relação entre o campo da Comunicação/Educação e os estudos de recepção: um olhar para a comunicação a partir dos sujeitos. In: KUNSCH, Margarida; FÍGARO, Roseli. **Comunicação e educação: Caminhos integrados para um mundo em transformação.** São Paulo: Intercom, 2017.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação.** 3ª ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

BOURDIEU, Pierre et al. **Ofício do Sociólogo**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa, Portugal: Difel; Rio de Janeiro, Brasil: Bertrand, 1989.

BRAGA, José Luiz; LOPES, Maria Immacolata Vassalo de.; MARTINO, Luis Claudio, (Org.). **Pesquisa empírica em comunicação**. São Paulo: Paulus, 2010.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997a.126p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília, MEC, 1997b, 144p.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEC, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros curriculares nacionais. **Ensino Médio: Orientações Educacionais Complementares – Linguagens, Códigos e Suas Tecnologias**. Brasília: MEC, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf>. Acesso em janeiro de 2018.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais gerais da educação básica. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica.** Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. 562 p.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**. Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, 2000.

BRASIL. **Plano nacional de educação 2014-2024**. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014. 86 p.

CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Org.). **Educomunicação: Construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

CITELLI, Adilson; BACCEGA, Maria Aparecida; BERGER, Christa; LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; França, Vera Veiga (Org.). **Dicionário de Comunicação. Escolas, teorias e autores**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

CITELLI, Adilson. **Educação e Mudanças: novos modos de conhecer**. In: CITELLI. Adilson (Org). **Outras linguagens na escola**. São Paulo, Cortez, 2000a.

_____. **Meios de comunicação e práticas escolares**. São Paulo: Revista Comunicação & Educação, São Paulo, jan./abr., 2000b.

_____. **Comunicação e Educação. A linguagem em movimento**. 3ª ed. São Paulo: Editora Senac, 2004.

_____. **Comunicação e Educação: convergências educomunicativas**. Comunicação, Mídia & Consumo. São Paulo, Vol. 7, n. 19, p.67-85, jul. 2010.

_____. **Educomunicação: em torno da técnica e da cultura.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Foz do Iguaçu, PR - 2 a 5/9/2014a.

_____. Comunicação e Educação. In: CITELLI, Adilson; BACCEGA, Maria Aparecida; BERGER, Christa; LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; França, Vera Veiga (Org.). **Dicionário de Comunicação. Escolas, teorias e autores**. São Paulo: Editora Contexto, 2014b.

_____. Tecnocultura e educomunicação. **Rizoma**, Santa Cruz do Sul, v. 3, n. 2, p. 65, dezembro, 2015.

_____. **Comunicação e Educação: Os desafios da Aceleração Social do Tempo.** São Paulo: Paulinas, 2017.

COGO, Denise; MAIA, João. **Comunicação para a cidadania**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2006. Hipóteses, 2016.

COSTA, Elisangela Rodrigues da. “Educomunicação e Midiaeducação: um estudo comparativo entre as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. In: NAGAMINI, Eliana (Org.). **Comunicação e Educação: Questões teóricas e formação profissional em Comunicação e Educação**. Volume I. Ilhéus, Bahia: Editus, 2016.

CRARY, Jonathan. 24/07. **Capitalismo tardio e os fins do sono.** São Paulo: Cosac, Naify, 2014.

CRUZ, Priscila; MONTEIRO, Luciano (Org.). **Anuário Brasileiro da Educação Básica**. São Paulo: Editora Moderna, 2018.

DEMO, Pedro. **Metamorfoses, glórias e incompletudes do autor**. São Paulo: Edições Hipóteses, 2016.

FARIA, Maria Alice. **O Jornal na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2007.

FARIA, Maria Alice; ZANCHETTA, Juvenal. **Para ler e fazer o jornal na sala de aula**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

FANTIN, Mônica. Contextos, perspectivas e desafios da mídia-educação no Brasil. In: ELOÁ, Ivana. **Agentes e Vozes – Um panorama da mídia-educação no Brasil, Portugal e Espanha**. Nordicom, University of Gothenburg: The International Clearinghouse on Children, Youth & Media, 2014.

FREINET, Célestin. **O Jornal Escolar**. Lisboa: Estampa, 1970.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** São Paulo: Cortez, 1982.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 55ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013a.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 34ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013b.

_____. **Extensão ou comunicação.** 15ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Educação e Mudança**. 36ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FILHO, Luciano Mendes Faria; VIDAL, Diana Gonçalves**. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil**. Revista Brasileira de Educação. Mai./Jun./Ago., n. 14, 2000.

FILHO, Genésio Zeferino Silva. **Educomunicação e sua metodologia: um estudo a partir de ONGs no Brasil**. Tese (Doutorado). ECA/USP, São Paulo. 2004.

GADOTTI, Moacir. **A boniteza de um sonho – ensinar e aprender com sentido**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011.

GIRARDELLO, Gilka. Crianças fazendo mídia na escola. Desafios da autoria e da participação. In: ELOÁ, Ivana. **Agentes e Vozes – Um panorama da mídia-educação no Brasil, Portugal e Espanha**. Nordicom, University of Gothenburg: The International Clearinghouse on Children, Youth & Media, 2014.

GENEVIÈVE, JACQUINOT. **O que é um educomunicador? O papel da comunicação na formação dos professores (I Congresso Internacional de Comunicação e Educação)**. São Paulo, maio de 1998. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/aeducomunicacao/saibamais/textos>. Acesso em setembro de 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ª ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2010.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência.** São Paulo: Aleph, 2009.

KAPLÚN, Mario. Processos educativos e canais de comunicação. **Educomunicação: Construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

KUNSCH, Margarida; FÍGARO, Roseli. **Comunicação e educação: Caminhos integrados para um mundo em transformação.** São Paulo: Intercom, 2017.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. Pesquisa de Comunicação: Questões epistemológicas, teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, vol. XXVII, n. 1, jan./jun. 2004.

_____. **Pesquisa em comunicação**. 10ª ed. São Paulo: Loyola, 2010.

_____. Sobre o estatuto disciplinar do campo da Comunicação. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de (Org.). **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda.,1986.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Desafios Culturais: da comunicação à educomunicação.** In: CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Org.). **Educomunicação: Construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Desafios Culturais da Comunicação à Educação**. Revista Comunicação & Educação. São Paulo, v. 6, n. 18, p.51-61, maio/ago.2000. Disponível em: <http://revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view. Acesso em setembro de 2018.

_____. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Dênis de (Org). **Sociedade Midiatizada.** Rio de Janeiro: Maud X, 2006.

_____. **A Comunicação na Educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

MELO, Elda Silva do Nascimento; MORAIS, Erivania Melo; SANTOS, Camila Rodrigues dos (Org**). Interdisciplinaridade e ensino: Saberes docentes, desafios da prática.** Rio de Janeiro: Dicitio Brasil, 2017.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Articulação com os Sistemas de Ensino. **Planejando a Próxima Década - Conhecendo as 20 Metas do Plano Nacional de Educação.** (MEC/ SASE), 2014**.**

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasil, 2017. Disponível em: < http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em abril de 2018.

MORAIS, Erivania Melo de. Interdisciplinaridade e escola: uma relação necessária. In: MELO, Elda Silva do Nascimento; MORAIS, Erivania Melo; SANTOS, Camila Rodrigues dos (Org). **Interdisciplinaridade e ensino: Saberes docentes, desafios da prática.** Rio de Janeiro: Dicitio Brasil, 2017.

MORAES, Dênis de (Org). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Maud X, 2006.

NAGAMINI, Eliana (Org.). **Questões teóricas e formação profissional em Comunicação e Educação.** Volume 1. Ilheus, Bahia: Editus, 2016.

ORÓZCO-GOMES, Guillermo. Comunicação, educação e novas tecnologias: tríade do século XXI. In: **Educomunicação: Construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. Professores e meios de comunicação: desafios e estereótipos. **Comunicação & Educação**, n. 10. São Paulo: Moderna/CCA, 1997.

_____. Comunicação social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos. In: MORAES, Dênis de (Org). **Sociedade Midiatizada.** Rio de Janeiro: Maud X, 2006.

PAVANI, Cecília; JUNQUER, Ângela; CORTEZ, Elizena. Jornal. **Uma Abertura para a Educação**. Campinas: Papirus, 2007.

PAVANI, Cecília; PARENTE, Cristiane; ORMANEZE Fabiano (Org.). **Educomunicação, redes sociais e interatividade**. Campinas: Leitura Crítica, 2013.

PARENTE, Claudia da Mota Darós. **A construção dos tempos escolares**. Educação em Revista, Belo Horizonte, v.26, m.02, p. 135-156, agosto 2010.

RETRATOS da Leitura no Brasil. II Seminário Nacional. Brasília: Instituto Pró-Livro / Ibope, 2012. Disponível em: <http:://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/texto.asp?id=2834>. Acesso em março de 2014.

ROSA, Hartmut. **Social acceleration. A new theory of modernity.** New York: Columbia University Press, 2013.

SÃO PAULO (Estado), Secretaria da Educação. **Matriz de avaliação processual: anos iniciais, língua portuguesa e matemática; encarte do professor**. Trigo Silveira, Ghisleine; Aparecida, Regina (coordenação); Santiago, Resek (elaboração, equipe curricular do Centro de Ensino Fundamental dos Anos Iniciais). São Paulo: SE, 2016a.

SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. **Matriz de avaliação processual: língua portuguesa, linguagens**; encarte do professor / Secretaria da Educação; coordenação, Ghisleine Trigo Silveira, Regina Aparecida Resek Santiago; elaboração, equipe curricular de Língua Portuguesa. São Paulo: SE, 2016b. 72 p.

SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. **Currículo do Estado de São Paulo: Linguagens, códigos e suas tecnologias** / Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Alice Vieira. 2ª ed. São Paulo: SE, 2012. 260p.

SÃO PAULO (Estado). SEE-SP/CENP. **Proposta Curricular: Ensino Médio/Ensino Fundamental (5ª série a 8ª série)**. São Paulo, 1981-1997.

SALVATIERRA, Eliany. **Ecossistema cognitivo e comunicativo**. Texto apresentado à disciplina Educomunicação: fundamentos, metodologias e áreas de intervenção. Disponível em: < http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/201.pdf >. Acesso em setembro de 2018.

SETTON, Maria da Graça. **Mídia e Educação**. São Paulo: Contexto, 2011.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico.** 23 edª. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Camila de Alvarenga Assis e. Comunicação, Educação e Cultura: possíveis inter-relações no contexto da sociedade midiatizada. In: CITELLI, Adilson [et al.]. (Organizadores). **Dicionário de Comunicação: escolas, teorias e autores**. São Paulo: Contexto, 2014.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. Um campo de mediações. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 19, p. 12 a 24, 30 dez. 2000. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36934>.Acesso em agosto de 2017.

_____. Gestão comunicativa e educação: caminhos da Educomunicação. **Comunicação & Educação**, n. 23, p. 16-25, 30 abr. 2002. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37012>. Acesso em março de 2017.

_____. Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre Comunicação e Educação. **Comunicação & Educação**, v. 19, n. 2, p. 15-26, 22 set. 2014a.

_____. A educomunicação na América Latina: apontamentos para uma história em construção. In: APARICI, Roberto**. Educomunicação. Para Além do 2.0**. São Paulo: Paulinas, 2014b.

_____. Educomunicação: As múltiplas tradições de um campo emergente de intervenção social na Europa, Estados Unidos e América Latina. In: LIMA, João Cláudio Garcia; MELO, José Marques de (Org.). **Panorama da Comunicação e das Telecomunicações no Brasil - 2012/2013.** Memória - Volume 4. Brasília, 2013.

SOUZA, Rosa Fátima de**. Tempos de Infância, tempos de escola: a ordenação do tempo escolar no ensino público paulista (1892-1933)**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 25, n. 2, p.127-143, jul./dez. 1999.

ZANCHETTA, Juvenal. Por que, afinal, a leitura de jornais na escola? In: SILVA, Ezequiel Theodoro; CARNICEL, Amarildo; ZANCHETTA, Juvenal; CHEIDA, Marcel; CORTELLA, Mario Sergio; SCHMIDT, Saraí. **O jornal na vida do professor e no trabalho docente**. São Paulo: Global; Campinas: ALB – Associação de Leitura do Brasil, 2007.

_____. Educação para a mídia na escola brasileira. In: Alessandra Xavier Nunes Macedo; David Ulisses Brasil Simões Pires; Fernanda Alves dos Anjos. (Org.). **Cadernos de debate da classificação indicativa**. Brasília: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Justiça, 2015, v. 5, p. 84-96. Disponível em: <http://www.justica.gov.br/seus-direitos/classificacao/volume-5v2.pdf>. Acesso em janeiro de 2018.

_____. **Desafios para a abordagem da imprensa na escola.** Educ. Soc. Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1497-1510, Set./Dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n93/27290.pdf>. Acesso em março de 2018.

_____. **Educação para a mídia: propostas europeias e realidade brasileira**. Educ. Soc. Campinas, vol. 30, n. 109, p. 1.103-1.122, set./dez. 2009. Disponível em: <htpp://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em janeiro de 2018

_____. **Como usar a internet na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2017.

Anexos

ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Carta de Apresentação:

A Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), por meio do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, na área de Interfaces Sociais, linha de pesquisa Comunicação e Educação, apresenta a aluna **Suéller Oliveira da Costa**, que realiza pesquisa de mestrado para a área da Educomunicação, e que tem como objeto de estudo a análise de projetos realizados em unidades escolares do Alto Tietê que são desenvolvidos sob essa perspectiva e no âmbito da educação formal.

Pela relevância dos trabalhos realizados nesta unidade, a mestranda optou em fazer a pesquisa de campo nesta escola por acreditar que as ações desenvolvidas, como as produções escolares por meio de diversos dispositivos comunicacionais, podem contribuir para a investigação da pesquisadora em evidenciar no Alto Tietê iniciativas que contemplem os ideais educomunicativos e que ajudem a disseminar esse campo na região.

O estudo compreende no acompanhamento das ações que aliam a comunicação à educação, como as publicações escolares por intermédio de diferentes fontes de informação, a fim de analisar a mediação dos professores, a participação dos alunos e a colaboração da gestão escolar. O objetivo principal é verificar se projetos aplicados sob essa perspectiva colaboram para a formação plena do aluno e auxiliam no desenvolvimento de um cidadão crítico, criativo e transformador da sociedade.

Para a realização desta pesquisa, a mestranda precisará:

a) realizar entrevistas com os gestores da unidade escolar;

b) aplicar questionários com os professores envolvidos nos projetos que envolvem a comunicação e educação;

c) inteirar com os alunos a fim de acompanhar o seu envolvimento nas ações que serão analisadas;

d) acompanhar a realização das atividades a fim de verificar como é o processo para a concretização das produções escolares.

e) realizar visitas periódicas à escola para o acompanhamento e a observação participativa nas ações a serem analisadas.

Agradecemos a acolhida que vier a ser dada com esse pedido de autorização para a pesquisa, considerada importante tanto para o campo científico quanto para o social, devido à relevância dos projetos, que mostram a preocupação com um ensino construtivo e significativo.

Atenciosamente,

Suéller Oliveira da Costa (Pesquisadora)	Adilson Odair Citelli (Orientador)
_____	_____

ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Entrevista Gestores

Gestores Emef Waldemar Costa Filho (Biritiba) - 5º Ano Fundamental I

Mestrado em Ciências da Comunicação
Área: Interfaces Sociais da Comunicação
Linha de pesquisa: Educação e Comunicação

Entrevista
Diretora: Denise Pires de Faria Mazante

Parte I – Perfil

1) Qual o seu nome, idade e formação?
Denise Pires de Faria Mazante, 44 anos, formação em Jornalismo e Pedagogia.

2) Conte-me a sua trajetória na educação. Há quanto tempo está na área e o que a inspirou a segui-la?
Lecionei por dez anos na Educação Infantil. Trabalhei como coordenadora pedagógica de escolas de educação fundamental por dois anos. Sou concursada e efetiva no cargo de diretor de escola de Ensino Fundamental há dez anos. Minha inspiração vem dos meus primeiros professores.

3) Há quanto tempo atua nesta escola e como é a dinâmica da unidade e o seu relacionamento com toda a equipe?
Estou há 12 anos nesta unidade de ensino. Temos um relacionamento profissional baseado na formação pedagógica e na dedicação ao trabalho. Como estou há bastante tempo com a mesma equipe, temos um vínculo de amizade, o que torna mais fácil a nossa comunicação e entrosamento.

Parte II - Relação com a mídia e as novas tecnologias

4) Como é o seu contato com o meio informativo? Interessa-se pelas notícias, procura se manter informada (o), debater os fatos do cotidiano e compartilhá-los com os que estão ao seu redor?
Gosto de estar atualizada e levo os assuntos de interesse aos professores, geralmente, ligados à educação.

5) Quais as principais fontes utilizadas para se manter atualizada sobre o mundo à sua volta?
Assisto aos telejornais e busco informações na internet.

6) Como organiza o tempo em sua escola para que possa realizar os planejamentos mensal e anual e conciliar o ritmo de estudo e de trabalho de cada profissional?

Separo um período do dia para planejar reuniões de formação (HTPC).

7) Como avalia a atualização dos seus professores e funcionários com relação ao universo de informação? Eles têm o hábito de comentar os fatos de maior repercussão ou os que afligem diretamente a região onde residem?
Quando há um fato de destaque na região, costumamos conversar sobre o assunto. Eles (professores e funcionários) buscam informação na TV e na internet.

Parte III - Dinâmica escolar e realização dos projetos

8) Quais são os projetos realizados na escola - tanto os articulados pelos próprios professores quanto os que são determinados pela Secretaria de Educação? Qual é a periodicidade de realização dessas iniciativas? São esporádicas, contínuas, aleatórias?
Temos um projeto de leitura e outro voltado à saúde, que são desenvolvidos durante o ano, com atividades contínuas e planejadas.

9) Dos projetos realizados, quais deles usufruem das linguagens da comunicação e são promovidos com o suporte de recursos midiáticos?
O projeto de leitura trabalha com o jornal, que auxilia em grande parte das ações. Por meio deste suporte, trabalhamos com gêneros, explorando temáticas diversas.

10) Como essas ações são enquadradas no planejamento escolar?
No início do ano, organizamos todas as ações que serão desenvolvidas durante o período letivo.

11) Com relação a projeto que atua na interface da Educação e Comunicação, descreva a sua dinâmica e como ele é elencado com as demais atividades que devem ser realizadas ao longo do ano?
Fazemos atividades esporádicas e outras pontuais, como o jornal escolar. Ele é realizado por meio de entrevistas de campo e conta com a mediação dos professores.

12) Há quanto tempo ele é realizado? Quais turmas atendem? Como é a participação? E quem os organiza?
O projeto de leitura é realizado há dez anos, atende todas as turmas. É organizado pela direção em conjunto com os professores.

13) Quem são os idealizadores dos projetos que atuam em Educação e Comunicação? A ideia partiu do aluno ou do professor? Quais os motivos que os levaram a desenvolver uma produção escolar, seja o jornal, o boletim, o fanzine, o blog e canal do Youtube?
A ideia partiu dos professores para realizarmos um jornal anual com a participação dos alunos.

14) Como é a posição da gestão escolar quanto ao projeto e quais as razões que a levou a apostar na iniciativa?
Sempre tive o projeto de leitura como a "menina dos olhos". Quem lê fica mais inteligente! Este é o nosso slogan.

15) Qual o papel do mediador em todo o projeto e o papel dos alunos envolvidos e dos gestores?
Os professores são os principais mediadores e seguem um roteiro pré-estabelecido no projeto. A coordenação e direção orientam as atividades, e as crianças executam.

16) Você acredita que essas novas fontes de informações dentro do espaço educativo auxiliam na formação de sujeitos autônomos, participativos, atuantes, críticos e cientes do seu poder de transformação da sociedade?
Não há dúvida de que auxiliam, sim, em todos esses aspectos.

17) A dinâmica dos projetos está possibilitando a gestão democrática, o trabalho colaborativo, a parceria, a dialogicidade e a expressão comunicativa e criativa dos estudantes?
Sempre. Procuramos envolver os alunos nas discussões para execução das tarefas e até mesmo a comunidade, que, também, participam de algumas atividades dentro da escola.

18) Os projetos, por meio de seus mediadores, prezam por uma educação pautada na horizontalidade, na transdisciplinaridade, na transversalidade, no diálogo e na parceria entre aluno e professor e na sintonia no ambiente escolar?
O nosso trabalho preza todos esses preceitos, buscamos a sintonia entre toda a equipe para que o nosso trabalho seja, de fato, emancipador.

19) Qual o impacto que as publicações organizadas pelos dispositivos comunicacionais está causando na organização educativa e pedagógica?
Sabemos que não podemos deixar de levar as tecnologias para dentro da sala de aula se quisermos alunos mais dinâmicos e participativos.

20) Qual o objetivo de incentivar a produção autoral e a publicação do que os alunos elaboram em diferentes canais da escola?
Objetivamos explorar as produções autorais, o trabalho em equipe, para que os alunos percebam que seus trabalhos podem contribuir para a informação de outras pessoas.

21) Qual a sua avaliação sobre as produções? Descreva-as. Os textos trazem uma representação da realidade ou uma criação crítica e personalizada com relação à contemporaneidade?
Geralmente, os textos trazem mais a realidade vivida pelo aluno. Talvez pela idade das crianças, elas ainda estejam aprendendo a ter uma visão crítica sobre o mundo em que vivemos.

22) Como as atividades são desenvolvidas e distribuídas entre os participantes? Como ocorre o processo comunicativo dentre do espaço educativo?
Todas as salas participam do jornal anual, cada turma fica com uma editoria, e ela deve trazer uma reportagem especial sobre o assunto, tem de ser uma discussão que esteja sendo vivenciada seja pela escola ou a comunidade. A ideia a integrar a escola e à comunidade. Além desses assuntos, o jornal também traz uma retrospectiva da escola, pois elenca as ações desenvolvidas. Todos participam, até mesmo a secretaria.

23) As produções escolares estão, de fato, promovendo mudanças significativas aos alunos participantes? Especifique algumas delas.
Percebemos que nossos alunos são multiplicadores. O que aprendem na escola levam para casa e suas famílias.

24) Os alunos avaliados estão na última série do ciclo estudado, portanto, têm uma vivência na escola e nos projetos pedagógicos elaborados ao longo destes anos. Houve mudanças significativas com relação ao perfil, posicionamento, comportamento, expressão e participação por parte deles? Poderia nos contar o "antes" e "depois" do envolvimento dessas turmas com iniciativas que exploram as linguagens da comunicação?
As mudanças que percebemos é que os alunos exploram mais os temas atuais, são mais curiosos e participativos.

25) Por meio dessa prática é possível deixar de lado os formatos históricos da educação formal para a inclusão de experiências que de fato atendam ao aluno na sua contemporaneidade?
Acho que podemos mediar, pois a educação formal sempre irá existir, mas não temos como negar que as tecnologias, as informações trazidas pela mídia. Os alunos podem ser excluídos deste novo tempo.

Parte IV - Realização de projetos na interface Comunicação e Educação e os desafios para a implementação

26) Você já ouviu falar sobre a Educomunicação? Como descreveria esse campo de estudos?
Sim. Entendo que é um campo, como o próprio nome indica, que propõe intervenções com o uso das mídias nos ambientes escolares. Utiliza os meios de comunicação para ampliar os conteúdos de informação e educação.

27) Como articular uma produção escolar para alcançar as mídias e explorar as tecnologias?
Não temos como negar que a internet faz parte do cotidiano dos alunos. As informações chegam a eles mesmo sem perceberem. Cabe aos professores canalizar e orientar os estudos e auxiliar nos conteúdos a serem aprendidos na escola.

28) Quais estratégias utilizadas para fazer com que esses dispositivos comunicacionais sejam inseridos na rotina pedagógica de forma que ajudem a complementar o conteúdo, ampliar os conhecimentos e formar agentes comunicadores no espaço educativo?
O professor tem de muita importância nesse processo. Se ele está atualizado e mostra o seu interesse aos alunos, automaticamente, as crianças serão envolvidas e despertadas a conhecer novas estratégias que possibilitam o aprendizado.

29) Como são realizadas as atividades que envolvem as linguagens da comunicação?
O professor, como mediador, precisa buscar a informação e leva-la até o aluno. Tem que saber usar os conteúdos dos livros didáticos, trazendo-os para o cotidiano dos alunos. A mídia está aí para ajuda-los nessa missão.

30) Como incentivar alunos a participar desse ciclo e professores a mediar essas ações?
O professor não pode ficar apenas na "lousa e giz". Precisa apresentar as novas tecnologias e fazer bom uso delas com os alunos.

Agradeço a sua participação!
Mogi das Cruzes, dezembro de 2017.

ECA USP
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Entrevista Gestores

Gestores E.E. Mario Manoel (Ferraz) - 9º Ano e 3 Ano Fundamental I

Entrevista
Diretora: Argentina de Assiz Loures Quintão

Parte I - Perfil

1) Qual o seu nome, idade e formação?
Argentina de Assiz Loures Quintão, 66 anos. Formada em Pedagogia e pós-graduação em Gestão Escolar.

2) Conte-me a sua trajetória na educação. Há quanto tempo está na área e o que a inspirou a segui-la?
Em 2017, completei 35 anos de magistério, e 25 anos de direção. Passei por Mogi das Cruzes e Ferraz de Vasconcelos. Atuei nos anos iniciais. Ao passar a trabalhar como diretora, comecei a atuar com os jovens, e conheci uma outra clientela, que tem objetivos e comportamentos diferentes. As crianças são mais dedicadas aos estudos e aos professores. Os jovens também são, mas eles precisam de uma atenção especial, e trabalhar com essa faixa etária exige um dom, porque a convivência é diferente. A educação, no geral, me inspira. Apesar das dificuldades, esta é a área que eu escolhi e gosto de exercer.

3) Há quanto tempo atua nesta escola e como é a dinâmica da unidade e o seu relacionamento com toda a equipe?
Estou há dois anos nesta escola. O relacionamento é bom, mas é claro que o professor a vê como superior, então, às vezes, essa superioridade atrapalha um pouco.

Parte II - Relação com a mídia e as novas tecnologias

4) Como é o seu contato com o meio informativo? Interessa-se pelas notícias, procura se manter informada (o), debater os fatos do cotidiano e compartilhá-los com os que estão ao seu redor?
Eu me interesso bastante, procuro acessar a internet, assistir à televisão, precisamos nos inteirar. Gosto de acompanhar o jornal nacional, e, aos domingos, o Fantástico.

5) Quais as principais fontes utilizadas para se manter atualizada sobre o mundo à sua volta?
A internet e a televisão. Dos impressos não muito, geralmente, a Folha de São Paulo.

6) Como organiza o tempo em sua escola para que possa realizar os planejamentos mensal e anual e conciliar o ritmo de estudo e de trabalho de cada profissional?
Todos os planejamentos da escola são apresentados no início do ano, e, ao longo dos meses, vai ganhando corpo; e, quando preciso, acrescentamos algo. Para que os projetos sejam um sucesso é preciso ter começo, meio e fim. Tudo é discutido com o grupo, tem de ser uma ação em equipe. A participação dos pais também é importante, para que as ações sejam prósperas. Também gosto de buscar parcerias, pois são importantes. Um dos projetos de sucesso que realizamos foi o "40 anos de Mario Manoel", em homenagem ao nosso patrono. Lançamos no planejamento, e, em seguida, montamos uma comissão, formada por professores e alunos, para acompanhar de perto todas as etapas. Coube à comissão distribuir as responsabilidades, e foi positivo.

7) Como avalia a atualização dos seus professores e funcionários com relação ao universo de informação? Eles têm o hábito de comentar os fatos de maior repercussão ou os que afligem diretamente a região onde residem?
Os professores conversam sobre tudo, falam do que está acontecendo no Brasil, na região e na cidade. Procuram se envolver com as notícias, se manter atualizados. Vejo que eles têm esta preocupação, e nas reuniões sempre surgem comentários sobre o momento atual.

Parte III - Dinâmica escolar e realização dos projetos

8) Quais são os projetos realizados na escola - tanto os articulados pelos próprios professores quanto os que são determinados pela Secretaria de Educação? Qual é a periodicidade de realização dessas iniciativas? São esporádicas, contínuas, aleatórias?
Há projetos da pasta, como a Sala de Leitura, que é da rede de ensino. Na área de exatas, há iniciativas voltadas à criação de jogos e as Olimpíadas de Matemática, da qual a nossa escola sempre participa. Temos também o projeto Vivendo a USP, organizado pela professora Katia Varela, que leva alunos à universidade paulista para participar de oficinas e palestras que orientam nas pesquisas de Física e Química.
Há o "Plante uma Árvore, Mude uma Vida", que reúne uma equipe que atua com o professor Fernando. No Dia da Árvore, plantamos umas 30 árvores, e sempre fazemos o replantio. Plantamos mudas frutíferas, como manga, jambo, jabuticaba, e incentivamos os cuidados com a horta, que, inclusive, colabora com a alimentação da nossa merenda. Esta atividade faz parte de uma outra ação, o projeto "Horta", que envolve vários alunos, que são responsáveis pelo plantio e colheita. O educador responsável já conseguiu, inclusive, parceiros fora da escola, como algumas instituições, que ajudam com a doação de mudas.
Há ainda o grêmio escolar, que tem a sua rotina de trabalho e auxilia em atividades da escola e na criação de projetos. A equipe se divide, e os integrantes vêm à escola em horários alternativos. Eles ajudam bastante nos eventos da escola, como na organização do campeonato Interclasse, comandado pelo professor de Educação Física.

9) Dos projetos realizados, quais deles usufruem das linguagens da comunicação e são promovidos com o suporte de recursos midiáticos?

Temos os projetos de jornal, rádio e tevê escolar. O Ler, a Rádio REC e a TV Mario Manoel. Eles são coordenados pelo professor Sergio Arlow.

10) Como essas ações são enquadradas no planejamento escolar?
No início do ano, por meio de reuniões com todos os educadores, ressaltamos a importância das atividades e incentivamos todos os professores a participarem. As atividades são realizadas paralelamente às aulas, alguns educadores aderem associando o seu conteúdo com a realização de alguma produção no laboratório, mas ainda são poucos. A maioria das ações são organizadas pelo professor Sergio, e os demais profissionais apoiam com participações especiais e autorizando o envolvimento das suas turmas. Algumas tarefas ocorrem nos horários do contraturno.

11) Com relação a projeto que atua na interface da Educação e Comunicação, descreva a sua dinâmica e como ele é elencado com as demais atividades que devem ser realizadas ao longo do ano?
O professor Sergio Arlow motiva os alunos a serem protagonistas. Os jovens participam da organização dos eventos e ajudam a registar todas as ações. Para a festa em homenagem ao patrono da escola, um grupo de estudantes produziu uma série de entrevistas com ex-alunos, ex-professores, funcionários, pais e moradores contando o seu envolvimento com a unidade de ensino, que já tem 40 anos de história. Esse trabalho resultou num documentário, os alunos que criaram as perguntas, filmaram, fotografaram e escreveram. Os professores apenas ajudam a editar o material. As atividades ocorrem em paralelo às aulas, e, quando preciso, o aluno que estuda de manhã vem à tarde ou da tarde vem pela manhã para praticar as atividades.

12) Há quanto tempo ele é realizado? Quais turmas atendem? Como é a participação? E quem os organiza?
É aberto a todos, mas como disse não é uma atividade obrigatória. Todas as ações passam pelo mediador, que é o professor Sergio Arlow.

13) Quem são os idealizadores dos projetos que atuam em Educação e Comunicação? A ideia partiu do aluno ou do professor? Quais os motivos que os levaram a desenvolver uma produção escolar, seja o jornal, o boletim, o fanzine, o blog e canal do Youtube?
Toda a proposta surgiu na Sala de Leitura, e foi uma ideia do coordenador do espaço, o professor Sergio Arlow. Este é um lugar onde se pode criar várias propostas de incentivo à leitura e escrita. Primeiro veio o jornal, depois a rádio, e, por último, a tevê. Os alunos gostam, e este é um trabalho que ajuda no seu desenvolvimento e aprendizado.

14) Como é a posição da gestão escolar quanto ao projeto e quais as razões que a levou a apostar na iniciativa?
Acho essencial trabalhar com projetos, porque conseguimos envolver grupos grandes. Dependendo do tema, os aprendizados são preciosos, vão além do conteúdo do caderno do aluno e professor. No caso da comunicação, envolvemos muitas disciplinas, temos a participação do professor de Química, Artes, Língua Portuguesa, História, além dos gestores. Além dos canais, temos a nossa rede social e nosso blog, que já possui mais de 10 mil visualizações.

15) Qual o papel do mediador em todo o projeto e o papel dos alunos envolvidos e dos gestores?

O trabalho é árduo, porque precisamos superar os desafios. Temos de acreditar que vai dar certo, eu sempre apoio todas as ideias. Quando surgiu a proposta de homenagear os 40 anos do patrono, apostei. Foi trabalhoso, mas valeu a pena. Cada iniciativa exige dedicação e esperança. O trabalho do educador é intenso o ano inteiro, e o que nos move é o desejo de concretizar algo que será bom não só para a escola, mas, principalmente, para os alunos. A participação de todos é importante, mas sabemos que temos de enfrentar muitas coisas difíceis. Vejo a motivação como o carro-chefe de projetos inovadores.

16) Você acredita que essas novas fontes de informações dentro do espaço educativo auxiliam na formação de sujeitos autônomos, participativos, atuantes, críticos e cientes do seu poder de transformação da sociedade?
Sim! Inclusive, um ex-aluno do grêmio ainda nos ajuda nos eventos da escola. Ao ajudar na rádio escolar, ele se viu como DJ, pois gostou de operar as caixas. Hoje, ele atua nesta área e já até arrumou um emprego. Há outro ex-aluno que hoje trabalha com fotos e filmagens, algo que ele fazia na nossa escola. São exemplos que estas ações semeiam aprendizados diversos. São projetos reveladores e transformadores. Muitos alunos mudaram o comportamento, melhoraram o rendimento nos estudos, passaram a se preocupar mais com a proteção da sua escola.

17) A dinâmica dos projetos está possibilitando a gestão democrática, o trabalho colaborativo, a parceria, a dialogicidade e a expressão comunicativa e criativa dos estudantes?
Sim, com certeza. O diálogo é essencial, sempre vou às salas de aula para verificar como estão as coisas, converso bastante com meus professores, alunos e funcionários. Tento, na medida do possível, ouvir a todos para juntos construirmos um espaço de aprendizagem cada vez melhor.

18) Os projetos, por meio de seus mediadores, prezam por uma educação pautada na horizontalidade, na transdisciplinaridade, na transversalidade, no diálogo e na parceria entre aluno e professor e na sintonia no ambiente escolar?
Esta é a missão de cada projeto a ser criado, tanto os esporádicos quanto os que já fazem parte da rotina escolar. São trabalhos que contribuem para a formação cidadã dos alunos, com aprendizados para a vida, ou seja, que vão além da escola.

19) Qual o impacto que as diferentes publicações organizadas por distintos dispositivos comunicacionais está causando na organização educativa e pedagógica?
A cada finalização de um trabalho, vejo que a sensação de missão cumprida é para todos, e trata-se de algo indescritível.

20) Qual o objetivo de incentivar a produção autoral e a publicação do que os alunos elaboram em diferentes canais da escola?
A autoria é um estímulo à produção, seja escrita, oral ou audiovisual; e compartilhamento é uma forma de reconhecer o trabalho dos alunos, promover sua autoestima e autoconfiança, e mostrar que o que fazem é importante não só para ele quanto para o todo.

21) Qual a sua avaliação sobre as produções? Descreva-as. Os textos trazem uma representação da realidade ou uma criação crítica e personalizada com relação à contemporaneidade?
As publicações retratam os problemas da escola e do bairro, principalmente. Às vezes, ressaltam algo da cidade ou algum assunto nacional, que está em repercussão. Eles são

antenados, e os comentários são bem abrangentes. Da sua realidade, saem os temas a serem produzidos.

22) Os alunos avaliados estão na última série do ciclo estudado, portanto, têm uma vivência na escola e nos projetos pedagógicos elaborados ao longo destes anos. Houve mudanças significativas com relação ao perfil, posicionamento, comportamento, expressão e participação por parte deles? Poderia nos contar o "antes" e "depois" do envolvimento dessas turmas com iniciativas que exploram as linguagens da comunicação?
Como principais mudanças, eu destaco o comportamento. Eles passaram a gostar mais da escola, a ter mais respeito pelo professor, a valorizar o estudo, a se preocupar com a sua formação e o seu futuro. Quando começaram a trabalhar nos projetos, passaram a ver a escola de uma outra maneira. São ações que visam à aproximação dos alunos, muitos, depois de formados, voltam à unidade de ensino para nos visitar e agradecer. Isto mostra que deixamos a nossa marca como educadores, e a escola a sua marca como um espaço significativo na vida desses jovens.

23) Por meio dessa prática é possível deixar de lado os formatos históricos da educação formal para a inclusão de experiências que de fato atendam ao aluno na sua contemporaneidade?
Não há dúvidas de que são propostas focadas no aluno atual. A gente vai percebendo a sua importância quando vemos a revelação de grandes talentos. Temos um aluno que já escreveu três livros; um outro que passou a trabalhar na área da comunicação. Há muitos e muitos exemplos, por isso apoio, invisto, incentivo e ajudo em projetos, vejo como essenciais para complementar as ações pedagógicas.

Parte IV - Realização de projetos na interface Comunicação e Educação e os desafios para a implementação

24) Você já ouviu falar sobre a Educomunicação? Como descreveria esse campo de estudos?
Este termo, especificamente, não me lembro de ouvir. Mas acredito que faz referência à importância de educar o aluno a se comunicar, a se expressar, a ter contato com as mídias, a se relacionar com a tecnologia. Saber discernir sobre o que é certo ou errado.

25) Como articular uma produção escolar para alcançar as mídias e explorar as tecnologias?
Precisamos nos atualizar e tentar atuar de acordo com o aluno de hoje. Desta forma, é essencial usar as mídias, para estudar as informações e sua devida interpretação; e explorar o potencial das tecnologias, que podem favorecer, e muito, o aprendizado dos alunos. Foi usando a tecnologia que começamos a incrementar os nossos projetos.

26) Quais estratégias utilizadas para fazer com que esses dispositivos comunicacionais sejam inseridos na rotina pedagógica de forma que ajudem a complementar o conteúdo, ampliar os conhecimentos e formar agentes comunicadores no espaço educativo?
Vejo os dispositivos como auxiliares numa aula, num trabalho, numa atividade especial. Professores e alunos têm de explorar esses meios para ampliar os seus conhecimentos. Eles estão aí para ajudar na nossa prática pedagógica, por isso cabe a nós aprender e usá-los a nosso favor.

27) Como incentivar alunos a participar desse ciclo e professores a mediar essas ações?
É um desafio, as propostas precisam agregar áreas que sejam do interesse do aluno. Cada um tem familiaridade com um segmento, por isso as ações têm de ser diversificadas. Com relação aos professores, eles precisam ser motivados, para criarem e colocaram algo em ação. Como falei, a motivação é o carro-chefe. Se não houver este estímulo, principalmente da gestão, mas também de toda a equipe, muitos nem ousam inovar, sempre ficarão com mesma metodologia de ensino.

Agradeço a sua participação!
Mogi das Cruzes, dezembro de 2017.

ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Entrevista Mediadores

E.E. Mario Manoel Dantas de Aquino

Entrevista
Mediador dos projetos da E.E. Mario Manoel Dantas de Aquino
Professor: Sergio Arlow

1) Há quanto tempo é desenvolvido o jornal LER? Qual a sua periodicidade? Envolve todas as turmas? Como ele é organizado e produzido e quem é responsável pela sua finalização e distribuição?
O jornal LER foi criado em 2010, em conjunto com os alunos dos terceiros anos do Ensino Médio, e envolve a escola inteira com o objetivo de promover o protagonismo juvenil. Ele é elaborado pelos alunos protagonistas e diagramado na própria escola com a ajuda de uma professora. Também contamos com a parceria de um comerciante (pai de uma aluna), que imprime nossos exemplares, que são distribuídos na escola, na comunidade e em órgãos centrais da educação. Ao todo, são mil cópias, com edições que eram mensais, e, agora, são esporádicas. Também compartilhamos a versão digital em nosso blog, redes sociais e por e-mails, que são supervisionados por mim e pela professora Katia Varela Roa.

2) Há quanto tempo é desenvolvida a Rádio REC Mario Manoel? Envolve todas as turmas? Como é a dinâmica das produções e distribuição das atividades entre os alunos e professores? Há um educador mediador das atividades?
O Projeto REC (Rádio Escola Cidadã) foi desenvolvido em 2013. A rádio é transmitida diretamente da Sala de Leitura, e as atividades, como as seleções de músicas e entrevistas, são realizadas por alunos de várias turmas.

3) Há quanto tempo é desenvolvida a web tevê Mario Manoel? Qual a sua periodicidade? Envolve todas as turmas? Como é a dinâmica das produções e

distribuição das atividades entre os alunos e professores? Há um educador mediador das atividades?

A TVEMM é protagonizada por diversos alunos e de várias turmas. Foi criada em 2014, e eu sou o idealizador. Acompanho as gravações na escola, e, às vezes, fazemos trabalhos externas, como o registro do projeto Vivendo a USP, visitas a orfanatos, participação em eventos nos órgãos centrais. Os alunos gravam e editam comigo e a professora Katia. Os programas vão ao ar em nosso canal do Youtube.

4) Fazendo uma avaliação destes três projetos articulados na escola e que inter-relacionam a Comunicação e Educação, você poderia me passar um panorama de como eram os alunos antes e depois da participação nessas iniciativas? Quais benefícios você elencaria entre os jovens que se envolvem nas produções escolares?

Antes dos projetos, eu sentia os alunos desestimulados e apáticos; com a sua participação, resgatamos vidas. Atualmente, muitos deles exercem a cidadania em sua plenitude, trabalhando e estudando em diversos meios de comunicação no mundo afora. São eternamente agradecidos e temos como exemplo um aluno que se tornou escritor e já publicou quatro livros. Ele, inclusive, expôs o seu trabalho na Bienal do Livro de São Paulo e Rio de Janeiro. Também temos uma aluna que trabalha no jornalismo da Rede TV, em São Paulo.

5) Podemos dizer que estas práticas são transformadoras? Se sim, em que sentido?

Sim, estas práticas transformam vidas de jovens que não tinham noção de suas habilidades e competências. Depois de participarem dos projetos, eles se sentiram realizados como alunos e também como profissionais, exercendo a sua cidadania em sua plenitude. Muitos já são bem-sucedidos no mercado de trabalho. É a Educação viva e moderna, utilizando a tecnologia em prol do aprendizado. Hoje, eu falo com muito orgulho que o nosso blog chega a mais de 100 países pela internet. Estamos registrando o acesso de 10 mil pessoas, dados fornecidos pelo Google. No blog, são postados todos os jornais e programas da TV Escolar. A missão foi bem realizada. É uma pena que o Governo do Estado de São Paulo não nos dá o apoio necessário para implementar e manter projetos nesta área. É lamentável. É um trabalho árduo de ser mantido, mas, enquanto houver disposição, viabilidade e participações, estamos comprometidos com os nossos alunos.

6) Você apoia o desenvolvimento de projetos que aliam as linguagens da comunicação e os recursos oferecidos pelos diferentes dispositivos comunicacionais no ambiente escolar (como os jornais, blogs, web tevês, redes sociais educativas). Acredita que o incentivo à produção autoral por meio desses meios auxilia o ensino interdisciplinar e incentiva o aprendizado significativo?

Vejo os projetos como uma forma de estimular uma aprendizagem democrática por meio de recursos tecnológicos que estão ao alcance dos alunos. São ações que estimulam o protagonismo juvenil, e este é o caminho para uma educação emancipadora. Os alunos se tornam mais participativos, comunicativos, cidadãos e cientes do seu poder de transformar a sua escola, a sua comunidade e por que não a sua cidade?

7) Em sua opinião, quais as maiores dificuldades para construir um projeto educativo com o apoio dos meios de comunicação e das tecnologias que redimensione as estratégias pedagógicas entre os professores e alunos e ajude a tornar o ambiente escolar mais conectado com as exigências contemporâneas?

A parceria de todos os professores é fundamental, alguns veem a nossa participação como uma forma de querer se sobressair no grupo. Na verdade, estamos focados exclusivamente em nossos alunos. É uma pena, mas há educadores, por exemplo, que prejudicam as notas dos estudantes que se mostram mais participativos, sendo que são jovens inteligentes e que administram bem as suas responsabilidades. A luta é diária.

Agradeço a sua participação!
Mogi das Cruzes, dezembro de 2017.

ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Entrevista Mediadores

E.E. Mario Manoel Dantas de Aquino

Entrevista
Mediador dos projetos da E.E. Mario Manoel Dantas de Aquino
Professor: Katia Varela Roa

1) Você apoia o desenvolvimento de projetos que aliam as linguagens da comunicação e os recursos oferecidos pelos diferentes dispositivos comunicacionais no ambiente escolar (como os jornais, blogs, web tevês, redes sociais educativas). Acredita que o incentivo à produção autoral por meio desses meios auxilia o ensino interdisciplinar e incentiva o aprendizado significativo?
Estamos diante de um aluno que nunca sentiu o cheiro de um mimeógrafo e que não teve contato com a máquina de escrever. Trabalhamos com uma geração que nasceram ao meio da tecnologia. Por isso, ao longo das aulas, é necessário inserir recursos digitais, mas preciso saber como usá-los. É preciso pensar para criar aulas motivantes. Sou fã de vídeos, de experimentos, de atividades on-line, de explorar novas ferramentas.

2) Fazendo uma avaliação dos projetos articulados na escola e que inter-relacionam a Comunicação e Educação, você poderia me passar um panorama de como eram os alunos antes e depois da participação nessas iniciativas? Quais benefícios você elencaria entre os jovens que se envolvem nas produções escolares?
Sinto os alunos mais envolvidos e motivados. Há um maior envolvimento, participação, relacionamento e dedicação à escola e às responsabilidades.

3) Podemos dizer que estas práticas são transformadoras? Se sim, em que sentido?
Acredito que são transformadoras, porque as mudanças são significativas. São propostas valorizam o saber fazer e o saber ser do estudante.

4) Em sua opinião, quais as maiores dificuldades para construir um projeto educativo com o apoio dos meios de comunicação e das tecnologias que redimensione as estratégias pedagógicas entre os professores e alunos e ajude a tornar o ambiente escolar mais conectado com as exigências contemporâneas?

A maior dificuldade em manter os projetos é contar com o apoio do colega de trabalho. Infelizmente, muitos professores ainda atuam com metodologias do século passado. Incentivá-los a participar do que propomos é complicado. Sinto falta, também, de formação de professores, para que eles sejam orientados a adotarem novas práticas.

Agradeço a sua participação!
Mogi das Cruzes, dezembro de 2017.

ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Questionário Professores

Grupo I – Professores 5º Ano Fundamental I (Biritiba Mirim) / Grupo 2 – Professores Fundamental I e Médio (Ferraz de Vasconcelos)

Mestrado em Ciências da Comunicação
Área: Interfaces Sociais da Comunicação
Linha de pesquisa: Educação e Comunicação

Questionário aos professores
Grupo de Estudo I - 5º Ano – Fundamental I
Grupo de Estudo II - 9º Ano – Fundamental II
Grupo de Estudo III - 3º Ano – Ensino Médio

Escolas: Emef Waldemar Costa Filho (Biritiba Mirim)
E.E Mario Manoel Dantas de Aquino (Ferraz de Vasconcelos)

Professor:_____
Série: _____ **E-mail:** _____

Parte I – Perfil
(Conhecer o professor, sua formação e rotina profissional)

1. Qual a sua idade?
De 21 a 30 anos ( )
De 31 a 40 anos ( )
De 41 a 50 anos ( )
Acima de 50 anos ( )

2. Indique o seu grau de instrução.
( ) Superior completo ( ) Especialização incompleta
( ) Especialização completa ( ) Mestrado ( ) Doutorado

3. Em qual ciclo de ensino você leciona?
( ) Fundamental I

( ) Fundamental II
( ) Ensino Médio

4. Qual disciplina leciona?
( ) Polivalente - Educador Ensino Fundamental I
( ) Língua Portuguesa ( ) Matemática
( ) História ( ) Geografia
( ) Ciências ( ) Inglês
( ) Espanhol ( ) Artes
( ) Educação Física ( ) Filosofia
( ) Sociologia ( ) Biologia
( ) Química ( ) Física
Outra: _____

5. Especifique a sua formação (descrição)?
_____

6. Há quanto tempo leciona?
_____

7. Há quanto tempo está nesta escola?
_____

8. Qual é a sua carga horária diária de trabalho?
( ) 4 a 6 horas
( ) 8 horas
( ) acima de 8 horas

9. Você atua em meio período ou em tempo integral?
( ) Meio período (Manhã ou Tarde)
( ) Integral (Manhã e Tarde)
( ) Manhã, Tarde e Noite

10. Se você optou pelo período integral, você dobra na mesma escola ou em uma unidade diferente?
( ) Na mesma escola
( ) Em escolas diferentes, mas na mesma cidade
( ) Em escolas diferentes, e em cidades diferentes

11. No caso de dobrar/triplicar períodos em escolas diferentes, quanto tempo leva para o deslocamento de uma unidade a outra?
( ) Até 30 minutos
( ) 1 hora (média)
( ) Acima de 1 hora (média)

12. Além da sua carga horária fixa, quanto tempo a mais você gasta para fazer atividades extras, como projetos e atividades especiais?
( ) 1 a 2 horas por dia
( ) 3 a 4 horas por dia
( ) Acima de 4 horas

( ) _____ por semana (escolha esta opção, caso tenha uma média da carga horária semanal)

13. Quantas horas você se dedica à sua atualização profissional (leituras, cursos, especializações, estudos)?
( ) 1 a 2 horas
( ) 4 a 8 horas por semana
( ) mais de 8 horas por semana

Parte II – Relação com a mídia e as novas tecnologias
(Investigar os meios de comunicação e suas linguagens no cotidiano dos professores)

1. Você faz uso das novas tecnologias para o desenvolvimento e aplicação das suas aulas?
( ) Sim ( ) Não

2. Se sim, especifique, brevemente, de que forma as tecnologias têm auxiliado na sua prática pedagógica.
_____

3. Você faz uso dos meios de comunicação para o desenvolvimento e aplicação das suas aulas. E, ainda, para a sua atualização profissional?
( ) Sim ( ) Não

4. Se sim, especifique, brevemente, de que forma os meios de comunicação têm auxiliado na sua prática pedagógica.
_____

5. Em suas aulas, quais dos suportes a seguir são mais utilizados? (Assinale quantas respostas forem necessárias):

( ) Livros ( ) Jornais ( ) Revistas ( ) Internet
( ) TV ( ) Vídeo ( ) Gravador
Máquina fotográfica ( ) Rádio ( ) Câmara de vídeo ( ) TV Digital ( )
Laboratório de informática ( ) Data Show ( )
Outros ( ) Especifique:_____.

6. Qual o meio de comunicação que você mais utiliza no seu cotidiano (assinalar em ordem de preferência, de 1 a 5)?
( ) internet ( ) TV ( ) rádio
( ) jornal ( ) revista

7. Assinale quais dos itens a seguir você possui. (Assinale quantos precisar)
( ) Celular
( ) Notebook
( ) Tablet
( ) Computador (desktop)
( ) TV convencional

( ) TV por assinatura

8. Como avalia o seu grau de informação sobre os assuntos do momento?
( ) Totalmente insatisfeito
( ) Insatisfeito
( ) Nem satisfeito, nem insatisfeito (neutro)
( ) Satisfeito
( ) Totalmente satisfeito

9. Quantas horas do dia você se dedica à atualização das informações do cotidiano?
( ) De 15 a 30 minutos ( ) 1 hora
( ) 2 horas ( ) 3 horas ou mais

10. Você tem acesso às redes sociais? Se sim, qual a periodicidade de acesso às suas redes?
( ) Mais de uma vez por dia ( ) Uma vez por dia
( ) Uma vez por semana ( ) Uma vez por mês
( ) Não tenho rede social

11. Quantas vezes você acessa sua conta de e-mail?
( ) Mais de uma vez por dia
( ) Uma vez por dia
( ) Uma vez por semana
( ) Uma vez por mês
( ) Não tenho e-mail

12. Você assiste à televisão?
Sim ( ) Não ( )

13. Em qual período?
Noite ( ) Tarde ( ) Manhã ( )

14. Quantas horas semanais (em média) assiste à televisão?
Menos de 5 horas ( )
De 5 a 10 horas ( )
De 11 a 15 horas ( )
De 16 a 20 horas ( )
Mais que 20 horas ( )

15. Qual o tipo de programação (gênero) que você acompanha por ordem de preferência (aqueles que você não gosta ou não assiste pode deixar de ser assinalado):
Telejornais ( ) Especifique alguns: _____
Documentários ( ) Especifique alguns: _____
Telenovelas ( ) Especifique alguns: _____
Programas de entretenimento ( )
Especifique alguns: _____

Programas temáticos ( )
Especifique alguns: _____

Filmes ( ) Especifique alguns: _____

Séries ( ) Especifique algumas_____

Vídeos do Youtube ( )
Especifique as categorias dos canais que assiste:_____
Você, por acaso, tem um canal no Youtube?
Sim ( ) Não ( )
Se possui um canal, qual categoria ele atende? Quais assuntos você divulga em seu canal?
_____

16. Você ouve rádio?
Sim ( ) Não ( )

17. Com qual periodicidade?
( ) Diariamente
( ) Esporadicamente
( ) Raramente
( ) Não ouve rádio

18. Qual o período que ouve com mais frequência?
( ) Manhã
( ) Tarde
( ) Noite
( ) Não ouve rádio

19. Que tipo de programa você costuma ouvir?
Jornalístico ( ) Entretenimento ( )
Musical ( ) Esportes ( )
Religioso ( ) Humor ( )

20. Você lê jornais?
Sim ( ) Não ( )

21. Qual frequência?
Diariamente ( )
Semanalmente ( )
Eventualmente ( )

22. Qual jornal você lê? Indique os de sua preferência?
_____

23. Você lê revistas?
Sim ( ) Não ( )

24. Quais revistas você lê? Indique as de sua preferência?
_____

25. Ao acessar a internet, quais tipos de site (gêneros) são os mais acessados e acompanhados em suas pesquisas? Numere por ordem de preferência (aqueles que você não gosta ou não assiste pode deixar de ser assinalado):

Informativos ( ) Especifique alguns: _____
Educativos ( ) Especifique alguns: _____
Entretenimento ( ) Especifique alguns: _____
Blogs ( ) Especifique alguns: _____
Temáticos ( ) Especifique alguns: _____
Músicas ( )
Vídeos Youtube ( ) Filmes ( ) Séries ( )

Parte III – As linguagens da comunicação no espaço escolar (Diagnosticar hábitos, interesses e expectativas diante dos meios de comunicação e as tecnologias)

1. A escola onde você trabalha possui equipamentos audiovisuais?
Sim ( ) Não ( )

2. Quais equipamentos tem em sua escola?
TV ( ) Vídeo ( )
Gravador ( ) Máquina fotográfica ( )
Rádio ( ) Câmara de vídeo ( )
Laboratório de informática ( )
Data Show ( )
Outros ( )
Especifique, caso necessário_____.

3. A escola onde você trabalha possui:
( ) Computador sem internet ( ) Sala de informática com internet
( ) Nem computador/ nem internet.

4. Você utiliza notícias, reportagens, séries especiais, vídeos, musicais, novelas, portais, programas televisivos, dentre outros programas e mensagens veiculadas pelos meios de comunicação e as tecnologias para ministrar as suas aulas?
Sim ( ) Não ( )

5. Em caso positivo, com que frequência?
( ) Em todas as aulas ( ) Eventualmente
( ) Quando a temática exige

6. Assinale os meios de comunicação que você utiliza para complementar a explanação do conteúdo das suas aulas:
( ) Jornal ( ) Revista ( ) Internet – Sites, blogs, portais
( ) Televisão ( ) Rádio
Outros:_____

7. Assinale os meios de comunicação que continuam a despertar o interesse dos alunos em suas aulas:
( ) Jornal ( ) Revista ( ) Internet – Sites, blogs, portais
( ) Televisão ( ) Rádio
Outros:_____

8. Os gêneros da comunicação são importantes para o trabalho em sala de aula

com vistas a atender o aluno do século XXI?
( ) Sim ( ) Não, necessariamente
( ) Depende da aula/turma ( ) Sem dúvidas

9. A escola deve interagir com as diferentes linguagens da comunicação?
Sim ( ) Não ( )

10. Na sua opinião, a escola deve inserir em sua rotina pedagógica as linguagens dos meios de comunicação?
Sim ( ) Não ( )

11. Você sente a necessidade de receber apoio de materiais ou cursos para trabalhar com as linguagens dos meios da comunicação?
Sim ( ) Não ( ) Não tenho interesse ( )

12. A sua escola possui computadores para serem utilizados com finalidades didáticas?
Sim ( ) Não ( )

13. Quantos computadores?
Até 5 ( )
De 6 a 10 ( )
De 11 a 20 ( )
De 21 a 30 ( )
Mais de 30 ( )

14. Dos programas abaixo, assinale quais estão sendo usados pelos alunos?
Editor de textos ( )
Editor de vídeos ( )
Editor de imagens ( )
Programas pedagógicos ( )
Jogos eletrônicos ( )
Desconheço ( )
Outros (especifique): _____

15. Você incentiva a produção autoral dos alunos por meio desses dispositivos comunicacionais?
( ) Sim ( ) Não

16. Quais produções autorais são incentivadas por meio dos projetos e atividades especiais realizadas em sua escola?
( ) Jornal mural ( ) Fanzines ( ) Poesias/ Contos /Crônicas
( ) Redação ( ) História em quadrinhos
( ) Artes (Teatro/Dança/Música)
( ) Boletim informativo/Jornal Escolar ( ) TV Educativa
( ) Rádio Educativa
Outros: _____
Especifique, caso necessário_____

17. Quais tipos de produções desencadeadas pelos diferentes dispositivos

comunicacionais vêm despertando maior atenção dos alunos?
( ) Jornal escolar ( ) Jornal mural ( ) Rádio escolar
( ) Web Tevê ( ) Canais no Youtube ( ) Redes sociais
Outros ( )
Especifique, caso necessário_____

18. Você acredita que os projetos que aliam a comunicação à educação e incentivam a produção midiática escolar auxiliam na construção do ensino construtivo, significativo e transformador?
( ) Sim ( ) Não

19. Quais das características abaixo você observa nos alunos que passam a participar de projetos e atividades que envolvem as linguagens da comunicação?

Autonomia ( ) Confiança ( ) Criatividade ( ) Participação ( ) Criticidade ( ) Responsabilidade ( ) Disciplina / Mais comportado ( ) Atenção ( ) Interesse ( ) Protagonismo ( ) Expressividade ( ) Maior rendimento nos estudos ( ) Preocupação com a escola ( ) Relação de pertencimento à escola ( )
Outros ( )
Especifique:
_____

Parte IV – Envolvimento nos projetos e os desafios para a implementação (Observar o interesse e envolvimento dos professores em ações que exploram as linguagens e os recursos midiáticos; como eles avaliam a importância dessas iniciativas para o aprendizado dos alunos; e as dificuldades de implementar e manter práticas interdisciplinares na interface Comunicação e Educação)

1. Você já ouviu sobre o termo Educomunicação? Na sua opinião, o que significa?
_____

2. Você apoia o desenvolvimento de projetos que aliam as linguagens da comunicação e os recursos oferecidos pelos diferentes dispositivos comunicacionais no ambiente escolar (como os jornais, blogs, web tevês, redes sociais educativas)? Acredita que o incentivo à produção autoral por meio desses meios auxilia o ensino interdisciplinar e incentiva o aprendizado significativo?
_____

3. Em sua opinião, quais as maiores dificuldades para construir um projeto educativo com o apoio dos meios de comunicação e das tecnologias que redimensione as estratégias pedagógicas entre os professores e alunos e ajude a tornar o ambiente escolar mais conectado com as exigências contemporâneas?
_____

4. Como avalia os alunos que participam de projetos que instigam a produção autoral. Pode-se se dizer que eles ajudam a oferecer mudanças significativas com

relação a comportamentos, atitudes, engajamento, pertencimento à unidade escolar e valorização do ambiente onde estuda?

_____

5. Estes projetos instigam a participação e a interação na unidade de ensino? Quais contribuições aos alunos e à comunidade escolar você elencaria com relação a essas iniciativas?

_____

6. Como vê os seus alunos antes, durante e após a participação nas atividades que envolveram e envolvem as linguagens da comunicação?

_____

Aos professores da E. E. Mario Manoel Dantas:
Qual foi a sua participação nos projetos comunicativos TV Mario Manoel, Jornal Ler e Rádio REC? Desenvolveu alguma atividade especial por meio dessas iniciativas? Se sim, compartilhe uma experiência e nos conte como vê a importância dessas propostas para a formação plena dos alunos de sua unidade escolar?

_____

Aos professores da Emef Waldemar Costa Filho:

Como foi a sua participação no jornal escolar? Compartilhe a sua experiência e nos conte como vê a importância desta atividade para a formação dos alunos da sua unidade.

_____

Agradeço a sua participação!
Mogi das Cruzes, dezembro de 2017.

ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Questionário Alunos

Ensino Fundamental I (Biritiba Mirim)/ Ensino Fundamental II e Médio (Ferraz de Vasconcelos)

Mestrado em Ciências da Comunicação
Área: Interfaces Sociais da Comunicação
Linha de pesquisa: Educação e Comunicação

Questionário aos estudantes
Ensinos Fundamental I, II e Médio
Parte I - Perfil

Nome completo: _____
Idade: _____ **Tem irmãos: Sim ou não?** _____ **Se sim, quantos?** _____
E-mail: _____

Em que ano está estudando?
( ) 5º ano – Ensino Fundamental I
( ) 9º Ano – Ensino Fundamental I
( ) 3º Ano - Médio
( ) Outro – Especial o ano em que está: _____

Você mora no bairro onde fica a Escola Estadual Mario Manoel Dantas de Aquino?
( ) Sim ( ) Não

Se a sua resposta foi não, em qual bairro você mora? E em quanto tempo você chega à sua escola?
_____

Há quanto tempo estuda nesta escola?
( ) Desde o 6º ano ( ) Desde o 7º ano ( ) Desde o 8º ano ( ) Desde o 9º ano
( ) Desde o 1º ano – Médio ( ) Desde o 2º ano – Médio ( ) Desde o 3º ano – Médio

Parte II – Impressões sobre a escola e os estudos
(Analisar a relação que o aluno tem com a sua escola e a sua visão sobre essa instituição que preza pela sua formação e o seu constante desenvolvimento)

1. **Conte-nos sobre a sua escola? Você gosta da E.E. Mario Manoel Dantas? O que destacaria sobre a sua unidade escolar como positivo e como negativo?**
_____

2. **O que o motiva ir à escola e como vê a importância dos estudos para o seu futuro?**
_____

3. **O ensino tem atendido às suas expectativas?**
_____

4. **Quais aulas mais despertam o seu interesse? Quais áreas o instigam?**
_____

5. A sua escola oferece oportunidades para opinar sobre os variados assuntos que fazem parte do seu cotidiano e da sua comunidade? Você se sente ouvida (o) pelos alunos, professores e gestores? Pode-se dizer que existe uma relação dialógica entre os fazem parte do processo educativo?

_____

6. Você se preocupa com a sua escola? Faria de tudo para protegê-la e para contribuir para o seu contínuo desenvolvimento?

_____

7. Qual a importância de a unidade de ensino proporcionar ações que valorizem o protagonismo dos alunos por meio de projetos que exploram a autoria, a participação e o envolvimento com o ambiente escolar?

_____

8. Imagine que a escola acabou e escolheram você para criar uma nova. Quais mudanças você faria para transformá-la na unidade de ensino dos seus sonhos?

_____

Parte III – Relação com a mídia e as novas tecnologias
(Investigar os meios de comunicação e suas linguagens no cotidiano dos alunos)

1. Assinale quais dos itens a seguir você possui. (Assinale quantos precisar)
( ) Celular
( ) Notebook
( ) Tablet
( ) Computador (desktop)
( ) TV convencional
( ) TV por assinatura

2. Você assiste à televisão?
Sim ( ) Não ( )

3. Em qual período?
Noite ( ) Tarde ( ) Manhã ( ) Não assisto televisão ( )

4. Quantas horas semanais (em média) assiste à televisão?
Menos de 5 horas ( )
De 5 a 10 horas ( )
De 11 a 15 horas ( )
De 16 a 20 horas ( )
Mais que 20 horas ( )
Não assisto televisão ( )

5. Numere o tipo de programação (gênero) que você acompanha (aqueles que você não gosta ou não assiste pode deixar de ser assinalado):
Telejornais ( ) Especifique alguns: _____
Documentários ( ) Especifique alguns: _____
Telenovelas ( ) Especifique alguns: _____

Programas de entretenimento( ) Especifique alguns: _____

Programas temáticos ( ) Especifique alguns:_____ _____

Filmes ( )
Séries ( ) Não assisto televisão ( )

6. Você ouve rádio?
Sim ( ) Não ( )

7. Que tipo de programa você costuma ouvir?
Jornalístico ( ) Entretenimento ( )
Musical ( ) Esportes ( )
Religioso ( ) Humor ( )
Não ouve rádio ( )

8. Você lê jornais?
Sim ( ) Não ( )

9. Qual frequência?
Diariamente ( ) Semanalmente ( )
Eventualmente ( ) Não lê jornais ( )

10. Qual jornal você lê? Indique os de sua preferência?

---

11. Você lê revistas?
Sim ( ) Não ( )

12. Quais revistas você lê? Indique as de sua preferência?

---

13. Você tem acesso às redes sociais? Se sim, qual a periodicidade de acesso?
( ) Mais de uma vez por dia
( ) Uma vez por dia
( ) Uma vez por semana
( ) Uma vez por mês
( ) Não tenho rede social

14. Você tem uma conta de e-mail?
Sim ( ) Não ( )

15. Quantas vezes você acessa sua conta de e-mail?
( ) Mais de uma vez por dia
( ) Uma vez por dia ( ) Uma vez por semana
( ) Uma vez por mês ( ) Não tenho e-mail

16. Ao acessar a internet, quais tipos de site (gêneros) são os mais acessados e

acompanhados em suas pesquisas? Numere por ordem de preferência (aqueles que você não gosta ou não assiste pode deixar de ser assinalado):

Informativos ( ) Especifique alguns: _____
Educativos ( ) Especifique alguns: _____
Entretenimento ( ) Especifique alguns: _____
Blogs ( ) Especifique alguns: _____
Temáticos ( ) Especifique alguns: _____
Músicas ( )

Vídeos do Youtube ( ) Especifique as categorias ou um canal especial:_____

Você, por acaso, tem um canal no Youtube?
Se sim, qual categoria ele atende? Quais assuntos você divulga em seu canal? _____

Filmes ( ) Cite o seu último filme: _____
Séries ( ) Cite uma de sua preferência: _____
Netflix ( ) Cite sessões de sua preferência (filmes, séries, documentários): _____

Vídeos ( )
Filmes ( )
Séries ( )

17. Quais dos meios de comunicação listados abaixo despertam mais o seu interesse?

( ) Jornal ( ) Revista ( ) Internet – Sites, blogs, portais
( ) Televisão ( ) Rádio
Outros:_____

18. Você acredita que a escola deve inserir em sua rotina pedagógica as diferentes linguagens da comunicação?

Sim ( ) Não ( )

Parte IV – As linguagens da comunicação no espaço educativo
(Verificar quais linguagens são exploradas e como elas vêm sendo recebidas pelos educandos)

1. A escola onde você estuda possui quais equipamentos audiovisuais? (Assinale quantas respostas forem necessárias)

( ) Televisão ( ) Rádio ( ) Câmera Digital
( ) Filmadora ( ) Gravador ( ) DVD
( ) Data Show ( ) TV Digital ( ) Outros.
Especifique, caso necessário_____.

2. O professor faz uso dessas tecnologias para o desenvolvimento e aplicação das aulas?

( ) Sim

( ) Não

3. Quais desses suportes são os mais utilizados pelos professores nas aulas?
( ) Livros ( ) Jornais ( ) Revistas ( ) Internet
( ) Televisão ( ) Rádio ( ) Câmera Digital
( ) Filmadora ( ) Gravador ( ) DVD
( ) Data Show ( ) Outros.
Especifique, caso necessário_____.

4. A escola onde você estuda possui:
( ) Computador sem internet ( ) Sala de informática com internet
( ) Nem computador/ nem internet

5. Os professores utilizam notícias, reportagens, séries especiais, vídeos, musicais, novelas, portais, programas televisivos, dentre outros programas e mensagens veiculadas pelos meios de comunicação e as tecnologias para ministrar as suas aulas?
Sim ( ) Não ( )

6. Em caso positivo, com que frequência?
( ) Em todas as aulas ( ) Eventualmente ( ) Quando a temática exige

7. O professor incentiva a produção autoral dos alunos por meio desses dispositivos comunicacionais?
( ) Sim ( ) Não

8. Quais produções autorais são incentivadas por meio dos projetos e atividades especiais realizadas em sua escola?
( ) Jornal mural ( ) Fanzines ( ) Poesias/ Contos /Crônicas
( ) Redação ( ) História em quadrinhos ( ) Artes (Teatro/Dança/Música)
( ) Boletim informativo/Jornal Escolar ( ) TV Educativa ( ) Rádio Educativa
Outros: _____
Especifique, caso necessário_____

9. Você acredita que os projetos que incentivam a produção midiática escolar por meio desses suportes ajudam no seu aprendizado e na sua formação durante os anos de estudo?
( ) sim ( ) não

Parte V – Envolvimento nos projetos especiais que envolvem as linguagens da comunicação
(Observar a participação dos alunos em ações que exploram as linguagens e recursos midiáticos e como eles avaliam a importância dessas iniciativas para o seu aprendizado)

1. Ao se envolver com a criação e produção de trabalhos autorais (viabilizados pelos diferentes suportes e dispositivos comunicacionais) melhorou a sua relação com os professores e demais funcionários da escola?
Sim ( ) Não ( ) Um pouco ( )

2. Acredita que essas produções (como o jornal mural, os blogs, redes sociais, fanzines, dentre outros) dão mais espaço aos alunos para eles expressarem as suas

ideias?
Sim ( ) Não ( )

3. Essas atividades o ajudaram a trabalhar em grupo, cooperando com os amigos e colegas?
Sim ( ) Não ( )

4. A produção autoral o ajudou a estar mais consciente sobre o que ocorre em sua escola e na sua comunidade e você passou a ter mais contato com todos à sua volta, incluindo pessoas da unidade quanto da região onde estuda?
Sim ( ) Não ( )

5. Você se sente mais preparado para fazer a leitura dos meios de comunicação? Aprendeu sobre o processo de construção dos conteúdos divulgados pelos diferentes canais de informação?
Sim ( ) Não ( )

6. Você fica feliz e motivado quando outras pessoas veem e acompanham as atividades (produções que são compartilhadas) que você desenvolve na escola?
Sim ( ) Não ( )

7. Acredita que as atividades que estimulam a produção midiática, como os jornais, os websites, as web tevês, as rádios, o ajuda a desenvolver o seu comportamento e postura, como, por exemplo, falar em público, dialogar com as pessoas, interagir com as atividades da escola, atuar colaborativamente e se preocupar com o espaço onde estuda?
Sim ( ) Não ( )

8. Quais das características abaixo você vem adquirindo ao participar de atividades que envolvem as linguagens da comunicação?
Autonomia ( ) Confiança ( ) Criatividade ( ) Participação ( )
Criticidade ( ) Responsabilidade ( ) Disciplina / Mais comportado ( )
Atenção ( ) Interesse ( ) Protagonismo ( ) Expressividade ( )
Maior rendimento nos estudos ( ) Preocupação com a escola ( )
Outros ( )
Especifique: _____

9. Você acredita que as atividades que exploram a produção autoral tornam o aprendizado mais significativo e construtivo? Essas propostas despertam mais o seu interesse e o instiga a aprender sempre mais?
Sim ( ) Não ( )

Parte VI – Percepções acerca dos projetos autorais e da formação estudantil
(Avaliar a participação nos projetos autorais com diferentes dispositivos comunicacionais e os aprendizados disseminados e apreendidos)

1. Você participou dos projetos Jornal Ler, TV Mario Manoel e Radio REC? Eles foram viabilizados com as linguagens da comunicação e viabilizados em parceria com as ações da Sala de Leitura. Se você participou, conte-nos sobre a sua atuação. Quais atividade exerceu e como avalia a sua experiência? Quais aprendizados

elencaria com esta atividade?

---

2. Qual a contribuição dos projetos que incentivam a produção autoral com o intermédio dos recursos midiáticos e das linguagens da comunicação para a formação dos estudantes?

---

3. Qual a avaliação você faz com relação ao seu desenvolvimento ao longo dos anos dedicados a esta etapa de Educação? Fazendo uma retrospectiva, desde o ano que ingressou até os dias atuais, quais mudanças elencaria e que contribuíram significativamente para o seu crescimento e preparação para um novo ciclo de estudos?

Agradeço a sua participação!
Mogi das Cruzes, dezembro de 2017.

Roda de conversa com alunos da Escola Estadual Mario Manoel de Aquino

Objetivo geral: Avaliar os "bastidores" do processo de produção das publicações escolares para verificar o envolvimento de alunos e professores, a dinamização das ações, a divisão dos trabalhos, as responsabilidades das turmas, o cenário escolar e o que os inspira a escrever, fotografar, filmar, reportar e editar. Ao meio desse ciclo de trabalho, acompanhar, em especial, a relação dos alunos e professores com o tempo escolar. Como as ações do projeto são inseridas na rotina estudantil, formada por uma carga horária sistematizada, categórica e cronológica. Qual o desafio para manter projetos em andamento na unidade de ensino?

Roteiro:

1) De que forma os alunos se comunicam no espaço escolar?
2) Os estudantes conseguem identificar os "meios de comunicação" da E.E Mario Manoel? Todos acompanham o trabalho que vocês desenvolvem?
3) Como é a participação nessas produções escolares? Conte-nos o processo de produção e o desencadeamento das ações?
4) Quais assuntos são abordados? O quê e quem os inspira a ser autores de cada história?
5) Como veem a importância dessas iniciativas para promover a mudança de cenário na comunidade e na escola?
6) Como é o envolvimento dos gestores?
7) Como é o envolvimento dos educadores?
8) Existe o diálogo, a autonomia, o protagonismo e a liberdade de expressão nessas produções?
9) Como veem a interdisciplinaridade nessas atividades que incentivam o uso das linguagens da comunicação? Os conteúdos aplicados em aula são aliados às atividades do projeto?
10) Como esses projetos são inseridos no tempo escolar? Eles são ações paralelas, e não há um horário específico para participar do jornal ou da web tevê. Portanto, como é a organização do tempo para que a iniciativa não comprometa suas responsabilidades com a grade escolar e as tarefas de cada disciplina?
11) Como avaliaria a sua participação nesses projetos? Quais aprendizados (pessoal, intelectual e social) vocês destacam quando se envolvem em atividades que estimulam a autoria e permitem explorar a liberdade de expressão?
12) Quais as maiores dificuldades para viabilizar projetos nesse segmento? Quais os desafios para que as práticas sejam contínuas?

ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Termo de Autorização

A direção da Escola Municipal de Educação Fundamental I (Emef) Waldemar Costa Filho, localizada em Biritiba Mirim, autoriza a divulgação do material coletado durante a pesquisa "A produção midiática no espaço educativo", realizada pela pesquisadora Suéller Oliveira da Costa, aluna do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM), da ECA/USP, entre os anos de 2016 e 2018.

Ao longo da pesquisa de campo, foram coletados depoimentos por meio de entrevistas e aplicação de questionários, apontamentos durante o período de observação e o registro de imagens de alguns alunos e professores e do processo de produção dos trabalhos. Autorizo a divulgação deste material, que possui finalidade acadêmica e científica, e foi produzido com o objetivo de colaborar com os estudos que vêm sendo realizados na interface Comunicação e Educação.

Mogi das Cruzes, junho de 2018.

Assinatura

_____

ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Termo de Autorização

A direção da Escola Estadual (E.E.) Mario Manoel Dantas de Aquino, localizada em Ferraz de Vasconcelos, autoriza a divulgação do material coletado durante a pesquisa "A produção midiática no espaço educativo", realizada pela pesquisadora Suéller Oliveira da Costa, aluna do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM), da ECA/USP, entre os anos de 2016 e 2018.

Ao longo da pesquisa de campo, foram coletados depoimentos por meio de entrevistas e aplicação de questionários, apontamentos durante o período de observação e o registro de imagens de alguns alunos e professores e do processo de produção dos trabalhos. Autorizo a divulgação deste material, que possui finalidade acadêmica e científica, e foi produzido com o objetivo de colaborar com os estudos que vêm sendo realizados na interface Comunicação e Educação.

Mogi das Cruzes, junho de 2018.

Assinatura

_____

Figura 1 – Registro da organização do material coletado ao longo da pesquisa e arquivado no Google Drive

Figura 2 – Questionário enviado aos professores (mas não houve o retorno, e foi necessário a aplicação presencial)

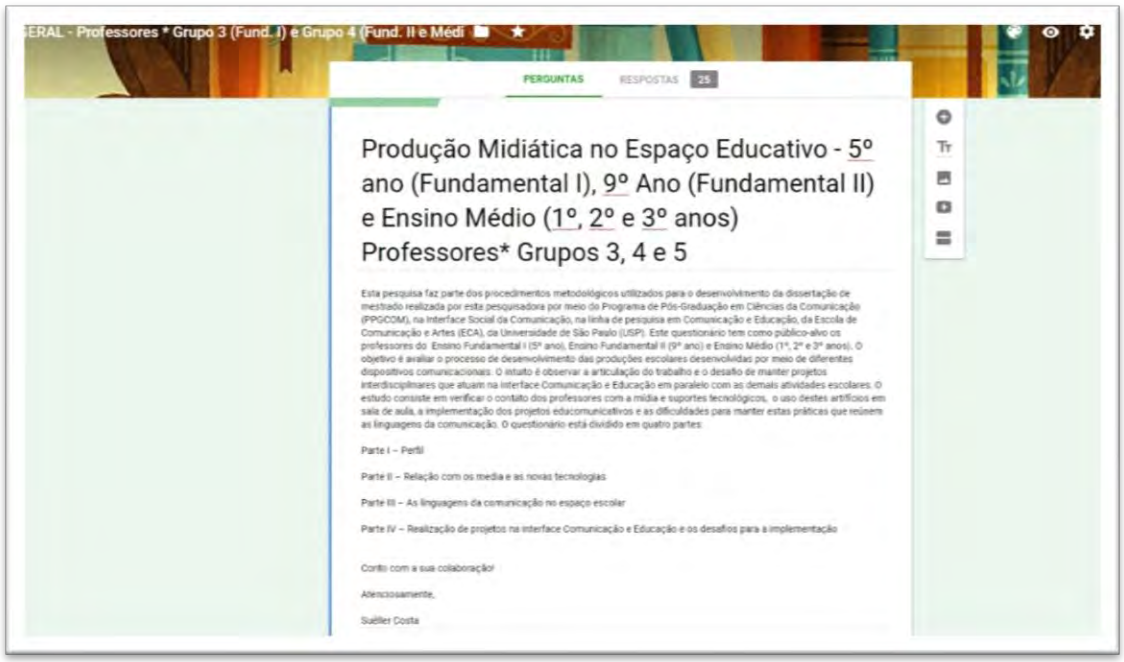


Figura 3 – Questionário a ser enviado aos alunos (mas não foi possível usar o laboratório, e a aplicação teve de ser presencial)

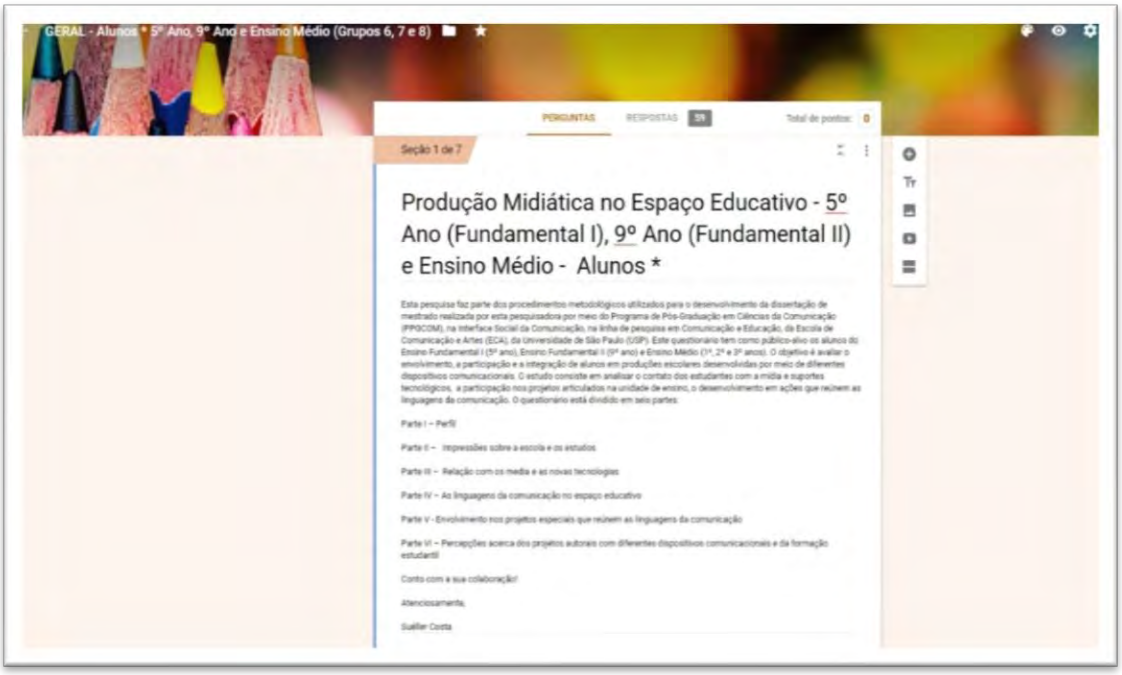


Figura 4 – Registro do roteiro da roda de conversa

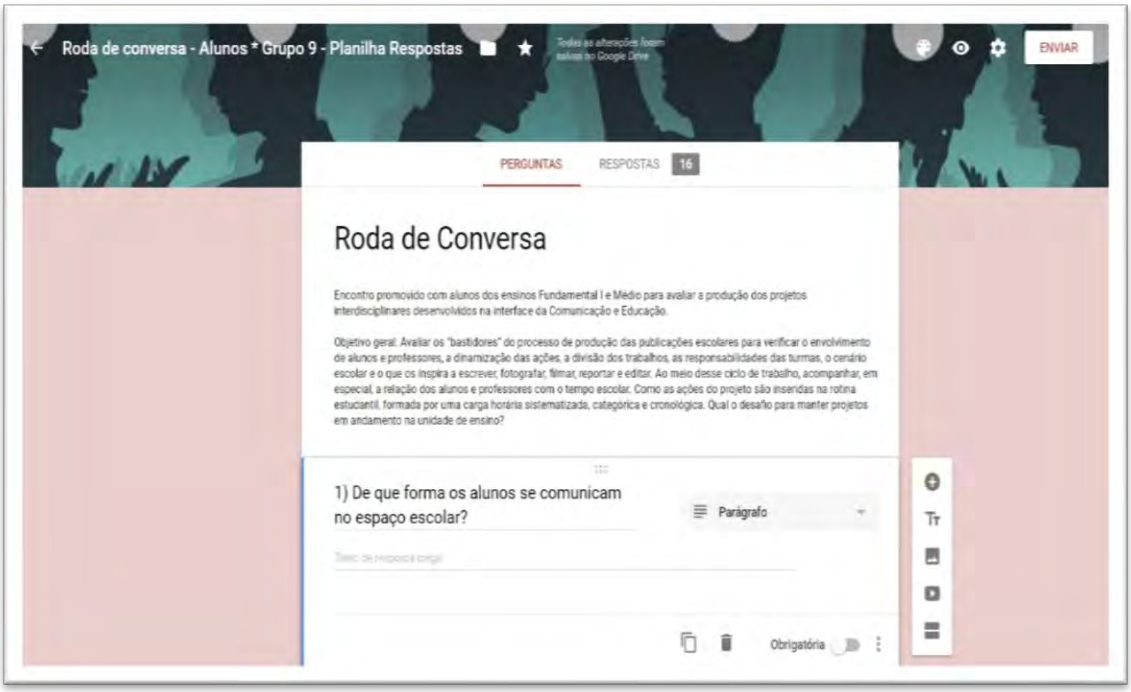
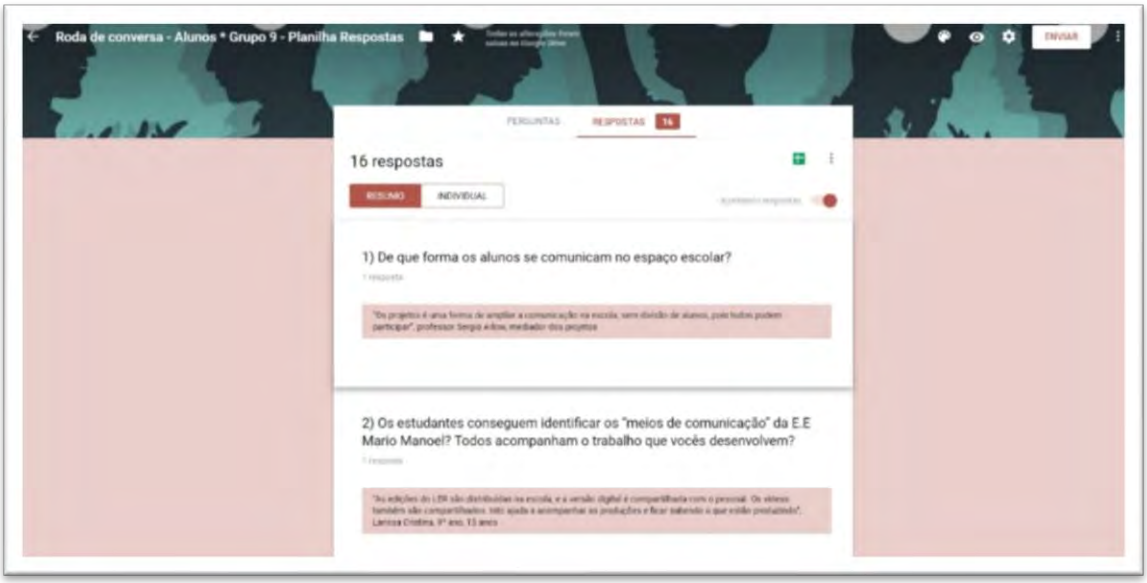



Figura 5 – Registro dos depoimentos coletados na roda de conversa